Confiar nele é difícil...
Mas resistir é impossível.



Sem Juízo

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 4

ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

Sem Juízo



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Traduzido por Livia de Almeida



Sem Juízo

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 4

ARQUEIRO

Título original: *Reckless*

Copyright © 2024 por Elsie Silver
Trecho de *Hopeless* copyright © 2024 por Elsie Silver
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro
preparo de originais: Beatriz D'Oliveira
revisão: Juliana Souza e Taís Monteiro
diagramação e adaptação de capa: Gustavo Cardozo
capa: Sourcebooks
imagens de capa: lisima/Shutterstock (flor), BrAt82/Shutterstock (botas e chapéu)
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S592s
Silver, Elsie
Sem juízo [recurso eletrônico] / Elsie Silver ; tradução Livia de Almeida. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital (Chestnut springs ; 4)

Tradução de: Reckless
Sequência de: Sem controle
Continua com: Sem saída
Formato: epub
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-915-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia de. II. Título. III. Série.

25-100630.0

CDD: 819.13
CDU: 82-3(71)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para todas as mães cansadas por aí.
Eu entendo vocês.

SUMÁRIO

1
Winter

2
Theo

3
Winter

4
Theo

5
Winter

6
Theo

7
Winter

8
Winter

9
Theo

10
Winter

11
Theo

12
Winter

13
Theo

14
Winter

15
Winter

16
Theo

17
Winter

18
Theo

19
Theo

20
Winter

21
Winter

22
Theo

23
Winter

24
Theo

25
Winter

26
Theo

27
Theo

28
Winter

29
Theo

30
Winter

31
Winter

32
Theo

33
Winter

34
Theo

35
Winter

36
Winter

37
Theo

38
Winter

39
Theo

40
Winter

41
Winter

Epílogo
Theo

Cena bônus
Harvey

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

1

Winter

– Não consigo entender por que você acha que precisa trabalhar naquele hospitalzinho mixuruca do interior.

Eu costumava achar Rob um cara legal.

Mudei de ideia.

– Pois é, Robert – falo devagar, usando seu nome inteiro para irritá-lo, enquanto enfio um último suéter na mala lotada. – Não sei se você está sabendo, mas tem seres humanos... seres humanos de verdade... que moram no interior e que também precisam de cuidados médicos.

Não sei por que estou levando tanta coisa para um único plantão. Em Chestnut Springs, fico de uniforme no pronto-socorro e de legging no meu quarto de hotel, à noite.

– Obrigado pela informação, Winter.

O tom cortante dele faria algumas pessoas tremerem de medo, mas não me abalo. Uma parte obscura de mim tem imenso orgulho de saber exatamente como irritar meu marido. Contraio os lábios em um esforço para conter um sorriso satisfeito.

– Mas por que aquele hospital? Por que Chestnut Springs? Você vive indo para lá sem nem me avisar. Pensando bem – ele esfrega o queixo de forma dramática enquanto se inclina contra o batente da porta –, você nunca levou em consideração minha opinião, nunca se preocupou em saber se eu gostaria que aceitasse esse emprego. Não é uma decisão profissional minimamente inteligente.

Toda vez que Rob choraminga como uma criança, eu me pergunto o que eu achava tão atraente nele.

Não sei muito bem quando passei a achar a covinha em seu queixo repugnante. Só sei que aconteceu. O jeito como ele penteia o cabelo para o lado em um topete que não sai do lugar nem quando está ventando costumava fazê-lo parecer elegante e bem arrumado.

Agora parece artificial.

Como grande parte da nossa vida juntos.

Tenho quase certeza de que sua única razão para pentear o cabelo assim é ser vaidoso demais para admitir que está ficando careca.

E, para mim, não há nada mais brochante do que reclamações sobre o exercício da independência profissional de uma mulher. Só falta Rob bater o pé e sair bufando como um garotinho machista.

Procuro o zíper e faço força para fechar a mala lotada.

– É engraçado – começo, fazendo questão de manter um tom indiferente e sereno. – É quase como se... você fosse a última pessoa a quem eu pediria conselhos.

Com um suspiro, consigo finalmente deslizar o zíper e encaro a mala, apoiando as mãos nos quadris e abrindo um sorriso satisfeito.

– O que você quer dizer com isso, Winter?

Quando acrescenta meu nome no final da frase, parece que ele está tentando me repreender.

O problema é dele. Não vou aceitar ser repreendida.

Ele não faz ideia de tudo o que uma jovem médica precisa suportar para enfrentar o sistema de saúde. Se eu ficasse deixando homens fracos como Rob passarem por cima de mim, não alcançaria meus objetivos.

E essa carreira é a única coisa só minha que já tive. Então, por mim, ele pode ir para o inferno.

Viro uma das mãos e olho para minhas unhas negligenciadas, tentando parecer entediada. Estou pensando se consigo encontrar uma boa manicure em Chestnut Springs quando respondo:

– Não se faça de desentendido. Como se não bastasse ficar choramingando desse jeito.

A pergunta que faço a mim mesma é por que continuo casada. Sei por que decidi que ia aguentar firme. Mas agora só preciso juntar coragem para resolver a situação. Olho de novo para minha mala, arrumada como se eu

fosse ficar fora por um bom tempo, e me pergunto se meu inconsciente sabe de algo que eu não sei.

Talvez o filho da mãe do meu inconsciente esteja batendo o pé e me libertando de uma vez por todas.

Não acho má ideia.

– Olha como você fala comigo, porra – diz Rob.

Avalio minhas cutículas enquanto luto para reprimir a raiva que borbulha dentro de mim. Lava quente fervilhando abaixo da superfície fria, apenas esperando para explodir e devastar tudo.

Mas mantive esses sentimentos sob controle por anos. Não vou deixar que o Dr. Rob Valentine provoque essa erupção.

Ele não vale a energia.

Olho para ele, do outro lado do quarto. Do meu quarto, porque quando eu disse, sem deixar margem para discussão, que não dormiria mais na mesma cama que ele, Rob me indicou o caminho do quarto de hóspedes, em vez de se retirar – um verdadeiro cavalheiro, para não dizer o contrário.

Mesmo que a culpa seja dele.

Ele é a razão de estarmos nesta situação.

E a pior parte é que eu o amava. Ele era todo meu. Um porto seguro depois de ter sido criada em meio a uma espécie de guerra fria doméstica.

Eu baixei a guarda. E me apaixonei perdidamente.

Ninguém nunca vai saber o quanto ele partiu meu coração.

Eu não respondo. Em vez disso, pego na alça da mala e abro caminho, esbarrando em seu corpo esguio em direção à porta da frente da nossa ampla casa de quase mil metros quadrados.

Escuto Rob me seguindo, seus sapatos sociais ecoando no mármore. E, claro, ele não se oferece para carregar minha mala.

Um sorriso irônico curva meus lábios e sacudo a cabeça diante da ideia de ele se dar ao trabalho de levantar um dedo que seja para me ajudar. Para mim, a parte mais inaceitável da implosão do meu casamento é que me pegou totalmente desprevenida. O fato de uma mulher inteligente, bem-sucedida e estratégica como eu ter permitido que esse palhaço a pegasse de surpresa é simplesmente... humilhante.

Ser enganada dessa maneira me irrita profundamente.

Sinto a raiva emanando de Rob enquanto ele se põe ao meu lado. E eu continuo calma, enfiando meus pés com meias em um par de botas de couro

de cano alto e vestindo um longo casaco marrom de lã.

– Sério, Winter? Você não vai se dignar nem a me dar uma resposta?

Amarro metodicamente o cinto do casaco ao redor da cintura, decidindo que ele simplesmente não merece resposta.

O problema é que Rob me conhece bem. Estamos juntos há cinco anos, o que significa que ele também sabe como me irritar.

Seus olhos percorrem meu rosto, assumindo um ar malicioso.

– Eu gostava mais de você com o cabelo mais claro.

Ele aponta para a minha cabeça, julgando as mechas mais escuras com um tom mais quente por cima. Ele sempre foi obcecado por meu cabelo loiro platinado, vivia dizendo que o adorava.

– Essa cor de agora não é tão bonita. Deixa com cara de sujo.

Mas os retoques na raiz, o xampu roxo e o condicionador de ação profunda davam trabalho demais a uma residente exausta, e foi por isso que pedi ao meu cabeleireiro que fizesse reflexos mais escuros.

Eu o encaro por alguns segundos, como se não acreditasse que ele tem a audácia de agir como se a cor do meu cabelo fosse uma ofensa pessoal a ele.

Só que eu acredito, sim. Porque este ano ele deixou a máscara cair e pude ver toda a feiura arrogante que estava escondida atrás dela.

– Que engraçado. Eu gostava mais de você quando não sabia que você tinha seduzido minha irmã caçula e ferrado a cabeça dela.

Ele solta uma risada de desdém. *De desdém.*

– Não foi assim. Ela estava obcecada por mim.

Franzo o cenho, sabendo que ele não passa de um mentiroso.

– Um médico bem mais velho salva a vida de uma paciente menor de idade e usa seu apelo físico e seu poder para deixá-la aos pés dele. Torna-se um herói para ela. Então, assim que a garota completa dezoito anos, começa a dormir com ela às escondidas, como se ela fosse um segredinho sórdido. Aí, quando conhece a irmã mais velha dela, uma escolha mais adequada, dá um pé na bunda da garota como se ela não fosse nada e se casa com a irmã, que não lhe custará o emprego por violação dos valores éticos. Ah! – Levanto o dedo. – Mas a pegadinha é a seguinte: ele não abre mão da mais nova. Ele a persegue e a assedia, sabotando cada novo relacionamento dela, só porque pode. Ou talvez isso o faça se sentir melhor sobre a calvície crescente, que ele tenta ridiculamente esconder.

Minha raiva cresce, mas sou eu quem está alimentando essa fogueira ao

ceder às provocações dele.

Rob cruza os braços e me encara, furioso. Parece um boneco Ken, com seu cabelo loiro bem penteado e olhos azuis brilhantes.

– Você sabe que eu nunca amei sua irmã.

Uma fúria intensa me atravessa. Tudo ao nosso redor se turva enquanto encaro o palhaço com quem me casei. Tento manter a frieza na voz. Anos de prática com essa fachada me fizeram sobreviver a momentos muito sofridos. Sei bem como desempenhar esse papel.

Mas hoje estou achando difícil.

– Você acha que a situação é menos grave porque nunca a amou? Você está falando da minha irmã caçula. Aquela que quase morreu. E você a fez de boba por anos. E, quanto a mim, acho que você também nunca me amou.

Minhas palavras ecoam no amplo hall de entrada enquanto nos encaramos.

– Eu amei.

Eu amei. É essa a declaração dele?

Eu rio amargamente.

– Quem você pensa que está enganando, Robert? Não cansa de mentir? De jurar que as suas histórias são verdade? O jogo acabou. Já sei quem você é. Você me fez acreditar que eu tinha algo que nunca foi meu. Você me enganou.

Ele não retruca. Apenas me encara com fúria. Não deveria doer, mas dói.

– Por tudo que você fez comigo... Parei de amar você. Por tudo que fez a ela... Eu te odeio. Jamais teria chegado perto de você se tivesse percebido o tipo de homem que realmente é. Não sou o tipo de pessoa que se deixa enganar duas vezes.

Com isso, puxo minha mala e giro nos calcanhares, abrindo a porta com tanta força que ela bate na parede. Odeio estar exaltada desse jeito. Fora de controle. Mas mantenho o queixo erguido, relaxo os ombros e reúno toda a compostura que consigo.

– Isso significa que você está me deixando?

Como alguém que estudou tanto consegue ser tão burro? Quase solto uma gargalhada. Continuo andando e dou um tapinha no ombro dele ao passar, tratando-o como o ser desprezível que é.

– Prove que merece ter seu precioso diploma médico e descubra por si mesmo.

– Você nem gosta dela! – berra ele, num tom amargurado que me causa arrepios como unhas em um quadro-negro. – Vai correr de volta para ela e implorar por perdão, depois de passar anos sendo uma escrota? Boa sorte. Estarei aqui quando você voltar de joelhos.

Mas não reajo às provocações dele, não dou nem um único olhar para trás. Em vez disso, levanto o dedo do meio por cima do ombro e morro de satisfação em saber que ele está errado.

Que não é tão esperto quanto pensa.

E eu também não sou. Fico me sentindo muito pequena e idiota.

Porque eu amo minha irmã.

Apenas sou péssima em demonstrar.



Espero não morrer logo agora que estou recuperando algum controle sobre a minha vida.

Quero começar do zero. Ao mesmo tempo, estou apavorada.

O Hospital Geral de Chestnut Springs fica a apenas uma hora da minha casa, então por que essa parece a viagem mais longa da minha vida?

Comecei a dar plantão por aqui há alguns meses, então seria capaz de percorrer o trajeto de olhos fechados, mas hoje neva tanto que estou segurando o volante com toda a força.

Ainda estou remoendo o fato de ter perdido a calma.

Rob começou a briga dizendo que não entendia por que eu queria trabalhar nesse hospital mixuruca, e eu não quis dizer a verdade.

Primeiro que é um alívio trabalhar em um hospital onde não sou conhecida como a esposa dele e a filha da minha mãe. Posso exercer a medicina e ter orgulho do que faço sem precisar lidar com todos os cochichos e olhares de pena. Sem ter toda essa merda pairando sobre minha cabeça.

Porque todos sabem, mas ninguém toca no assunto, e isso estava acabando com a minha sanidade. Sei como todos me veem. Não sou uma alienada. Podem não falar na minha cara, mas ouço em alto e bom som.

Uma médica que conseguiu o emprego no hospital graças a suas

conexões familiares.

Uma mulher inacessível, fria e infeliz.

Uma esposa patética o suficiente para ignorar a traição do marido.

E segundo porque nunca quis tanto estar perto da minha irmã. Quando ela estava doente, eu costumava entrar escondida no hospital para vê-la, ler o prontuário dela para saber sua situação, mesmo quando ainda estava na universidade. E agora? Agora, olho para minha irmãzinha e tudo o que vejo são os anos que perdi.

Vejo uma mulher que viveu infeliz para me poupar de ficar infeliz também.

Parece que somos parecidas nesse aspecto.

Ela está feliz agora, noiva de um homem com cabelo comprido demais, mas que a ama de uma forma que nunca vou sentir por experiência própria. E eu também estou feliz por ela... Deus sabe que merece um pouco de paz. Ela largou a carreira no direito e o emprego seguro na firma de gestão esportiva do nosso pai para administrar uma academia e viver em um pequeno e pitoresco rancho no interior.

Eu a admiro.

Mas não faço ideia de como reparar a nossa relação. Por isso, aceitei um emprego de meio período na cidadezinha onde ela mora, na esperança de esbarrar com ela e resolver as coisas naturalmente.

Fico repassando uma história na cabeça o tempo todo. Devo estar tentando fazê-la se realizar por força do pensamento ou coisa parecida.

Nessa história, ela está caminhando pela calçada e eu esbarro nela ao sair da adorável cafeteria parisiense na rua principal. Ela parece chocada ao me ver. Eu abro um sorriso caloroso, que não é forçado. Então, aponto com o polegar para trás e digo:

– Ei, você, hã... quer tomar um café?

Meu tom é casual e charmoso, e a faz abrir um sorriso também.

É claro que eu teria que frequentar algum lugar além do hospital ou do hotel para que isso acontecesse, mas continuo me escondendo entre essas duas zonas de segurança, assustada demais e envergonhada demais para enfrentá-la.

– Foda-se – murmuro enquanto respiro fundo e me sento mais ereta, olhos fixos na estrada. – Siri, ligue para Summer Hamilton.

O silêncio pesado que me acolhe está carregado de anos de expectativa.

– Ligando para Summer Hamilton – responde a voz robótica.

A formalidade é um golpe no peito. A maioria das irmãs teria algum apelido fofo salvo no celular. Talvez eu a chamasse de "Sum", se fôssemos amigas. Na situação atual, só me falta incluir o nome do meio dela na lista de contatos.

O telefone toca. Uma vez. Duas vezes.

E então ela atende.

– Winter? – pergunta, sem fôlego.

Mas seu tom de voz não soa acusatório. Soa... esperançoso.

– Oi – digo, feito uma bobona.

Anos de educação formal e muitos livros de medicina não me prepararam em nada para esta conversa. Desde que tudo explodiu naquele dia no hospital, já ensaiei um milhão de vezes as palavras na minha cabeça. Já passei noites em claro me preparando.

E não foi o suficiente.

– Oi... você está... está bem?

Eu faço que sim com a cabeça enquanto sinto os olhos arderem. Fui horrível com Summer ao longo dos anos, e a primeira reação dela é perguntar se estou bem.

– Win?

Inspiro profundamente. *Win*. Droga. Esse apelido. Ela o usa com tanta facilidade! Eu me pergunto vagamente como será que meu nome está salvo nos contatos dela. Sempre imaginei que fosse como "Meia-Irmã Malvada" ou algo parecido.

Ela é absurdamente gentil. Meu estômago revira com a ideia de Summer ser tão gentil comigo depois de tudo o que passamos, depois de tê-la tratado com tanta frieza.

Eu não a mereço. Mas quero merecer. E isso exige sinceridade.

– Não. Acho que não estou bem – digo, dando um pigarro para disfarçar o tremor na voz.

– Certo.

Consigo imaginá-la fazendo que sim com a cabeça, franzindo os lábios, a mente acelerada enquanto tenta resolver esse problema para mim. É assim que ela é. Alguém que sempre quer resolver o problema.

Eu posso ser médica, mas a pessoa que buscava curar todos os males sempre foi Summer.

– Onde você está? Quer que eu vá te buscar? Está machucada? – Ela hesita. – Ah! Precisa de uma advogada? Não estou mais exercendo, mas posso...

– Posso te ver? – disparo.

E então parece que é a vez dela de ficar em silêncio, atônita.

– Já estou a caminho de Chestnut Springs. Eu poderia... não sei. – Um suspiro trêmulo sobe pela minha garganta. – Te pagar um café? – concluo, sem graça, olhando para o relógio digital que marca 18h.

A voz dela atravessa o telefone, um pouco embargada, um pouco rouca.

– Eu adoraria. Mas, em vez de café, podemos tomar um vinho?

Um nó de tensão se desfaz no meu peito, um nó que eu nem sabia que estava lá. E, agora que o notei, desconfio de que ele devia estar ali há anos.

– Claro. – Meus dedos pulsam contra o volante. – Sim. Vinho. Bom.

Pelo visto, perdi a habilidade de fala.

– Vamos fazer um jantar em família na sede do rancho esta noite. Várias pessoas vão comparecer. Eu adoraria se você viesse também.

Sinto outro nó na garganta. Esse tipo de gentileza me parece estranho depois de viver em uma bolha estéril com Rob e minha mãe por tanto tempo. Esse tipo de perdão... não sei nem como reagir.

Então, apenas me deixo levar. Parece o mínimo que posso fazer.

– Pode me mandar o endereço?

Na pressa de pegar minha bagagem e dar o fora da cidade, simplesmente ignorei o tanque de combustível. Só notei ao entrar perigosamente na reserva. O que só aumenta minha ansiedade à medida que me afasto dos limites da cidade.

Então, me conformo e paro para abastecer em Chestnut Springs antes de pegar a estradinha suspeita que meu celular mapeou até o rancho.

Enquanto estou aqui, congelando e desejando ter vestido roupas de inverno mais adequadas para ficar ao ar livre, deixo as preocupações invadirem as muralhas que ergui com tanto cuidado.

Preocupação por ver Summer.

Preocupação por dividir a mesa de jantar com um monte de pessoas que sem dúvida me acham uma megera horrível.

Preocupação com as estradas cobertas de neve. Já vi vítimas demais de acidentes de carro chegando ao pronto-socorro nos últimos tempos.

Preocupação com minha carreira e com meus possíveis novos rumos... onde é que vou parar.

O mais engraçado – de um jeito meio sombrio – é que não sinto quase nenhuma preocupação com a ideia de deixar Rob para sempre. Protelei a situação por tempo demais. Pensei muito, analisei a questão sob todos os ângulos.

Continuava considerando o divórcio um fracasso, mas partir hoje não me pareceu má ideia.

Pareceu um alívio. Como se alguém andasse pisando no meu peito e eu finalmente tivesse reunido coragem suficiente para empurrar a pessoa dali. Meus músculos estão cansados pelo esforço, e tenho alguns hematomas e contusões pela luta.

Partir doeu, mas consigo finalmente respirar, apesar da dor.

Dou um suspiro profundo e observo uma nuvenzinha de vapor deixando meus lábios, mais evidente sob as luzes de néon que inundam as bombas de gasolina. As pontas dos meus dedos passam de formigantes a completamente dormentes em questão de segundos, enquanto seguro a alça de plástico vermelho. Dou pulinhos e levanto os olhos quando ouço um sino tilintar na porta da loja de conveniência do posto de gasolina.

O homem que sai pela porta de vidro tem ombros largos e parece muito cheio de si. Cabelos escuros, olhos mais escuros ainda, e cílios longos e fartos. Ele está sorrindo para o bilhete de loteria em sua mão, como se estivesse convencido de que vai ganhar.

Eu poderia lhe dizer que ele não vai ganhar. Que é um desperdício de dinheiro. Mas tenho a nítida impressão de que ele é o tipo de homem que não se importa.

Está de cadarços desamarrados, a calça jeans com a barra embolada acima. Algumas correntes de prata adornam seu peito, desaparecendo sob uma camisa xadrez um pouco desabotoada demais, e um cardigã pesado de malha está jogado descuidadamente por cima.

Ele não precisa fazer o menor esforço para ser sexy. Nem o clima parece incomodá-lo. Aposto que sai da cama depois de dormir com as meias de

ontem e simplesmente as enfia de volta nessas botas de couro gastas.

Aposto que suas mãos são ásperas. Aposto que ele cheira a couro. E, depois do homem com quem passei os últimos anos, não consigo desviar os olhos da sensualidade rústica do sujeito à minha frente.

Eu o encaro por tanto tempo, com tanta intensidade, que a bomba de gasolina faz um barulho alto ao bater de volta na minha mão, sinalizando que o tanque está cheio.

O som atrai a atenção dele, que direciona toda a potência do seu sex appeal para mim. O queixo quadrado coberto com a quantidade perfeita de barba por fazer, acompanhado de lábios que parecem saborosíssimos. A aparência dele... é absurda.

Abaixo a cabeça depressa, mexendo desajeitadamente na bomba para colocá-la de volta no suporte. Passo a língua pelos lábios.

Tenho a sensação de que o lenhador sexy está me observando, mas não levanto o olhar para conferir. Há uma agitação no meu peito e um calor nas minhas bochechas, algo que eu não sentia há muito, muito tempo.

Porque eu era casada e feliz. E agora... não sou mais.

Eu acho.

E, desde então, esse é o primeiro homem que me permiti olhar com desejo. Um homem que não se dá ao trabalho de amarrar os sapatos e que joga na loteria.

– Aff – resmungo baixinho ao me aproximar da porta do carro, de repente com bem menos frio do que estava antes de vê-lo.

Mas, quando estou prestes a entrar, dou uma espiada por cima do ombro.

O sujeito está parado junto à sua caminhonete prateada.

Olhando para mim com um sorriso malicioso no rosto.

Ele passa a mão pelo cabelo perfeitamente despenteado e pisca para mim.

Entro no carro e disparo pela estrada escura, fugindo o mais rápido possível.

Porque a última coisa que preciso na vida é de alguém que me faça sentir que não há oxigênio suficiente nos meus pulmões, justo quando acabei de recuperar o fôlego.

2

Theo

A loira me encarou como se eu fosse algum tipo de alienígena. Tive que parar e devolver o olhar, porque ela já estava descarada demais.

Eu estava pronto para fazer uma piada sobre como me senti objetificado pela maneira como ela estava me comendo com os olhos, mas aí ela lambeu os lábios, hesitou e fugiu. O que é uma pena, porque gostei do olhar dela. Não me senti nem um pouco objetificado. Se ela tivesse me olhado por mais tempo, não sei no que teria dado. Talvez eu desse um bom motivo para ela continuar olhando.

Como peão de rodeio, não tenho dificuldades de enfrentar uma plateia. O espetáculo, a multidão, o reconhecimento... isso é o que me alimenta. Eu nasci em meio a tudo isso. Gabriel Silva pode ser considerado um dos caubóis mais famosos da Federação Mundial de Montaria em Touros de todos os tempos.

E ele não é apenas meu ídolo. É meu pai.

Ou *era?* Eu nunca sei como me referir a ele. Ainda me parece tão presente, mesmo tendo morrido há tanto tempo.

Subo na caminhonete, rindo sozinho. Sei que a loira deslumbrante no Audi chique vai surgir na minha mente de vez em quando. Porque aquela interação teve uma inocência rara de se ver, como se ela fosse uma adolescente pega em flagrante e tivesse ficado envergonhada. Eu sentiria pena dela, se não estivesse tão ocupado lamentando que ela tenha fugido antes de eu pedir seu telefone.

Entro na estrada escura em direção ao rancho Poço dos Desejos. Já peguei esse caminho tantas vezes ao longo dos anos que conheço cada centímetro do trajeto, esteja claro ou escuro. Meu mentor, Rhett Eaton, mora lá, e, como minha mãe e irmã moram em outra província, a família dele se tornou um pouco minha durante as festas de fim de ano.

Eu normalmente iria para a casa da minha mãe passar o Natal, mas ela e a minha irmã caçula foram fazer um cruzeiro para solteiros, querendo encontrar o *príncipe encantado*... acho que foi assim que elas disseram.

E embora eu esteja absolutamente solteiro, não tenho nenhuma vontade de participar dessa merda com minha família.

Nenhuma chance.

Há muitas maria-breteiras solteiras no circuito – por mais chata que a sequência de transas casuais tenha se tornado –, não preciso envolver minha mãe na história.

Isso sem falar que o lance de ficar em um navio me assusta.

Quer que eu monte num touro furioso? Beleza.

Quer me botar num barco grande sem terra à vista? Nenhuma chance. Vi um episódio da *Oprah* sobre pessoas que desaparecem nesses cruzeiros, e sou jovem e bonito demais para morrer.

Em poucos minutos, vejo luzes traseiras vermelhas à minha frente e me aproximo delas depressa. Bem depressa.

– Vamboooora – resmungo na cabine silenciosa da minha caminhonete enquanto jogo a cabeça para trás.

É, está nevando, mas as estradas estão seguras, nada escorregadias. Por fim, alcanço o carro e percebo como segue devagar. Trinta quilômetros por hora. Onde se pode andar a cinquenta. E aqui nem é zona escolar.

Quando chego perto o suficiente, percebo que é a gata no Audi. Eu deveria ter imaginado. As botas de salto e o casaco longo não são muito estilo "garota do interior".

E nem o jeito como ela dirige em uma estrada secundária.

Ela dá seta para a esquerda. O veículo desacelera e depois acelera.

A seta muda para a direita, e o carro desvia um pouco.

Será que ela está perdida? Ou bêbada? Às vezes, quando encho a cara, fico meio fora do ar como ela ficou quando estava me encarando.

Então me aproximo o suficiente para ver a luz do celular dela através do vidro traseiro.

Perfeito. Mandando mensagens enquanto dirige. Essa garota vai se matar. Ou *me* matar.

Talvez, se compartilharmos um quarto de hospital, eu consiga o telefone dela, afinal. Pode valer a pena.

Quando ela pisa no freio, eu me assusto e buzino.

– Fala sério! – grito, o coração disparado.

Ela pode ser gostosa, mas é uma péssima motorista.

A loira acelera novamente, mas volta a desacelerar. Eu me afasto, preferindo evitar ficar muito perto de alguém tão errático assim.

Mas droga, acabo pensando na minha mãe ou na minha irmã em uma estrada secundária. Volto a achar que ela só está perdida, em vez de estar dirigindo desse jeito de propósito. Uma rápida olhada no meu celular no suporte me diz que perdemos o sinal nessa parte do caminho, então ela não tem como estar mandando mensagem para ninguém.

Eu pisco os faróis, pensando que posso ajudar, se ela parar.

Imediatamente me sinto como um serial killer.

Nenhuma mulher em sã consciência pararia em uma estrada escura para conversar com um desconhecido que piscou os faróis para ela.

Então me acomodo, aumento o volume da música de Chris Stapleton e deixo os olhos vagarem pelos campos cobertos de neve. Todos brancos e limpos, refletindo o luar, dando a impressão de que não está tão escuro assim. Logo estou me aproximando da entrada para o rancho Poço dos Desejos, o que significa que finalmente posso me despedir da minha terrível e sedutora motorista.

Só que ela liga a seta e vira na direção do rancho.

Minha mente começa a girar com o que isso pode significar. Ela definitivamente vai pensar que a estou perseguindo. E, se estamos indo para o mesmo lugar, ela conhece alguém que eu conheço.

Assim que a casa iluminada aparece à vista, o carro dela acelera direto para o alpendre, então ela freia e sai correndo do carro, batendo a porta e vindo em minha direção antes que eu possa sequer sair da caminhonete.

Quando consigo sair, escuto:

– Puta que pariu, você é maluco?

Ok. Ela está com raiva. E não parece nem um pouco bêbada. Está com as chaves presas entre os dedos como garras, e eu instantaneamente simpatizo com ela.

Sem rodeios. Já sai disparando. Ela é pequena e feroz. Eu me sinto como o Peter Pan sendo repreendido pela Sininho.

– Calma, Sininho.

Eu abro um sorriso e levanto as mãos em sinal de rendição, sem querer que ela se sinta ameaçada.

– Sininho? – Seu tom de voz sobe mais ainda.

Faço um gesto na direção dela.

– É. Você tem essa energia da Sininho quando está irritada. Eu curto.

Deixo meu olhar percorrer seu corpo por apenas um momento, sem querer parecer ousado demais. Mas, bem, é justo, depois do jeito que ela me olhou no posto de gasolina.

– Você é pirado, sabia? – retoma ela. – Dirige atrás de mim que nem um babaca por dez minutos e agora me segue até aqui? Pra... pra... me dar essa olhada e me comparar com uma princesa da Disney? Aquilo foi perigoso. Você podia ter matado alguém.

Ela agita os braços, o rostinho bonito tomado pela fúria. Um olhar desses poderia incinerar um sujeito na hora.

Mas não é o meu caso.

Eu não deveria provocá-la. Sei que não deveria. Mas me sinto um garoto apaixonadinho que zomba da menina de quem ele gosta só para chamar sua atenção.

E eu gosto do jeito que essa daí reage.

Quero mais.

– Acho que a Sininho é uma fada, na verdade. E, só para constar, dirigir trinta quilômetros abaixo do limite de velocidade também é perigoso e pode matar alguém. Principalmente eu. De tédio – zombo.

Ela arregala os olhos de uma forma quase cômica, um sinal claro de que falhei completamente em aliviar o clima.

– Está escuro e nevando! Eu não conheço a área. Podia ter animais selvagens! Dirigir devagar é seguro, desde que um caipira dos cafundós do Judas não esteja colado na minha traseira com essa caminhonete de quem quer compensar um pau pequeno, piscando os faróis para mim.

Comprimo os lábios.

Droga.

Eu realmente gosto dessa garota.

Eu deveria parar. Deveria ir embora. Deveria invocar minha maturidade

e parar de achar que irritar alguém é uma forma aceitável de flerte.

Mas eu nunca fui de ter muito juízo.

– Ouvi dizer que na traseira um pau pequeno é a melhor opção. Então talvez eu seja o cara certo.

Meu pau não é pequeno, mas fico feliz em me autodepreciar em nome de uma boa piada. Só alguém com pau pequeno perderia essa chance.

Eu não deveria ter dito isso, mas o puro choque que toma as feições bonitas dela faz tudo valer a pena. Ela está tão irritada que eu simplesmente não consigo me conter. Brinque com fogo e eu estarei lá para jogar gasolina.

Ela ergue a mão.

– Sou casada, seu babaca de merda. Agora vai embora.

Ela gesticula de modo firme, apontando para a estradinha.

Casada. Eu apenas dou de ombros.

– Casada por enquanto.

Sou persistente. E essa garota não estava com a menor cara de casada quando ficou me encarando. Pelo menos, não de uma mulher feliz no casamento.

É a voz de Rhett que chama nossa atenção para a enorme varanda que contorna a casa principal.

– É, não se preocupe, Winter. Vamos te livrar desse marido e enterrá-lo lá nos fundos. Tipo naquela música das Dixie Chicks, *Goodbye Earl.* Rob vai ser nosso Earl.

Winter.

Winter, a irmã da Summer? Putz, que combinação ridícula de nomes para duas irmãs... Elas deveriam odiar os pais, em vez de se odiarem mutuamente, na minha opinião.

Volto a olhar para a mulher à minha frente, a cerca de dois metros de distância. Todos a descreveram como fria e distante. Uma verdadeira rainha do gelo.

Eu ouvi as histórias. O drama. Pintaram-na como uma espécie de gênia do crime. Mas tudo o que vejo é uma estouradinha que precisa da minha ajuda para extravasar um pouco dessa agressividade.

E eu não ficaria chateado em ajudá-la. Nem um pouco. Tenho esse espírito filantrópico.

Winter esfrega as têmporas como se estivesse com dor de cabeça. Penso em lhe oferecer uma aspirina, ou um orgasmo. Ouvi dizer que isso também

ajuda.

– Você tem sorte de fazer minha irmãzinha tão feliz, Eaton – diz ela, soando completamente exausta.

Rhett murmura, de bom humor, fazendo aquele olhar derretido e entorpecido de quando alguém menciona Summer. Mas ele não responde a isso, só diz:

– Mas Theo ainda é um bebê. Você não pode levá-lo para o mau caminho, Winter.

Eu reviro os olhos.

– Eu não sou um bebê. Tenho 26.

Rhett bufa.

– Não tem nada. Você tem 22.

Meu Deus. Ele acha que sabe minha idade melhor do que eu?

– Cara. Eu tinha 22 quando te conheci, no circuito. Eu fiquei mais velho. Você parece a minha mãe com os animais de estimação dela. A partir de certo momento, ela passa a dizer que eles têm sempre a mesma idade até que um dia eles simplesmente morrem.

Ele ri.

– Bem, está certo. Você é igual àquela loja dos vestidos curtinhos. Forever 22.

Eu apoio as mãos nos quadris e suspiro, entorto a boca e acho graça.

– É. Você está ficando velho mesmo. A loja se chama Forever 21.

Rhett apenas gesticula para mim.

– Tanto faz. Eu só sei dos vestidos curtinhos.

– Essa conversa já acabou? Preciso de uma bebida, se for ficar aqui a noite toda – interrompe Winter, claramente irritada com o rumo que nossa conversa tomou.

Embora a interrupção de Rhett tenha conseguido acabar com nossa briguinha.

Infelizmente. Eu estava gostando de enfrentá-la. Ela consegue se defender de uma forma que não acontecia em nenhum dos meus relacionamentos.

Se é que dava para chamá-los de relacionamentos.

– Ah, é. Winter, deixa eu te apresentar meu pupilo, Theo Silva. Theo, essa é a Dra. Winter Hamilton, minha futura cunhada...

– Winter Valentine – corrige ela, rigidamente.

– Por enquanto – acrescento, piscando para ela.

Porque agora que sei quem ela é, não me sinto tão mal de tomar uma atitude. Sei quem é o marido dela. E já sei que não dou a mínima para esse cara.

Já sei que Winter merece coisa melhor.

E eu sou bem melhor, mesmo que ela ainda não perceba.

Ela me dirige o mais dramático revirar de olhos e anda na minha direção. Estendo a mão para cumprimentá-la – porque mamãe me educou para ser um cavalheiro –, mas ela apenas ignora, me encarando com olhos azuis brilhantes como o centro de uma chama. Viro a cabeça para olhar fixamente em seus olhos enquanto ela se aproxima, parando ao meu lado.

Como ela não pega minha mão, sigo em frente e passo a mão pelo cabelo, dando uma piscadela.

A mesma piscadela que dei no posto de gasolina.

Nosso segredinho.

– Mande seu cachorro se comportar, Eaton.

Ela continua andando, se dirigindo apenas a Rhett, como se eu nem estivesse aqui.

Mas, caramba, eu adoro um desafio.

– Au-au! – respondo, bem alto, enquanto eu vejo seu corpinho adentrar as luzes da casa quente e movimentada.

Rhett está rindo. De mim. Não comigo.

– Você é um babaca, Theo.

Eu balanço a cabeça.

– Cara. Acho que estou apaixonado pela sua cunhada. Ela é fogo.

É a vez de Rhett balançar a cabeça, como se soubesse de algo que eu não sei. E eu o sigo para dentro de casa porque quero saber mais.

Quero saber mais sobre Winter Valentine.

Como, por exemplo, quando é que vai sair o divórcio.

3

Winter

Rob: Diga a Summer que mandei um oi.

Entro na casa, mais inquieta do que quando saí da cidade, algumas horas atrás. A perspectiva de entrar aqui, as estradas péssimas, tudo desaparece quando lembro do homem lindo e irritante ali fora.

Juro que ainda posso senti-lo me encarando, os olhos vagando pelas minhas costas com ar de admiração. Isso me faz endireitar ainda mais a postura.

Por mais patético que pareça, é bom ter alguém me olhando desse jeito.

Nos últimos tempos, fiquei mais acostumada com olhares de desdém e de pena. E quando Rob me olha de um jeito que eu sei que significa que ele está com tesão, a única coisa que sinto é um arrepio de pavor.

Isso é diferente. *Quero* que Theo me admire, mas também quero chutar a canela dele.

O som de uma cozinha movimentada me atrai pelo corredor até uma sala de estar bem iluminada. Paredes verde-escuro e piso de tábuas largas e escuras deixam o espaço aconchegante. Todas as vozes soam felizes, e as risadas não são forçadas.

Não há mármore, nada de cozinha branca, nenhum eco quando as pessoas falam.

É esquisito.

Eu paro na soleira, atordoada pela enormidade do que estou prestes a fazer. É como se fugir de Theo Silva – péssimo motorista, caubói gostoso – e

sua estrutura óssea perfeita tivesse me empurrado até ali, e agora estou entre a cruz e a espada.

Sinto um nó na garganta e fecho as mãos com força. Como se a inércia desses pequenos movimentos fosse me jogar dentro do cômodo, chamar a atenção de todos.

O primeiro passo para consertar as coisas.

– Tudo bem, Winter?

Uma mão firme pousa no meu ombro e eu olho para o rosto desgrenhado do noivo da minha irmã. Não é que ele não seja bonito, é que ele é tão... desleixado. Como um cachorro grande, feliz e másculo que precisa passar pelo banho e tosa.

Hesitante, aceno para ele antes de espiar a cozinha de novo.

Mas não estou totalmente bem. Estou um caos. Só que não vou demonstrar. Só me sinto segura quando estou composta, e os passos que ouço vindo atrás de Rhett pertencem a um homem que me faz claramente perder a compostura.

– Vai ser ótimo. – Sinto o aperto da mão de Rhett. – Quer que eu te dê um empurrão, como se estivéssemos saltando de paraquedas?

Lanço um olhar sério para ele.

– Não, obrigada. Posso lidar com isso sozinha.

Não sei quem estou querendo enganar. A ele ou a mim? De qualquer forma, entro na cozinha de cabeça erguida e pergunto, confiante:

– Oi, posso ajudar com alguma coisa?

Cabeças se viram, mas ninguém arregala os olhos. O burburinho não cessa de repente. Em vez disso, há ondas. E sorrisos. E um, "Oooi, Elsa!" de Willa, que está apoiada em uma cadeira, ostentando uma barriguinha.

Summer corre até mim, as bochechas rosadas. Seu sorriso é tão genuíno.

E não diz nada. Apenas passa os braços pelo meu pescoço, aninhando a cabeça no meu ombro. Com uma afeição palpável.

Não estou acostumada com isso. Não estava esperando. Então, fico um pouco rígida antes de corresponder ao abraço. Seu corpo relaxa e ela dá um pequeno suspiro quando isso acontece.

– Estou tão feliz por você ter vindo! – sussurra ela.

E eu estou feliz por ninguém poder ver meu rosto agora, porque está todo franzido. Fazendo todo o possível para que eu não caia no choro no meio de uma celebração de fim de ano de outra família.

Isso seria dramático demais. E eu não sou muito de fazer drama. Apenas abaixo a cabeça e faço o que tenho que fazer.

Tenho que fazer as pazes com a minha irmã. Então aqui estou.

– Eu também. – É tudo o que consigo dizer antes que ela se afaste, uma mão no meu ombro enquanto a outra enxuga seus grandes olhos castanhos.

Eles têm o mesmo formato dos meus, mas com uma cor diferente.

Nós duas temos as feições do nosso pai, mas eu puxei a cor de olhos e cabelo da minha mãe.

– Oi, Winter! – Um homem mais velho atravessa a cozinha, secando as mãos nas calças, o que faz meu lado maníaco por limpeza estremecer um pouco. – Sou Harvey Eaton. Pai do Rhett. É um prazer conhecê-la.

Ele estende a mão grande para mim e, por mais que eu tente, não encontro um único resquício de julgamento em seu rosto. Não sei que tipo de conto de fadas está se desenrolando nesta propriedade, mas isso me deixa um pouco sem graça.

– Hã, oi – respondo, um pouco hesitante, apertando a mão dele. – Muito obrigada por me deixar invadir seu jantar.

O homem bufa e faz um gesto indiferente.

– Você não está invadindo nada. Este é um jantar de família, e você é da família. Então, se meus cálculos estiverem certos, você está exatamente onde deveria estar.

Fico de queixo caído. Quem é esse cara? Uma espécie de caubói fofinho?

Ele sorri. Assim... um sorriso simpático e normal. Não é um sorriso que me faça duvidar de suas verdadeiras intenções. Então ele se afasta e volta a cozinhar, como se minha presença aqui fosse normal, nada bizarro ou monumental.

Família? Talvez esse tal de Harvey Eaton já esteja sob efeito do álcool. Porque Summer e eu não nos sentimos como uma família há muito tempo. E eu não conheço mais ninguém aqui, exceto...

– Aqui.

Um cotovelo cutuca meu braço, e eu sinto o cheiro dele antes mesmo de ceder e olhar. Laranjas, frescas e doces, misturadas com algo almiscarado. Cravo? Gengibre? Ele cheira a vinho com especiarias.

É inebriante. Másculo. Não é forte e ácido, e não arde em minhas narinas.

Meus olhos se voltam antes de eu virar a cabeça. E vejo suas mãos,

ásperas e calejadas, como eu imaginei. Grandes e quentes.

Uma taça de vinho em cada. Tinto, branco.

– Dose dupla? – Inclino a cabeça, arqueando uma sobrancelha. – Faz sentido. Você dirige como se tivesse enchido a cara.

Um dos cantos de sua boca pecaminosa se ergue, e eu percebo, de súbito, que Theo Silva sabe quanto ele é atraente. Provavelmente pratica seus melhores ângulos diante do espelho.

– Já temos muito em comum. Foi exatamente o que pensei quando fiquei preso atrás de você nos dez minutos mais entediantes da minha vida.

Abro um sorriso sarcástico, intencionalmente entediado, enquanto levanto a mão e inspeciono minhas unhas. Se eu pudesse ir à manicure, escolheria um marrom quente. Não me importo se é Natal. Vermelho é chamativo demais. Mas não faz diferença, porque o hospital não permite unhas pintadas.

– Bem, agora você tem uma ideia de como as mulheres se sentem na sua presença.

– É por isso que elas gritam "Ai, Theo, que chatice!" quando estou dentro delas?

Bufo e olho para ele, corando um pouco diante do seu olhar penetrante.

É perturbador. Ele é perturbador. Então eu rebato, esperando conseguir chateá-lo o suficiente para que me deixe em paz.

– Elas só dizem isso pra você terminar logo e parar de se debater pateticamente em cima delas.

– Ah, é? De repente podemos marcar um horário para você me ensinar a ser menos patético. Eu adoro praticar.

Estreito os olhos, raivosa.

É bem a minha cara atrair o único homem no mundo que parece ser à prova de ofensas. O único homem no mundo que não me deixa em paz quando estou pronta para me juntar à Mulher Maravilha em sua ilha exclusivamente feminina.

– Qual das duas? – Ele estende as duas taças de vinho para mim, interrompendo meu devaneio.

– O quê?

– Tinto ou branco? Você disse que precisava de uma bebida. Eu não sabia o que você preferia, então trouxe os dois. Vou beber o que você não quiser.

Perco a fala. Quero fazer uma piada sobre como não me surpreende nem um pouco que ele beba qualquer coisa que apareça na sua frente.

Ele parece esse tipo. Convencido. Bonito. Se acha demais. Ninguém precisa ser um gênio para saber que um homem como ele é bastante rodado. Ele exala experiência, algo que infelizmente me falta.

Porque eu fiquei encantada por Rob... até me desencantar.

Olho o vinho com desconfiança. Isso pode ser considerado tomar uma bebida com um cara?

Rob teria trazido uma garrafa específica de vinho de uma região específica, resfriada a uma temperatura específica. E então me empurraria uma taça e sussurraria algum comentário pretensioso no meu ouvido sobre os anfitriões estarem servindo o vinho mais barato.

Estendo a mão, pegando o vinho branco com cautela. O tinto mancharia meus dentes, e já estou legal de constrangimento apenas por estar aqui.

Estou prestes a agradecer, embora me pareça doloroso, mas a ponta dos meus dedos roça brevemente nos dele, e um choque estático passa entre nós. Meus olhos se arregalam. Minha mão recua da taça enquanto a seguro contra meu peito.

– Tudo bem? – Ele franze a testa.

Se estou bem? Quase solto uma gargalhada. É apenas o ar seco da pradaria. Tudo está cheio de estática. Eu não levei um tiro nem nada. Mas ele está genuinamente preocupado, e isso é... perturbador.

Uma palavra que já me ocorreu várias vezes esta noite. A palavra do dia. Minha vida agora é *Vila Sésamo*, e eu sou o Oscar, o rabugento.

Tenho quase certeza de que foi Elmo que acabou de me trazer o vinho.

Pego a taça e me afasto, na intenção de socializar com os outros. Porque, por mais que eu odeie esse tipo de contato social, acho que odeio ainda mais ficar parada aqui, encarando o olhar profundo de Theo Silva enquanto me deleito com seu cheiro de cítricos e gengibre.



– Alguma notícia do Beau? – pergunta Summer ao meu lado à enorme mesa de jantar.

Harvey pigarreia e se senta um pouco mais ereto.

– Sim, sim. Ele está indo bem, na verdade. Tem queimaduras de terceiro grau nos pés, e tiveram que fazer um enxerto de pele, que ficaram monitorando de perto para evitar infecções. Mas a atualização de ontem é que estão impressionados com a recuperação rápida.

– É a cara do Beau ser bom pra cacete em tudo – murmura Rhett, balançando a cabeça.

Isso provoca risadas gerais. Ainda não conheci esse outro irmão. Pelo que entendi, ele está no exército e algo aconteceu durante seu serviço. No momento, se encontra em um hospital militar.

Queimaduras são um negócio complicado. Já vi muitos casos no pronto-socorro. Não desejaria isso ao meu pior inimigo.

Bem, está certo, ao Rob eu desejaria. Não sou *tão* boazinha assim.

– Quando Beau voltar para casa, vamos precisar marcar umas consultas para ele.

Dou de ombros enquanto espeto uma cenoura glaceada com açúcar mascavo, e a minha boca solta as palavras antes que eu tenha a chance de contê-las.

– Posso ajudar.

– Sério?

O rosto de Harvey se ilumina do outro lado da mesa, e eu me pergunto se ser gentil é algo contagioso. Esse tema não foi abordado na faculdade de medicina, mas a ciência está sempre evoluindo.

Encaro Theo, que está sentado bem na minha frente, e acho difícil desviar o olhar. A forma como a vela entre nós cintila contra seu rosto com barba por fazer é bem hipnotizante. E desviar o olhar depressa, como uma criança que foi flagrada espiando, é uma atitude imatura.

Mesmo assim, é o que faço. Como se estivesse voltando à adolescência, diante de algum garoto popular sentado do outro lado da sala.

Meu comportamento esta noite está completamente atípico. Decido não pensar demais sobre isso.

– Claro. – Volto a olhar para o meu prato. – Não tem problema algum. Ficarei feliz em ajudar no que puder.

Summer estende a mão por baixo da mesa e aperta meu joelho de forma reconfortante. Eu olho para ela e me pergunto como duas pessoas criadas na mesma casa podem ter se tornado tão diferentes. Opostos. Winter e

Summer, inverno e verão. Nossos nomes não são apenas uma ideia boba; eles realmente nos representam, de alguma forma.

Mas eu sei como aconteceu. Nossos pais nunca se separaram, só dividiram tudo ao redor deles. Um time contra o outro.

Eu fiquei com minha mãe. Summer ficou com nosso pai.

Rhett começa a falar sobre um jogo de hóquei no gelo que acontecerá no Natal, que ele e Sloane prepararam a pista para a partida. Sloane, a delicada loira sentada ao lado de Harvey, começa a contar uma história sobre uma ocasião semelhante em que ela e Jasper participaram de um jogo, em outro rancho.

E ela está falando sobre Jasper Gervais, superastro do hóquei, que é um dos clientes do meu pai e está sentado ao lado dela, olhando-a com admiração, como se Sloane soltasse feixes de cores pelos olhos ou coisa parecida.

Acho que ele nem está ouvindo. Apenas a encara, embevecido, como se ela fosse a coisa mais maravilhosa. Chega a doer. Eu odeio sentir inveja, mas muito do que vejo aqui esta noite me preenche com essa emoção sombria e amarga.

Tanto que eu poderia explodir.

Não é que eu sinta raiva de pessoas admiráveis. É só que eu queria ser assim também.

Isso me faz perceber o que perdi durante todos esses anos, e me faz perceber todas as coisas que não tenho.

As coisas que nunca terei.

Pelo resto da noite, observo. Eu me retraio um pouco, me sentindo uma intrusa. Todos estão tão contentes. E eu... não.

É quase como assistir ao crescimento de bactérias em uma placa de Petri por um microscópio. Enxergo o que está acontecendo. Entendo por que está acontecendo. Posso chegar perto o suficiente para tocar. Mas ainda estou apenas olhando através da lente. Examinando.

Vamos todos para a espaçosa sala de estar, em torno de uma lareira crepitante, e estou sentada em uma poltrona incrivelmente confortável quando Theo se aproxima.

De novo.

Ele é persistente mesmo.

Está apenas a cerca de um metro de distância, os olhos fixos em mim,

cheio de marra, todo focado. Mas Willa chama sua atenção. Ela olha para mim rapidamente, e eu abro um pequeno sorriso. Gosto de Willa. Ela foi como uma irmã para Summer, de maneiras que eu nunca poderia ter sido.

E acho que sempre a amarei por isso.

– Theo, o terror das mulheres. Como anda a caçada ultimamente?

Os olhos dele permanecem fixos nos meus por um instante, mais cheios de determinação concentrada do que de arrogância divertida. De repente, quero saber o que diabos ele estava prestes a me dizer. Eu o evitei a noite toda, e Willa é perspicaz o suficiente para ter notado. Mas seu timing foi péssimo.

– Willa, como está se sentindo? Alguém já disse que você anda radiante nos últimos tempos?

Ele foge da pergunta com muita facilidade, de um jeito espirituoso. Willa só consegue abrir um sorriso e revirar os olhos.

Há algo encantador e irresistível em Theo. Algo jovial e divertido. Ele ainda não foi maltratado pela vida. Talvez seja esse o apelo de um homem cuja visão de mundo parece ser "copo meio cheio", enquanto a minha quase sempre é "copo meio vazio".

É Cade, o irmão mais velho dos Eaton, que se aproxima e desaba ao lado de Willa, colocando um braço possessivo sobre os ombros dela.

– Só mesmo você para dar em cima de uma grávida, Theo.

Todos riem, até o próprio Theo. Mas vejo que o pescoço dele fica tenso, como se ele tivesse sentido uma pontada incômoda. Como se ele estivesse se obrigando a manter a cabeça erguida quando seu instinto não é esse.

Eu sei, porque faço a mesma coisa.

– Credo, cara, ela está esperando um bebê seu e vivendo na sua casa. Do que mais você precisa? Seu nome tatuado na testa dela? Eu só estava sendo simpático.

Rhett entra na conversa.

– Pois é, companheiro. Já vi que você sabe ser bem simpático. Eu diria que você é conhecido por sua imensa *simpatia*.

Theo sorri e revira os olhos.

– É muita cara de pau você dizer isso, Eaton.

– Ei... – Rhett levanta as mãos, uma delas segurando uma cerveja. – Eu era a Cachinhos Dourados. Todos os mingaus estavam quentes demais ou frios demais. Até que encontrei um que estava...

Summer o interrompe com uma expressão fingida de exasperação.

– Por favor, não termine essa frase. Qualquer analogia que me compare a um mingau é... olha... não, Rhett. Não.

– Mas o xarope de bordo que eu gosto de colocar no mingau me lembra...

– Rhett Eaton. – Minha irmã arregala os olhos. – Controle-se.

Ele comprime os lábios e sua expressão exala sensualidade. É quase indecente, mas, considerando que ele é impulsivo e sem filtros, vejo com naturalidade.

Desvio o olhar para as grandes janelas, para o rancho coberto de neve.

Ainda está nevando.

– Me desculpa.

Theo está de pé ao meu lado quando ergo os olhos. Juro que chego a olhar para trás para ter certeza de que ele acabou de falar comigo. Há uma cabeça de cervo com chifres enormes pendurada na parede.

Aponto.

– Por quê? Foi você que o matou?

Seus lábios se curvam e o cantinho dos olhos se enrugam um pouco.

– Eu não estava falando com o cervo, Winter.

Outras conversas começam a fluir, e a atenção não está mais em Theo. Em vez disso, o foco dele está em mim. O que é quase sufocante.

– Pedi desculpas por ter te deixado nervosa no trajeto até aqui. Não era minha intenção. Tipo... – Ele passa a mão pelo cabelo, que é bem curto nas laterais e um pouco mais longo em cima, dando a ele um ar bagunçado, mas sexy. – Não mesmo.

Eu assinto, mas cruzo os braços como se isso pudesse me proteger dele.

– Tudo bem.

Ele ergue as sobrancelhas grossas e escuras.

– Sério? Tipo... desculpas aceitas?

– E se eu não aceitar? – Ergo a sobrancelha, desafiadora. E quase não me reconheço.

Estou flertando com ele?

Rob me fez mesmo perder o autocontrole. Estou flertando com um homem mais novo em uma reunião familiar, não porque gosto dele, mas só porque... isso me faz sentir bem.

A expressão dele fica quase sombria.

– Isso seria cruel, porque minha autoestima depende muito de como as pessoas me veem. Ser adorável é minha melhor qualidade.

Eu hesito. Quase digo a ele que essa *não é* sua melhor qualidade, mas isso parece cruel, até para os meus padrões.

– Ficarei arrasado se você não gostar de mim – acrescenta Theo enquanto se agacha na minha frente.

Encará-lo só aumenta a intimidade dessa conversa.

Reviro os olhos.

– Achei que eu só precisasse aceitar suas desculpas. Agora também tenho que gostar de você?

Ele dá de ombros, um sorriso brincalhão fazendo suas covinhas aparecerem.

– É praticamente a mesma coisa.

Dou uma risada. *Esse cara*.

– Não é a mesma coisa.

A ponta da língua dele corre o lábio inferior, e meus olhos a seguem atentamente.

– Vamos concordar em discordar.

Estendo a mão como se estivéssemos fazendo uma transação comercial, me forçando a assumir uma expressão distante. A mesma que me serviu tão bem todos esses anos.

– Aceito suas desculpas – digo, usando o tom mais indiferente que consigo. – Mas não gosto de você.

Ele ri, e é uma risada profunda e calorosa, cheia de diversão, como se eu fosse apenas um desafio... um desafio nada intimidante.

– Vai servir, por enquanto. – É o que ele responde antes de aceitar o aperto de mãos.

E, quando nossos dedos se tocam, há de novo um lampejo de eletricidade.

Mas desta vez não tem nada a ver com o ar seco da pradaria.

4

Theo

Mãe: Você devia ter vindo nesse cruzeiro. O tempo está maravilhoso.
Theo: Você tem noção de como é esquisito ficar flertando com a família por perto, todos confinados num barco? Eu acabaria me jogando no mar.
Mãe: Eu acho que se dar bem com a família é uma característica bem importante na escolha de um namorado ou namorada. Não que eu tenha experiência no assunto. Você nunca me apresenta a ninguém.
Theo: Eu não tenho namorada nenhuma para te apresentar.
Mãe: Acho que é mais provável que você tenha namoradas demais.

Não consegui tirar os olhos de Winter a noite toda. Sinto como se estivesse assistindo ao Discovery Channel, estudando a fusão de dois bandos de hienas ou algo assim. O falatório na casa não para, nem as risadas.

Ninguém está fazendo nada que possa deixá-la desconfortável. Nem é preciso. Ela faz isso sozinha.

Ela observa cada movimento de perto e escuta com atenção, processando cada pedaço de conversa. E toda vez que nota que estou olhando, desvia o rosto tão depressa que tenho certeza de que vai estar com torcicolo amanhã.

– Acho que vou voltar para a cidade.

Notei que ela estava se preparando para fazer essa declaração. Remexendo os dedos, ansiosa. Inclinando-se um pouco para a frente quando havia uma pausa na conversa. Ela entreabria a boca, mas então a conversa era retomada e ela se encolhia visivelmente na cadeira.

Essa mulher tem contrastes notáveis; é distante e quase insegura num momento, fria e irritadiça no seguinte. E pensar que no começo ela estava

toda ardente e impulsiva.

Deve estar exausta.

– Você está bem para dirigir? – pergunta Summer, sempre cuidadosa com todos.

O olhar de Winter dispara para a janela, onde a neve ainda está caindo.

Não.

– Sim. Estou ótima.

Travo o maxilar com força. Ela não está nem um pouco bem. Não estava bem há duas horas e não vai ficar à vontade, como em um passe de mágica, em dirigir por estradas nevadas e escuras só porque jantou e tomou uma taça de vinho.

– Eu posso te levar. Tenho certeza de que podemos pegar seu carro amanhã.

Ela bufa, ativando o papel de princesa de gelo enquanto endireita os ombros e empina o nariz.

– Isso é totalmente desnecessário.

Sentado no sofá de couro em frente a ela, lanço a Winter meu melhor olhar de "nem pense em tentar me enrolar, querida".

– Não me olhe assim.

– Assim como? – Deixo meu rosto assumir uma expressão devidamente neutra.

Winter balança os dedos no ar enquanto todos na sala olham dela para mim.

– Assim, como se soubesse o que é melhor para mim.

– Nesse caso, pode ser que eu saiba mesmo.

Ela franze os lábios, toda composta.

– Eu garanto que não. Eu sou médica.

– Ah, é? Você cursou uma disciplina especial de direção na neve, na faculdade de medicina?

– E você fez esse curso na escola de montaria de touros? – retruca ela, com um pouco de malícia, mas eu só tenho vontade de rir.

– Deixa de bobeira. Não existe escola para isso. Temos sorte se aprendermos a amarrar os sapatos e a escovar os dentes.

Abro meu maior sorriso, sem me importar que todos estejam nos assistindo.

– Eu já percebi que você não sabe amarrar os sapatos – continua ela. – A

parte da higiene também não me surpreende muito, para ser sincera.

– Fico lisonjeado que você tenha prestado atenção suficiente para notar que meus cadarços estavam desamarrados. E eu ficaria feliz em demonstrar que está errada sobre minha higiene, já que claramente você está bem interessada.

Os olhos dela se estreitam, e eu rio. Por mais que ela tente, não consegue me irritar, porque isso é divertido *demais*.

– É verdade. A maioria das botas do Rhett não tem cadarços – intervém Summer, com uma risada ligeiramente constrangida, claramente tentando aliviar a tensão.

Preferia que ela não fizesse isso. Gosto de ver Winter ficando irritada...

Todos riem quando Rhett exclama:

– Desnecessário!

Winter aproveita a oportunidade para se levantar. Ela dá um abraço desajeitado e tapinhas nas costas da irmã enquanto evita até mesmo se virar na minha direção. As duas trocam sussurros discretos, e sinto um aperto ao ver essa cena.

Passei a amar Summer como a uma irmã, e sei, pelo que Rhett me contou, que ela sofre por não ser próxima de Winter.

Então, digo a mim mesmo que o que estou prestes a oferecer é por Summer, e não porque há algo inegavelmente intrigante sobre sua irmã.

– Eu também estou indo.

– Já? – pergunta Rhett.

– É. Te encontro na academia amanhã? Será que Summer pode arrancar nosso couro?

Rhett e Jasper riem, porque *sabem* muito bem do que estou falando, depois de malharem com ela. Summer pode ser pequena e carinhosa, mas, quando está no modo personal trainer, ela vira um demônio. Acho que nenhum de nós esteve em melhor forma desde que começamos a treinar na Hamilton Athletics.

– Não é culpa minha se vocês são todos tão fraquinhos – rebate ela, girando para nos lançar um sorriso.

É, acho que ela gosta de nos ver sofrendo.

– Esse é o problema dos homens – diz Winter com rispidez, se virando para sair sem dizer mais nenhuma palavra.

Sua irmã me lança um olhar suplicante.

– Theo...

Levanto a mão para interrompê-la.

– Vou garantir que ela fique bem.

No corredor, Winter bufa, porque, claro, ela tem uma superaudição ou algo parecido. Eu apenas reviro os olhos para Summer.

– Cuidado, essa daí tem garras – diz Cade, recebendo na mesma hora uma cotovelada de Willa.

Eu sorrio.

– Tudo bem. Eu gosto quando arranham as minhas costas.



– Eu não vou com você.

Winter desce correndo os degraus da varanda, direto para a tempestade, os flocos brancos envolvendo-a como se ela estivesse dentro de um globo de neve.

– Tudo bem.

– Eu nem quero falar com você.

– Bom, então pare – respondo com uma risada quando chego no alto da escada.

Ela abre a boca, depois a fecha.

– Você é tão irritante!

– Isso é um diagnóstico médico?

– Eu... – Ela desvia o olhar, e eu juro que vejo seus lábios tremerem. – Meu Deus, você é inacreditável.

Abro meu melhor sorriso sabichão.

– Costumo ouvir isso com frequência.

Ela solta uma risada áspera e seca enquanto inclina a cabeça para vislumbrar o céu perfeitamente escuro. A neve adorna seus cílios quando Winter volta a atenção para mim.

– E você além de tudo me confunde. O que quer comigo?

Seu tom está diferente. Exala exaustão. Para mim, ela parece pequena e cansada, como se estivesse prestes a rir ou a chorar, sem saber muito bem qual dos dois.

Perco a vontade de continuar com as provocações. O que eu quero fazer é abraçá-la e dizer que tudo vai ficar bem. Sinto que ela precisa desse conforto.

É o que eu faria pela minha mãe ou pela minha irmã.

Em vez disso, dou o que ela pode suportar, que são fatos objetivos.

– Eu só quero que você chegue em casa em segurança.

Ela responde com uma risada que quase vira um soluço, depois olha novamente para o céu azul-marinho.

– Em casa.

Eu me encosto na balaustrada do alpendre e cruzo os braços, observando-a. Dando-lhe espaço, mas também sem querer deixá-la sozinha.

– Estou hospedada no hotel na cidade. No Rosewood Inn.

– É mesmo? – Inclino a cabeça. – Eu também.

Ela me dirige um olhar de descrença.

– Vamos lá, Winter. Não sou um babaca completo. Me dê um voto de confiança. Que tal eu dirigir na frente e você me seguir? Assim, se houver algum animal na estrada, eu acerto primeiro.

Ela revira os olhos, mas seus lábios repetem:

– Seguir?

Dou de ombros.

– É. Depois que você chegar à cidade, vai ficar bem. Pode me assistir ir embora e nunca mais me ver na vida.

Então os lábios dela esboçam um sorriso, mas é forçado.

– Isso tem um certo apelo.

– Me assistir ir embora? Já te peguei fazendo isso mais cedo.

Dou uma piscadela enquanto desço as escadas e aperto o botão para destrancar minha caminhonete.

– Você é incorrigível.

– Aaaah! *Incorrigível!* Ótima palavra. Bem estilo *Bridgerton*. Posso interpretar o duque, se for do seu interesse.

Abro a porta do carro dela e faço um gesto para ela entrar, mas Winter para no meio do caminho. Finalmente, parece achar graça de alguma coisa.

– Você conhece *Bridgerton*?

– Conheço. Sabe que eu até aprendi a ler, na escola de montaria de touros?

– Você leu os *livros* da série?

Ela está tão impressionada por minha capacidade de leitura que continua parada, por isso deixo a porta aberta e sigo na direção da minha caminhonete. Eu rio enquanto me acomodo no banco do motorista.

– Roubei da minha mãe para inspirar minhas fantasias adolescentes. – A reação de espanto dela me faz rir ainda mais, e eu exclamo: – Ah, vá, Sininho! Rumo à Terra do Nunca! – E bato a porta.

E agora eu sei que ela vai me seguir só para reclamar de novo por ter sido comparada a uma fada da Disney.



Eu vou devagar. Mais devagar do que o necessário, mas a pressão no meu peito fica menor ao ver os faróis dela atrás de mim. Winter dirige como se nunca tivesse visto neve, e fico preocupado que acabe capotando em uma vala na beira da estrada. Mas pelo menos estarei aqui para tirá-la e chamar um guincho. Melhor do que ficar sentado no rancho Poço dos Desejos pensando que uma mulher, muito mais apavorada do que admite, está enfrentando as estradas sozinha.

A viagem demora o dobro do tempo, e eu solto um suspiro profundo quando chegamos ao primeiro semáforo de Chestnut Springs. A estrada estava ruim, e eu juro que consigo sentir o alívio de Winter a cinco metros de distância.

Quando paramos em frente ao Rosewood Inn, eu salto e começo a me afastar, como prometi que faria. Acho que já a provoquei o suficiente por uma noite. No entanto, fico um tanto decepcionado com a ideia de nunca mais vê-la.

É muito difícil encontrar alguém que saiba responder à altura.

– Ei, Theo? – chama ela, o queixo enfiado no casaco para se proteger da neve, o cabelo cor de mel brilhando sob a luz do poste acima. – Você, hã... – Ela cruza os braços como se quisesse se proteger e baixa os olhos, sem jeito. – Obrigada.

Balanço a cabeça.

– Sem problemas. Estou à disposição.

– Sempre que as estradas estiverem ruins, eu posso... o quê? Te ligar que

você vem correndo me resgatar?

– Isso. Exatamente. Se precisar de ajuda, pode me ligar.

Ela parece chocada.

– Por quê?

Encolho os ombros.

– Não sei. Por que não?

Ela franze os lábios enquanto pondera por vários segundos.

– Mas você nem me conhece.

– Não preciso conhecer uma pessoa para ser legal com ela.

Agora ela parece confusa.

– Isso é alguma daquelas coisas de carma?

– Não, é por total egoísmo meu. Quando sou escroto com alguém, depois fico me corroendo de culpa. Então, quando sou legal, me sinto bem. Ser negativo cansa demais, sabe? E eu já não tenho tempo nem para tirar uma soneca.

– Estranho.

Inclino a cabeça.

– É mesmo? Você parece cansada, Winter.

– Porque estou mesmo.

– Então, experimente.

– O quê?

– Fazer algo legal. Experimente, para ver se funciona. Se detestar, pode voltar a ser malvada comigo. Eu deixo.

Ela revira os olhos, mas noto que está mordendo o interior das bochechas como se estivesse pensando no assunto.

– Tudo bem – diz ela, finalmente, soltando o ar com força. – Theo, posso te pagar uma bebida para agradecer por ter me ajudado a voltar em segurança?

– Depende.

Esfrego o queixo, como se estivesse examinando a proposta com muito cuidado, embora eu já saiba que vou aceitar. Tem alguma coisa diferente em Winter, e não estou pronto para dizer adeus. Há uma atração que não consigo explicar.

Se fosse qualquer outra mulher, eu provavelmente daria uma olhada e pensaria *Vai dar trabalho demais*, mas estou ansioso por conhecê-la melhor. Para descobrir o que há por trás dessa fachada gélida.

– Essa bebida vai ser vinho?

Talvez eu esteja apenas com pena dela, e sendo mais gentil que o normal, por causa do espírito natalino ou coisa assim. Mas estou atraído por ela, e não é apenas por ser bonita.

– Não. Acho que a noite está mais para tequila – responde Winter, me surpreendendo enquanto vou em sua direção, inexplicavelmente magnetizado para perto.

– O que você quiser – respondo ao me aproximar o suficiente para conseguir estender a mão e tocar seu rosto.

Será que ela se retrairia? Ou se entregaria? Não tenho chance de descobrir, porque ela se vira em direção ao saguão do hotel.

E, dessa vez, não hesito em tocá-la. Apoio a mão na base de suas costas enquanto a conduzo pela porta da frente, em direção ao bar.

Não sou muito chegado a tequila.

Mas, por essa garota, eu abro uma exceção.

5

Winter

Marina: Acabei de falar com o Rob.
Winter: Ah, que bom. Adorei que ele decidiu expor nossos problemas conjugais para minha mãe.
Marina: Não é possível que você esteja mesmo pensando em deixá-lo.
Winter: Depois do que ele fez? Estou, sim.
Marina: Duvido que você encontre alguém melhor. Eu aguentaria firme, se fosse você.
Winter: É, eu sei que aguentaria. Eu cresci naquela família.
Marina: Se você o deixar por causa daquela vira-lata da sua irmã, vai entregar a vitória para ela.

– Minha mãe é uma completa escrota, daquelas que não merecem perdão. Eu puxei a ela. – Apoio o rosto nas mãos, com os cotovelos na mesa. – É hereditário. Por isso a Summer é tão legal. A mãe dela, Sofia, era ótima. Não me lembro muito dela, mas lembro que era divertida. Que sorria muito. No fundo, não posso culpar meu pai por ter transado com a babá.

Theo me observa, fascinado pela minha história de vida. Passamos a dar golinhos nos shots de tequila, depois de virar duas doses.

– E você sabe a pior parte? Quando ela engravidou, minha mãe a demitiu. Como se a culpa fosse só dela. E eu amava a Sofia. A babá que veio depois era *malvada*. Parecia que a minha mãe a tinha contratado para punir não apenas o meu pai, mas a mim também.

A maioria das pessoas me olha com pena quando conto essa história, mas Theo parece apenas entretido.

– Nossa. Eu sabia que o Kip era imprevisível, mas isso? Ele é... um babaca. – Ele diz a última palavra com uma risada de incredulidade.

Meu pai é um conhecidíssimo agente esportivo e, aparentemente, representa o Theo. Um detalhe que eu não sabia. Sei que ele havia sido o agente do Rhett e, quando Rhett pendurou o chapéu de caubói, ou seja lá o que se diz quando um peão de rodeio se aposenta, ele confiou seu pupilo ao homem que o tornou famoso.

– Pois é – respondo, antes de pegar o shot e tomar mais um gole da bebida, que desce queimando minha garganta.

Um calor confortável e desconhecido floresce no meu peito.

Não consigo me lembrar da última vez que fiquei realmente bêbada. Rob me dizia que eu não "apreciaria os sabores" se bebesse mais do que determinada quantidade de vinho, e eu estava ocupada demais me matando de trabalhar para relaxar. Estudando. Fazendo turnos extras. De plantão.

Tentando atender às expectativas da minha mãe.

– E aí a Sofia engravidou da Summer. O Kip contou para sua mãe.

– Marina – corrijo, porque ao longo dos anos passei a chamá-la assim. Ou de Dra. Hamilton, já que passamos quase todos os dias no mesmo local de trabalho. – O sonho dela é que eu me torne uma cirurgiã plástica famosa, como ela. Se eu tivesse seguido esse caminho, talvez ainda a chamasse de *mãe*. Mas o caos e a imprevisibilidade do pronto-socorro me fizeram sentir em casa.

– Isso tudo é mesmo verdade? Parece que você está me contando o resumo de uma novela. Às vezes, minha mãe me conta o que está acontecendo nas novelas que assiste e juro que já ouvi a história antes.

Bufo, desejando que minha mãe me ligasse para conversar sobre algo tão simples quanto uma novela. O álcool vibra em minhas veias e eu sigo em frente, examinando os fatos em voz alta, em vez de manter os pensamentos em minha cabeça.

– Eu a desafiei pela primeira vez na vida, depois de anos sendo sua marionete, e ela direcionou toda sua crueldade para mim sem pensar duas vezes.

Balanço a cabeça e Theo me encara com aqueles olhos escuros, parecendo um pouco atordoado. Deve ser difícil imaginar tudo isso, quando se tem uma mãe que dá abraços e conversa sobre suas novelas favoritas.

– Eu fico me perguntando: será que esse lado cruel é tão hereditário

quanto o lado legal da Summer? Sabe? Como se talvez essa faceta da minha personalidade estivesse apenas esperando para dar as caras. Eu não quero ser como a minha mãe, mas tenho medo de já ser.

– Eu acho que o fato de se preocupar com isso indica que você não é nada parecida com sua mãe.

Dou outro gole. Ele é fofo. Mas eu não estou *tão* reflexiva assim. Só estou bêbada e com a língua solta.

– É. Minha vida está uma bagunça. Marina nunca se permitiria chegar a esse ponto.

Theo desliza a mão pelo tampo da mesa alta, pequena e redonda, seus dedos firmes tocando meu cotovelo.

– Ei. Estar aqui comigo não é *tão ruim* assim.

Inclino mais a cabeça enquanto deixo meu olhar examiná-lo preguiçosamente.

– Não é. Eu concordo. Você é bem agradável aos olhos.

Em circunstâncias normais, eu morreria de vergonha por ter dito isso em voz alta, mas não há nada de normal em estar aqui neste bar do hotel de uma cidadezinha do interior.

– Uau. – Ele recua um pouco, levantando as mãos, uma expressão teatral tomando seus traços perfeitos. – Eu disse que você deveria tentar ser legal. Não precisava caprichar tanto.

Começo a abrir um sorriso, lentamente. Ele é engraçado.

Eu me dou conta de que nunca tinha passado muito tempo perto de pessoas engraçadas.

Inteligentes. Acadêmicas. Talentosas. Isso, sim.

Engraçadas e legais estavam bem no final da lista de características que eu procuro nas pessoas que me cercam.

– Eu sou esnobe? – pergunto-me em voz alta, meu cérebro dando curto.

– Se for, estou gostando.

Reviro os olhos e me remexo no banco, sentindo que posso escorregar direto para o chão se continuar me apoiando na mão.

– Por que você está revirando os olhos? – Ele vira sua dose e sinaliza para o barman, pedindo outra.

O sujeito franze os lábios, com um ar de desaprovação, como se achasse que não precisamos de mais uma rodada. E eu quase rio.

Estou exausta de ser julgada por todo mundo.

– Você não gosta de mim.

– Gosto, sim – diz ele, assentindo de um modo seguro, que não deixa margem para discussão.

Eu viro o resto da tequila, uma gota escorrendo pelo meu lábio. Por um momento, o mundo para quando o olhar de Theo pousa na minha boca. Naquela gota dourada de bebida. E, quando tento alcançá-la com a língua, para acabar com aquela atenção, o olhar dele esquenta de uma forma que não me é familiar.

Porque os homens não me olham assim.

Não o homem com quem sou casada.

E com toda certeza nenhum homem como Theo.

O barulho de copos se espatifando atrás do bar faz todos os sons ao nosso redor voltarem à vida, como se alguém tivesse acabado de despausar algo.

Uma risada nervosa brota em meus lábios e olho para o bar, onde o atendente de aparência cansada está limpando um monte de cacos de vidros.

– Eu gosto de você, Winter. Como pessoa. – Os olhos de Theo estão vidrados em mim. É perturbador. – Por que isso te deixa tão desconfortável?

– Você sempre diz tudo desse jeito tão direto? É bem estranho. – Meus olhos se estreitam. – Qual é a sua?

– Não estou fazendo nada. Sou apenas um cara legal tomando uma bebida com uma garota simpática.

Mais duas doses de Añejo são postas diante de nós, mas não erguemos os olhos. Estou ocupada demais fitando o homem peculiar sentado à minha frente.

– Você é um mulherengo. Mais novo do que eu. E ainda tem *essa* aparência. – Faço um gesto na direção dele.

– E ainda assim eu gosto de você.

– E eu sou uma mulher casada e infeliz, de 28 anos...

Theo me interrompe com um revirar de olhos.

– Se você voltar a mencionar nossa diferença de idade de dois anos como se isso fizesse alguma diferença, vou zombar de você sem piedade.

Eu passo a língua pelos lábios.

– Certo. Sou uma *mulher* casada e infeliz, com um estoque infinito de traumas. Estou apenas tentando sobreviver a uma residência médica que ninguém aprova.

– Eu aprovo – responde ele, sem exagero nem teatralidade, apenas como se fosse um fato.

– Me aprovar, tudo bem. Mas gostar de mim não faz sentido.

Então ele sorri e dá um gole na bebida, e meus olhos baixam para observar os movimentos de sua garganta enquanto ele engole. A pele bronzeada, a barba por fazer, o pomo de adão proeminente.

Quem diria que eu me sentiria atraída pela cartilagem tireoidiana de um homem?

– Não, Winter. Eu gosto de você. Pare de dizer que eu não gosto.

Dou uma risada irônica enquanto bebo e observo o charmoso barzinho. Um encanto com ar vitoriano permeia o espaço. Um complemento perfeito para o elegante hotel boutique.

– Eu não sou gostável, Theo. As pessoas não *gostam* de mim. Não de verdade. – Ergo o dedo e o encaro diretamente, sinalizando que agora não é o momento para ele me interromper com seu discurso de bom moço. – As pessoas me respeitam porque sou inteligente. Ou porque sou bem-sucedida. Mas não *gostam* de mim.

O homem à minha frente me encara. Posso ver que ele está refletindo sobre as minhas palavras. Ele inclina a cabeça para a frente e para trás, como se estivesse levando em consideração tudo o que acabei de dizer.

– Acho que gosto de você porque você tem uma beleza de parar o trânsito.

Meu rosto não revela nada. Nunca fui elogiada pela minha aparência, em vez de pelo meu intelecto, e... não sei bem como lidar com isso.

– Você está me zoando?

– Nada disso. – Ele se recosta no banco, os bíceps se retesando de uma forma atordoante enquanto seus olhos me percorrem em apreciação. – Com toda certeza é porque você é gostosa. E porque pronuncia perfeitamente seus palavrões. Sabia que pessoas que xingam são mais honestas e confiáveis do que as que não xingam?

Fico de queixo caído, então noto. Uma sensação desconhecida, algo que não consigo conter. Apoio a cabeça nos braços cruzados sobre a mesa e caio na gargalhada. O riso faz minha garganta doer quando tento silenciá-lo. Escapa pelos meus olhos, não importa o quanto eu tente segurar. Sacode meus ombros à medida que toma conta de mim.

E o riso grave de Theo me acompanha, harmonizando-se ao meu como

em uma sinfonia.

– Mas eu já tive muitas concussões, então posso estar com o discernimento um pouco prejudicado – acrescenta ele, entre as risadas.

Estou bêbada apenas o suficiente, exausta apenas o suficiente, para rir ainda mais.

– Vai se foder – falo, arquejando, sentando-me e enxugando os olhos.

– É. Você devia usar mais isso.

– O quê?

Pego a tequila para lubrificar a garganta depois do acesso de riso.

– Você devia mandar mais gente ir se foder.

Dou de ombros exageradamente e comprimo os lábios enquanto o álcool corre direto para minha corrente sanguínea.

– Vou explicar.

Theo estende um braço musculoso, pega no meu banquinho e me puxa para junto dele, contornando a mesinha redonda. Ele nos vira, nos deixando cara a cara, então meus joelhos ficam entre as coxas dele. Aquele aroma cítrico e almiscarado me envolve. A vontade de me inclinar e me aninhar em seu pescoço me atinge com força.

Estamos perto demais.

Mas Theo não parece notar. Apenas se vira e apoia as mãos nas coxas bem torneadas, todos os dez dedos esticados.

– Digamos que você tenha um estoque de "vai se foder"...

– Ah, acho que me lembro desse problema de matemática da segunda série.

Ele ignora minha provocação e continua:

– E carregar todos eles te deixa esgotada. Exausta. Cansada demais.

Reviro os olhos.

– Meu Deus.

– Mas mesmo assim você não manda nem um "vai se foder" para a sua mãe, pela carreira que você já sabe que quer, nem para os seus problemas com a Summer, que ela nem parece saber que existem, e nem para o seu marido, que te faz infeliz.

Ele me lança um olhar penetrante, como se conhecesse também essa parte da história. Eu me encolho um pouco.

– E ao longo dessa noite toda você só mandou eu ir me foder uma vez. Então, seu estoque... – Nós dois olhamos para as mãos dele. – Ainda está

bem cheio. – Theo está empolgado. – Você não mandou um "vai se foder" nem para o garçom, quando ele fez aquela cara azeda, depois de pedirmos mais uma rodada. Fala sério, Winter. Ele acabou de derrubar uma bandeja inteira de copos. E você ainda tem nove "vai se foder" no seu estoque. Por que não deu um para ele?

Suspiro.

– Essa é a matemática mais estúpida que eu já vi. E essa história de distribuir *vai se foder* por aí... Do jeito que você fala, parece que eu...

Ele ergue as sobrancelhas escuras.

– Parece o quê?

– Parece que eu saio falando de foder para todo mundo. – Só posso rir. – Por favor, não me diga para mandar meu pai se foder por me abandonar. Vou ficar traumatizada.

– Não preciso. Você mesma acabou de admitir.

Ele abaixa outro dedo e, enquanto o observo, percebo que estou repetindo os gestos dele. Mãos espalmadas na pele exposta entre minhas meias e a bainha do vestido, os dedos se curvando toda vez que ele menciona um "vai se foder".

Reparo no dedo com uma simples aliança de ouro. Eu a uso no lugar do anel de diamante que Rob me deu, porque ele rasga as luvas médicas.

Olho para Theo, que está me observando com toda a atenção. Sua pele é tão lisa, tão bronzeada... Seus traços tão marcados. Sua personalidade tão... *divertida*.

A antítese de tudo na minha vida.

E, de repente, também quero que ele "vá se foder".

Desdobro um dedo sem dizer nada. Ele observa o movimento, mas sua mão quente cobre a minha, um leve toque de seus dedos calejados em minha coxa enquanto ele toca meu dedo com a aliança.

– Não, Winter. Eu não preciso disso. Não estou te julgando. Mas realmente você precisa começar a dar uma liberada nesse estoque.

Dar uma liberada. Essa combinação boba de palavras envia uma onda de excitação pelo meu corpo. *Dar uma liberada*. Dita na voz grave dele, enquanto Theo se inclina para mim com intimidade. Cruzo as pernas e as junto com força para diminuir o desejo entre elas.

– Meu Deus. – Passo as mãos pelo cabelo, empurrando-o para trás e o afastando do rosto. – Se você não precisa mandar ninguém ir se foder,

provavelmente também está pouco se fodendo para o que as pessoas acham de você.

Ele dá de ombros e inclina a cabeça na minha direção.

– Eu tento não me importar.

Ele está tão perto, cheirando a tequila e tangerina, com aqueles olhos profundos cor de chocolate.

– Hoje eu fiquei te observando. Vi como ficou tenso quando te chamaram de mulherengo.

O olhar dele oscila entre os meus olhos, e, Deus, eu me sinto exposta. Minha pele arde sob a pressão do olhar dele. Ninguém jamais me olhou tão de perto assim. Com tanta determinação.

– Nem sempre é fácil se endireitar.

– Acho que o ditado é literalmente "pau que nasce torto nunca se endireita".

Ele passa a língua pelo lábio inferior enquanto balança levemente a cabeça.

– Digamos então que o bambu enverga com o tempo. Você sabia que ele nasce reto?

– Então você não é mais um completo galinha?

Ele franze os lábios.

– Estou superando essa fase. Mas as pessoas veem o que querem. Imagina se eu me importasse com tudo o que dizem, quando eu sei muito bem que tipo de homem sou?

Homem. Pois é. Homem.

Meu cérebro para nessa informação. Porque Theo é muito homem, todo feito de traços másculos, cores escuras e vibrantes, toques gentis – comportamento cavalheiresco.

Certo, ele é charmoso pra caramba.

– Quando não ganhei o título desta temporada, estabeleci como meta redobrar meu foco. Subir de nível. É por isso que estou aqui, treinando com Rhett e Summer. Mais exercícios, menos... diversão. Muito trabalho sem diversão fazem do Theo um bobão.

Diversão. Por que qualquer palavra que esse homem diz tem que soar sexual? Juro que ele nem está tentando, mas suas palavras arranham minha pele como se fossem dentes, como sua barba por fazer arranharia. Theo Silva não tem nada de bobão.

Na verdade, ele é quase um letreiro em neon gigante, piscando, me mandando recuar. Como já me magoaram muito, minha capacidade de confiar é praticamente nula. Mesmo assim...

– Eu bem que gostaria de um pouco mais de diversão.

Meu joelho encosta no dele quando me viro, uma ideia desabrochando em minha mente. Uma *péssima* ideia.

– Mais "vai se foder" e mais diversão. Gostei dessa estratégia.

Sinto um nó no estômago quando vejo seus lábios formarem a palavra "foder". Minhas inibições caem por terra. E se eu as deixasse de lado e desligasse meu cérebro por um tempinho? E se eu fizesse algo só por mim? Algo prazeroso?

Deus sabe que Rob nunca foi capaz de me dar prazer. Não do jeito que vejo nos filmes ou nos livros, em que o coração da mulher dispara e a pele formiga só porque um homem está olhando para ela.

Theo provoca essa sensação em mim. Como se eu pudesse ser sua próxima refeição.

– Talvez eu devesse mesmo seguir essa coisa de mandar se foder...

Cruzes. A frase soou melhor no meu cérebro cheio de tequila do que em voz alta.

– No estoque que usamos de exemplo, você tem dez tíquetes.

Mordo o lábio inferior.

– Não foi isso que eu quis dizer.

Ele deve ler minhas intenções na minha cara, porque recua, os lábios carnudos se abrindo enquanto seus olhos soltam faíscas.

– Você está me fazendo uma proposta?

Bufo e desvio o olhar.

– Não.

Theo não diz nada e, quando volto a atenção para ele, confesso:

– Ok, talvez. Só por diversão. Eu quero saber como é.

Uma imagem de Rob me vem à cabeça e eu a afasto. Ele não tem permissão para estar aqui neste momento. Preciso ser eu mesma. E para fazer isso preciso estar livre dele.

– Acho que ninguém nunca me fodeu de verdade.

Uma expressão de surpresa e diversão toma o rosto dele.

– É oficial. Você bebeu demais.

– Não bebi, não. Você está usando isso como desculpa para ir embora. Se

não está interessado, seja direto. Sou médica. Entendo como a biologia da atração funciona. Não dá para forçar. Eu sei.

Quando volta a erguer os olhos, a expressão no rosto dele é selvagem. Ele é lindo, e sou imediatamente atingida pela percepção de que sou uma idiota. Este homem está fora do meu alcance. Ele é bonito demais. Experiente demais.

– Quer saber? Esqueça o que eu disse. Sei que tenho essa vibe de solteirona tensa e não é culpa sua se...

– Winter. Eu teria te fodido de verdade nos fundos daquele posto de gasolina, se você tivesse dado brecha.

Fico paralisada ao ouvir isso.

– Não vou ficar aqui sentado fingindo que não pensei nisso a noite toda. – Os olhos dele ficam enevoados e examinam meu corpo de uma forma explícita, como se ele pudesse ver o rubor na minha pele e meus mamilos enrijecidos. Suas pernas pressionam as minhas, me prendem. – Esse vestido poderia ser *facilmente* puxado para cima. Mas... – Ele inclina um pouco a cabeça para o copo na mesa ao nosso lado. – A gente bebeu muita tequila. Não quero que você se arrependa de nada.

Me arrepender? Eu o encaro como se fosse um paciente, e me pergunto se alguma mulher já se arrependeu de ter fodido com Theo Silva. Parece altamente improvável.

E eu quero descobrir.

Em nome da ciência.

Então engulo o resto da bebida e tiro uma caneta da bolsa, viro o porta-copos para o lado em branco e escrevo:

Eu, Winter, juro, para fins legais, que não estou bêbada demais para...

Olho para ele.

– Por que você está tão preocupado? Eu nunca gozo mesmo, então a ingestão de álcool não faz diferença.

Ele fica atônito, piscando para afastar de sua estrutura óssea perfeita uma pontada de irritação.

– Consentimento, Sininho. Estou preocupado com o seu consentimento. O resto não é um problema. – Sua voz se torna um rosnado grave. –

Comigo, você gozaria. Eu me certificaria disso.

O calor toma minhas bochechas, escorre pela minha garganta e se espalha pelo meu peito. Ele é tão confiante. Com ou sem tequila, eu nunca falo de um jeito tão descarado. Então, em vez de discutir com ele, uso a mão trêmula para terminar a frase:

dar meu consentimento.

Quando levanto a cabeça, nossos olhares se encontram. Estou praticamente ofegante e ele está apenas sentado ali, vibrando de energia sexual, os dedos apertando a borda da mesa.

Mordo o interior da bochecha e baixo o olhar antes de assinar meu nome.

Winter Hamilton.

Meu nome de solteira.

Ele também repara nesse detalhe, porque, quando volto a olhá-lo, Theo continua fitando o porta-copos.

– Eu pensei que fosse Valentine.

– Não é. Os papéis do divórcio estão guardados no meu carro. Eu os peguei no caminho para cá. Sou uma pessoa discreta. Não preciso que meu divórcio complicado se torne o tema da conversa do jantar.

Ele assente, examinando meu rosto. Então, a ponta de sua língua aparece por entre os lábios quando ele volta a fitar o porta-copos.

– Então isso aqui é um... contrato sexual?

– Basicamente.

Eu me sinto uma idiota, mas também sinto que, pela primeira vez em muito tempo, não me importo com isso. Cada passo que dei para longe daquela casa hoje foi como uma sequência de peças de dominó tombando. Uma após a outra. Agora, resta apenas a última, e estou prestes a jogá-la no colo de Theo Silva.

– Bem, é a primeira vez que vejo isso.

Theo passa os dedos pela minha assinatura e eu os imagino em meu corpo. *Dentro* do meu corpo.

– Eu acho... – Levo uma mão ao pescoço, como se para me obrigar a continuar usando palavras quando tudo em que consigo pensar agora é nele me tocando e na forte pressão entre minhas pernas. – Acho que isso deixa tudo bem claro. Para nós.

Ele se aproxima, seu comportamento mudando bem diante dos meus olhos. O hálito quente e úmido roça minha orelha enquanto sua voz grave ressoa contra minha pele.

– Clareza contratual nunca me deu tanto tesão.

Meu corpo ganha vida, mesmo sabendo que ele está debochando de mim. Eu me obrigo a engolir em seco e aceno com a cabeça quando meus olhos encontram os dele.

– Não sei se uma frase em um porta-copos vai ser suficiente em um tribunal.

– Uma noite – respondo. – Só isso. Não estou preparada para mais que isso. Estou ferrada demais. Para levar você ao tribunal, eu teria que voltar a vê-lo, e não pretendo fazer isso.

Observo mais uma vez Theo engolir em seco.

– E nunca vamos contar para ninguém. Trocamos um aperto de mãos e vamos embora, como adultos maduros que fizeram um contrato.

– Winter...

Ele não gostou muito dessa parte.

Eu empurro o porta-copos para ele, me sentindo mais exposta do que nunca. Minha voz treme.

– Assine ou eu vou embora dormir. Meu ego está frágil demais nesse momento.

O olhar dele se suaviza, o calor naquelas profundezas cor de chocolate aquecendo minha fachada fria. Observo as veias em sua mão saltarem quando ele pega a caneta. Os tendões em seu antebraço ondulam enquanto ele escreve.

Apenas uma noite. Nunca vamos contar para ninguém. Mas provavelmente vou acabar implorando por um repeteco.

Theo Silva

Até a letra dele é linda.

Ele tem um ar presunçoso ao deslizar o porta-copos de volta para mim sobre a mesa. Levanto o pedaço de papelão e fixo o olhar, como se realmente estivesse lendo um contrato. *Repeteco*... até parece. Mas vou deixá-lo ter a última palavra.

Eu estendo o porta-copos e ele o pega, seus dedos quentes envolvendo os meus. Theo leva minha mão à boca e dá um beijo firme, provocando um arrepio na minha espinha.

Ele abre um sorrisinho convencido e sinto vontade de pisar em seu pé. Odeio como tudo é tão óbvio. Como aconteceu de forma não natural. Como ele é *perspicaz*.

Mas eu também quero demais.

Pedimos uma última dose de tequila e, honestamente, preciso dessa coragem líquida. Nossos copos tilintam quando brindamos.

Os olhos dele se fixam nos meus com um nível de intensidade que grita, como em alerta. Então ele diz:

– Eu vou te devorar esta noite.

Nós viramos a bebida, sem desviar o olhar um do outro. Bato com o copo na mesa com mais força do que o necessário, e o som é como o tiro de uma espingarda sinalizando o início de uma corrida.

Ele inclina a cabeça para mim. Mais uma garantia silenciosa.

Eu assinto.

Ele assente.

E, sem qualquer outra palavra, Theo entrelaça os dedos nos meus e me leva para fora da área do bar e até o elevador.

Quando a porta se fecha, o último resquício de controle entre nós se rompe. É um estalo audível no pequeno espaço privado.

Ele me puxa contra seu peito, os dedos instantaneamente mergulhando em meu cabelo solto.

Tudo o que escuto são as batidas fortes do meu coração bombeando sangue em minhas veias.

Tudo o que vejo são suas bochechas rosadas e seus lábios carnudos.

Tudo o sinto é a pressão de seu pau duro como pedra contra meu ventre.

Ele me encara e me pega pela nuca com força com uma mão enquanto a outra roça meu lábio inferior.

– Mal posso esperar para ver como você fica linda gozando e gritando

meu nome.

6

Theo

Rhett: Vocês chegaram bem? Summer disse que Winter não mandou nenhuma mensagem para ela.
Theo: Chegamos. Ela estava cansada e mal-humorada. Acho que foi para a cama.
Rhett: Ah, certo. Beleza. Academia às 11?
Theo: Te vejo lá, velhote.

– Theo. Você está parecendo um saco de bosta.

Desabo no tapete e decido que vou morrer aqui, em uma poça do meu suor.

– Summer, você está uma graça, mas é meio escrotinha.

Do tapete ao lado, Rhett se vira e chuta meu tênis.

– Se atreva a falar assim com ela de novo.

– Rhett, 25 *burpees* por agredir um cliente.

A noiva dele sorri presunçosamente no banco onde está sentada. Ou, como o apelidei na minha cabeça, o *Trono da Tortura*.

Rhett bufa, como se ela estivesse brincando, mas Summer inclina a cabeça e cruza os braços sobre o moletom da Hamilton Athletics.

– Você é má. E o Theo?

– O que tem ele? – A voz de Summer é doce e divertida.

– Cara, cala a boca. Só me deixa morrer em paz.

Quando coloco o braço suado sobre o rosto, sinto um forte cheiro de álcool. Estou literalmente suando tequila.

– Está na cara que ele passou a noite em claro – diz Summer. – Provavelmente fazendo bebês por toda a América do Norte.

– Fala sério. Eu sempre uso camisinha.

A verdade é que, desde que peguei a estrada, no outono passado, não levei ninguém para a cama. Deixo todo mundo acreditar no que quiser, mas estou realmente mudando.

Rhett arqueia a sobrancelha.

– Mas você não está negando que saiu com alguém ontem, né?

Solto um grunhido aborrecido, mas Summer se inclina, com os olhos brilhando de curiosidade.

– Quem foi?

– Tive uma longa noite romântica com minha mão direita.

Não sou do tipo que sai por aí contando as coisas. Especialmente quando se trata de Winter. Vou levar essa para o túmulo. A não ser que ela queira mais.

– À luz de velas? – Rhett ri da própria piada.

– Por que ainda está deitado aí, Eaton? – rebate Summer. – Já falei: 25 *burpees*. Caso contrário, mando você para a aula de zumba.

Solto uma risada.

– Porra. Eu pagaria um bom dinheiro para ver isso.

Rhett chuta meu pé de brincadeira novamente enquanto se levanta.

– Sério, quem foi, Theo? – insiste Summer.

Eu me sento e apoio os cotovelos sobre os joelhos dobrados, olhando-a nos olhos.

– Não foi ninguém. E, se eu tivesse alguém, não sairia por aí falando no assunto. Você vai ter que conseguir fofocas em outra fonte.

– Numa cidade desse tamanho, todo mundo fica sabendo de tudo. Você precisa ter cuidado, se planeja passar mais tempo por aqui, Theo – responde ela, assumindo um tom mais sério.

Nunca vamos contar para ninguém. Eu mesmo escrevi essas palavras, e jamais trairia a confiança de Winter. Muita gente já fez isso com ela, e eu não serei mais um a decepcioná-la ou a mentir para ela.

Dou de ombros e encaro Summer sem vacilar, porque não vou dizer merda nenhuma.

– Ninguém.

Rhett está pulando ao meu lado, bufando. Mas Summer está apenas me

encarando. É *quase* como se ela soubesse. Mas como poderia saber? Acho que ninguém seria capaz de imaginar que Winter e eu acabaríamos juntos na cama.

Eu sou peão de rodeios e ela é médica.

Eu sou fogo e ela é gelo.

Ela quer me esquecer e, no momento, não consigo parar de pensar nela. No seu lado mais suave. No jeito como ela se abriu comigo. O jeito como gemeu meu nome quando...

– Vinte e cinco *burpees*, Theo.

Summer abre um sorriso maligno.

– Está brincando comigo?

Rhett está sem fôlego demais para zombar de mim, mas, quando olho para ele de relance, vejo um sorriso em sua cara barbada.

– Não. Levante essa bunda.

– Eu pensei que tinha acabado...

Eu reclamo, mas faço o que ela manda, porque prometi a mim mesmo que, nesta temporada, daria orgulho ao meu pai. Ele pode ter morrido montando um touro, mas só depois de garantir alguns campeonatos.

Ele foi mentor de Rhett, e Rhett ganhou dois títulos.

Eu quero *um*. Eu quero uma fração da grandeza do meu pai. Ficaria feliz em ter pelo menos parte do sucesso deles, para também fazer parte desse legado.

Quero ser mais do que o garoto rebelde da Federação Mundial de Montaria em Touros e um cara bom de cama.

Então, começo meus *burpees*.

Summer sorri e balança a cabeça.

– Uau. Você realmente não quer que ninguém saiba o que aconteceu ontem à noite.

– Ele só está... chateado por já ter... fracassado no objetivo dele – arfa Rhett ao meu lado enquanto começo meu primeiro salto.

Meus músculos se revoltam enquanto forço meu corpo a voltar à ação depois de um treino de duas horas.

– Qual era seu objetivo, Theo?

Eu ignoro os dois.

Claro, eu me desviei do objetivo que compartilhei com Rhett durante uma de nossas conversas, mas não vou explicar a eles que o que aconteceu

foi diferente. Não foi apenas mais uma...

– Era algo sobre viver como um monge na próxima temporada, para ganhar mais foco.

Rhett ri enquanto se abaixa, e eu me pego torcendo para que ele vomite. A agitação me faz aumentar o esforço. Enquanto continuo, sinto os olhos de Summer em mim.

Avaliando. Ela analisa as coisas muito de perto. Vê demais.

– Você está cheirando a tequila – diz ela, claramente optando por não se juntar ao noivo.

Assim que me junto a Rhett no tapete outra vez, resfolegando e desejando estar morto, ele se vira e me dá um sorriso maroto.

– Eu sabia que você nunca ia conseguir manter seu pau dentro das calças.

Embora ele esteja brincando, suas palavras machucam. São também o empurrãozinho que preciso para me motivar, porque quero conseguir o respeito do meu mentor. Não quero ser alvo de piadas nem visto como uma pessoa infantil. Quero ir atrás dos meus sonhos e provar a mim mesmo que posso fazer o que me propus a fazer.

Não quero ser a transa de uma noite que resolve um desejo passageiro. Quero que uma mulher como Winter Hamilton – bonita, inteligente e de língua afiada – olhe para mim e veja um futuro.

7

Winter

Marina: Então você largou seu emprego, deixou seu marido e agora além de tudo não atende minhas ligações?
Winter: Parece que você entendeu tudo direitinho.
Marina: Me ligue.
Winter: Quanto mais penso no assunto, menos tenho a dizer para você.
Marina: A educação que eu te dei foi melhor que isso. Você devia ser mais forte. Mais focada.
Winter: Não consigo me lembrar de um único abraço.
Marina: O quê?
Winter: Você nunca me abraçou. Nunca me consolou.
Marina: Era para isso que servia a babá.

– Caramba. Este lugar ficou ótimo mesmo – comenta Sloane, as mãos apoiadas nos quadris estreitos, observando a casinha com uma expressão satisfeita.

O aceno afirmativo que faço com a cabeça parece um feito hercúleo. Nas últimas três semanas, passei por um turbilhão de emoções e tomei decisões que mudaram minha vida. Como andava rabugenta demais para ficar na companhia de pessoas alegres, passei o Natal sozinha em um hotel, sonhando com Theo Silva correndo suas mãos ásperas por todo o meu corpo e tentando recriar a sensação com as minhas.

Não que eu algum dia vá admitir essa última parte em voz alta.

Mas há algo marcante na maneira como seus dedos calejados deslizaram pela minha pele. Ele me tocou como se nunca fosse se satisfazer. Ele não

parava de me explorar, de me adorar.

Eu pigarreio.

– É. Ficou bom.

A loira ao meu lado sorri de orgulho, e não tenho como não retribuir.

Parece infantil, mas, de alguma forma, Sloane conseguiu mesmo entrar na minha vida nas últimas semanas. Ela é prima de Rhett e diz que me conheceu exatamente na hora certa, que precisava de alguém como eu em sua vida, mas a verdade é que... acho que era eu quem estava precisando dela.

Faz pouco tempo que nos conhecemos, mas já enfrentamos muitas turbulências nesse curto período. A diferença é que, no caso dela, a turbulência a levou a ficar com sua paixão de infância – o jogador de hóquei que a trata como uma deusa. Já eu entreguei os documentos do divórcio para Rob, larguei o emprego no hospital da cidade e me mudei para uma casa alugada em Chestnut Springs.

Olhando para Sloane agora, toda sorridente e de cabelo bagunçado, suponho que essa mudança também tenha me levado a encontrar uma amiga.

Talvez a única que tenho em uma vida cheia de conhecidos e colegas de trabalho. E isso por si só faz valer a pena tudo o que passei.

– Será que a gente muda um pouco a posição da televisão? Pode bater muita luz durante o dia.

Eu bufo e desabo no sofá atrás de mim.

– Eu trabalho pra cacete. Duvido que passe muito tempo vendo TV durante o dia.

– E nas folgas?

Sloane segue o exemplo, caindo ao meu lado no sofá novo e confortável.

– É. Acho que sim.

– Ou você vai ficar ocupada demais saindo com sua nova vizinha superlegal?

Ela levanta as sobrancelhas, e eu não consigo deixar de rir. Ela e Jasper moram no bangalô ao lado. Na verdade, Jasper é dono do quarteirão inteiro, uma fileira de casas deste lado e de salas comerciais do outro, na rua principal. Sloane vem resgatando a glória original de cada uma delas, para que possam ser alugadas.

– Você acha que vai conseguir manter os dois empregos, agora que se

mudou para cá?

Dou de ombros e deixo a cabeça afundar no tecido macio e aveludado atrás de mim. Só que não é veludo, é microfibra, porque, por mais rico que Rob seja em seu cargo de cirurgião cardiotorácico, eu ainda sou apenas uma residente.

Adoração por veludo, orçamento de microfibra. Essa sou eu. Winter *Hamilton*. E tudo bem.

Tenho 28 anos e estou quase divorciada. Tenho um ex-marido que me odeia porque, embora seja ótimo consertando corações, seu maior talento é bancar a vítima. Uma mãe que anda pegando no meu pé porque escolheu levar uma vida infeliz e faz questão que eu faça o mesmo. Um pai que, como sempre, não sabe como agir perto de mim, coitadinho. E uma irmã distante que está menos distante a cada dia que passa.

Esse é o ponto positivo de ter virado minha vida de cabeça para baixo. Realmente joguei gasolina em tudo, deixei cair o fósforo e disse "foda-se" sem olhar para trás.

– Pedi demissão hoje. Trabalhar no mesmo hospital que minha mãe e Rob? Não, obrigada.

Enfio o dedo na boca e finjo que estou vomitando.

E fazer isso me deixa um pouco enjoada. Um pouco tonta.

Sloane ri, leve e animada, enquanto eu respiro fundo, tentando controlar meu estômago revirado.

– Está certíssima! E a gente pode continuar com a decoração amanhã. Eu te ajudo a desempacotar o resto das coisas. Podemos recrutar Jasper, quando ele voltar da viagem, mas eu gostei da disposição de todos os móveis.

– Parece uma boa ideia – sussurro, lambendo os lábios e deixando meus olhos se fecharem.

– Quer sair para beber? Fazer um lanche? Alguma coisa? Caso contrário, vou ficar acordada até tarde trabalhando na outra casa.

– Você está precisando fazer um reality show sobre reformas de casas.

Abro um sorriso fraco, mas não me mexo. Se fico parada, me concentrando no ar frio entrando pelo meu nariz, me sinto bem.

– Meu Deus. Eu quero! Essa é a meta. – Ela bate no meu joelho antes de se sentar mais ereta, explodindo de energia. – Vamos lá?

Faço contas simples na minha cabeça e penso em padrões numéricos, não em botar para fora no meu novo sofá de microfibra a comida chinesa

que consumi mais cedo.

– Acho que vou ter que recusar.

Minha voz soa ofegante e meu coração está acelerado. Parece tão alto que me pergunto se Sloane consegue ouvir.

– Você está bem?

Ela pressiona meu joelho e a preocupação transparece em sua voz.

Vinte e oito menos sete é igual a vinte e um.

Ovulação.

Eu me viro e olho para ela.

– Só estou meio acabada. Fica para a próxima. Vou dormir.

Ela demonstra preocupação. Sloane é uma das pessoas mais genuínas que já conheci. Ela é doce, sem ser enjoativa. De vez em quando, diz algo inapropriado e depois ri sozinha.

Eu gosto disso. Consigo me identificar com ela.

– Tem certeza?

Dividido por sete é igual a três.

O ciclo começa.

Abro meu sorriso mais convincente, mas sou péssima atriz. Tenho certeza de que meu semblante é apenas uma carranca, com meus lábios ligeiramente virados para cima.

Sloane bufa e se levanta.

– Você parece uma serial killer quando faz isso. – Ela congela antes de se virar para mim e soltar uma risada. – Imagine só! Eu ajudo uma médica simpática, que acho que é uma nova amiga, a se mudar para a casa ao lado da minha. Mas acontece que ela é uma assassina perigosa e está apenas preparando o bote e planejando meu assassinato. – Sloane ri. – *Essa* seria uma boa história.

Eu esfrego as têmporas.

– Parece um livro da Catherine Cowles.

– O quê? – Ela inclina a cabeça.

– Nada. Vou ler na cama.

Três semanas atrás foi o sábado antes do Natal.

– Tudo bem. Me manda uma mensagem de manhã, quando for voltar a arrumar este lugar. – Sloane se inclina e me dá um beijo leve no rosto. – E, por favor, não me mate esta noite.

Eu daria uma risada, mas, se abrir a boca, vou vomitar no sofá de

microfibra. O vendedor me disse que ele é fácil de limpar. Eu me pergunto vagamente se seria *mesmo* fácil.

No sábado antes do Natal, teve o jantar no rancho Poço dos Desejos.

Sloane está rindo enquanto calça as botas e vai embora.

Está feliz e despreocupada, fazendo comentários sobre serial killers.

E eu continuo fazendo cálculos mentais. Uma matemática com a qual estou dolorosamente familiarizada, porque passei os últimos dois anos tentando desesperadamente engravidar. Lágrimas, testes de ovulação positivos, testes de gravidez negativos, consultas com especialistas em fertilidade.

De todas as vezes que repassei obsessivamente esses números na cabeça, só consegui acertar em uma delas. O teste deu positivo *uma vez*.

Foi meu ponto alto. Mas terminou em perda, dor, e no ponto mais baixo.

Agora, voltei a acertar as contas.

Foi no rancho Poço dos Desejos que conheci Theo Silva.



Winter: Você tem acesso à academia? Às vezes você dança lá depois do horário de funcionamento, certo?
Sloane: É. Às vezes, quando não consigo dormir. Eu uso o estúdio de zumba.
Winter: Você pode abrir a porta pra mim?
Sloane: Mas são 22h.
Winter: Sim, eu sei. Acabei de sair do trabalho.
Sloane: Posso perguntar por que você precisa entrar na academia da sua irmã a essa hora?
Winter: Você pode perguntar, mas eu não vou responder.
Sloane: Tem a ver com seu plano de assassinato?
Winter: Tem. Você está se transformando em minha cúmplice.
Sloane: Novo nível de amizade desbloqueado! Chego lá em cinco minutos.



– Quer que eu entre com você? – pergunta Sloane, me lançando um olhar preocupado quando estamos em frente à academia às escuras.

O ar frio é agradável, depois da náusea que me consumiu durante o plantão. O cheiro de antisséptico, que eu geralmente acho reconfortante, me atingiu de maneira bem cruel. Até a conversa com Marina, que finalmente aconteceu, me deixou mais enjoada do que o normal. Mas dizer a ela para parar de me procurar também me fez bem. Eu me senti forte. Fiquei aliviada por saber que nunca mais submeteria outro ser humano à toxicidade dela.

Engraçado, mas, assim que comecei a me lixar para o que ela pensava de mim, parei de me importar com sua opinião, embora hoje eu tenha quase vomitado no celular só por ouvir a voz dela.

– Não, está tudo bem.

– Vou entrar mesmo assim.

Sloane passa apressada por mim, nossos casacos de inverno acolchoados se roçando e farfalhando quando ela se dirige ao teclado numérico, onde insere um código.

Ela se vira e me encara com expectativa.

– Você vai fazer algum comentário espertinho sugerindo que eu vim fazer algo maldoso com a minha irmã? – pergunto.

Ela franze o cenho.

– Por que eu pensaria isso?

Reviro os olhos enquanto cruzo os braços.

– É o que todo mundo pensa.

– Eu acho que você é muito mais adorável do que imagina.

Arqueio a sobrancelha e Sloane balança a cabeça para a frente e para trás enquanto sorri.

– Quando quer.

Eu solto uma risada.

– *Adorável quando quero* poderia se tornar meu slogan.

Sinceramente, isso dói. Como se ninguém gostasse de mim quando estou nos meus piores momentos. Sou adorável quando apresento uma fachada sorridente e feliz. E quando eu desmorono? Então, tudo o que recebo é crítica e repreensão.

– Tudo bem, só preciso de alguns minutos.

– Para quê?

– Para ver uma coisa no computador.

Sloane arregala os olhos comicamente.

– Eu pensei que seu lance fosse assassinato, mas você está perseguindo

alguém?

Eu comprimo os lábios e gesticulo como se os estivesse fechando com uma chave antes de jogá-la fora. A verdade é que... é *mesmo* um tipo de perseguição.

Mas como um teste de gravidez positivo, hoje de manhã, confirmou o que eu já sabia, sei que preciso falar com Theo. Porque nosso segredo de uma noite deixou de ser tão secreto.

Acho que ainda estou em choque. Depois de anos tentando e falhando, não consigo ficar chateada. Chorei no banheiro do hospital enquanto olhava para aquele pequeno sinal positivo cor-de-rosa.

Chorei de felicidade.

Porque não importa que não tenha sido minimamente planejado, eu não consigo deixar de encarar isso como uma bênção. *Algo* dando certo para Winter, depois de ser derrubada tantas vezes.

Algo só para mim.

E isso me deixou com um problema totalmente diferente para enfrentar. *Entrar em contato.*

Sloane ri, mas se vira, me oferecendo privacidade enquanto eu vou até a recepção e ligo o computador. Minha esperança é encontrar as informações de contato de Theo listadas no banco de dados da academia.

Eu poderia pedir isso a Summer, mas levaria a perguntas. Se eu entrasse em contato com meu pai, que é o agente de Theo, isso levaria a perguntas *e também* a conversas estranhas. E não quero lidar com nada disso.

Mal conheço Theo, mas sei que tenho que contar a ele. Ele merece saber, e antes de qualquer outra pessoa. Theo é imprevisível, mas há algo profundamente carinhoso nele. E não importa qual seja a nossa situação, parte de mim acha que ele seria um ótimo pai.

E, se ele não quiser isso, eu estou tranquila. Mas ele merece poder escolher.

Não consigo pensar em nada pior do que ter algo tão pessoal em domínio público antes mesmo de se ter a chance de processar devidamente a informação.

Sei muito bem como é precisar de tempo para processar.

É por isso que tenho pavor de contar a todos essa notícia e depois perder o bebê, como da última vez. Ter roupas, brinquedos e planos. Todos adorando a novidade, só para terem que oferecer condolências com as quais

eu nem conseguia lidar.

Se eu tiver que lamentar uma perda de novo, que seja da forma mais discreta possível.

Mordo o lábio, explorando o software em busca de... *Membros*. Pronto! Com um clique rápido, uma lista de nomes preenche a página. Navego até a lupa em miniatura no canto e digito *Theo Silva*.

Outra janela aparece com as informações dele. Um endereço residencial em Emerald Lake, uma cidade universitária em British Columbia. Um contato de emergência chamado Loretta Silva, que parece o nome de uma mulher que mora num rancho e que é bem apropriado para a esposa de um peão de rodeio que era um ícone no circuito. (Obrigada, Google.)

Então eu vejo. O número do celular dele. Pego um bloco de Post-its e anoto o número antes de fechar todas as janelas do computador, para garantir que não vou deixar rastros da minha passagem por aqui.

Em segundos, estou contornando a mesa na ponta dos pés, como se alguém pudesse ouvir, mesmo com a academia completamente vazia.

– Pronto. Obrigada – sussurro para Sloane ao me aproximar.

Ela se vira, depois de ter sido totalmente respeitosa. A cúmplice perfeita, que não foi insistente ou intrometida.

– Você limpou o teclado?

Franzo as sobrancelhas.

– O quê?

– Você sabe. Para eliminar as impressões digitais.

– Você está...

– Cuidando de você? Sim. É para isso que servem os amigos.

Eu rio, porque *acho* que ela está brincando.

– Nenhum crime foi cometido aqui esta noite.

– Tem certeza?

Faço uma careta enquanto penso no assunto.

– Não sei. Sou médica, não advogada. Pode ser um delito menor.

Ela ri enquanto reinicia o alarme.

– Adorei. Espero que a polícia goste do seu método.

Passamos pela porta e é a minha vez de rir. Só que meu estômago está embrulhado. Não estou preocupada com a polícia, mas perceber a seriedade do que estou prestes a contar a um homem que mal conheço me atinge e sinto a ansiedade crescendo no peito.

Esfrego a mão sobre ele para me acalmar. E continuo massageando enquanto me despeço de Sloane.

Não paro até estar sentada no meu sofá de microfibra, olhando para o pedaço de papel amarelo-claro.

O que eu fiz? Como deixei isso acontecer? Usamos camisinha.

E camisinhas arrebentam.

É uma sensação peculiar ter tudo o que você sempre quis, mas não da maneira que imaginou. Sou assim desde criança. Carregava uma boneca para todo lugar e a empurrava em um carrinho minúsculo. Fiquei empolgada por ter uma irmãzinha, até minha mãe estragar tudo.

Eu sempre quis ter um filho, desde que me entendo por gente. Desesperadamente, com cada fibra do meu ser. Mas nem nos meus sonhos mais loucos imaginei que aconteceria assim. Como uma espécie de piada cósmica.

Medicamento contra infertilidade. Pernas para cima. Infecções urinárias. Tudo em vão.

É como se meu corpo soubesse que Rob era um filho da mãe, antes mesmo do meu cérebro. *Aff. Não. Valeu a tentativa, querida. Não queremos um bebê desse pai.*

E então engravidei. Logo depois, tive a percepção de que meu marido havia me traído de todas as formas.

Eu o perdi.

Depois, perdi o bebê.

Depois, perdi a mim mesma.

Só admiti tudo isso em voz alta uma vez... para Willa, a melhor amiga da minha irmã. Confessei a ela que, por mais arrasada que me sentisse pelo aborto espontâneo, havia uma parte vergonhosa de mim que ficou aliviada por não estar presa a Rob Valentine pelo resto da vida.

Posso seguir em frente sem amarras. Uma bênção e uma maldição. Uma culpa que me devora viva. Uma culpa com a qual tenho que aprender a conviver, porque *estou* aliviada por ter me livrado dele.

Mas agora é diferente. O momento é diferente.

Theo é diferente.

Eu pego o celular e digito o número dele, respirando fundo enquanto chama.

Mas continua a chamar e depois cai na caixa postal. Sua voz grave de

barítono me pede para deixar recado e sinto um arrepio na espinha. As coisas que ele me disse naquela noite.

Sua putinha. Implorando por...

– Oi, Theo. Aqui é a Winter. Do... bem, do hotel. Ou do rancho? Do contrato no porta-copos. Consegui seu número e estava querendo conversar com você, mesmo tendo jurado que nunca mais entraria em contato. Você pode me ligar quando tiver um tempinho? Obrigada. Tchau.

Ainda não contei a ele, mas já me sinto aliviada. Vou encarar isso de frente. Vai ficar tudo bem.

Pouso a mão na barriga ainda plana e suspiro.

Vou ser feliz.



– Oi, Theo. É a Winter de novo. Já faz alguns dias que te liguei e ainda não tive notícias suas. Correndo o risco de parecer totalmente maluca, dei uma olhada no site da federação e sei que você está de novo na estrada. Entendo que está ocupado, mas realmente preciso falar com você. Tenho algo muito importante para contar.



– Theo. Oi. Espero que esteja bem. Com base nas pontuações que vi listadas on-line, parece que você está ótimo. Não pretendo ser uma tiete chata nem nada parecido. Só preciso compartilhar algumas informações com você e gostaria de conversar pessoalmente.



Winter: Oi, aqui é a Winter. Esse é o número do Theo Silva? Você recebeu minhas mensagens de voz? Já deixei três.

Winter: Você sabia que sua confirmação de leitura tá ativada? Sei que viu minha mensagem.

Theo: Sim. Recebi suas mensagens de voz. Não estou interessado em conversar.
Winter: Olha, estou tentando não ser uma escrota, mas você pode me ligar, por favor? Preciso te contar uma coisa.
Theo: Então conta.
Winter: Por mensagem?
Theo: É.
Winter: Tudo bem. Naquela noite, no hotel, deve ter acontecido algum acidente com o preservativo. Estou grávida. O bebê é seu. Achei que isso poderia te interessar.
Theo: Obrigado por me avisar.

8

Winter

Dezoito meses depois...

Winter: Ela está bem?
Harvey: Sim, meu mundo é o parquinho dela. Está subindo e descendo as escadas. Cada vez mais rápida na descida. Chegou a tentar subir no corrimão. Não para quieta.
Winter: Harvey. Por favor, não me diga essas coisas.
Harvey: Se não fosse falta de educação, eu perguntaria se o pai secreto dela é um macaco.
Winter: Você basicamente acabou de perguntar.
Harvey: Onde está a pergunta?
Winter: Eu vou voltar.
Harvey: Não. Não vai, não. Se eu consegui manter Rhett vivo, Vivi será moleza.
Winter: De alguma forma, isso não é muito reconfortante. Rhett é maluco.

– Vai ser divertido, Winter. Você vai ver. – Willa dá um tapinha no meu ombro, e eu lhe dirijo um olhar enviesado.

– Vivi vai se divertir muito com Harvey. – Summer aperta meu joelho.

– Vocês ensaiaram essa conversa estimulante com antecedência?

Cruzo os braços e olho para a arena de terra na nossa frente. Willa dá de ombros, com um leve sorriso nos lábios.

– Sloane nos disse que talvez você precisasse, mas que tínhamos a permissão dela para te arrastar daquela casa mesmo que você chutasse e gritasse.

– Fácil para Sloane dizer isso enquanto viaja com Jasper. Vou ligar para ela mais tarde e tirar satisfação.

Passo a língua pelos lábios e olho para o mar de pessoas diante de mim. Summer e Willa não falam nada, mas tenho certeza de que reviram os olhos enquanto também observam o ambiente.

É o terceiro dia do primeiro rodeio anual de Chestnut Springs, e eu me sinto uma socióloga assistindo a tudo que se passa. A cidade em si é pequena e encantadora, mas a área de exposições neste fim de semana...

Eu nem sei que porra é essa.

Calças jeans, botas de vaqueiro, cintos com strass.

Até as crianças estão usando roupinhas de caubói. É como se eu estivesse em uma daquelas feiras temáticas onde todos os nerds se vestem de cavaleiros e reis.

Só que, aqui, todos os nerds se vestem de caubói.

– Tem crianças para todo lado – comento. – Não sei por que não pude trazer Vivi. Ninguém ia notar a existência dela.

Summer se aproxima, pressionando o corpo ao meu de forma reconfortante. Não vou admitir, mas gosto. Não. Adoro. Ter passado os últimos dezoito meses conhecendo a minha irmã do jeito que sempre quis tem sido uma alegria na minha vida.

– *Você* ia – diz Willa. – Ela já está com 9 meses. Você tirou leite suficiente para alimentar um orfanato inteiro. Eu vi o freezer, então não tente negar. Ela vai se divertir e você também. Você precisa disso. A primeira vez que saí sem a Emma também foi difícil, mas eu... Winter, confia em mim. Depois dessa noite você vai voltar a se sentir um pouco como antigamente. Não pode fazer tudo sozinha. Vai precisar voltar ao...

Summer a interrompe com um olhar sério e eu quase reviro os olhos. Será que ela acha que não sei o que Willa ia dizer?

Voltar ao trabalho.

Um ano. O hospital em Chestnut Springs me deu um ano de licença-maternidade e o prazo está rapidamente se aproximando do fim. Dia 21 de setembro. Fiz um círculo vermelho neste dia, no calendário.

Queria que alguém tivesse me contado que, depois de ter o bebê, eu não daria a mínima para mais nada. As meninas agem como se eu precisasse de uma noite de folga, mas não é o que eu sinto. Já estou com saudade dela, embora tenha passado as últimas semanas dizendo que só queria algumas

horas sem ninguém encostado em mim.

E não quero voltar a me sentir como antes. Minha antiga versão era zangada, amarga e solitária.

Tudo bem, posso não ser um pequeno raio de sol, mas com certeza evoluí desde que me mudei para Chestnut Springs.

– Vou atrás de umas bebidas pra gente – anuncia Willa, batendo nas coxas cobertas por jeans, e tudo o que consigo fazer é assentir enquanto Garth Brooks soa alto nas caixas de som, e homens com perneiras de couro circulam ao redor.

Podem ser uns bobos, mas só sendo cega para não apreciar o que esse traje faz com a bunda de um homem. Falam tanto de fetiche por homens de terno, mas eu fico me perguntando se já viram um homem de jeans apertado e perneiras.

Terno pra quê?

Summer bate o ombro no meu.

– Obrigada por ter vindo.

Eu retribuo o gesto.

– De nada.

– Rhett e Beau deram muito duro nesse evento. Sei que eles também agradecem por você ter vindo. – Faço apenas um sinal com a cabeça. – Acho que a sua sugestão de encontrar algo que desse um propósito ao Beau ajudou muito. Ele está voltando ao normal. Planejar esse rodeio tem sido divertido para ele.

É verdade. Eu dei essa dica porque já vivenciei uma situação dessas. Um veterano entra em uma nova fase da vida e se sente monumentalmente perdido, como se não houvesse mais nada de importante.

Franzo o nariz e desvio o olhar. Por mais que eu resista à ideia de me afastar de Vivienne, uma pequena parte de mim compreende. O pronto-socorro era empolgante. Todos os dias acontecia algo de novo. Trabalhei muito para chegar lá, para me tornar a melhor médica possível, e agora tinha direcionado todo esse foco para ser a melhor mãe possível.

Sinto falta.

Sinto falta daquela parte de mim.

– Ah. – Summer se anima e se senta mais ereta ao meu lado. – Ali estão eles.

– Eles?

– Rhett e Theo.

Theo.

Meu coração faz uma parada brusca no peito e meus membros se transformam em gelo. Ao mesmo tempo, sinto meu estômago despencar rápido e forte, como se estivesse descendo do ponto mais alto de uma montanha-russa. Só que o carrinho sai dos trilhos e se choca direto no chão.

É assim que me sinto agora.

– Theo?

Minha voz não me trai. Sai perfeitamente tranquila. Perfeitamente indiferente.

– É. Você conhece ele... o pupilo do Rhett. Vocês até tiveram uma discussão feia lá no rancho, num Natal há uns dois anos.

Dou uma risada cínica.

– Eu não costumo brigar com ninguém.

– Não, mas deu pra ouvir de dentro da casa.

Minha irmã caçula me dirige aquele olhar de sabichona, que passei a conhecer bem no último ano e meio. Devo ter sido uma pessoa muito boa em uma vida passada para merecer que Summer deixasse tão prontamente de lado todos os anos de tensão entre nós. E ainda não encontrei as palavras para agradecer-lhe por isso.

Ela esteve ao meu lado durante minha gravidez solo.

Estava na sala de parto, segurando minha mão.

Estava na minha casa, enchendo meu congelador de refeições, quando voltei para casa.

Não sei se a mereço, mas sou egoísta demais para não aproveitar o que ela me oferece.

– Você deve ter se confundido.

Respiro fundo, espiando a multidão antes de dar uma olhada nas minhas unhas. Que ainda não estão feitas, mesmo depois de eu ter jurado que seria uma das primeiras coisas que faria quando entrasse em licença-maternidade.

– Por que ele está aqui? Achei que fosse só um rodeio de cidade pequena, não o tipo chique de circuito que eles fazem.

Summer me cutuca com o cotovelo.

– Você agora mora nesta cidade pequena, lembra?

Eu lembro. E adoro. Na mesma casinha para a qual Sloane me ajudou a

fazer a mudança.

– De qualquer forma, ele veio fazer uma demonstração. Rhett achou que trazer um grande nome ajudaria a atrair mais gente.

Olho em volta e é inegável que o plano funcionou. Está lotado.

– Achei que o Theo não fosse tão bom assim – minto. Já conferi as estatísticas dele.

Summer solta uma risada.

– Ele sempre foi bom... Talvez um pouco propenso a lesões. Mas, no ano passado, ele deu uma virada. Mudou o foco. Agora ele é o melhor, seguindo os passos do pai. Já está se preparando para as finais, em Las Vegas. Parece que esse é o ano dele, sabia?

Franzo os lábios. O que quero dizer é "Que conveniente pra ele". Eu tiro licença-maternidade e ele alavanca a carreira porque se eximiu de qualquer responsabilidade. Não que eu esperasse outra coisa. Mas dói mesmo assim.

Eu não *preciso* dele. Nunca precisei. Mas ele me magoou.

Obrigado por me avisar.

Às vezes, essa frase me acorda no meio da noite. Eu esperava que, embora fôssemos claramente incompatíveis, ele fosse querer participar de alguma forma da criação da filha que geramos.

Afinal, durante a vida inteira vi meu pai mimar uma menininha nascida de um caso. Houve momentos em que o desprezei por isso, mas agora... Agora, eu o respeito pela forma como lidou com Summer... ainda que, ao mesmo tempo, tenha falhado comigo.

– Legal. – É o que respondo.

E não é algo que eu diria normalmente, o que faz Summer me olhar com desconfiança.

– O que...

– Summer! – chama Willa da ponta da arquibancada, carregando três bebidas em cada mão. Acho que todos os anos trabalhando como bartender valeram para alguma coisa.

– Você sabia que tem mimosas na tenda da cerveja?

Minha irmã comprime os lábios e baixa o olhar.

– Talvez eu saiba, sim.

Mimosas são a praia dela, que adora incluí-las nos brunches que costuma fazer com Willa.

– Caramba, às vezes o Rhett é tão romântico... – Willa se senta e estende

os copos de plástico na nossa direção. – Dá uma força aqui.

– Por que seis?

Franzo o nariz enquanto minha mente continua no peão de rodeios babaca e gostoso perto do portão. Devo agir normalmente? Chuto ele nas bolas? Ignoro?

– Não sei, Winter. Você é a médica aqui. Quantas mãos nós temos, no total?

Olho para baixo, como se precisasse de uma representação visual de quantas mãos três seres humanos têm.

Meu Deus. Theo Silva ainda tem aquele talento para me fazer perder a linha de raciocínio. Chego a pensar que seria melhor não beber. Talvez haja alguma ação química entre nós, porque, quando o olho disfarçadamente, tenho um vislumbre de seus dentes brancos e quase dá para *sentir* o som de sua gargalhada quando ele joga a cabeça para trás. Tão despreocupado.

E exibindo seu pomo de adão. Lembro como ele engoliu em seco quando me ajoelhei na sua frente. A cabeça tombada para trás desse jeito quando peguei o pau dele e...

– Winter, para de ser tão estraga-prazeres.

Willa coloca duas bebidas nas minhas mãos, que estavam suadas e fechadas sobre os meus jeans.

Seguro os copos de plástico úmidos e olho para as novas botas nos meus pés. Botinhas de caubói de couro marrom-claro com bico metálico. Porque, aparentemente, se não usar sapatos normais neste evento me tornarei uma espécie de pária.

As botas de couro de cobra de Summer funcionam como um toque discreto junto com a camiseta branca da Federação. Mas Willa adotou o estilo de vida por completo. As botas. Os jeans. O cinto cheio de strass e sua cabeleira acobreada ondulada e penteada como a de uma espécie de Barbie de rodeio.

As duas conversam sobre o evento. A programação de hoje. A última de três noites de rodeio, e de como foi um grande sucesso.

Dou um gole na minha mimosa e me esforço para manter a calma enquanto os eventos se desenrolam. Tambores, laços, uma prova em que criancinhas tentam se manter em cima de ovelhas e todos riem quando elas caem. Summer e Willa dão tapinhas nas minhas costas e tentam me incluir na conversa. Acham que estou preocupada com Vivi, mas tudo o que

consigo pensar é que o pai dela está bem ali.

Já imaginei esse momento um milhão de vezes. O que eu faria. O que eu diria. Oscilei entre odiá-lo e entender sua escolha.

Mas nunca superei o modo como a reação dele não combina com o homem que pensei ter conhecido naquela noite. Claro, ele era rebelde e despreocupado, mas, de alguma forma, parecia muito maduro para sua idade. Ele era gentil.

E rude também.

Engole, Winter. Eu pisco para afastar a memória, sem querer me embrenhar nesse caminho.

– Ah, lá vai o Theo.

Levanto a cabeça depressa e, realmente, o homem que segura o microfone, no meio da arena, está falando sobre Theo. Sobre seu pai, Gabriel, e o legado familiar. Sobre seus feitos e vitórias.

Mas meus olhos estão fixos no próprio, em sua bunda que fica gostosa demais naquela calça jeans.

Posso desprezá-lo e ainda gostar da bunda dele. É perfeitamente aceitável.

– Porra. Ele é gostoso, né? – Willa dá um gole na bebida laranja sem olhar para mim ou para Summer. Então continua: – O que foi? Sou comprometida, não cega.

Minha irmã ri, mas fico completamente rígida. Vazia. Theo sobe no curral, o touro se agitando entre os portões de metal. Mas ele não se abala.

Ignora o resto do mundo.

Seu queixo com barba por fazer se inclina para baixo enquanto sua mão enluvada puxa metodicamente uma corda. Não faço ideia do que está acontecendo. Ele parece estar batendo punheta para aquela corda, e me fascina como aparenta estar tão calmo, apesar do caos ao redor.

– Você está tentando jogar uma praga nele, Win?

Summer me cutuca e eu abro um sorriso fraco, tentando disfarçar a cara horrível que devo fazer ao fitar o homem que todos pensam que odeio.

Que eu *realmente* odeio.

– Não, só estou curiosa. Nunca vi uma montaria em touros ao vivo antes.

– Você assiste muito na TV? – provoca Willa.

Não, no notebook, quase respondo, mas isso poderia deixá-las intrigadas. A verdade é que, enquanto tentava entrar em contato com Theo, às vezes

assistia às provas dele.

– Até parece – respondo, me obrigando a vistoriar a arena.

Mas meus olhos sempre voltam para ele. O capacete não esconde o olhar de concentração em seu rosto. A maneira como sua língua passa pelos lábios enquanto ele se posiciona no touro.

Com um aceno rápido, o portão é aberto e o touro explode na arena, com a cabeça abaixada e as patas traseiras subindo tão alto que quase parecem tocar o sol. Meu coração bate forte o bastante para sacudir minhas costelas enquanto a multidão ao redor vibra.

Por um breve momento, torço para que ele caia. Torço para que não chegue aos oito segundos. É mesquinho e escroto, mas sinto rancor por ele ter desistido de mim com tanta facilidade. Por ter desistido dela.

Mas também não gosto muito de pensar no pai da minha filha como um perdedor. Pelo menos um dia poderei contar a ela que ele monta um touro excepcionalmente bem. E isso já é alguma coisa, mesmo que não compense sua ausência na vida dela.

Theo endireita os ombros largos, a mão erguida. Parece em completo controle, ou melhor, tão no controle quanto se pode estar sobre um animal de 500 quilos que não quer nada além de derrubá-lo no chão, imagino eu.

E ele de fato derruba Theo no chão.

Ao baixar um ombro e dar uma virada brusca, o touro lança o corpo de Theo em direção ao chão como um dardo.

Eu arquejo, mas todos ao nosso redor também. E, quando o touro se afasta, pisando no ombro de Theo no processo, há um coro de "Uuuh", mas já estou em movimento antes mesmo de ter tempo de proferir um som.

Passo correndo pelas pessoas na arquibancada, indo em direção à cerca da arena. A culpa borbulha no meu estômago, como se eu tivesse desejado que isso acontecesse com ele. Que tipo de médica eu sou, caramba?

Uma médica amargurada.

Ignoro meus pensamentos e passo pela cerca. O palhaço do rodeio atrai o touro para a saída, e me passa pela cabeça que Vivienne pode ficar órfã se aquele touro resolver dar meia-volta.

Mas coloco todo o meu treinamento de emergência em prática, e sigo em frente de qualquer jeito. Caubóis cercam o corpo de Theo, inclusive Rhett, que parece aflito.

– Afastem-se.

Eu empurro um homem da minha frente e adentro o círculo de pessoas ao redor de Theo. Caio de joelhos ao lado da cabeça dele, observando seu corpo inerte. Seguro as laterais do capacete, mantendo-o firme até que os paramédicos cheguem. Eu me inclino sobre ele e vejo seu peito subindo e descendo, mas preciso ouvir sua respiração... preciso de mais sinais vitais.

O leve sopro de ar atinge minha bochecha ao mesmo tempo que seu perfume cítrico e almiscarado atinge meu nariz.

As pessoas estão perto demais. Rondando. Pressionando.

– Afastem-se! – grito com firmeza.

– Está tudo bem, ela é médica. – Ouço Rhett dizer atrás de mim. – Todo mundo dê um passo para trás.

A pressão dos corpos ao nosso redor diminui. Ouço soluços femininos baixinhos e tenho a impressão de sentir a vibração da ansiedade. Quando olho para trás, uma garota vestida com roupas de rodeio está com a maquiagem escorrendo pelo rosto.

Ela está chorando.

E todos os porquês disso passam pela minha cabeça. Tenho que me lembrar de que eu fui uma diversão de uma noite. Foi o que eu pedi, e ele provavelmente encontrou alguém que queria mais do que isso.

Olho para Theo e sou atingida por uma pontada de tristeza. Não por mim, mas por... tudo o que perdemos. Depois de dezoito meses separados, ele está tão bonito quanto eu lembrava. Talvez até mais.

E puta que pariu, a Vivienne é a cara dele. É quase assustador. Não sei como ainda não fizeram essa conexão. Ninguém precisa ter cursado medicina para ver que os dois são idênticos.

Não consigo me impedir de passar a ponta do meu dedo anelar, sem aliança, na pele nua do pescoço dele. Bronzeada e quente.

E, uma vez que começo, não paro.

– Por favor, fique bem – murmuro baixinho.

Então os olhos dele se abrem, longos cílios escuros piscam, revelando aqueles olhos pretos como ônix. Demora um minuto para ele focar em mim, e então um pequeno sorriso confuso surge em seus lábios.

– Olá, Sininho.

9

Theo

Eu arfo quando passamos por um buraco na estrada. Não é tão ruim quanto a estrada de terra que leva ao local do rodeio, mas também não é ideal.

Outra coisa que não é ideal é a loirinha quieta no canto da ambulância. Com a cabeça amarrada na maca desse jeito, nem consigo me virar para olhá-la devidamente. Se não doesse tanto rir, eu faria isso agora.

Sabia que a veria de novo em algum momento, mas não era bem assim que eu tinha imaginado.

Pelo canto do olho, observo que ela fita uma mão enquanto o braço oposto envolve a própria barriga.

O que me despertou foi sua voz dura mandando todo mundo se afastar, e a sensação de sua carícia em meu pescoço. Antes mesmo de abrir os olhos, eu sabia que era ela. Mais de um ano se passou, mas ainda me lembro de suas mãos em mim. De como ela se contorceu sob as minhas, toda molhada.

Nós nos divertimos. *Muito*.

– Por que você está me ignorando? – pergunto.

A simples vibração da minha voz no peito me faz sentir ondas de dor na clavícula. Sei que está quebrada, porque está despontando da pele. Desmaiei pela segunda vez quando toquei nela com os dedos.

Winter inclina a cabeça e me lança um olhar completamente desinteressado.

– Você só pode estar brincando.

– Olha, eu sei que você disse pra gente manter segredo, mas estamos só

nós dois aqui, então pode parar de fingir que não foi o melhor sexo da sua vida. Quantas vezes eu te fiz...

– Theo. Cala a boca – dispara ela, mas não em seu tom habitual de Sininho. Há algo mais, algo que não consigo identificar.

Dor.

E isso me cala.

Os minutos de silêncio se estendem entre nós. O som da estrada sob os pneus da ambulância e o leve chacoalhar das gavetas no fundo são nossas únicas companhias.

A ansiedade substitui o incômodo como meu sentimento principal. Há um peso desconhecido. Eu não esperava revê-la, e com certeza não esperava esse tratamento tão frio... mesmo se tratando dela.

– Quantas concussões você já teve, Theo?

A voz dela está sem emoção, mas confiante. Muito profissional. Eu suspiro.

– Muitas.

– Quantas são muitas?

– Estamos falando de diagnosticadas ou de prováveis?

Ela vira a cabeça bruscamente.

– Meu Deus.

– Na última vez que tive uma, me disseram para não ter mais.

– Há quanto tempo foi isso?

– Provavelmente umas três concussões atrás.

Ela encosta a cabeça no assento.

– Você só pode estar brincando.

– Não estou brincando, só tentando aliviar o golpe. Sem trocadilhos.

Vejo que ela balança a cabeça, mas não diz nada. Eu estou, sim, brincando um pouquinho. Isso me ajuda a não cair em desespero por ver a temporada mais épica da minha carreira escorrer pelo ralo diante dos meus olhos. Todo o meu esforço e sacrifício foram por água abaixo porque fiz um favor a um amigo e aceitei me apresentar no rodeio de uma cidade pequena, montando um touro "fácil".

Que estupidez colossal. Assim como muitas das decisões que já tomei na vida.

– Quando comecei, não suportava usar capacete.

– Ah, sim, lesões cerebrais são bem mais legais – ironiza ela, a mandíbula

tensionada.

– Você já viu aquele episódio de *Grey's Anatomy* em que o McDreamy morre?

Ela me lança um olhar duro, como se estivesse repreendendo uma criança. Mas, de alguma forma, um pouco mais leve.

Eu aceito. Adoro ver essa mulher se derreter.

– Você está me dizendo que assiste *Grey's Anatomy*?

– Todos os episódios de todas as dezoito temporadas.

Ela parece confusa.

– Por quê?

Faço menção de dar de ombros e me arrependo no mesmo instante.

– Minha mãe adora. Quando eu era mais novo e morava com ela, nós víamos juntos toda quinta-feira. Hoje em dia, vejo sozinho e depois ligo para comentar o episódio com ela. É por isso que ainda tenho TV a cabo.

– Com que frequência? – Winter está com os olhos comicamente arregalados.

– Toda semana. Quer dizer, enquanto a temporada está no ar.

Ela me fita como se eu fosse uma espécie de animal exótico no zoológico.

– Isso é...

– Vai dizer que é *estranho*? Não se dê ao trabalho. Nem ligo. Nunca achei tão estranho assim. Claro, os caras sempre riram da minha cara por causa disso, mas não me importo. Ela é minha mãe. Parece o mínimo que posso fazer por ela.

Winter se sobressalta antes de baixar os olhos para o colo. Sua voz sai baixa quando diz:

– Eu não ia dizer que era *estranho*.

– Você vai garantir que façam uma tomografia, para que aquilo não aconteça, certo?

Ela levanta a cabeça depressa.

– O quê?

– Lembra? Estávamos falando sobre o episódio em que o Derek morre. Tem certeza que a concussão é em mim?

– Eu não sou a Meredith. E você com certeza não é o McDreamy.

– Eles se casaram com um Post-it.

Winter franze as sobrancelhas.

– E daí?

– E nós fizemos um contrato sexual em um porta-copos. O que era mesmo? *Apenas uma noite. Nunca contar para ninguém...*

Eu não preciso perguntar. Sei o que está escrito naquele porta-copos, e quero ver se ela também lembra.

A ambulância para e Winter me encara, sem qualquer vestígio de sorriso. Completamente impassível e fria, sem nenhuma emoção.

– Isso não tem graça, Theo.

– Eu não estava fazendo piada...

– Certo, chegamos – anuncia o paramédico enquanto abre as portas bruscamente.

Vejo na frente do hospital o reflexo das luzes vermelhas piscando.

E a silhueta de Winter saindo da ambulância, fugindo de mim o mais rápido possível.



Abro os olhos e absorvo a luz do quarto hospitalar em que estou. Iluminação suave. Um bipe constante. Boca seca.

– Você deve adorar vir passar um tempo no hospital – comenta Rhett, ao meu lado.

Fecho os olhos de novo para me situar, e por fim resmungo:

– Espero que seu rodeio idiota tenha sido um grande sucesso, seu babaca. Cadê meu cachorro? Uma das garotas estava cuidando dele.

O som de Rhett se remexendo na cadeira de vinil se junta ao coro de bipes.

– Não se preocupe, Summer está cuidando dele como se fosse uma criança, considerando que acabou de me mandar uma foto dele na nossa cama com ela. E não foi culpa minha você ter baixado o ombro daquele jeito, feito um novato. Direto para o chão.

Abro os olhos apenas para lançar um olhar mortal a ele.

– Muito engraçado. A melhor temporada da minha vida foi por água abaixo porque te fiz um favor e você ainda vem me dizer o que fiz de errado. Na próxima vez, monte você o maldito touro. Você que é a atração mais esperada, mesmo...

Rhett comprime os lábios e cruza os braços.

– As pessoas estavam lá para ver você, Theo. Não se iluda.

Desvio o olhar, notando que qualquer remédio que tenham me dado depois da cirurgia está funcionando muito bem, porque não sinto dor.

– Estavam lá para me ver porque sou o filho do Gabriel Silva e seu pupilo. Não por mérito meu.

Rhett estreita os olhos cor de âmbar, suas mãos unidas sob o queixo.

– Isso não é verdade.

– Não tente enrolar um enrolador, Eaton. Fala aí: qual é minha fama na federação?

Os lábios dele se curvam.

– De pegador.

Engulo a frustração e me concentro no teto. Odeio isso profundamente.

– Theo, você vai quebrar um dente se ficar travando o queixo assim. Todo mundo te conhece porque você está tendo um dos desempenhos mais impressionantes que já se viu em qualquer temporada. Uma sequência melhor que a do seu pai ou a minha. Com toda a certeza.

– E agora foi tudo pelo ralo.

– Não seja pessimista. Isso não combina com você.

– Tenho o direito de reclamar um pouco, Rhett. Já vi você remoer várias merdas também. Lembro de como ficou irritado quando foi obrigado a aceitar Summer como sua babá. Isso aqui é dez vezes pior. Não preciso estar *sempre* de bom humor.

– Você vai voltar ainda nesta temporada. Está com uma vantagem boa o suficiente para isso. Vamos garantir que você...

Uma voz num tom ligeiramente alto soa do corredor, através da porta aberta.

– Você não examinou a cabeça dele?

Outra voz, mais grave, responde:

– Ele estava perfeitamente alerta. Rindo. Brincando. Estou indo vê-lo neste momento. Ele já está acordado.

– Você não viu o episódio de *Grey's Anatomy* em que o Derek Shepherd morre? Bastava uma simples tomografia para examinar o cérebro de um homem que já tinha tido múltiplas lesões na cabeça...

– Winter, relaxa.

Rhett arregala os olhos.

– Se eu não a conhecesse tão bem, diria que Winter Hamilton gosta de você. Está tocando o terror lá fora, conferindo seus prontuários e exigindo atualizações.

Estou prestes a responder, mas um homem baixo de cabelos grisalhos entra no quarto e para perto da minha cama, os óculos na ponta do nariz, enquanto olha para uma prancheta.

– Sr. Silva, sou o Dr. Forrester. Bom ver que está acordado. Correu tudo bem na cirurgia...

Winter entra logo atrás dele, fazendo sua melhor imitação de fada Sininho mal-humorada, e não consigo reprimir um sorriso.

– Como está sua cabeça?

– Winter – repreende o médico mais velho.

Isso me irrita. Ele se apresenta como *doutor* mas chama Winter pelo primeiro nome.

– Dra. Hamilton – corrijo, num tom cortante.

O homem me encara, inclinando a cabeça.

– Sim? O que tem ela?

– O senhor a chama de Winter, mas ela trabalha aqui, certo? É a Dra. Hamilton, não é?

Um silêncio constrangedor preenche o espaço. Três pares de olhos se fixam em mim. Rhett está rindo. Dr. Forrester está surpreso. E Winter está confusa.

O homem pigarreia e me dirige um sorriso forçado.

– Está certo. É isso mesmo. A Dra. Hamilton está preocupada com um traumatismo craniano, mas garanti a ela que o senhor, no máximo, sofreu uma concussão. Foi salvo pelo capacete.

– Eu mesma vou levá-lo para a tomografia, então.

O outro médico solta um suspiro exasperado, e Rhett mal consegue conter o riso.

Tenho que admitir que não estou entendendo muito bem por que Winter se importa tanto com isso, mas não me incomodo. Se ela quer brincar de médica, eu serei o paciente.

– Acho que a Dra. Hamilton está certa – opino, olhando diretamente para ela, embora esteja falando com o outro médico. – Gostaria de fazer uma tomografia, só para garantir. Eu odiaria acabar como o McDreamy.

Winter comprime os lábios e desvia o olhar. Tenho quase certeza de que

esse é o jeito dela de segurar uma risada.

– Mas, antes disso, como foi a cirurgia? – pergunto. – Tudo bem? Quando posso voltar à ativa?

– A cirurgia foi um sucesso. O senhor agora dispõe de um conjunto novíssimo de parafusos acompanhando a placa na sua clavícula direita. Mesmo assim vai precisar de fisioterapia. Acho que estará de volta às suas atividades normais em uns três meses. É jovem e está em forma. Só teremos que ver como esses ossos se recuperam. Pode ser mais rápido, mas não posso recomendar que volte a montar em um touro.

Winter bufa e revira os olhos, o quadril inclinado e o pé batendo no chão polido.

– Algo a acrescentar, *Dra. Hamilton*? – Ele a chama do jeito certo desta vez, mas seu tom quase piora a situação.

– Tenho, sim. – Ela estreita os olhos e não recua. – O trabalho dele é montar touros. Dizer para não voltar a montar não ajuda em nada. Precisamos elaborar um programa de reabilitação que se adapte a ele como atleta.

– Excelente ideia, Dra. Hamilton. Adoro o seu entusiasmo juvenil. – Ele sorri e guarda a caneta no topo da prancheta. – Se está se importando tanto com o plano de reabilitação dele, convido-a a voltar da sua licença-maternidade e assumir o caso.

Licença-maternidade?

Winter empalidece e suas bochechas perdem o rubor de raiva bem diante dos meus olhos. Ela morde o lábio e assente, evitando meu olhar de uma maneira tão artificial que me faz encará-la mais ainda.

– Talvez eu faça isso – diz ela com frieza.

Então gira nos calcanhares e sai do quarto.

A decepção me consome, porque não a esqueci desde aquela noite. E claramente disfarcei muito bem, porque Rhett nunca tocou no assunto. Nem falou nela. Mas eu não liguei. Pensei que, quando as coisas se acalmassem para nós dois, eu voltaria e a perturbaria até que ela aceitasse me dar mais do que uma noite. Talvez uma chance de algo mais. Achei que, se organizasse melhor minha vida, mereceria essa chance.

Está na cara que perdi essa chance. Era o que ela queria. E eu deveria estar feliz por ela.

Mas, diante de tudo o que aconteceu hoje, não me sinto nada feliz.

10

Winter

Um latido estridente me acorda depois do que parece ser apenas uma hora de sono.

Au. Au. Au.

Eu me pergunto se o juramento que fiz para proteger vidas se estende a cães, porque, depois de dois dias passando pelo inferno da primeira dentição, estou pronta para matar alguém. Um cachorro é apenas um alvo fácil.

Seria de se pensar que, depois de anos de residência e de madrugadas estudando, eu estaria preparada para essa fase da minha vida. Mas essa é a maior exaustão que já senti.

Sou um saco de leite ambulante e a única fonte de conforto para o ser humano mais precioso que já conheci. Achei que tudo que eu precisava era passar uma noite longe dela, mas, em vez disso, o rodeio foi um desastre, e eu senti tanta saudade que até doeu.

Au. Au. Au.

Jogo um braço sobre o rosto e resmungo, mas me calo quando lembro que cedi e deixei Vivienne dormir na cama comigo na noite passada. Sei o que os livros de bebê dizem. Conheço os métodos. Conheço as *regras*.

Mas ninguém te conta como você vai ficar cansada, completamente exausta. Deixei de me importar tanto com a independência dela. Só quero dormir. E se para isso ela tiver que se aconchegar no meu braço, que seja. Fodam-se todos aqueles conselhos. Sou médica. Pergunte-me como a

exaustão afeta o corpo.

Au. Au. Au.

Eu me viro e dou uma espiada na pessoinha adormecida ao meu lado. Ela é tão linda que meu peito dói. O narizinho arrebitado parece que recebeu iluminador na ponta. Bochechas rechonchudas, macias e rosadas, mesmo dormindo. Pele perfeita. Por que a pele perfeita é desperdiçada em bebês? Parece injusto. Eu teria aceitado ter rugas quando bebê, se pudesse ter essa pele lisa e macia agora.

Mas são os cílios dela que mais me encantam. Parecidos com os do pai. Grossos, escuros e longos. Quase como aquelas bonecas de pálpebras que abrem e fecham.

Só que bem menos assustadora.

Au. Au. Au.

O cabelo preto e liso balança quando ela se agita, e a frustração cresce dentro de mim. Juro que, se ela for acordada por algum cachorro maldito agora que *finalmente* dormiu, eu vou perder a cabeça.

Saio da cama da forma mais suave possível, fazendo minha melhor imitação de ninja para meu peso não fazer o colchão se mexer. Agradeço a Deus pela espuma viscoelástica. Assim que saio da cama, aumento o som da máquina de ruído branco no criado-mudo e faço uma pequena oração para não acordá-la ao sair do quarto.

Este bangalô é cheio de charme. E, quando digo charme, estou me referindo a pisos que rangem, mas acho que já memorizei a maior parte das tábuas soltas. Dou voltas e contornos, combino passos longos com outros mais curtos, e, quando alcanço a maçaneta de cristal da porta, faço outra oração para que ela não faça barulho.

Sei que as dobradiças precisam de lubrificação ou algo assim, mas nunca lembro. Ou estou cansada demais para me importar quando tenho tempo para pensar no assunto.

Essa é minha nova realidade.

Au. Au. Au.

Mas um cachorro barulhento na minha vizinhança *não* faz parte dessa realidade. Eu me recuso a aceitar isso, então pego o roupão de algodão pendurado na porta do banheiro e o amarro na cintura. Com os ombros erguidos, saio marchando pela porta, mas paro bruscamente para evitar que a porta de tela bata com força atrás de mim.

– Mas que merda é essa que está...

Paro quando meus olhos pousam na cerca branca que separa minha propriedade da casa ao lado. Três homens sem camisa estão tirando móveis de um caminhão de mudanças.

Penso em minha situação no momento: descalça sobre tábuas de madeira quente, o calor já queimando a parte inferior do meu corpo.

Que horas são?

O sol forte no céu indica que deve ser muito mais tarde do que eu imaginava.

Au. Au. Au.

– Bom dia, Win!

Viro a cabeça bruscamente e estreito os olhos, percebendo que é Rhett, com o cabelo preso em um coque estranho. Olho para o rapaz ao seu lado, reconhecendo Beau, com seu cabelo cortado rente, e então...

Ele.

Faz sete dias desde a última vez que vi Theo Silva no hospital. Não sei quanto tempo ele ficou lá, ou se ele fez a tomografia que eu pedi à minha enfermeira favorita antes de ir embora. Não sei por onde ele andou, e muito menos o que está fazendo aqui. Sem camisa e gato desse jeito.

É irritante que eu tenha que lembrar ao meu cérebro que, embora ele seja gostoso, também é um babaca.

Obrigado por me avisar.

Essa é a frase que resolve tudo.

– Oi, Sininho – diz ele, com um sorriso malicioso.

E como ele ousa sorrir para mim desse jeito, depois de tudo? Depois de me engravidar, desaparecer, e aí voltar para a cidade e ficar me comendo com os olhos dessa forma?

Vai se foder.

– Mal posso esperar para ser seu novo vizinho.

Fico de queixo caído e quase solto uma gargalhada. Que tipo de piada cruel é essa? Ele está planejando morar ao lado de Vivienne e fingir que ela não é filha dele?

– Só por cima do meu cadáver.

Cruzo os braços e o olhar dele desce dos meus lábios para onde meu roupão provavelmente está aberto sobre a camiseta fina que estou usando por baixo.

– Winter, já é quase meio-dia. Você só acordou agora? – pergunta Beau, com uma pitada de deboche.

Eu me viro, analisando seu corpo musculoso, e depois o de Rhett, que é mais magro. Theo está em algum ponto entre os dois. Fico me sentindo como a Cachinhos Dourados, escolhendo o tipo certo. Musculoso demais, cabeludo demais, e então Theo.

Mesmo com um braço musculoso em uma tipoia azul-marinho, ele está lindo. E eu odeio meu cérebro por praticamente suspirar e dizer "perfeito".

Um chihuahua marrom-claro com focinho grisalho corre em círculos idiotas ao redor dos tênis de Theo. Por um momento, me identifico profundamente com aquele animal.

– Winter? – A voz de Theo soa mais suave, um pouco mais gentil que a dos outros dois. – Você está bem?

Eu o encaro de olhos arregalados.

– Bem? – A descrença permeia minha voz. – Não, Theo. Não estou bem. Esse cachorro não para de latir, e você não tem permissão para morar do meu lado.

Os outros homens riem e voltam a descarregar o caminhão, mas os lábios perfeitamente desenhados de Theo se curvam enquanto ele inclina a cabeça, revelando a cicatriz ao longo da clavícula.

– Ah, é? Vou verificar as leis locais. Procurar a regra que diz que não posso morar do seu lado. Devo ter pulado essa parte. E o Peter... – Ele aponta para o cão, que tem uma testa desproporcional, uma língua pendurada para fora, e parece ter catarata, o que explica por que está olhando para Theo como se ele fosse a coisa mais maravilhosa do mundo. – Ele é surdo e está ficando meio cego. Só está estressado. Vai se acalmar quando arrumarmos todas as nossas coisas e isso começar a parecer um lar. Ele não é muito de latir.

A náusea revira meu estômago enquanto me pergunto qual é a dele.

– Theo. – Minha voz falha. – Por que você está fazendo isso?

Os três homens me encaram por causa da mudança no tom da minha voz, e percebo que este não é o lugar para ter essa conversa.

Theo franze a testa.

– Jasper me ofereceu essa casa. Fica perto da academia. Vou treinar lá enquanto me recupero. Com sorte, volto ao circuito antes do outono. Não vou ficar aqui por muito tempo.

A faca no meu estômago se crava ainda mais fundo.

– Você está de sacanagem comigo?

Minha voz sai sem fôlego, fraca. Eu fico *chocada*, e Theo, desolado, totalmente confuso com minha reação.

– Winter, supera. Você mal conhece o cara! – exclama Beau, os músculos se retesando enquanto carrega uma poltrona até a porta da frente. – Não precisa ser amiga dele.

Eu quero pegar uma pedra e atirar na cabeça de soldadinho do Beau. *Amigos*. Fala sério. Somos muito mais que amigos. E ninguém sabe disso além de nós. Quando me separei de Rob, só me sobraram resquícios de dignidade, e admitir a qualquer pessoa que Theo também não me quis causaria mais dor do que eu estava preparada para suportar.

Então, disse a todos que tive um encontro casual e não lembrava quem era o cara.

O problema é que eu me lembro daquela noite em detalhes vívidos. E isso me assombra.

Balanço a cabeça para Theo, pela primeira vez sentindo que posso realmente odiá-lo. Lágrimas enchem meus olhos, sinalizando que devo dar o fora imediatamente.

Theo se aproxima da cerca, parecendo preocupado. Ele levanta o braço bom, como se fosse me impedir. Como se houvesse algo que quisesse dizer.

Mas eu não quero ouvir nada do que ele tem a dizer. E não quero desmoronar aqui, na frente dos outros caras.

Então, eu me viro e digo, olhando para trás:

– Faz esse cachorro calar a boca, Theo. Se ele acordar a *minha* bebê, eu te castro.

Então, bato a porta com força na cara deles, frustrada.

Então, ouço o choro assustado de Vivienne.

Então, desabo no chão e choro também.

11

Theo

– É difícil acreditar que a Summer é uma pessoa tão legal, quando a irmã dela saiu *daquele jeito*.

Beau balança a cabeça enquanto desce os degraus da frente com as mãos vazias.

– Winter é uma boa pessoa.

A frase sai mais dura do que eu pretendia, mais do que seria apropriado para a situação. Mas acho que me sinto protetor em relação a essa mulher desde a primeira vez que a vi.

Naquela época, eu não sabia que ela precisava desesperadamente de alguém que a protegesse. Que ninguém *nunca* havia feito isso por ela. Que ela vinha se defendendo sozinha desde muito cedo, desde bem antes do que deveria.

Beau bufa.

– Com esse humor dela, me surpreende que tenha encontrado alguém disposto a ter um filho com ela...

– Beau, cala a boca – interrompe Rhett. – Ela te ajudou muito, é da família. Se vamos falar sobre o humor dela, também podemos falar do seu, que tal?

Os irmãos se encaram no quintal da casa que vou alugar pelos próximos meses. Meu peito vibra de tensão, em parte porque, se esses dois resolverem perder as estribeiras, eu é que não vou tentar separar. Não sou tão maluco.

Mesmo assim, só fico mais tenso quando me concentro na parte do

disposto a ter um filho com ela. Não sei quantos meses o bebê tem, e não sei exatamente quanto tempo esse processo leva, além dos nove meses, mas, de repente, quero muito pegar um calendário e dar uma olhada.

Beau o encara, mas não diz nada. Desde que desapareceu em uma missão no exterior, ele não é mais o mesmo. Está curado fisicamente, mas está diferente. Mais sombrio.

– Vou dar uma volta – murmura ele, desviando os olhos do irmão, os ombros caídos ao passar por nós e sair pelo portão branco.

Rhett apoia as mãos nos quadris e solta um longo suspiro.

– Eu odeio quando essa versão dele aparece.

– É.

Isso é tudo o que consigo responder, porque, bem, não sei mais o que dizer.

Embora eu não conheça Beau muito bem, conheço o suficiente da família Eaton para saber que Harvey daria um bom sermão nele por desrespeitar Winter.

– Está melhorando, mas de vez em quando me dá vontade de socá-lo. Parece que o fato de Winter tê-lo ajudado tanto com o tratamento, quando ele voltou para casa, por algum motivo o deixou irritado.

– O que ela fez?

– Não sei. Arranjou uns médicos para ajudá-lo com as cicatrizes. Tenho certeza de que ela disse que Beau precisava de terapia, mas falou isso daquele jeito dela, então pegou meio mal. Ele é um péssimo paciente, sempre foi. Mas também não conversa com ninguém... O que também não é novidade.

Penso em como me senti ao passar de alguém saudável para alguém ferido, e consigo entender. Assistir a esses dois descarregarem o caminhão enquanto eu pego as coisas mais leves com uma mão não me faz sentir exatamente útil.

– Quanto mais eu o vejo hoje em dia, mais percebo que, mesmo quando ele estava em casa, na verdade não estava. A cabeça dele estava sempre em alguma missão. Ele se mostrava todo animado, mas não consigo deixar de me perguntar se era só fachada, entende?

Rhett olha para a calçada, onde a silhueta de Beau já virou a esquina e entrou na rua principal de Chestnut Springs. Tenho uma grande suspeita de que ele não vai voltar por um tempo.

– Certo, bem... Vou fazer o possível para ajudar com o resto.

Meu amigo dá de ombros e olha para o caminhão.

– Não tem problema. Posso ligar para Summer, ver se ela consegue vir me ajudar a carregar os móveis mais pesados. Vamos apenas cuidar do resto.

Não consigo conter um sorriso. Ele e Summer combinam muito.

– Você acha que ela consegue levantar mais peso que você?

Rhett abre um sorriso.

– Eu não acho. Eu *sei*.

Com uma risada, pego Peter no colo, porque, assim que eu começar a andar, ele vai latir para os meus pés. Há uma lavanderia no porão, e vou arrumar a caminha dele lá, além de comida e água. Só espero que as paredes de concreto abafem os latidos irritados dele por ser deixado sozinho.

Acaricio o topo da cabeça dele.

– Fique quieto, está bem? Não podemos fazer as vizinhas chorarem, entendeu? Não é muito cavalheiresco.

Ele treme em resposta. Como os chihuahuas fazem. Ou, pelo menos, foi o que aprendi quando o levei correndo a um veterinário porque ele ficava tremendo o tempo todo.

Depois, volto aos meus pertences no caminhão. Não é muita coisa, porque nunca me estabeleci de verdade em lugar nenhum. Nos últimos quatro anos, passei a maior parte do tempo na estrada. Passo alguns dias aqui e ali com minha mãe, na casa dela em Emerald Lake, mas, na maioria das vezes, fico no pequeno apartamento alugado na cidade. É praticamente um depósito, e não é muito bem equipado, mas eu não precisava de mais que isso.

E a ideia de morar lá por alguns meses enquanto me recupero pareceu deprimente. Então aqui estou, sendo engolido pela família Eaton. Nem sei mais quem deu essa ideia. Summer, para eu poder fazer a reabilitação na academia dela? Harvey, que disse que eu não deveria ficar sozinho? Sloane, que indicaria a casa perfeita?

Não sei quem foi, mas não fiquei nem um pouco triste.

Só não sabia que Winter seria minha vizinha.

Assim que colocamos as quatro cadeiras ao redor da mesa quadrada na sala de jantar, finalmente pergunto:

– E aí, qual é o lance com a Winter?

Rhett passa a mão pela testa.

– Como assim?

– Não sei. Ela está morando aqui agora. E tem um bebê? Ela...

Ele solta uma risada.

– Não fique em cima dela, como fez naquele Natal. Ela já tem problemas demais, não precisa de você se insinuando igual àquele seu cachorrinho que sarra em tudo.

Franzo o cenho.

– Peter não fica sarrando em tudo.

– Por que seu cachorro tem nome de humano? Soa muito mais estranho quando imagino um contador, ou algo do tipo, sarrando nas coisas. Além disso, Summer me mandou um vídeo dele se esfregando no meu travesseiro, quando ficamos cuidando dele.

– Mas isso não é sarrar em tudo, é só no seu travesseiro. Para de julgar.

Rhett dá uma risada alta.

– Você sabia que às vezes esse cachorro tem ereções involuntárias? Tipo, ele está lá sentado e, de repente, fica com o foguetinho vermelho de fora.

– Você ficaria na mesma situação se não pudesse usar calças.

– Claro que você ia arranjar o cachorro mais tarado do mundo.

Solto uma risada.

– Ele não é tarado. São ereções por estresse.

– Que porra é uma ereção por estresse?

Esfrego o queixo, tentando me controlar para não cair na gargalhada. Peter merece ser defendido.

– É que, quando ele fica nervoso, ou empolgado, ou agitado demais... acontece.

Rhett sacode os ombros de tanto rir enquanto cruza os braços e se apoia na parede.

– Theo, são as mesmas emoções que provocam uma ereção normal.

– É diferente. – Desvio o olhar, mordendo o interior da bochecha para segurar o sorriso. – Para de implicar com o Peter.

– E Peter não é gíria para pênis?

– O quê? Bom, de qualquer jeito o nome completo dele é Peter Pan.

– Peter é... – Ele gesticula, me dispensando. – Quer saber, deixa pra lá. A moral da história é a seguinte: mantenha suas ereções por estresse longe da Winter.

– Por quê?

– Porque ela já tem trabalho suficiente com a Vivi. Não precisa que você crie mais problemas.

– Ela tem alguém para ajudar em casa?

– Esse é o seu jeito de perguntar se ela está solteira?

– Meu Deus, Rhett. Me dá um voto de confiança.

– Certo. – Ele sorri. – Sempre esqueço que você se tornou um monge. Mas não, ela não tem ajuda. Está sozinha. E aquela mulher é uma ilha, então, se você encontrar uma maneira de ajudá-la que não envolva seu pênis, será ótimo. Use a mangueira apenas para regar o jardim dela ou coisa parecida, está bem?

Não consigo evitar. Levanto as sobrancelhas sugestivamente.

– Pelo amor de Deus. – Ele revira os olhos.

– O quê? Você acabou de me dar a deixa perfeita para uma piada. Só um otário não aproveitaria a oportunidade.

Ele balança a cabeça, mas está sorrindo. Sei que se sente culpado pela minha lesão e está aqui exagerando no papel de mentor para compensar.

– Então... mas quem é o pai? – insisto.

Rhett estreita os olhos.

– Por quê?

– Só quero saber no que vou me meter, quando for usar a mangueira no gramado. Se tiver um cara rondando, devo me preocupar?

Rhett solta uma risada.

– Não faço ideia, cara. Como eu disse, ela é uma ilha. Aquela menininha tem nove meses e ninguém sabe quem é o pai. Ela não contou a ninguém. Diz que estava bêbada e não lembra.

E, nesse exato momento, todas as piadas perdem a graça e sinto que me deram um soco na boca do estômago.

Eu realmente preciso dar uma olhada no calendário.

Consegui manter o sorriso no rosto perto de Rhett enquanto ele e Summer terminavam de me ajudar com a mudança, mas até eles repararam que era forçado.

Quando Rhett me perguntou se eu estava com dor, respondi que sim, mas não era a da clavícula quebrada ou do meu corpo machucado. Era um nó que apertava meu estômago.

Não saí deste lugar no sofá desde que os dois foram embora. A primeira coisa que fiz foi abrir o calendário do meu celular. Peter está encolhido no meu colo, onde gosta de ficar, roncando como se pesasse bem mais que quatro quilos.

Não pegue pesado com ela. Ela anda muito cansada. Está fazendo o melhor que pode. Precisa de todo apoio possível, querendo ou não.

Os comentários de Summer sobre a situação da irmã não fizeram eu me sentir melhor. Na verdade, me deixaram meio nauseado.

Porque eu tenho um pressentimento. Um palpite.

E não quero estar certo. Porque, se eu estiver...

Meu Deus. Se eu estiver certo, realmente estraguei tudo.

Um trovão alto me assusta, mas Peter continua roncando, surdo o suficiente para não perceber. Alheio e feliz.

Merda.

É assim que eu tenho estado?

Levanto o cachorrinho do meu colo e o acomodo no canto do sofá, cobrindo-o com um cobertor macio, de modo que apenas sua cabecinha e seu olhar irritado fiquem visíveis. A ponta da língua está para fora, no grande espaço que ficou entre seus dentes depois que precisei remover os podres. Pelos grisalhos pontilham seu focinho.

– Eu já volto. Não me olha assim.

Ele faz um sonzinho de resmungo e fecha os olhos como sinal de desprezo. Então, arrasto os pés pesados pelo chão, dividido entre o medo de ir à casa ao lado e um sentimento que me puxa de forma irresistível.

Eu preciso ir até lá. Eu preciso saber.

Depois de enfiar os pés em um par de chinelos, abro a porta e saio na tempestade. Trovões ecoam à distância, e, alguns segundos depois, o céu se ilumina. No verão, fica claro até tarde nas planícies, mas as nuvens de tempestade lançaram uma escuridão sinistra sobre a rua arborizada. Minha camiseta e o jeans ficam encharcados em segundos enquanto eu caminho pela calçada estreita e curta além do portão. Eu me viro e faço o caminho inverso até a casa branca ao lado da minha casa azul. As quatro casas enfileiradas têm o mesmo formato, mas a atenção de Sloane aos detalhes, ao

renová-las, torna cada uma única.

Eu subo os degraus da frente, olhando para meus pés, e o sentimento de pavor no meu peito se expande até que fica difícil respirar. Levanto a mão e estendo um dedo para apertar a campainha, mas hesito quando penso em como Winter parecia exausta. Mais cedo ela se irritou com o barulho, então pondero se tocar a campainha é a melhor opção.

A verdade é que eu não sei o que fazer.

Então, me sento no degrau da entrada de sua casa, apoio a cabeça nas mãos e espero.

12

Winter

Winter: Por que Theo Silva está se mudando para a casa ao lado? Quem aprovou isso? Você ou o Jasper?
Sloane: E tem problema? Não pensei que você se importaria. Já faz tempo que tiveram aquela briga. Quando foi? Há um ano e meio?
Winter: Deixa pra lá.
Sloane: Ah, merda.

Meu celular vibra quando o movimento na porta da frente ativa o sistema de alarme. Eu deslizo a tela e abro o feed de vídeo.

E lá está Theo, sentado na minha varanda com a cabeça nas mãos. Sem a tipoia que ainda deveria estar usando.

Estou dividida. O diabinho amargurado em um dos meus ombros quer deixá-lo lá fora, na chuva, mas o anjo cuidador e curioso no ombro oposto quer ir se certificar de que ele está bem.

Porque eu nunca o tinha visto tão abatido. Mesmo no hospital, ele ficou fazendo piadas e me defendendo, como se eu precisasse disso.

Sigo pelo corredor em direção ao quarto de Vivi e dou uma espiada nela, que está deitada de barriga para cima, com os braços esticados, os dedinhos fechados em punhos frouxos.

Quero voltar a dormir assim. Em vez disso, me sinto em um estado constante de alerta em que, mesmo quando estou exausta, acho difícil relaxar o suficiente para dormir de verdade.

Depois de fechar a porta do quarto dela com um clique baixinho, espero,

prendendo a respiração, para ver se despertei o monstro da dentição.

Um. Dois. Três.

Encosto o ouvido na porta e, quando não ouço sinais de movimento, um suspiro profundo escapa do meu peito. *Alívio*.

Até me lembrar de quem está sentado na minha varanda. Mas eu me aproximo da porta da frente com um nível de desapego frio que aprendi a ter na faculdade de medicina. Algo que refinei trabalhando no pronto-socorro.

Algo que domino desde criança, para ser honesta.

Seguro a maçaneta e, com um puxão brusco, abro a porta da frente e encaro os olhos castanhos que ocupam o segundo lugar entre os mais bonitos que eu já vi.

É impossível não ficar boquiaberta por um momento. O cabelo molhado de Theo está grudado na testa e gotas de água se acumulam nos cantos de seu lábio superior. A chuva colou sua camiseta branca ao corpo de forma obscena.

– Por que você não está usando a tipoia?

É *isso* que meu cérebro decide falar, mesmo enquanto encaro os olhos angustiados dele. Theo se levanta e, quando dá um passo à frente, sou forçada a erguer o queixo para manter o olhar fixo nele.

– Winter, eu preciso que você me diga a verdade.

Sinto meu coração na garganta e ergo a mão para reprimir seu latejar.

– Está bem.

– O bebê é meu?

Fico sem reação. *O bebê é meu?* Ele está de sacanagem? O estrondo do trovão me atinge como um tapa.

– Isso não tem a menor graça, Theo.

– Não estou tentando ser engraçado, Winter.

– Já falamos sobre isso, então não sei que joguinho é esse.

– Falamos sobre isso?

Theo franze o cenho e abre os braços. Eu admito: ele parece genuinamente confuso.

– Já. Acho que a última mensagem que recebi de você foi... – Faço aspas no ar de cada lado da minha cabeça. – "*Obrigado por me avisar*."

Acho que nunca na minha vida vou esquecer a expressão de Theo neste momento. Acabei de assistir a um coração se partir bem diante dos meus

olhos. E me lembro da sensação. Sei bem como é ver desmoronar tudo o que você achava que sabia.

A expressão dele é a de alguém arrasado, e afasto a mão do pescoço para cobrir minha boca.

– Ai, meu Deus – sussurro. – Você realmente não sabia.

Sinto que minha alma saiu do corpo e paira acima de nós, observando. Como se eu estivesse assistindo duas pessoas interagindo em um filme ou numa série de TV.

Isso não pode ser verdade.

Uma risada incrédula escapa dele.

– Não. Você não pode estar falando sério.

Eu o encaro, sem saber o que dizer.

Ele começa a andar de um lado para outro e solta outra risada. Desta vez, soa um pouco descontrolada.

– Você só pode estar brincando.

Ele vira as costas para mim e desce os degraus da varanda na velocidade da luz.

– Como foi que...? – Theo passa a mão pelos cabelos e olha em volta do jardim encharcado. – Como é que...? – Aqueles olhos, geralmente tão alegres, estão arrasados quando ele os volta para mim. – Quando você...?

– Mais ou menos umas duas semanas depois. Eu tentei falar com você um monte de vezes. Eu não sei...

Ele flexiona o antebraço enquanto passa a mão pela boca.

– Não. – Ele ri, mas é quase um soluço. – Está me dizendo que eu tenho uma filha e perdi tudo? A gravidez? O nascimento? Tudo?

Percebo que estou prestes a ver um homem desmoronar bem na minha frente. Um homem lindo e *em estado de choque*. Passei os últimos dezoito meses pensando o pior de Theo, e aqui está ele, desabando, como se a chuva o estivesse desintegrando.

Abro a boca, mas não sei o que dizer. Porque sim, ele perdeu todas essas coisas. E não sei por quê, mas, levando em conta como ele voltou a andar de um lado para outro e puxar os cabelos, só posso presumir que não fez isso de propósito.

– Winter. Para de sacanagem. Você está falando sério?

Ele parece absolutamente desolado. Encharcado e desgrenhado, Theo volta a subir os degraus. Posso ouvir sua respiração agora, não apenas

arfante, mas com um som de lamento a cada expiração. Ele bate com o punho no peito.

– Winter.

Meu nome soa como um apelo. Ele está em pânico. Verdadeiramente em pânico.

– Theo.

Estendo as mãos e seguro o rosto dele, forçando-o a parar. Seguro sua cabeça entre as mãos, sinto a barba áspera, o pescoço molhado e macio sob meus dedos.

– Pare. Me diga três coisas que você consegue ouvir.

Ele me encara, o corpo trêmulo. Segundos passam.

– Chuva.

Eu faço que sim.

– Trovão.

Umedeço os lábios.

– Seu dedo roçando a minha nuca.

Engulo em seco e pressiono seu peito com a outra mão. O coração dele bate forte.

– Ok. Agora três coisas que você consegue ver.

Os olhos dele me percorrem, e eu não solto sua cabeça.

– Sua casa branca. O carrinho de bebê fechado do lado da porta. – A voz dele falha. Massageio sua nuca, tentando acalmá-lo. – Você.

Comprimo os lábios, meu olhar fixo no dele. Theo parece mais calmo.

– Isso. Muito bem.

Alivio o toque, minhas mãos escorregando até os ombros dele, com o som calmante da chuva caindo ao fundo.

Eu o observo de perto.

Theo baixa as mãos frouxas para o lado do corpo, mas é o tremor em sua voz que enche meus olhos de lágrimas quando ele pergunta:

– Posso vê-la?

Eu não sei que merda está acontecendo, mas sei que o homem à minha porta merece ver a filha. Faço que sim e me viro para abrir a porta, permitindo que ele entre na nossa casa. Sua presença é marcante e avassaladora.

Aponto para a sapateira, tentando ignorar a proximidade do corpo dele atrás de mim. Mesmo em um momento como este, o ar entre nós vibra, o

que me faz querer encostar nele e sentir seus braços ao meu redor.

Seria tão bom ser abraçada por alguém...

Em vez disso, caminho de forma rápida e silenciosa pelo corredor para pegar uma toalha. Quando volto e a entrego a ele, lanço um olhar para seu rosto esculpido. Sua pele, normalmente parda, está tão branca quanto a toalha de algodão em suas mãos.

Tento não ficar observando enquanto ele se seca, optando por lançar um olhar para minhas unhas, ainda por fazer.

Uma risada triste sobe pela minha garganta.

– O que foi?

Theo se concentra em secar o cabelo molhado, os bíceps se flexionando enquanto ele levanta o braço sobre a cabeça.

– É só... nada. É bobagem.

– Não, me diz.

Quando o suspiro me escapa, todo o meu corpo murcha. O calor sobe às minhas bochechas enquanto olho para minhas mãos estendidas.

– É patético, mas faz muito tempo que digo a mim mesma que vou começar a fazer as unhas. Não sei por quê. É uma vontade. Não posso ficar de unha pintada em horário de serviço, e o trabalho acaba com as minhas mãos, de qualquer forma. Vivo planejando fazer isso enquanto estou de licença, mas... até agora, não fiz.

Quando levanto o olhar, Theo está me encarando com uma intensidade que acho que nunca dirigiram a mim. O que faz sentido, eu acho. Ele está arrasado e eu aqui falando sobre minha vontade de ir à manicure.

Abro um sorriso trêmulo.

– Deixa a toalha ali. Ignora a bagunça.

Faço uma leve careta ao olhar para a cozinha e a sala de estar. Poderia estar pior, mas há pratos sujos na pia, cápsulas de café no balcão e brinquedos espalhados pela sala. Tudo isso é prova de que estou apenas fazendo o necessário para passar por essa maldita fase de dentição.

– Passamos por alguns dias difíceis.

Ele não diz nada, e eu não ouso olhar em sua direção antes de levá-lo pelo corredor até o quarto de Vivienne. Sei que a intrusão pode acordá-la, mas este parece um daqueles momentos em que não importa. Se o trovão não a acordou ainda, talvez estejamos seguros.

Com um clique suave, abro a porta do quarto dela. É um cômodo lindo e

aconchegante, que foi montado com a ajuda de todos aqui em Chestnut Springs. Sloane me ajudou a pintá-lo com um tom de rosa bem clarinho, com sancas em um branco brilhante. Cortinas de renda cobrem o blecaute atrás delas. O berço foi presente do meu pai, que mandou entregá-lo aqui. A cadeira de balanço veio de Harvey, uma herança de família que eu certamente não mereço. Ele a trouxe pessoalmente e a colocou no canto. Willa trouxe todas as coisas úteis: um recipiente para fraldas, um aquecedor de lenços, um monte de toalhinhas. E Summer ainda não parou de comprar roupas para ela.

Ainda não me sinto totalmente à vontade ao receber a ajuda de todos.

Atravesso o quarto e abro as persianas, permitindo que a luz suave do exterior ilumine o cômodo. Theo está parado na porta, imóvel.

Olho para Vivi, ainda na mesma posição tranquila da última vez. Então, respirando fundo para me acalmar, cruzo o quarto e seguro a mão de Theo, que está úmida e fria quando o levo até a borda do berço branco.

Então, ficamos ali. Duas pessoas que mal se conhecem.

Fitando nossa filha. Ele, pela primeira vez. Eu, pela milionésima.

Depois de alguns segundos, ele entrelaça os dedos aos meus e aperta, e parece que está apertando meu coração. Quando levanto a cabeça, vejo que está de olhos arregalados, sem piscar.

– Winter.

Desta vez, meu nome é um sussurro em seus lábios. Ele abaixa a mão e corre o dedo gentilmente sobre a bochecha gordinha dela. Seus lábios pequeninos fazem um movimento de sucção e ela vira a cabeça em direção ao toque.

– Ai, meu Deus. O que... – Ele leva a outra mão rapidamente à boca. – Onde fica o banheiro?

– No fim do corredor.

Mal termino de falar e ele já saiu. Eu o sigo e o ouço vomitando quando me aproximo da porta, que ficou ligeiramente aberta. Vejo, por uma fresta, que Theo está curvado sobre o vaso, com as mãos nos cabelos, parecendo completamente derrotado.

Eu me afasto para lhe dar um pouco de privacidade. Então eu me sento no chão ao lado da porta do banheiro, apoiando a cabeça nas mãos antes de me entregar à minha própria sensação de náusea.

Algo deu errado no meio do caminho. Eu não sei o quê, nem onde. Tudo

o que sei é que o homem no meu banheiro nunca teria me enviado aquela mensagem.

13

Theo

Perdi muita coisa.

Essa é a frase que não para de passar pela minha cabeça. A frase que martela meu coração até doer. A frase que me faz vomitar como se eu pudesse expulsar o pensamento do meu corpo.

Levanto a cabeça quando ouço uma batida suave na porta.

– Theo? Eu, hum... trouxe um enxaguante bucal. Posso entrar?

Dou descarga, me levanto e abro a porta. Na pressa, não tive tempo de fechá-la e trancá-la. Minha visão ficou turva e meu estômago revirou quando fui arrebatado pela percepção de que tenho uma filha.

Uma menininha.

E eu perdi *muita coisa*.

Observo Winter, observo com atenção, vendo-a sob uma nova luz agora. Cabelo preso em um coque bagunçado. Rosto sem maquiagem, com olheiras sob os olhos fixos nos meus e muito arregalados. Ela parece cansada, ainda que mais saudável do que na última vez que a vi. Há um brilho nela, como se viesse passando mais tempo ao ar livre.

Deixo meus olhos descerem pelo seu corpo, mas volto ao rosto quando eles chegam ao seu peito. A regata folgada não esconde nada, e ela não está usando sutiã. Ficar admirando o contorno de seus mamilos através do tecido fino não é uma boa ideia no momento, então me concentro em seus olhos azul-gelo, cheios de tantas perguntas.

Mas ela não faz nenhuma.

Ela me entrega um copo plástico branco, cheio até a metade com um líquido da mesma cor dos olhos dela.

– Aqui.

Quando pego o copo, nossos dedos se tocam. Por um momento, descanso o indicador sobre o dela. Deslizo um pouco para cima, como se isso fosse abater todas as desculpas que preciso pedir. Nem sei por onde começar.

– Obrigado.

Eu bochecho o líquido mentolado, depois apoio as mãos na pia e encaro o ralo enquanto tento lidar com todas as mudanças que aconteceram hoje na minha vida.

Uma filha.

Outra onda de náusea me atinge, então cuspo, enxáguo a boca e me sento no chão, apoiando as costas na banheira, sentando sobre o tapete felpudo cor-de-rosa.

– Não prefere ir para a sala?

A voz de Winter é suave, calma. Algumas pessoas a consideram fria, mas o que vejo é uma mulher forte. Alguém a quem agora admiro ainda mais.

– Acho melhor ficar perto do vaso.

Olho a esponja de patinho rosa sobre a torneira e o sabonete orgânico para bebês com bloquinhos com letras do alfabeto no rótulo.

Winter comprime os lábios enquanto me observa.

– Olha, está limpo aqui, mas tipo... não *tão* limpo assim.

– Na verdade, a limpeza do seu banheiro é a menor das minhas preocupações neste momento.

Os cílios dela tremulam no mesmo ritmo nervoso com que ela balança a cabeça.

– Tá. Certo.

Para minha surpresa, ela coloca o enxaguante bucal em uma prateleira e vem na minha direção, sentando-se no tapete bem ao meu lado.

O short de malha desce pelas coxas quando ela levanta os joelhos e sua perna nua encosta na minha.

– Tudo bem se eu ficar aqui?

Eu faço que sim, olhos ainda fixos naquela coxa, tão lisa e bronzeada, com o fêmur tão menor que o meu. Lembro como foi agarrá-la. Lembro como ela me pegou pela cintura e me puxou para perto.

As lâmpadas redondas acima do espelho zumbem e os únicos outros sons no banheiro são os suaves pingos da chuva contra a janela e nossa respiração em sincronia.

– Qual é o nome dela? – Pergunto com um riso trêmulo. – Por favor, me diga que não a batizou de Autumn.

Winter dá uma risada e baixa a cabeça.

– Porra. Eu nunca faria isso. – Então, ela levanta o rosto, a tristeza marcando seus traços. – O nome dela é Vivienne Hamilton. Mas todos nós a chamamos de Vivi.

Todos nós.

Essas duas palavras me atingem como um soco no estômago. *Todos nós.* Todos aqui a conhecem. Viram minha filha crescer. Estavam presentes quando ela nasceu.

E eu não fazia a menor ideia.

– Ela tem um nome do meio?

– Não.

Eu assinto. Quem se importa com um nome do meio? Meu Deus, eu sou um idiota.

– Quando é o aniversário dela?

– Dia 22 de setembro. Teria sido estúpido batizá-la de Autumn com um aniversário nessa data.

Eu dou uma risada, mas sai forçada.

– Como foi o parto?

Winter me encara, atônita.

– O parto?

– É. O nascimento dela. Como foi?

– Foi... foi... – Ela hesita. – Desculpe, não estava esperando que você me perguntasse isso.

– Eu quero saber de tudo, Winter. Todos os detalhes.

– Tudo bem. – Ela franze um pouco o cenho. – Bem, nem *todos* os detalhes.

– Minha mãe é parteira. Nada do que você disser vai me chocar, não depois de anos ouvindo histórias de nascimentos.

Minha mãe. Outra pedra atinge meu estômago. Isso vai deixá-la arrasada. Ela vai ficar feliz, mas com o coração partido ao mesmo tempo. Eu sei, porque é assim que estou me sentindo agora.

– Sinceramente, foi incrível. Poderoso. E exaustivo. Mas muito recompensador. Ela estava bem, assim como eu.

Engulo as palavras *Era para eu ter estado lá* junto com o nó na minha garganta.

– Theo! – O joelho dela encosta no meu. – Se a pessoa que me respondeu não era você, então quem era? Peguei seu número na lista de membros da Hamilton Athletics.

– É provável que tenha sido o Geoff, da Hamilton Elite.

– Espera. – Ela levanta a mão. – Da empresa do meu pai?

Faço que sim, olhando para as minhas mãos, fechadas em punhos calejados.

– Depois daquele Natal, eu recuperei o foco e apaguei todo o resto. Todas as redes sociais, todas as...

Eu inclino a cabeça para trás e solto um grunhido enquanto encaro o teto.

– Mulheres? – completa Winter em um tom neutro.

– É. Trocar de número pareceu a maneira mais fácil de me desconectar. Eu entreguei o antigo para que Geoff gerenciasse minhas redes sociais. Pedi a ele que me avisasse se chegasse algo importante.

– Humm.

Ela assente, lenta e longamente, quase vergando o corpo com o peso.

– Você guardou as mensagens?

– As de voz, não.

Ela funga enquanto pega o celular no bolso. Depois de alguns toques na tela, me entrega o aparelho. *Theo Silva* é o contato no topo, e eu verifico o número. Sei que ela vê o que estou fazendo, porque sinto seu corpo enrijecer, mas preciso me certificar de que ela contatou a pessoa certa.

O número está correto, e parte de mim gostaria que não estivesse, para que eu pudesse ficar bravo com ela por não ter se esforçado mais para me encontrar. Eu queria alguém além de mim mesmo para culpar por essa confusão.

Mas, quando leio as mensagens no chat, todos esses sentimentos evaporam, e em seu lugar vem um medo opressor. Tristeza. Um revirar horrível no meu estômago. Porque nenhuma mulher em sã consciência continuaria tentando me localizar depois de receber mensagens como aquelas.

Não estou interessado em conversar.

Obrigado por me avisar.

Vou matar Geoff com minhas próprias mãos. Ele deve ser a única pessoa no mundo que consideraria essas mensagens "desimportantes".

A ansiedade desabrocha no meu peito. Fico atordoado pelo instinto de pegar toda essa confusão e desfazê-la. Consertar as coisas da melhor maneira possível.

Quando volto a olhar para Winter, ela está encolhida, observando as unhas novamente.

– Winter. Olha pra mim.

Ela passa a língua pelos lábios, mas não se move.

Estendo a mão, ignorando a dor aguda na minha clavícula, e guio o queixo dela suavemente com os dedos. Quando ela finalmente olha para mim, eu retribuo o olhar, querendo saber se tenho toda a sua atenção.

– Se eu soubesse, teria vindo para cá em cada passo do caminho. Apoiando com tudo que precisasse. E Winter...

– Oi? – Pela primeira vez esta noite, a voz dela soa fraca.

Passo o dedo por uma lágrima que escorre por seu rosto e a enxugo, tentando conter a raiva em meu peito por tudo o que aconteceu.

– Agora que estou aqui... Eu estou aqui. Ok? Sem expectativas, mas quero que você me deixe ajudar. Quero conhecê-la, se estiver tudo bem por você.

Ela assente e mais lágrimas caem. Uso a outra mão para tentar secar todas, mas falho miseravelmente. Elas vêm rápido demais, então puxo sua cabeça contra meu peito e opto por deixar que ela molhe minha camisa já úmida.

Parece o mínimo que posso fazer por essa mulher, depois de tê-la desapontado tanto.



Eu não durmo. Embora todos os meus móveis tenham sido trazidos para esta casa nova, ela não parece minha. Fico deitado, olhando fixamente para o teto. Estou com Peter enfiado sob o meu braço, roncando suavemente de

um lado, e o pesar enroscado do outro, com uma mão no meu pescoço.

Winter sempre me atraiu de forma inexplicável, mas saber que ela está a poucos passos de distância com *nossa* filha? Isso mudou algo em mim.

Eu não queria perturbar ou ultrapassar limites, mas minha vontade era de ficar sentado no chão daquele quarto e olhar para Vivienne a noite inteira.

Saber que você quer ter filhos um dia é muito diferente de lidar com um que já existe. Não sei como administrar meus sentimentos sobre tudo isso.

Mas eu sei quem sabe.

Na cama, ainda trêmulo, pego o celular na mesa de cabeceira e ligo para minha mãe.

– O que aconteceu? – É como ela atende o telefone. Sua interação é poderosa.

– Por que algo tem que ter acontecido para eu ligar? Você é minha mãe.

– Certo, mas eu te conheço. São seis da manhã de domingo aí, o que significa que, aqui, são cinco.

– Merda. Desculpa, mãe.

– Não tem problema. Eu estava apenas me preparando para fazer um pouco de ioga relaxante. Posso resolver seus problemas enquanto faço um chá verde.

Eu bufo. Não acho que alguém possa resolver esse problema no tempo necessário para se fazer uma xícara de chá.

– Por que você só não dorme até tarde? É fim de semana.

Ela faz um som de escárnio e ouço um armário batendo do outro lado da linha.

– Prometo dizer isso à próxima mãe que entrar em trabalho de parto em um fim de semana. *Desculpe, querida. Você vai ter que esperar até segunda-feira*.

Eu rio, porque me lembro de ter que cuidar da minha irmã em horários estranhos, às vezes quando minha mãe precisava sair correndo para um parto. Ou, quando mais novos, ela nos acordava para nos deixar na casa de uma amiga.

Ela fez o melhor que pôde, depois da morte do nosso pai. Ser mãe solo de dois filhos não é uma tarefa fácil, mas, quando ela conseguiu um emprego como professora de obstetrícia na faculdade, as coisas desaceleraram um pouco.

– Justo.

Peter solta um ronco alto ao meu lado, nem um pouco incomodado com o telefonema.

– Ah, é o Peterzinho?

O escroto do Rhett estragou o nome do meu cachorro. *O Peterzinho* parece mesmo o nome de um pênis, mas não vou contar à minha mãe que...

– Credo. Toda vez que digo o nome desse cachorro, penso numa piroca.

Solto uma gargalhada e a maneira como ela sacode meu corpo é o suficiente para acordar o *Peterzinho*. Ele me olha feio, como se eu fosse o pior travesseiro do mundo, e se aninha de volta. Quando o peguei na rua, no México, achei que seria seu herói, mas a marra desse cachorro é imbatível.

– É verdade. Espero que você não o tenha batizado em homenagem a seu...

– Mãe.

Fecho os olhos e esfrego as sobrancelhas.

– Certo. Estamos fugindo do assunto. – O barulho baixo de água fervendo ecoa pelo receptor. – Qual foi o problema?

Suspiro.

– Não sei se eu chamaria assim.

– Para de me enrolar, Theo.

– Eu tenho uma filha.

Sinto como se tivesse gritado. De alguma forma, dizer isso em voz alta é muito diferente de ouvir ou de apenas repetir mentalmente.

O outro lado da linha fica em silêncio.

– Descobri ontem à noite.

Espero alguns segundos. Ainda em silêncio. Viro o celular para verificar na tela se ainda estou em ligação.

– Mãe?

– Ai, Theo – diz minha mãe, quase num suspiro, como se eu a tivesse exaurido.

E tenho certeza de que, em algum nível, eu a deixo exaurida mesmo. O fato de ter escolhido seguir a carreira que matou meu pai deve ser extremamente desgastante para minha mãe, mas ela continua a me apoiar. Sempre me apoiou. Espero não ter forçado a barra demais com essa pequena novidade.

– Você está bem?

Um suspiro pesado me escapa de uma vez só.

– Estou... Sim. Acho que estou em choque.

– Como isso aconteceu?

– Bom, mãe, quando duas pessoas...

– Theodore Silva. Não faça piada da situação só para conseguir lidar com seus sentimentos. Converse direito comigo.

Eu a ouço despejando água em um copo, sendo prática como sempre foi com todos os filhos. O universo a abençoou com dois exemplares que dão muito trabalho. Julia é tão ruim quanto eu.

– O que você quer saber?

– Tudo! Quantos anos ela tem? Qual é o nome dela? Ela se parece comigo? Quando posso conhecê-la? E como diabos isso foi acontecer?

Ninguém além de Loretta Silva aceitaria algo assim com tanta facilidade.

– E você ainda fica no *meu* pé por fazer piadas.

Ela bufa, e consigo imaginá-la gesticulando, como se estivesse espantando uma mosca.

Então, eu conto tudo o que sei, notando o breve suspiro feliz que ela dá quando falo sobre Vivienne. Não perco o grunhido embargado quando explico a falha de comunicação.

– Eu sou capaz de matar esse babaca do Geoff – murmura ela.

– Não, quem vai matar o Geoff sou eu.

– Theo! Você não pode mais falar esse tipo de besteira. Você é pai, agora.

Porra. Eu sou pai agora.

– Tudo bem, então preciso me recompor antes de seguir esse caminho. E contar ao pai da Winter, porque, afinal de contas, ele é o chefe de Geoff, e o que aconteceu foi péssimo.

– Então a mãe é a cunhada do Rhett?

– Bem, o casamento é só no mês que vem. Lembra? Você foi convidada.

– Deixe de bobeira, Theo. Você entendeu a pergunta.

Mordisco o lábio inferior enquanto olho para o teto branco texturizado. Como não consegui colocar nenhuma cortina, a luz da manhã encheu o ambiente, e o tom azulado dá ao espaço uma aura fria e serena que me lembra de Winter.

– Sim. É ela.

– Hum. *Aquela* garota, hein? Bem, mal posso esperar para conhecê-la.

– Vivienne?

– Não. Bem, sim. Mas Winter também.

Eu sorrio para o teto.

– É, acho que você vai gostar dela.

– Como ela está? Nunca cuidei sozinha de um bebê, mas me lembro do seu pai pegando a estrada e me deixando sozinha em casa com vocês dois. Eu praticamente jogava você em cima dele e saía pela porta no minuto em que ele voltava, só para poder ter alguns minutos sozinha.

– Acho que ela está bem. Feliz, mas sobrecarregada, sabe?

– Sim, não é para menos. Se eu escrevesse um dicionário, essa poderia ser a minha definição de maternidade.

Eu rio, já mais leve por ter falado com minha mãe.

– Theo, querido, a pergunta que qualquer bom pai se faria agora é a seguinte: *o que você vai fazer para que ela se sinta menos sobrecarregada?*

14

Winter

Sloane: Será que o expulso? Por você, eu expulso.
Winter: Está tudo bem.
Sloane: Volto das férias e bato nele?
Winter: Eu pagaria um bom dinheiro para ver você bater em alguém.
Sloane: Isso é um sim ou um não?
Winter: Só não conte a ninguém. Ele é que tem que contar.
Sloane: Contar o quê? Nem sei do que você está falando.
Sloane: Hahaha. Entendeu minha piada?
Winter: Será que o pau enorme do Jasper expulsou todos os neurônios do seu cérebro?
Sloane: Você me ama.
Winter: Amo mesmo.

Theo Silva está parado no meu alpendre às dez da manhã em ponto. Posso vê-lo na tela do meu celular, remexendo-se meio sem jeito, com um copo descartável de café em cada mão.

Eu estava pronta para isso. Para ele. Ontem, tive a sensação de que ele não sumiria de novo, depois de descobrir sobre Vivi. E passei a noite inteira acordada pensando nisso.

No fundo ele deve me odiar. Como não odiaria? Mas quero que ele mantenha contato com a filha. Não quero que ela viva com a mesma tensão da mãe. Sou uma mulher adulta. *Uma médica*. Sei que não sou calorosa e fofa, mas sou madura.

Pelo menos um pouco.

Tenho bons momentos, e este precisa ser um deles. Por Vivi. Não quero saber se Theo gosta de mim, e vou ignorar o fato de ele ser dolorosamente bonito e classificá-lo como um espécime excelente.

Vivienne vai me agradecer por esses genes um dia.

Puxando a bainha, olho para minha camiseta vintage da Rainbow Brite, que combinei com calça jeans larga, porque nenhum dos meus outros jeans está me servindo bem.

Mas não é hora de pensar nisso.

Pelo menos meus peitos estão ótimos.

Não que isso importe. Porque Theo é... o pai da minha filha. Somos como parceiros de negócios. Sim. Gosto dessa definição. Soa organizado e nada ameaçador. Como se fôssemos uma equipe e cada um fosse para o seu canto no fim do dia.

Com um aceno firme, guardo o celular no bolso e abro a porta.

– Dra. Hamilton, você estava me esperando?

Theo pisca e toda aquela compostura evapora como se nem tivesse existido. Sou levada de volta àquela noite, no posto de gasolina. Suas botas desamarradas e o sorriso convencido.

Eu o encaro como uma completa idiota.

A adrenalina que senti quando ele levantou meu vestido até as coxas, como se estivesse desembrulhando um presente. Seus dedos enganchando minha calcinha sem o menor pudor.

Eu pigarreio.

– Parecia que *você* estava me esperando, pelo que pude ver na câmera.

Ele ergue o rosto, os olhos se movendo até pousarem no pequeno quadrado com uma lente, no canto.

– Ótimo. Que bom que você tem um sistema de segurança. Eu ia me oferecer para instalar um.

Mordo o lábio, hesitante. Por que ele é tão... *gentil*?

Isso me dá nos nervos. As pessoas nunca são tão legais, a menos que queiram algo de você. Não é normal.

– Por que você simplesmente não bate ou toca a campainha?

Ele dá de ombros.

– Não quero acordá-la de novo.

– Posso te dar meu número.

– Eu já tenho.

– Como assim?

Ele pigarreia e então diz:

– Salvei no meu celular, naquela noite.

Fico atônita.

– Naquela noite?

– *Naquela* noite.

As palavras estão impregnadas de insinuações. Não há dúvidas sobre qual é a noite a que ele está se referindo.

– Você pegou meu número sem pedir?

O topo das orelhas dele fica rosado, e Theo tem o bom senso de parecer um pouco envergonhado.

– Imaginei que precisaria dele um dia.

Não sei como interpretar essa revelação e, sinceramente, não me sinto preparada para lidar com isso. Opto por seguir em frente, passando por cima de qualquer complicação.

– Então... você ia esperar aqui fora até que eu... o quê? Checasse meus e-mails?

Um som grave ecoa de seu peito e ele sorri. Porra, que sorriso ofuscante.

– Não sei, Winter. Eu não tinha um grande plano. Comprei um café para você e decidi dar um passo de cada vez.

Ele estende uma mão para mim, o vapor subindo pelo buraco na tampa.

– Comprei lá no centro. Achei que você poderia precisar de um café tanto quanto eu. – Ele franze os olhos e percebo como parece cansado. Há olheiras arroxeadas sob seus olhos escuros, e a barba por fazer está um pouco maior que a habitual. – É só um Americano. – Ele me oferece o café de novo.

Eu pego o copo, percebendo que o estou encarando fixamente, me perguntando por que ele trouxe café *para mim*.

– Eu não sabia do que você gostava.

Olho para a tampa, quase chorando pelo fato de ele estar *aqui*. Apesar da bomba que joguei nele ontem à noite, Theo me trouxe café.

– Quer dizer, não sabia do que você gostava além de tequila e de trepar de ladinho. – Ele passa a mão pelo cabelo perfeitamente desgrenhado. – Perdão. Você pode falar alguma coisa, para eu parar de fazer piadas sem graça tentando preencher o silêncio?

Eu o encaro com olhos marejados.

– Por que você está sendo tão legal comigo?

Ele franze a testa, com uma expressão genuinamente confusa. Acho incrível que ele seja tão transparente, como se cada emoção e pensamento ficassem estampados em seu rosto.

– Winter, acho que já falamos sobre isso. Você fica procurando segundas intenções, e não há nenhuma. Posso entrar? Eu quero ver... – Ele hesita e pigarreia, como se ainda fosse difícil dizer em voz alta. – Vivi. Queria passar um tempo com ela e conversar um pouco mais com você.

Com um aceno de cabeça, eu me afasto e gesticulo para ele entrar.

Para uma reunião normal.

Uma reunião de negócios.



Ver Theo segurar Vivienne pela primeira vez mexe muito comigo. Primeiro, me dá vontade de vomitar igual a ele, ontem à noite. Fico impactada ao ver os olhos dele encontrarem os dela enquanto a mãozinha de Vivi envolve seu dedo.

– Oi, bebezinha – murmura ele. – É tão bom conhecer você.

Fico com vontade de chorar quando Vivi arrulha em resposta, como se tivesse sido conquistada no mesmo instante por esse homem. E eu *nunca* choro. Simplesmente não é a minha. É inútil, e sempre me sinto cansada e vazia depois – não me faz sentir melhor.

Mas quando vejo *Theo* se emocionando só de olhar para ela, segurando-a em seus braços tão naturalmente, fico abalada de uma forma que nunca imaginei que aconteceria. Ele se levanta e se balança suavemente, caminhando em direção à grande janela saliente que dá para a rua da frente.

Ele se volta em direção ao próprio quintal.

– É ali que eu moro. Bem ao lado. Então, se sua mãe der permissão, eu posso vir te visitar de vez em quando.

Eu me sento em um banquinho na ilha da cozinha e tento lembrar a última vez em que sentei e tomei um café ainda quente. Não quente do micro-ondas, mas realmente recém-passado. Sinto que estou nesse ciclo constante de não ter nada específico para fazer o dia todo, e ainda assim o

dia passar rápido demais.

Cozinhar, limpar, dormir, entreter, aconchegar, amamentar, socializar. Em tese são coisas fáceis. Meu emprego é lidar com o caos, mas isso aqui é muito mais difícil.

É por isso que não consigo por nada nesse mundo explicar por que meu corpo reage desse jeito à visão diante de mim. Theo já era gostoso pra caramba, e Theo segurando um bebê é ainda mais. Se ele sair em público com Vivienne, vão surgir ainda mais mulheres se jogando em cima dele.

E, de alguma forma, *isso* me faz sentir um ciúme irracional.

– Olha como você é linda. – O sol ilumina o rosto de Theo e Vivienne no mesmo tom dourado e quente. – Parece com a sua mãe.

Vivienne olha para ele e ri, as mãozinhas tentando alcançar o rosto mal barbeado, soltando um gritinho quando sente a aspereza nas mãos.

– Merda – murmuro, piscando mais rápido que as asas de um beija-flor enquanto tento queimar a língua no café só para ter um motivo menos piegas e maluco para chorar.

Vi Rhett segurá-la um milhão de vezes, e nunca foi assim. Não, é tudo por causa do Theo.

– Você dormiu bem? – pergunta ele enquanto se vira para mim.

Vivienne ri e continua passando as mãos pelo rosto dele. E, nossa, quem sou eu para julgá-la?

– Dormi – minto. – E você?

– Não muito. – Seu rosto ganha uma expressão mais solene quando ele volta a olhá-la. – Então, por que você escolheu o nome Vivienne?

Eu tomo um gole quente de café. Sim, mais café. *Por que estou tão emotiva?* Preciso controlar essa merda antes de voltar a trabalhar, daqui a alguns meses. Se eu for chorar sempre que der más notícias para as pessoas, é melhor pendurar as chuteiras.

– Hum... – Olho ao redor do cômodo, sentindo que não olhar para os dois vai me ajudar a ficar firme. – Significa "viva" e, bem... ela me fez sentir viva de novo. Ela veio ao mundo, quando meu bebê anterior não conseguiu. E parecia um bom nome de adulto, sabe? Como se ela pudesse virar presidente um dia, com um nome desses.

Theo cantarola alegremente e sorri para Vivienne.

– Presidente? Arrasou, garota. Mal posso esperar para contar às pessoas que minha filha é a presidente.

Respira, Winter.

Solto uma risada para disfarçar a emoção que brota no fundo do meu peito. Como ele ousa ser tão... *ele mesmo*?

– Claro que nunca imaginei que me sentir viva seria tão cansativo. Ou que eu ia precisar tanto de pelo menos uma hora sem ninguém me tocando. Ou que eu nunca mais tomaria banho sozinha.

Uma risada estridente escapa dos meus lábios, uma tentativa triste de esconder a emoção na minha voz.

Os olhos escuros de Theo se voltam para mim.

– Vai tomar um banho, Winter.

– O quê?

– Pegue esse café e encha a banheira. Feche a porta. Coloque uma música. Assista a um pornô. Tire um momento para v...

Eu solto uma risada.

– Não acredito que você acabou de dizer isso. Ainda mais para uma mente jovem e impressionável.

O sorriso que ele abre é de pura sagacidade. Ele sabe o efeito que tem sobre mim, tenho certeza. A maneira como ele examina meu corpo é a prova. Acho que não sou a única que se lembra vividamente *daquela* noite.

– Sininho, fala sério. Posso não te conhecer tão bem assim, mas tenho uma grande suspeita de que a primeira palavra da futura presidente será *porra*.

Mordo o lábio para esconder o sorriso. A maternidade solo me transformou em uma caminhoneira. Não tenho como discordar.

– Vai lá. Eu fico com ela. Vamos te esperar bem aqui.

Eu o encaro, séria.

– Até você *terminar.*

Idiota. Olho com mais fúria, mas a parte de mim que está totalmente esgotada grita: *Faça isso! Tome um banho!*

– Sabe de uma coisa? Vou fazer isso mesmo. Não tomo banho sozinha há nove meses.

– Ótimo. Divirta-se.

– Se ela chorar...

– Nós ficaremos bem. Todos os meus primos mais velhos têm um milhão de bebês. Eu costumava ficar de babá.

– Ela acabou de mamar, então deve ficar bem.

Ele sorri, todo carinhoso e meloso.

– Olha. Eu não a deixei sozinha com ninguém, exceto Harvey e a mãe de Sloane, Cordelia.

– Nem com seus pais?

Eu desvio o olhar.

– Não. É complicado.

– Escute, se você não estiver à vontade, eu posso ir embora. Não quero chegar exigindo um tempo que você não está pronta para dar. Tudo isso deve estar sendo estranho para você.

Para mim. Essa é a gota d'água. As lágrimas inevitavelmente se acumulam.

Durante toda a minha vida, ninguém jamais priorizou os *meus* sentimentos. E aqui está esse homem que eu mal conheço, me priorizando.

Mesmo lacrimejando, forço um sorriso.

– Não consigo pensar em ninguém melhor para cuidar dela, no momento.

Ele assente, os olhos me examinando um pouco fixamente demais.

Eu assinto de volta e vou para o banheiro, para chorar no banho.

E talvez assistir a um pornozinho.

15

Winter

Winter: Ele está aqui. Agora sim ele sabe.
Sloane: Como ele reagiu? Foi por isso que cometemos aquela invasão de propriedade? Para pegar o número dele?
Winter: É. Só que outra pessoa estava com o celular dele, para gerenciar as redes sociais, e nunca contou a ele.
Sloane: Merda. Você está bem?
Winter: Estou tomando um banho quente. Bebendo um café quente. Estou em choque. Mas também no paraíso.
Sloane: Você merece.
Winter: Mereço?
Sloane: Sim. Banhos gostosos e um papai gostoso. Você merece tudo.
Winter: Ele é gostoso mesmo.
Sloane: Ainda mais com um bebê, aposto.
Winter: Você não faz ideia.

Quando desço o corredor, espero caos. Lágrimas e frustração. Um apelo desesperado por ajuda, porque ele está totalmente perdido. Fiquei na banheira com meus fones com cancelamento de ruído até a água esfriar, e ainda parecia uma extravagância.

Então o mundo deve estar de cabeça para baixo.

Mas não.

Theo está deitado no sofá, o braço bom esticado acima da cabeça, o que deixa seu bíceps retesado de uma forma muito perturbadora. Vivi está esparramada em seu peito, parecendo um coala escalando uma árvore grande demais para ele. Sua boquinha vermelha em formato de coração está

entreaberta, e o braço de Theo que deveria estar em uma tipoia está dobrado ao lado dele, com a mão grande apoiada nas costas da neném.

Na televisão, passa algum tipo de corrida de carros, mas Theo está olhando para Vivi.

Algo nesse momento parece profundamente especial. Ele perdeu muitos momentos, muitas primeiras vezes. E este é o primeiro cochilo dela em cima dele.

Pego o celular no bolso de trás da calça jeans e tiro uma foto. A luz quente dá um efeito vintage granulado. Eles parecem tão serenos...

– Oi – sussurro enquanto caminho até eles.

Theo olha para mim, depois olha de novo.

– O que foi?

– É que... – Ele franze os lábios. – Você está lin... diferente.

Eu quase sorrio. *Lindiferente.*

– Bem, eu passei um pouco de maquiagem. Como ela está?

Ele olha para a bebê.

– Perfeita.

É estranho ficar andando pela sala, então me sento na mesa baixa ao lado deles e seguro o celular diante de Theo para mostrar a foto.

– Se você me der seu número, eu mando para você.

Ele acaricia as costas de Vivi com o polegar em um arco suave.

– Seria ótimo. Aliás, eu sinto...

Olho para meu celular.

– Eu sei. Você deve me odiar. E tudo bem. Acho que, no fundo, eu não te culpo. Talvez eu devesse ter dado a louca e contado para todo mundo. Ter sido mais rancorosa, sabe? Tentei ao máximo conter os danos e o tiro saiu muito pela culatra.

– Winter, eu não te odeio. – A voz dele é baixinha, mas firme, mas ainda não consigo me obrigar a encará-lo. – Você fez muita coisa. Fez mais do que o suficiente.

– Você só diz isso porque sou a mãe da sua filha.

– Eu...

Levanto a mão.

– Sei que você não teria escolhido ser pai, mas eu... *realmente* queria isso. Não do jeito que aconteceu, talvez. Quer dizer, tem coisa mais clichê do que uma camisinha estourada? Mas um bebê... Theo – minha voz falha –, eu

realmente queria um bebê. Não achei ruim.

– Por que você acha que eu não quero isso?

Deixo meus olhos percorrerem o lindo homem no meu sofá, com nossa menininha deitada sobre seu coração.

– Não neste momento da sua vida. E não comigo. Você nunca vai me convencer do contrário.

A expressão dele endurece, um brilho de aço em seus olhos.

– Por que você acha que eu não ia querer isso com você?

Eu bufo, enxugando outra lágrima teimosa.

Para de chorar, cacete.

– Desculpa, eu nunca choro.

Ele abre um sorriso.

– É. Estou vendo.

– Cala a boca.

Seco as lágrimas mais uma vez, me virando para olhar pela janela da frente.

– Sinto que perdi muitas primeiras vezes, Winter. Era o que eu ia dizer. Sinto que sou um intruso, mas não quero me sentir assim. Queria ter estado aqui para vê-la crescer. Para ver você crescer. Para ver o parto.

Eu fungo.

– Willa fez um vídeo, embora seja bastante explícito. Posso te mostrar, qualquer dia.

– Eu adoraria.

– Não é nada sexy. – Olho enviesada para ele, que franze a testa. – Isso vai arruinar qualquer memória esplêndida da minha vagina que você possa ter.

– Que nada. Impossível. É por causa dessas memórias que o meu antebraço direito é maior que o esquerdo.

Reviro os olhos e seguro o riso.

– Você é impossível.

Ele sorri.

– Uhum.

– Estou feliz de ter você por perto, Theo. Eu nunca, jamais te afastaria dela. Depois do que passei quando criança, tudo o que eu quero é que ela fique cercada de todo o amor do mundo, entende?

– Claro. Concordo totalmente.

Sua voz, suas palavras... são como um abraço apertado. Fazem com que eu me sinta melhor na mesma hora.

Vivi se agita, chamando nossa atenção, e, por alguns instantes, nós dois só... ficamos olhando para ela, embevecidos.

– Vamos ter que contar às pessoas em breve.

– É – diz ele com a voz rouca. – Eu já contei para a minha mãe. Espero que não tenha problema.

– O que ela disse?

Sinto uma pontada de pânico. Deus, o que essa mulher deve pensar de mim?

– Que eu tenho que recuperar o tempo perdido. E que ela mal pode esperar para te conhecer.

– Conhecer a Vivi, você quer dizer? Sim, vai ser legal.

Ele olha para mim.

– Não, Winter. Você. Ela mal pode esperar para conhecer *você*.

Ele está falando sério de novo, e eu quero me encolher sob a intensidade do seu olhar.

– Vai ser interessante. – Eu rio. – Espero que ela não fique muito decepcionada.

Mas Theo não dá corda. Em vez disso, franze a testa.

– Eu queria acabar com a raça da pessoa que fez você acreditar que não é digna de amor.

Eu me levanto e passo a mão pela frente do jeans, alisando vincos invisíveis.

– Bom, eu passei anos mergulhada nesse sentimento, então não acho que acabar com a raça de alguém vá ajudar muito.

– Vamos ver – resmunga ele, e a vibração em seu peito faz Vivi abrir os olhos.

– O soninho foi bom, Vivi? – pergunto, minha voz mudando para um tom mais suave.

Ela boceja, o corpo se retesando enquanto se estica como um gato feliz sob um raio de sol. Theo sabe como fazer uma garota se sentir assim.

Eu sei. Eu lembro.

Ela inclina a cabeça e olha para Theo.

– Oi, bebezinha.

Esse negócio de "bebezinha", dito com essa voz grossa, vai ser minha

ruína. Eu simplesmente sei que vai.

Ela sorri, quase timidamente, e estende os braços para mim. Theo nem pensa duas vezes. Ele a entrega, e eu suspiro quando a seguro contra meu peito.

A pausa foi boa, mas o alívio de tê-la de volta em meus braços é inexplicável.

Theo se apoia para se sentar e nossos joelhos se esbarram enquanto ele se move, ajeitando a camisa.

– Você ainda devia estar usando a tipoia.

Ele revira os olhos com bom humor e diz:

– Eu sei, mas é um saco. Prefiro segurar a Vivi. Me manda a foto, tá?

– Tá. Anota seu número antes de ir.

– Ah, sim. Vou só te mandar uma mensagem.

Ele se impulsiona para ficar de pé, o que coloca sua virilha bem na altura do meu rosto. Minhas bochechas esquentam, porque já vi o que tem do outro lado daquele zíper. E *sei* o que ele pode fazer com isso.

Fui assistir um pornô no banheiro, mas, sinceramente, nada se compara àquela noite. É a fantasia à qual retorno toda vez.

– Por que você pegou meu número?

Eu o olho enquanto Vivi agarra o decote da minha blusa da forma menos sutil possível.

Theo sorri.

– Eu disse que voltaria para um repeteco, e estava falando sério.

Um pensamento me atinge e rouba todo o ar dos meus pulmões. É irracional. E é puro ciúme. E eu sou insegura o suficiente para deixá-lo escapar.

– Ai, meu Deus. Você tem outros filhos com outras mulheres? Você passa tanto tempo viajando, e já leva tanto jeito com ela! Não vou me surpreender se houver mães de filhos seus por toda parte.

Ele arregala seus grandes olhos castanhos e então solta uma risada incrédula antes de inclinar meu rosto em direção ao dele. Exatamente como fez no elevador naquela noite. Ele se abaixa e sussurra contra minha pele:

– Não, Winter. A única filha que tenho é contigo.

Então ele sai pela porta, como se fosse algo perfeitamente normal de se dizer.

Eu preciso clarear as ideias, então levo Vivi para passear no carrinho. Vamos ao parque e eu a empurro no balanço. Depois que ela se cansa, caminhamos pela rua principal.

Estou tão distraída que acabo passando pela Hamilton Athletics, onde eu talvez tenha parado para dar uma espiada pelas janelas e ver Theo malhando. Ele está usando a tipoia, mas nem por isso fica desajeitado. Parece mais que ele é capaz de malhar os membros inferiores e praticar equilíbrio com uma mão amarrada nas costas.

Cada linha de seus braços brilha de transpiração. Seu corpo é firme, tenso – uma máquina.

Quem diria que peões de rodeio precisavam ficar em tão *boa forma*?

Mas *não* estou comendo ninguém com os olhos. Estou apenas clareando as ideias depois do choque dos últimos dias, e é por isso que fico vermelha como um morango quando ele me flagra parada no meio da calçada da Rosewood Street.

Bebericando um café e babando como uma idiota.

Balanço de leve a cabeça e me viro para continuar andando. Vou fingir que aquele pequeno momento não aconteceu. É só o cansaço. Me distraio o tempo todo.

Não tem nada a ver com Theo Silva.

E com certeza não tem nada a ver com *aquela noite*.

E agora estou irracionalmente irritada com ele. Porque, quando dou uma espiadinha por cima do ombro para ver se consegui disfarçar, ele ainda está sorrindo.

Ele *pisca*.

Que coragem a desse homem de voltar assim para a minha vida e ainda piscar para mim. Como se nada tivesse acontecido desde a última vez que nos vimos. Como se não fosse loucura flertar comigo abertamente, como se tivesse segundas intenções comigo.

Volto para casa, abalada pela autoconfiança dele. Mexida por sua presença. Irritada por ele não apenas ser muito bom de cama, mas também ser um paquerador descarado e persistente.

Sem limites.

Ver uma mulher parada na porta da casa dele com uma sacola de presente na mão me faz parar bruscamente. Eu a observo tocar a campainha e usar o reflexo da janela para verificar se está com os dentes sujos de batom.

Claro.

Enquanto espera, ela troca a sacola de mão, parecendo um pouco nervosa em seu jeans colorido. Ela coloca uma mecha solta de cabelo castanho-claro perfeitamente arrumado atrás de uma orelha.

Ela bate e espera novamente. Quando continua sem resposta, tenta espiar pela janela, olhando ao redor como se ele pudesse estar se escondendo.

Nem o cachorro está latindo.

Então, ela se vira e olha para a rua. Nem repara em mim, mas eu me lembro dela. É a garota do rodeio, a das lágrimas escorrendo pelo rosto, pronta para desmoronar quando viu Theo no chão.

Ela é bonita. Muito bonita. Está em boa forma e não parece exausta ou caótica, como eu. Theo e eu ainda não tocamos nesse assunto, mas faz sentido que ele tenha alguém.

Quer dizer, porra, é só olhar para ele. Claro que tem alguém.

Mas ele piscou para mim. E não para de sorrir como se estivesse se lembrando de quando lambeu tequila no meu...

– Você sabe se Theo Silva mora aqui? – pergunta ela para mim.

– Mora – respondo com um sorriso fraco.

Mesmo depois de todo o trabalho duro que fiz para me tornar uma pessoa mais gentil e menos crítica, basta olhar uma vez para essa garota que já começo a odiá-la.

– Ele está em casa?

– Parece que não.

Tento parecer descontraída enquanto destranco o portão branco de madeira na frente da minha casa. Mas a pergunta foi idiota.

É óbvio que ele não está em casa. Ou que não quer vê-la. Essas são as duas opções possíveis, mas ela está perguntando a uma desconhecida.

Perguntas idiotas merecem respostas idiotas.

– Winter, espera! – grita Theo, descendo a calçada na minha direção.

Quando ele contorna a cerca-viva que o escondia da gostosa em sua varanda, ela se anima.

– Theo! Oi!

A mulher desce correndo os degraus da entrada em direção à rua.

Theo para, hesitando.

– Cindy. Oi.

Ela cora e sorri para ele, me dando uma olhada rápida antes de ir direto até Theo para envolvê-lo em um abraço.

Um abraço bem apertado.

Ela toca o rosto dele ao se afastar.

– Como você está se sentindo? Desculpa por não ter voltado ao hospital para uma visita. Fiquei presa trabalhando na cidade.

Ele se afasta dela e a mão de Cindy cai entre os dois.

– Estou me sentindo muito bem. E não precisa pedir desculpas. Foi bom reencontrar uma *velha amiga*.

Ela se retrai, e tudo bem, agora estou com pena dela. Não parece que *uma velha amiga* é o que deseja ser.

– Bem... – Ela se endireita, soando ainda mais animada. – Não consegui falar com você no número que tenho salvo, mas Rhett me disse que você ficaria aqui por um tempo, então pensei... – Ela dá de ombros, os lábios formando uma curvinha e deixando as maçãs do seu rosto mais proeminentes. – Que a gente podia bater um papo? – Ela estende a sacola. – Eu trouxe um presente para a sua casa nova!

Da sacola, ela tira uma garrafa de tequila que parece cara e um conjunto de copos de shot ornamentados.

– A gente pode fazer uma festinha, como nos velhos tempos.

Theo ri educadamente, observando o presente e a mulher diante dele.

E, mais uma vez, estou fitando-o fixamente.

Só que agora não fico envergonhada. Fico só com vontade de quebrar alguma coisa.

De preferência, aqueles copos de shot. Porque tequila é uma coisa *nossa*.

Eu me viro, deixando o portão se fechar com um estrondo alto e afrontoso enquanto vou até a porta da frente.

Vivi está dormindo, o que significa que eu seria uma idiota em tirá-la do carrinho. Normalmente, eu pegaria um livro, me sentaria na varanda para pegar um solzinho e aproveitaria a paz e o silêncio. Mas o gostoso do Theo está aqui com uma peguete gostosa, e eu preferiria beber um copo cheio de tachinhas a vê-los interagir.

Estou prestes a estender a mão e correr o risco de pegar Vivi quando

ouço a voz grave de Theo.

– É muito gentil da sua parte, Cindy. Obrigado. Mas estou em outro momento. Não estou mais nessa de fazer festinhas, como antigamente.

Ele é gentil, mas direto.

Curvada atrás da sombra do carrinho, eu paro e ouço.

Ela ri, mas eu conheço essa risada. Eu a uso para disfarçar minha decepção.

– Tudo bem. Já faz alguns anos que saí do circuito. Prefere um jantar?

Cerro a mandíbula, preparada para ouvi-lo dizer sim. Por que ele não aceitaria?

Theo passa a mão pelo cabelo e se afasta.

– Sabe, estou meio indisponível no momento. E tenho um bom pressentimento a respeito. Então não dá.

Meu estômago esquenta, como se estivesse derretendo.

A risada que Cindy dá em resposta é mais estridente dessa vez, o tom menos doce.

– Ai. Desculpa. Eu não sabia que você estava comprometido.

Os olhos de Theo buscam os meus, me pegando em flagrante. *De novo*.

– Não estou. Ainda.

16

Theo

Theo: Te pego às quatro.
Winter: Para quê?
Theo: Jantar no rancho. Podemos ir juntos.
Winter: Você não acha que isso vai dar muito na cara?
Theo: Vamos lá para contar a todos que sou o pai da Vivi. Acho que as coisas vão ficar na cara bem rápido.
Winter: Tudo bem.
Theo: E sua roupa, hein?
Winter: Não sei. Provavelmente um vestido de verão ou algo assim. Por quê? Está planejando escolher uma roupa que combine, como se fôssemos ao baile de formatura?
Theo: Não. Eu quis dizer, o que você está vestindo AGORA? ;)
Winter: Sério?
Theo: Mande fotos.
Theo: Ok. Tudo bem. Vou continuar usando a imaginação.

– É irritante que você seja bom nessas coisas de pai.

Vivi balbucia no banco de trás enquanto mexe em um livro de tecido que faz barulhos altos de amassado. Estamos indo para o rancho, botar as cartas na mesa. Ou melhor, botar o pai na mesa.

– Coisas de pai?

Arqueio a sobrancelha para Winter enquanto dirijo minha caminhonete. Ela parece uma Barbie zangada, os braços cruzados com firmeza, o que só serve para empinar seus peitos. Eu já estou distraído com eles, então isso não está ajudando.

– É. Tipo agora há pouco. Instalar a cadeirinha no carro? Simples. Dar mamadeira? Sem problemas. Trocar a fralda? Desgraçadamente mais rápido do que eu. Dar banho nela? Como se já tivesse feito isso um milhão de vezes. Colocá-la no canguru? Nem um único palavrão enquanto luta com uma alça. É *irritante*.

– Nossa, Winter. Eu não sabia que estávamos competindo. Você tem um troféu especial para mim?

Não me dou ao trabalho de esconder o humor na minha voz. Na última semana, fui à casa dela todas as manhãs, com um café quente em mãos. Apesar de ter ficado maluco com toda essa história, mantenho um sorriso no rosto e me esforço ao máximo para aprender tudo.

Olho para ela, esperando pela próxima implicância. Winter está se esforçando para esconder seu nervosismo, mas tudo o que vejo é o vestido azul-marinho com estampa de florzinhas deslizando sobre sua pele, a fenda na saia me dando um vislumbre de sua coxa macia.

Meu olhar se fixa ali, lembrando a sensação de sua pele sob as minhas mãos. Distraidamente, me pergunto se ela pensa naquela noite. Ela *tem que* pensar. Eu mandei muito bem naquela noite. Eu sei que mandei.

– Cindy parece legal.

Ah. Então é isso. Ela está estressada. E é assim que ela lida, voltando à versão rainha do gelo.

– Ela é – respondo de bate-pronto, enquanto dou ré para sair da garagem.

É hora de ir para o rancho Poço dos Desejos para um jantar em família.

Winter franze o cenho enquanto desvia o olhar.

– Você deveria ter saído com ela.

Comprimo os lábios.

– Você acha?

– Acho. Vocês formam um casal fofo. Ela é bonita.

– Eu não tinha notado.

Ela bufa. Bem alto.

– Não seja ridículo. Você provavelmente já dormiu com ela, o que significa que notou.

– É, anos atrás. Ela costumava fazer o circuito e viajar com a equipe.

Quando olho para ela, reparo que sua pele está toda rosa e manchada. Ela parece prestes a explodir.

– Não me conte essas coisas. – É sua resposta abafada.

– Por quê? Não vou mentir para você. Não tenho nada a esconder. Pensei que você soubesse que não perdi a virgindade naquela noite.

Ela bufa e olha pela janela, roendo as unhas.

– Por que isso te incomoda, Winter?

– Porque você não pode ter mulheres entrando e saindo da sua casa o tempo todo, se vai ter a Vivi por perto!

– Bem, não estou exatamente esperando por um pelotão.

– Acho bom mesmo que não. Você é pai agora. Vá ter suas aventuras em outro lugar.

– No Rosewood Inn, por exemplo? – disparo, ainda incapaz de conter a vontade de provocá-la.

Ainda curtindo vê-la abandonar a postura fria e indiferente e ficar *assim*.

– Seu grosso.

– Pelo que lembro, naquela noite você gostou bastante de eu ser grosso com você.

Ela se vira na minha direção, os olhos brilhando.

– Para. Tem uma criança no carro.

Fico murmurando baixinho, fingindo estar considerando o argumento dela, mas não estou.

– Então é por causa da Vivi?

Ela assente, soltando um suspiro pesado.

– Obviamente. Por quem mais seria?

– Você quer dizer por *que* mais seria?

Ela estreita os lábios carnudos e o silêncio se abate entre nós até que Winter encontra outra coisa para criticar.

– E você mora na casa ao lado. Não precisava ter ido nos buscar de carro.

Preciso me esforçar para não rir. Eu não deveria achar esse lado dela cativante, mas acho.

– Achei que ficaria mais fácil para instalar a cadeirinha no meu carro.

Ela solta um suspiro rápido, ombros subindo e descendo.

– Você é cavalheiro demais para o meu gosto, isso me irrita.

– Uau. Parece que a única constante a meu respeito é que sou irritante e grosseiro.

Quando olho rápido para ela, sua expressão se suaviza. O verniz frio se vai e sua postura tensa relaxa um pouco.

– Desculpa. Estou surtando.

– Eu sei.

Sorrio enquanto passamos pelo posto de gasolina onde a vi pela primeira vez.

– Estou sendo uma escrota.

– Que nada, você só está usando as ferramentas de enfrentamento que possui.

– Isso é alguma palhaçada motivacional do Tony Robbins? Porque eu odeio esse cara. Só um homem consegue ser tão babaca e ainda ganhar milhões de dólares vendendo os conselhos mais básicos.

Eu solto uma risada.

– Ele realmente é um babaca, não é?

Winter sorri e olha pela janela para esconder o fato.

– É.

– Ok. Eu não sou nenhum coach, mas sabe como eu lido com surtos?

Ela se vira para mim com seus olhos azuis arregalados, o cotovelo apoiado no console central como se eu pudesse lhe dar uma resposta profundamente útil. Ela está zombando de mim, mas não tem problema.

Apoio o braço ao lado do dela, apreciando notar que ela não se afasta.

Porra. Eu quero muito tocá-la. Mais do que apenas esse toque casto dos nossos braços, ou qualquer merda que eu esteja fazendo agora.

Quero segurar seu cabelo. Incliná-la para a frente. Abrir suas...

Balanço a cabeça para botar as ideias no lugar. Meu pau está endurecendo sob o jeans, e não é a hora nem o lugar.

Pigarreando, sigo em frente.

– Quando estou surtando, tento me tornar o mais útil possível. Arrumo coisas para fazer. Limpo, organizo, me supero na troca de fraldas.

Ela se afunda no assento.

– Droga. Me desculpe. Eu realmente sou uma...

– Winter, não termine esta frase. Em vez disso, me prometa que, quando conhecer minha mãe, vai dizer a ela que eu sou um perfeito cavalheiro. Isso vai deixá-la orgulhosa.

Ela ri.

– Beleza. Pode deixar.

– Não acho que eu vá conseguir segurá-la por muito mais tempo. Ela está doida para conhecer a Vivi. As fotos não estão dando conta – admito

enquanto entramos no rancho.

Winter se vira na minha direção, sobrancelhas franzidas.

– Por que você não a deixa vir?

Seu corpo balança quando paro perto da sede, toda feita de pedras de rio e troncos envernizados, com um telhado de zinco e uma varanda ao redor.

– Não sei. Só queria dar a nós dois um tempinho para entender tudo.

– A nós dois. – Ela balança a cabeça, depois bufa.

Só que isso não pode ficar assim, então eu salto da caminhonete e dou a volta. Pela maneira como Winter está vasculhando a bolsa em seu colo, imagino que ela pense que estou indo pegar a Vivi, mas eu abro a porta do lado dela e me aproximo o suficiente para que meus joelhos encostem na borda da caminhonete.

– O que você está fazendo? – Ela parece alarmada enquanto se vira para me encarar.

– O que tem de tão engraçado em nós dois?

Ela estende as mãos num gesto de descrença.

– Sério?

– Sério.

– É que... É que... Você... Você não precisa se sentir obrigado a criar uma relação, se nem conexão existe. Você pode querer que Vivi faça parte da sua vida sem fingir que me quer também. Não se sinta obrigado a agir como se estivesse atraído por mim só porque sou a mãe dela. – Ah, esses olhos brilhantes, esse queixo empinado, esses lábios convidativos... – Não quando você tem garotas como Cindy à disposição.

Eu a interrompo, me inclinando para soltar seu cinto de segurança e virando-a para me encarar como naquela noite, no bar. Nossos olhares colidem, perguntas rodopiando naquelas profundezas azuis.

Com uma mão apoiada no teto da caminhonete, eu me inclino, meus lábios pairando sobre os dela enquanto sussurro:

– Essa é uma avaliação fascinante, Winter, mas não estou fingindo nada. Porque passei um ano e meio só precisando me *lembrar* de nós dois naquela noite para passar o resto do dia andando por aí assim.

Eu passo do limite.

Estendo a mão e seguro o pulso dela, puxando sua mão para deslizá-la sobre meu pau duro como pedra.

Winter não se afasta. A única coisa que se move são seus olhos,

percorrendo meu rosto, sua expressão calculadamente neutra.

Mas então ela começa a alisar o meu pau.

Ela suspira e lambe os lábios enquanto eu gemo e abaixo a cabeça. O espacinho entre nós crepita quando um dedo se move, correndo sobre o jeans que nos separa. O toque dela é dolorosa e deliberadamente lento.

– Ah, que bom! Vocês chegaram! – A voz alegre de Summer e seus passos descendo as escadas me fazem recuar para longe de Winter. Nós dois ofegantes, olhando um para o outro.

– Que bom que vieram juntos! – Summer dá um tapinha no meu ombro. – Você é um cavalheiro, Theo. Até abriu a porta para ela!

Summer não sabe de nada.

Mas acho que, agora, Winter sabe.

17

Winter

Summer: Vamos todos jantar na casa principal hoje à noite?
Sloane: Sim! Acabamos de voltar.
Willa: Vou fazer mimosas. Cade vai cozinhar.
Winter: Sim.
Summer: Ouvi dizer que você vem de carona com o Theo!
Willa: Gosto muito mais dele do que do Dr. Paspalho.
Winter: Não estamos juntos.
Willa: Mas, se estivessem, seria uma boa troca
Summer: Muito boa
Willa: Muito MUITO boa
Sloane: Deixem a Winter em paz, gente.

– Como está indo a fisioterapia? – pergunta Rhett quando há uma pausa na conversa da mesa.

– Vai bem, na verdade. Fui liberado da tipoia. Não que eu estivesse usando – responde Theo, com uma risada.

Theo, que se recusou a se sentar em qualquer lugar que não fosse ao lado de Vivi. Não que eu possa culpá-lo, mas mesmo assim. Não estou alheia aos olhares que as pessoas lançam na direção dele. Que lançam na nossa direção.

– E aí, quando é que sua mãe vem? Summer e eu queremos convidá-la para jantar. Ela não conhece a casa nova. Pensando bem, não a vejo há um bom tempo.

Rhett se recosta da cadeira, examinando Theo. Tudo parece muito óbvio,

especialmente porque Theo pisca para mim toda vez que eu pigarreio, nervosa. É como se ele estivesse prestes a dizer alguma coisa, e aí fosse levado pela maré da conversa.

– Claro. Ela adoraria. Acho que ela vai vir um pouco antes e ficar lá na minha casa.

Todos continuam comendo o macarrão com molho de camarão e limão que Cade preparou. Há uma tigela cheia de salada de melancia e hortelã no meio da mesa. É a refeição de verão perfeita, e todos estão aqui para compartilhá-la.

Willa, cujo olhar astuto se alterna entre mim e Theo. Cade, que está cuidando de sua filha, Emma, e do filho, Luke, que mal levanta a cabeça, devorando o macarrão como se seus pais não o alimentassem há dias.

Sloane e Jasper, que estão sentados tão próximos que Sloane está quase comendo no colo dele.

E Beau, que está tentando com afinco roubar de mim a coroa de maior babaca, sentado diante de Harvey, na cabeceira da mesa, girando uma garrafa de cerveja e descascando o rótulo. Sem dizer uma palavra.

Até a mãe de Sloane, Cordelia, está aqui. *Ainda*. Ela veio para cá depois de deixar o babaca do marido há mais de um ano e simplesmente... ainda não foi embora.

E é adorável o jeito como ela comenta:

– Harvey, você precisa comer salada também. Não vai conseguir se manter saudável se alimentando apenas de carne e carboidratos.

Então ela limpa a boca de forma elegante e desvia o olhar. E Harvey revira os olhos, estica o braço e se serve de algumas colheres da fruta.

Acho um absurdo que todos continuem olhando desconfiados para Theo e para mim enquanto deliberadamente ignoram o que está acontecendo entre Harvey e Cordelia.

– Que ótimo. Eu gostaria de conhecê-la também – intromete-se a voz grave de Harvey, enquanto ele olha para a melancia em seu prato como se fosse um inimigo. E então ele deixa escapar algo que não deveria me surpreender, mas me surpreende: – Imagino que ela vá querer passar mais um tempinho para ficar mais com a neta.

A mesa fica em silêncio, exceto pelo barulho de Summer deixando o garfo cair no prato.

O tempo parece ter parado, acentuado pela batida do meu coração em

meus ouvidos. Eu estava planejando dizer alguma coisa, mas ainda não tinha encontrado o momento. Ainda estava reunindo coragem, tentando introduzir o assunto, não apenas deixar escapar sem nenhum tato.

– O que foi? – diz Harvey, com a boca cheia de melancia. – Já faz algumas horas que estamos sentados aqui. Vamos todos continuar fingindo que Theo não é o pai da Vivi? E só *olhar para a cara deles*.

Comprimo os lábios e minhas bochechas esquentam.

Porra, Harvey.

Theo me salva. Como sempre.

– Bem, Winter e eu passamos muito tempo conversando sobre como abordar o assunto, mas eu deveria só ter deixado a seu critério, Harv.

Sloane está sentada bem na minha frente, com a mão no peito, fingindo estar chocada. Uma querida.

– Obrigada – digo a ela, sem som.

Ela balança a cabeça e faz um pequeno gesto.

– Espere aí.

O fofo do Jasper parece confuso. Devo a Sloane um engradado de cerveja Buddyz Best por manter esse segredo tão bem guardado.

– Eu só me lembro de vocês dois tendo aquela briga engraçada na frente da casa.

– É! – Os olhos de Willa se iluminam enquanto ela aponta para Jasper, a voz toda empolgada. – Aquela foi ótima!

E, considerando que essa altercação parece tão memorável para todos, eu devo ter feito um grande papel de idiota.

Harvey dá uma bufada irônica.

– Fala sério. Vocês, crianças, não sabem de nada? Nunca viram um gato selvagem brigar com uma fêmea?

Willa retesa o corpo todo para conter uma risada, enquanto Cade resmunga e esfrega a barba.

– Eles começam se arranhando e gritando um com o outro...

– Pai, por favor, pare com isso – diz Cade, apoiando os braços na beira da mesa e olhando para o prato.

– Então, antes que você perceba... – continua Harvey, sem se abalar.

– *Pai.* – É a vez de Rhett tentar fazê-lo parar.

– Antes que você perceba, o quê, Harv? – diz Jasper, dando corda ao homem mais velho, ignorando o tapinha que Sloane dá em seu peito.

Harvey dá de ombros com naturalidade.

– Antes que você perceba, eles estão se reproduzindo. Gatinhos por toda parte.

Um coro de grunhidos ecoa pela mesa.

– Pelo amor de Deus – murmura Beau.

No entanto, por mais infeliz que esteja, nem ele consegue reprimir o sorriso diante das palhaçadas do pai.

Quando olho para Theo, do outro lado da cadeira alta de Vivi que está entre nós, ele está com as mãos sobre os olhos, o corpo tremendo com uma risada silenciosa.

– Sério, Theo? – sibilo para ele, tentando soar ameaçadora, mas uma risadinha se mistura à minha voz.

– Desculpe. Preciso de um minuto para me recuperar dessa.

Ele me olha, enxugando lágrimas dos olhos, cílios grossos e escuros grudados enquanto balança a cabeça em descrença. Endireito os ombros e encontro os olhos castanhos brilhantes de Harvey no final da mesa.

– Obrigada pela explicação, Harvey. Quando Vivienne ficar mais velha e perguntar como nos conhecemos, vou deixá-la com você.

– Não – interrompe Cade. – Não dê ideias a ele. Mentes jovens e impressionáveis não precisam da versão de Harvey Eaton de como são feitos os bebês.

– Eu acho que o vovô usou coelhos de exemplo, quando me contou sobre os bebês – acrescenta Luke, todo inocente.

– É. – Harvey ri. – Os coelhos também são danados, sabia?

Eu o vejo se sobressaltar um pouco e seus olhos disparam até Cordelia. Está na cara que ela o chutou por baixo da mesa.

– Mas... – Ele observa o grande grupo de pessoas encarando-o em diversos níveis de bom humor. – Essa não é uma conversa apropriada para a mesa de jantar.

Luke, que tem apenas 7 anos, ri antes de dizer:

– É, o papai vai surtar se você disser "trepando feito coelhos" na minha frente de novo.

Então ele arregala os olhos e tapa a boca com a mãozinha, como se pudesse enfiar as palavras de volta. A cadeira de Cade range quando ele se levanta.

– Lucas Eaton, lá fora. Agora.

Luke baixa os olhos e lança um sorrisinho brincalhão para Willa por baixo da franja de seu novo penteado mais comprido.

– Você também, Harvey.

Willa se inclina sobre a mesa e sussurra alto:

– Que merda, Harv, você deixou o papai bravo.

Harvey comprime os lábios para esconder um sorriso enquanto se levanta e sai para "levar um sermão" do filho.

– Eu ouvi isso, Ruiva! – grita Cade, saindo pela porta dos fundos sem nem olhar para trás.

Willa se abana e puxa Emma da cadeira alta para seus braços.

– Bem, este foi um jantar de família interessante, para dizer o mínimo.

– Nem me fala – diz Rhett, olhando fixamente para Theo, como se não conseguisse acreditar no que aconteceu. – Quando você descobriu?

– Há mais ou menos uma semana – responde Theo.

Rhett volta sua atenção para mim.

– Você não contou a ele? Nem a ninguém? Você sabia esse tempo todo e não disse nada?

Seu tom é descrente, mas também acusatório. Claro que ele pensou o pior de mim. Posso estar sentada à mesa com essa família, mas não sou parte dela. Não importa o que eu faça, eles sempre me olharão com uma pitada de desconfiança.

Theo estala os dedos sobre a mesa, chamando a atenção de seu mentor de volta para si. O ar divertido desapareceu, dando lugar a uma expressão fulminante.

– Veja lá como você fala com a mãe da minha filha.

Rhett cerra o maxilar e cruza os braços. Parece *chocado* com o tom áspero de Theo.

Sloane corta a tensão.

– Vocês não nos devem nenhuma explicação. Se estão felizes, eu estou feliz. Vivi é muito amada e tem a maior sorte do mundo, com mãe e pai maravilhosos em sua vida agora.

Eu relaxo no meu assento enquanto Sloane assente de leve do outro lado da mesa.

Como se reagisse fisicamente ao pico de tensão na mesa, começo a ouvir resmungos baixinhos ao meu lado, e os olhos de Vivi de repente se enchem de lágrimas.

Antes que eu possa fazer algo, Theo a alcança.

– Ei, ei, ei, bebezinha. Está tudo bem – murmura ele enquanto a segura contra seu peito largo.

E sinto um choque de desejo.

Ele não precisava ser assim tão gostoso e tão *bom*. Num instante, está me defendendo; no outro, consolando nossa filha.

Eu não mereço isso, e parte de mim ainda sente que botei nos ombros dele algo que Theo não tem como desejar.

Há também uma pequena parte que fica mais atraída por ele a cada momento que passo em sua companhia. Senti isso naquela noite, um nível de conforto até então desconhecido. E agora esse sentimento aumenta a cada segundo que estou perto dele.

Toda vez que eu o vejo com Vivi.

Toda vez que ele aparece na minha porta com um café.

Toda vez que ele pisca e passa os olhos pelo meu corpo como se estivesse revivendo aquela noite em sua mente.

Mas, sentada aqui, observando-o cercado por amigos e família, consolando nossa filha e sendo o homem gentil que ele é... eu me sinto uma estranha no ninho.

Como se aqui não fosse meu lugar. Estarei ligada a ele pelo resto da vida, então há uma boa chance de eu ser forçada a vê-lo namorar outras mulheres. Casar-se com outra mulher. Ter filhos com outra mulher. E Vivi também fará parte dessa família.

E eu ainda serei a estranha. Porque deixá-lo com o pau duro não é o suficiente para que um relacionamento seja duradouro.

– Então, como tudo isso... está indo? – pergunta Summer, cautelosa.

O nó de ansiedade que surge no meu peito quando encaro a realidade do meu futuro e esse ciúme estranho e devorador me impede de falar.

– Muito bem. Ainda estamos nos entendendo.

Theo olha para mim, a mão grande acariciando as costas da filha enquanto ela se aninha na curva do pescoço dele. Como se ela *soubesse* que ele é dela, de alguma forma.

Que ele é dela de uma forma que nunca será meu.

– Morar bem ao lado é útil, na verdade – acrescenta ele, de forma bem-humorada, e dá uma piscadela.

Uma piscadela que é um alerta de *perigo* para o meu coração, assim

como foi na primeira vez que a recebi dele.

– É – respondo, mexendo no guardanapo no meu colo. – É perfeito. É como se fôssemos parceiros de negócios, sabe?

Summer assente devagar, seus olhos cheios de confusão.

– Nós temos o mesmo objetivo, mas ainda conseguimos manter as coisas separadas. Quase profissionais.

Digo isso para explicar a situação, para colocar uma bela cerca de arame ao meu redor e manter meu coração ferido e desconfiado a salvo. A salvo de um homem como Theo, por quem seria muito fácil me apaixonar.

Theo fica tenso ao meu lado. No mesmo instante, sei que dei um golpe que o machucou.

Quando olho para ele, posso dizer que está evitando me olhar. Percebo que o sorriso orgulhoso em seu rosto bonito se desmanchou. Seus olhos estão franzidos, e ele aconchega Vivi mais perto, como se eu fosse tomá-la.

E por mais que eu tenha sentido a necessidade de traçar esse limite para me proteger...

Eu me arrependo do que disse.

18

Theo

Mãe: Vocês vão dar a notícia para todo mundo hoje?
Theo: A grande revelação.
Julia: Estou um pouco surpresa por isso não ter acontecido antes.
Theo: Jules, você não tem dever de casa para fazer ou coisa parecida?
Julia: Tenho a impressão de que você é o tipo de cara que tem filhos em todo canto, se fizer um daqueles testes de ancestralidade.
Theo: Não é culpa minha se sou tão fértil que nenhuma barreira é capaz de me conter.
Julia: Que nojo. Você é meu irmão. Menos, menos.
Mãe: Foi você que provocou.

O sol está se pondo diante da ampla varanda dos fundos da casa de fazenda quando o olhar de Rhett encontra o meu. Ele inclina a cabeça em direção à casa, gesticulando silenciosamente para que eu o acompanhe lá para dentro.

Olho para Winter, do outro lado da mesa. Ela está sentada com as costas retas, bem ao lado de um grande aquecedor, com Sloane do lado oposto. Willa e Summer conversam sobre alguma coisa.

Como se sentisse meus olhos nela, Winter vira a cabeça bem lentamente, como se estivesse resistindo a uma força superior. Nossos olhares se encontram.

Vivi dorme em meus braços, mas a atenção de Winter está em mim. Não consigo identificar a expressão em seu rosto, e me esforço ao máximo para me manter casualmente impassível. Tento sorrir e não deixar evidente a um grupo animado de pessoas felizes que ser chamado de parceiro de negócios

me faz querer virar a porra da mesa.

Eu me levanto com Rhett e cochicho para Winter:

– Vou entrar um minutinho.

Ela assente em resposta, tensa, gesticulando para eu lhe passar Vivi.

Balanço a cabeça. Sem chance de eu abrir mão de um único momento com essa garotinha dormindo em meus braços.

Depois de entrar com Rhett, eu me apoio na ilha da cozinha enquanto ele se inclina contra o encosto do grande sofá de couro que fica de frente para a sala de estar. É como se estivéssemos fingindo que estamos relaxados, quando sabemos que a conversa a seguir não será nada casual.

Ele está com algo atravessado na garganta.

E, com toda a franqueza, eu também. Winter pode me chamar de seu parceiro de negócios o quanto quiser, mas não vou deixar ninguém fazer acusações como as que Rhett fez mais cedo. Não mesmo.

– Como você está? – Ele cruza os braços e olha para o rosto adormecido de Vivi e o meu.

– Ótimo – retruco.

– Isso deve ter sido uma grande surpresa.

– Pode crer.

– Como está se sentindo em relação a tudo?

Eu dou de ombros, rígido.

– Bem.

– Não, sério, Theo. Não é possível que você quisesse uma coisa dessas. Claro que a Vivi é incrível, mas não era o que você buscava, e nós dois sabemos disso. Eu não me atirei na frente de um touro para você jogar tudo fora.

– Rhett, vou ter que te interromper. Você é meu amigo há muito tempo. Meu mentor há mais tempo ainda. Meu pai te amava, e eu também te amo. Mas eu juro que se você continuar falando dessa situação como se fosse um fardo, vai ficar difícil continuar seu amigo.

Ele se sobressalta, os olhos arregalados.

– Uau. Tudo bem. É que a Winter é meio...

– Meio o quê? – interrompo. – Forte? Inteligente? Uma mãe maravilhosa? Porque, se você estava pensando em qualquer coisa que não seja positiva, pode ir parando por aí.

Rhett ri.

– Eu nunca tinha visto esse seu lado.

– Que lado? – murmuro, olhando para o rosto sereno de Vivi, observando como os cílios escuros roçam delicadamente suas bochechas rosadas e gordinhas.

– Esse... Esse... – Ele faz um gesto, apontando de cima a baixo para mim. – Esse seu lado paizão. Mas, sabe, isso não significa que você é obrigado a gostar da Winter. Ela é uma mulher complicada. Quer dizer, ela faz parte da família, mas nem sempre é fácil de...

– Eu sempre gostei da Winter. Gostava dela quando você me contava histórias a seu respeito, antes de conhecê-la. Gostei dela na primeira vez que a vi, naquele posto de gasolina fuleiro, na esquina da Rosewood com a rua principal. Gostei dela quando ela gritou que eu devia ter um pau pequeno. – A expressão de Rhett evidencia uma mistura de confusão e descrença. – E gosto dela especialmente agora. Não estou triste por Vivi. A única coisa que me entristece é não ter estado ao lado da Winter mais cedo, mas esse é um problema meu. Então, se está querendo alguém para conversar sobre como ela é horrível, é melhor procurar outra pessoa.

Com isso, eu me afasto da bancada, abro a porta dos fundos e aceno para a única mulher que já conseguiu capturar minha atenção. Minha nova *parceira de negócios*.

Interrompo os murmúrios tranquilos da conversa, cansado de todo aquele movimento.

– Sininho, vamos para casa.

Ela hesita alguns segundos, então diz alguns agradecimentos e pedidos de desculpa educados. Quando se aproxima de mim e de Vivienne, passa o braço pelo meu e me deixa conduzi-la para fora da casa.



A viagem de volta para casa acontece em um silêncio tenso. Eu digo a mim mesmo que é porque Vivi está dormindo no banco de trás. Mas sei que não é por isso.

E tenho a sensação de que Winter também sabe.

– Foi melhor do que eu esperava – comenta ela, com a voz um pouco

animada demais para sua personalidade.

– O que você estava esperando? – Minhas mãos seguram o volante, minha voz sai baixa e tranquila.

A escuridão se instala ao nosso redor e o zumbido surdo dos pneus na estrada secundária preenche a ausência de resposta. Tento manter os olhos na estrada, mas Winter fica calada por tanto tempo que não consigo evitar olhá-la. Ela está com a postura ereta, mas suas mãos estão se contorcendo no colo, revelando sua angústia.

– Eu não esperava que você me defendesse.

Eu balanço a cabeça, um pouco irritado por ela pensar que eu não faria isso.

– Eu sempre vou te defender, Winter.

Minha declaração deve surpreendê-la, a julgar pela maneira como vira abruptamente a cabeça em minha direção. Depois de alguns segundos, ela pigarreia e relaxa no assento.

– Não estou surpresa com a reação do Rhett, porque é basicamente o que eu esperava. Não o culpo por me ver como a vilã, sabe, eu entendo por que ele me enxerga desse jeito.

– Por quê?

– Porque faz pouco tempo que eu me aproximei da Summer. E ele é mais rancoroso que ela, eu acho.

– Ele é um babaca.

– Não. – Ela solta um suspiro profundo e deixa o olhar vagar para a janela. – Fui horrível com a Summer praticamente a vida inteira.

– Por quê? Ela fez alguma coisa com você?

Winter solta uma risada irônica, porque nós dois sabemos muito bem que Summer seria incapaz de fazer qualquer maldade.

– Parece ridículo quando eu digo em voz alta.

– Eu digo um monte de coisas ridículas.

Ela volta a me olhar.

– É, isso é verdade. Acho que você chegou a latir para mim, uma vez.

Tenho vontade de sorrir, mas apenas balanço a cabeça.

– Continue.

– Acho que eu descobri muito nova que, quando tratava o meu pai e a Summer do mesmo jeito que a Marina me tratava, ela meio que... deixava os dois em paz. Tipo: se a Marina sentisse que eu estava *do lado dela*, acabava

se importando menos com eles, porque voltava toda a atenção para mim. Se concentrava em me tornar a perfeita versão mirim dela. Para ela, me manter ao seu lado empatava o jogo. Ao me afastar deles, ela sentia que tinha vencido, e aí não ficava perturbando minha irmã caçula.

– Você já contou isso para a Summer?

Winter estremece inteira em um suspiro pesado.

– Não. A gente acabou de retomar a relação. Conversar sobre isso só vai magoá-la. E eu não quero magoá-la mais do que já magoei.

– Você deveria contar.

– Por quê?

– Faria você se sentir melhor.

– Mas ela se sentiria pior. Ela vai achar que precisa me consertar. É o jeito dela.

– Você não precisa de conserto, Winter. – Eu engulo o nó na garganta. Tudo isso parece coisa demais para uma criança processar, imagine suportar. – Mas como você fica?

Ela faz um gesto de dispensa.

– Vou sobreviver.

– E quando você era criança?

Ela passa a língua pelos lábios, disfarçando o nervosismo.

– Foi tudo bem. Eu tinha comida, água e muitas roupas de grife. Fiz todas as atividades extracurriculares que eu quis. – Ela dá de ombros. – Não me faltou nada.

– E amor?

Ela se vira para olhar Vivi, sua voz assumindo um tom mais pesado ao dizer:

– O que tem?

– Você teve?

Observo-a engolir em seco enquanto sua atenção permanece fixada em nossa filha adormecida.

– Não. Acho que nunca tive isso, até a chegada dela.

Sem pensar, levo a mão ao peito, querendo fazer passar a dor. Gostaria que minha mãe estivesse aqui. Ela saberia o que fazer ou dizer.

– É engraçado – prossegue Winter, como se estivesse em transe. – Fiz um juramento, como médica. É meu trabalho salvar vidas. E, de alguma forma, isso não parece pesado nem opressivo. É mais como um desafio que sou

capaz de enfrentar. Mas com ela? Meu Deus. É desgastante. Às vezes, eu a amo tanto que nem consigo dormir. Usaria qualquer inocente como escudo para protegê-la, se houvesse um tiroteio. Jogaria outras pessoas no fogo para tirá-la de um prédio em chamas. Nadaria em água fervente por ela. Eu nem hesitaria, Theo.

– Então você a ama? Isso é normal. Quer dizer, suas descrições são um pouco... sombrias. Mas eu entendo – digo enquanto entro na garagem de sua casa.

– É? – Winter direciona os olhos azuis cristalinos para mim. Eles brilham na cabine escura da caminhonete, refletindo cada partícula de luz ao nosso redor. – Eu nunca amei ninguém assim antes. E ninguém me amou como Vivi. Parece tão estranho!

Meu Deus. Esta mulher.

Quero muito tocá-la, acalmá-la. Então, estendo a mão e toco seu rosto, passando os dedos pelo seu cabelo, como fiz no elevador. Eu me inclino sobre o console e ela sustenta o meu olhar.

– É, Winter. – Ela passa a olhar para os meus lábios. – É normal. E você não deve se contentar com menos.

Sua respiração roça minha bochecha quando ela suspira. Eu poderia facilmente fechar os dedos em seu cabelo e beijá-la. Dar a ela um gostinho do que é ter mais. Mas ela se afasta antes que eu possa fazer isso, erguendo a mão para dar um aperto platônico em meu antebraço.

Às vezes, não sei se só eu sinto essa atração. Não sei se passo todos os dias no chuveiro batendo punheta pensando em uma mulher que não pensa em mim. É quase impossível saber com clareza o que se passa pela cabeça de Winter.

E esta noite não é diferente.

Ela abre um sorriso inexpressivo antes de nos separarmos sem trocar outra palavra. Eu a observo carregar a cadeirinha de Vivi para dentro da casa escura antes de dar marcha a ré e dirigir até a casa ao lado.

Quando entro, sinto estar na casa errada.

19

Theo

Winter: Obrigada por hoje.
Theo: Eu não fiz nada de mais.
Winter: Fez, sim.
Theo: Quer que eu vá aí e faça algo realmente digno de nota, para você me agradecer profusamente?
Winter: Você está sempre com esse tesão todo?
Theo: Eu estava falando de limpar sua casa. Que mente suja, Dra. Hamilton.

– Vamos lá, Peter.

Se olhares matassem, eu estaria morto. Peter me encara com raiva, as costas arqueadas e uma pata dianteira erguida, enquanto seu corpinho treme. Algumas pessoas poderiam achar que ele está com frio, mas eu sei bem o que é: ódio.

– Eu sei. Como ouso fazer você sair do sofá pra ir mijar lá fora?

Ele treme de novo.

– Sou oficialmente a pior pessoa do mundo.

O cão baixa as orelhas e seus olhos, geralmente esbugalhados, ficam enviesados.

Eu suspiro, cansado depois de uma das noites mais estranhas da minha vida, e me abaixo para pegá-lo.

– Vamos, seu babaca. Não vou deixar você me acordar no meio da noite.

Saímos pela porta dos fundos e Peter solta grunhidos nada contentes. Eu o coloco na grama e me sento no degrau do alpendre dos fundos. Ele se vira e me lança uma careta reprovadora.

– É isso que eu ganho por resgatar você? Eu nem gosto de cachorros pequenos. Você é uma exceção.

Ele cruza o quintal cautelosamente, como se a mera existência da grama fosse uma afronta pessoal a suas perninhas sensíveis. Decido apará-la amanhã. Vou cuidar do gramado de Winter também.

É quando escuto.

Os gritos aflitos de Vivi atravessam a noite, vindos da casa ao lado. Essas casas antigas têm muita personalidade, mas um péssimo isolamento acústico.

Fico sem saber o que fazer. Odeio deixar que Winter cuide de tudo sozinha.

Nem acredito que acabei de dizer que não queria ser acordado pelo cachorro no meio da noite, quando Winter vem passando *exatamente por isso* há meses.

Sozinha.

Peter funga e gira como se fosse fazer xixi. Por alguma razão, ele decide que o trecho de grama no canto é um lixo indigno de sua oferenda, então volta a fungar para encontrar o lugar *perfeito*.

Vivi chora e, quanto mais ouço seus gritos, mais agitado fico. Eu me levanto e observo Peter olhar ao redor como se estivesse procurando o local ideal para construir a casa dos seus sonhos e não um lugar para mijar.

– Vamos, Pete. Você morava na rua. Não é tão exigente assim. Escolha um lugar.

Estalo os dedos antes de fazer um movimento nervoso de "anda logo". Porque não posso simplesmente ficar parado aqui ou me deitar para uma noite inteira de sono sabendo que as duas estão passando por dificuldades a alguns metros de distância.

Então, quando Peter finalmente se alivia, atravesso o gramado e o pego no colo em meio ao som de mais resmungos agitados. Sigo pela calçada estreita entre as casas, passo por cima da cerca baixa e caminho direto pelo gramado vizinho até a porta da frente. Considerando o choro vindo lá de dentro, não será o meu barulho que vai acordar alguém, então bato três vezes. Com força.

Demora um pouco, mas a porta se abre. Winter ainda está de vestido e tirou a maquiagem, mas apenas de um lado.

– Desculpa. Vou tentar fazer menos barulho.

Eu a encaro. Ela não sabe como pedir ajuda.

E então percebo. Não havia ninguém a quem pedir ajuda.

– Achei que dava para tirá-la da cadeirinha e colocá-la direto no berço. – Um suspiro que também poderia passar por um soluço escapa enquanto lágrimas brotam em seus olhos. – Mas a porra daquela dobradiça enferrujada que eu vivo querendo consertar a acordou, e agora ela está *puta da vida*. Tentei niná-la, e ela também não quer mamar. E eu não aguento ouvi-la chorar, mas também não quero dormir de maquiagem ou sem escovar os dentes. Então, só preciso de um minuto e aí vou conseguir...

Apoio a mão em seu ombro e a levo de volta para dentro de casa, fechando a porta atrás de mim com um leve chute. Então, estendo Peter para ela.

– Aqui. Pegue meu cachorro e vá para a cama.

Ela o pega, embora olhe para o corpo esquálido de Peter como se fosse um cadáver. Quase sorrio quando me dou conta de que Peter e Winter têm muito em comum. Espinhosos por fora, um pouco alquebrados por dentro, e precisando desesperadamente de alguém que os ponha no colo.

– Não preciso da sua ajuda, Theo.

Esta é a parte em que ela ataca, mas eu já esperava por isso. Winter é extremamente independente.

Abro um sorriso suave enquanto ela e meu cachorro me encaram com fúria.

– Sei que não precisa, Winter. Mesmo assim, quero ajudar. Posso?

Winter arregala os olhos. Ela está tão acostumada a afastar as pessoas quando está irritada que eu a desestabilizo quando não recuo.

Então, apoio a mão na base das costas dela e a conduzo pelo corredor.

– É para eu deixar seu cachorro dormir na minha cama?

– Isso.

– Mas ele...

– Vai te fazer bem. Ele gosta de se aconchegar e dorme como um defunto. Vá terminar de tirar a maquiagem e escovar os dentes.

Com um empurrãozinho, mando Winter para o banheiro e então me viro e entro no quarto de Vivi, onde seus berros raivosos preenchem o ar.

– Bebezinha, que escândalo é esse? – sussurro enquanto ela estende os bracinhos para mim. – Você não pode ficar de farra até essa hora. Sua pobre mãe precisa descansar.

Eu a pego no colo e ela acomoda sua bochecha molhada no meu pescoço. Mãozinhas agarram minha camisa e ela... apenas passa a chorar mais alto.

– Tá, você está realmente brava. Eu entendo. Parece que todo mundo está assim hoje, então você não está sendo nada original.

Embalando-a, vou até a cozinha e pego tudo o que preciso para esquentar um pouco de leite para ela.

– Sabe o que me deixa irritado? Sentir fome. Você puxou isso de mim. Vamos tentar de novo.

Ela arfa, o corpo estremecendo pelo esforço de recuperar o fôlego.

– Minha mãe sempre diz que "cara feia para mim é fome". Minha irmã também fica assim. Deve ser por isso que ela está sempre tirando sarro da minha cara. Ela vive com fome. Tenho certeza de que é uma característica dos Silva.

Quando a mamadeira fica pronta, Vivi já está berrando menos, e eu sigo pelo corredor em direção ao quarto dela. Pretendo me sentar na cadeira de balanço com minha filha e vê-la cair no sono.

Levanto a cabeça quando ouço o rangido de dobradiças. Winter está parada na entrada do próprio quarto, em frente ao de Vivi, parecendo cansada e alerta ao mesmo tempo. Como se não soubesse o que fazer ou dizer enquanto recebe ajuda.

Ela mordisca o lábio enquanto me aproximo, e baixo os olhos, apreciando sua fina camisola de algodão. Eu me pergunto se ela está usando alguma coisa por baixo. Imagino como seria erguer esse tecido e fazê-la minha.

– Vá para a cama, Winter.

– Tem certeza? O que você vai fazer?

Coloco Vivi no berço com a mamadeira quente em suas mãos ansiosas antes de me virar para encarar a mulher que ocupou todo o espaço em minha mente desde que a vi pela primeira vez – provavelmente até antes.

Toda vez que Rhett mencionava o que havia se passado entre ela e Summer, eu não conseguia evitar pensar que faltava uma parte da história, que as pessoas não são cruéis assim do nada e que irmãs não deveriam viver em tanta desarmonia. E os pais não deveriam foder a cabeça dos filhos tanto quanto ele descrevia. Minha infância não foi perfeita, mas nunca duvidei do amor dos meus pais por mim.

É verdade que eu não conhecia Winter, mas mesmo assim pensava nela.

– Vou cuidar da nossa filha para que você possa descansar, como precisa.

– Está tudo bem. Eu não preciso da sua ajuda...

Eu ergo as mãos e seguro as dela de forma brusca enquanto a levo de volta para o quarto. É como o meu, com sancas e painéis de madeira de lei envernizada, mas o dela tem um toque feminino. Winter tem uma linda cama de latão, de estilo antigo. É delicada e polida, provavelmente fria ao toque – assim como ela.

Mas, se você segurar o metal por tempo suficiente, ele esquenta. Assume a temperatura do ambiente.

Winter só precisa de um pouco de calor para se aquecer.

Peter já se acomodou nos lençóis imaculadamente brancos, aprovando o quarto extravagante.

– Vá para a cama, Winter. Ou eu mesmo vou ter que colocar você lá.

Seu corpo está tão próximo do meu que, quando ela se vira, seus mamilos roçam meu peito.

– Qual parte do "eu não preciso da sua ajuda" você não está registrando?

Ela empertiga os ombros, mas isso só pressiona seus seios ainda mais contra meu peito. Vivi está completamente feliz com a mamadeira, no berço, e Winter está mostrando as garras, do jeito que eu gosto.

E eu também sei jogar esse jogo.

Os tempos estão mudando.

– Todas as partes, Winter.

Passo a mão pela lateral de seu corpo, pousando-a no quadril. Não sinto a costura de nenhuma calcinha. Solto um gemido quando ela respira fundo, nós dois baixando o rosto para olhar a minha mão que segura Winter possessivamente ali, tão pequena.

Me voltam memórias de quando eu a virei e levantei seus quadris do jeito que eu queria. De sua bunda se empinando para mim, as pernas abertas, se oferecendo, enquanto eu enfiava a mão nela para acariciar seu clitóris. Ela gemeu meu nome e gozou no meu pau, embora tivesse jurado que não era capaz.

Baixo a boca para seu ouvido, notando como ela estremece.

– Você vai aceitar minha ajuda. E vai gostar. Talvez até me agradeça. – Mordisco o lóbulo de sua orelha e baixo a voz para acrescentar: – Como fez da última vez que te dei uma mãozinha.

Com alguns passos suaves, eu avanço, empurrando-a em direção à cama até que a parte de trás de suas pernas nuas encostem no colchão. Com um leve empurrão no quadril, seu corpo cansado cede e ela se senta na cama.

Eu seguro suavemente seu queixo enquanto me abaixo para ficar cara a cara com ela. Seus olhos azul-claros correm meu rosto, como se ela estivesse tentando adivinhar o que vou fazer a seguir.

Não há resistência, apenas curiosidade. Talvez até mesmo algumas das mesmas lembranças pelas quais estou obcecado, a julgar pela maneira como seus mamilos duros marcam a camisola.

– Somos um time, Winter.

A respiração dela roça meus lábios úmidos, curta e trêmula, enquanto ela me encara.

– Um time.

Eu assinto.

– É. Um time. Então, às vezes, vamos precisar trabalhar juntos. Você não pode lutar contra mim o tempo todo.

Ela engole em seco e eu me afasto, precisando de um pouco de espaço, antes que eu estrague esse pedacinho de confiança dela que trabalhei muito para conseguir.

– Sim. – A voz dela é um sussurro trêmulo. – Somos como parceiros de negócios.

Parceiros de negócios.

Essa expressão ainda me faz querer quebrar alguma coisa.

Não é isso que somos.

Volto a segurar seu queixo, um pouco mais firme dessa vez, enquanto inclino seu rosto em direção ao meu.

– Winter – digo com aspereza. – Tenho patrocinadores. E agentes. Médicos e treinadores. Essas relações são profissionais. Você e eu somos muitas coisas, mas parceiros de negócios não é uma delas.

Ela lambe os lábios – esses malditos –, me encarando enquanto segura com força a beirada do colchão.

– Por que não? Podemos ser.

Essa mulher nunca recua. É totalmente irritante, e eu amo isso nela.

– Porque as coisas que sonho em fazer com você são terrivelmente antiprofissionais.

Jogo todo o controle pela janela e tomo sua boca.

Sou duro e inflexível, uma mão segurando-a pelo queixo enquanto a outra desliza por seu cabelo. E ela não hesita. Sua boca se abre para receber o beijo. Ela segura minha camisa com força.

Como um metal precioso, ela se aquece.

Lábios macios e gemidos famintos me levam de volta à nossa noite em um elevador mal iluminado. A um corredor onde a empurrei contra uma parede.

Deslizo a língua por sua boca, aprofundando o beijo. Ela me puxa para mais perto, para cima dela. Até ficarmos deitados no colchão e que eu esteja me esforçando para não cair em cima da mulher que parece não ter a dimensão de quanto é tentadora.

Seus beijos são selvagens e frenéticos, quase desesperados. Suas unhas se cravam em minhas costas enquanto eu mordisco seu lábio inferior. Meu pau está forçando o jeans, mas eu me obrigo a me conter.

Uma das pernas dela envolve meus quadris, me puxando para perto. Alinhando nossos corpos.

Eu me esfrego nela, sabendo que não deveria.

Sabendo que minha calça está a ponto de rasgar.

Sabendo que faz muito tempo.

Sabendo que ela vai se arrepender pela manhã. Ou pior, que vai usar isso contra mim e pensar que eu me aproveitei de um momento de fraqueza, quando ela estava insegura.

Eu quero que ela tenha tanta certeza quanto eu.

Eu recuo e, por vários segundos, nós nos encaramos. Assim como dezoito meses atrás, acho que percebemos que há um fervor entre nós que não conseguimos explicar ou evitar.

Uma atração. Uma conexão. Um *desejo*.

Ou talvez seja só comigo. Afinal, ela acabou de me anunciar como o pai de sua filha e parceiro de negócios para nosso grupo mais próximo de amigos e familiares.

– Sinto muito. Eu... Você precisa descansar.

Enquanto me afasto, Winter me dá um leve aperto, como se quisesse dizer que eu não deveria ir embora. Que ela me quer tanto quanto eu a quero.

Mas nada acontece.

Quando me levanto e a encaro, ela está deliciosamente desgrenhada.

Lábios inchados, olhar caótico... e sua camisola subiu, expondo-a toda para mim. Boceta aberta, toda rosada, molhada e convidativa.

Muitas vezes sonho acordado em passar longas e preguiçosas horas com a cabeça entre essas coxas.

Desviar o olhar é quase impossível, mas continuar a encará-la sem reagir parece quase agressivo.

Esfrego minha barba por fazer e me obrigo a desviar o olhar, buscando controle em qualquer canto onde ainda exista um fiapo dele. Então, com um gemido angustiado, estendo a mão e abaixo suavemente a camisola leve para cobri-la enquanto seus olhos permanecem fixos nos meus.

Um rubor intenso se espalha pelo pescoço e o peito dela, mas Winter não faz nenhum movimento para me impedir. Seu peito sobe e desce pesadamente enquanto ela me observa com seus olhos azuis vibrantes e suas bochechas muito coradas.

– Boa noite, Winter – sussurro, agarrando-me ao fiapo de controle que não parece forte o suficiente para me arrastar para longe dela.

Aquela máscara de indiferença volta a cobrir suas feições delicadas quando ela responde:

– Boa noite, Theo.

Há uma nota de agressividade em suas palavras. Ela empunha meu nome como um chicote, e eu sinto o golpe.

– Tente dormir. – Minha voz sai rouca e trêmula. – E não saia da cama até de manhã.

Peter abre um olho para me espiar e me dispensar antes que eu vá embora, obrigando minhas pernas a me levarem para o corredor.

E, quando vou fechar a porta, as dobradiças rangem e Vivi volta a gritar.

Fico feliz em assumir o turno da noite. Quero passar um tempo com Vivi.

É por isso que estou aqui.

Mas porra. Também não posso continuar fingindo.

Quero passar um tempo com Winter também.

20

Winter

Summer: Você está bem, depois de ontem? Sinto muito pelo climão.
Winter: Tenho um talento especial para criar climões. Rhett também.
Summer: Não tem nada. E acho que o Rhett só estava sendo protetor, do jeito dele.
Winter: Uau. Que sorte a minha. O irmão mais velho machão que eu nunca quis.
Summer: Kkk. Agora vai ter que aguentar ele. E o Theo, aparentemente. Aquilo foi... inesperado.
Winter: Sim. Desculpe.
Summer: Não se desculpe. Você gosta dele?
Winter: Ele é legal. Só que acabei de sonhar que ele se casava com uma maria-breteira muito irritante e gostosa, com uma voz superaguda de estrela de filme pornô. E eu era obrigada a passar todas as datas comemorativas com ela se quisesse ficar com a Vivi também.
Winter: E eles não paravam de trocar carícias em público. Tipo, ela no colo dele, e os dois se beijando.
Summer: Assim parece que ele ganhou um striptease em plena ceia de Natal.
Winter: Foi quase isso! Horrível. Aí eu acordei e estou irracionalmente irritada com ele agora, por levar uma pessoa fictícia para um jantar fictício em um futuro fictício.
Summer: Então o sonho te deixou com ciúme?
Winter: Não. Não estou com ciúme. Foi só um sonho.
Summer: Só tem um jeito de garantir que uma maria-breteira gostosona de voz estridente não participe de todas as suas datas festivas.
Winter: Como?
Summer: Você mesma casar com o Theo.
Winter: Haha. Espera sentada.

Uma luz acinzentada adentra o quarto quando abro os olhos. Não sei dizer que horas são, e parte de mim não se importa com isso. Tecnicamente, já amanheceu, então atendi o pedido de Theo.

O irritante do Theo e sua esposa irritante do pesadelo.

Afasto a lembrança, me recusando a deixar que o Theo do sonho arruíne minha primeira noite inteira de sono em sabe-se lá quanto tempo. Pela primeira vez nos últimos meses, não acordei morta de cansada. Com um sorriso, me espreguiço levemente e minhas pernas nuas esbarram em... pelos. Demoro um momento para perceber que Peter, o cachorro, se acomodou entre meus tornozelos, debaixo das cobertas.

E nem fico brava com isso.

Nunca tivemos animais de estimação na casa em que cresci. Marina não curtia muito, e acho que Kip não queria travar essa batalha. Agora estou me perguntando se eu teria tido um bichinho. Um gato? Um hamster? Levanto o edredom e espio Peter.

Ele levanta a cabeça lentamente, mas não se vira para me olhar. Só os olhos se movem em minha direção, como se eu o tivesse irritado.

Uma risadinha me escapa enquanto as orelhas do cachorro se baixam contra a cabeça redonda.

Gostei dele. Tenho certeza de que já lancei esse mesmo olhar para as pessoas. Me identifico com Peter, e decido ignorar o fato de que ele está espalhando pelos de chihuahua por toda a minha cama limpa.

Quando abaixo a coberta e me acomodo novamente, ele abaixa a cabeça também, satisfeito por eu não estar mais perturbando sua paz. Ele gostou de usar minhas pernas para se aquecer, mas não está especialmente grato.

O que me faz pensar em Theo. De novo.

Passei por uma série de emoções ontem à noite. De um sentimento inesperado de afinidade, no jantar, até o desespero.

Porque as coisas que sonho em fazer com você são terrivelmente antiprofissionais.

Com essa frase, ele demoliu todas as muralhas que me esforcei tanto para construir. E quando ele se afastou... Quando fitou meu corpo e parou...

Tive um momento de vulnerabilidade e ele me virou as costas sem fazer qualquer esforço. Foi como se não tivesse gostado do que viu. O que talvez explique a esposa do meu pesadelo.

Eu odeio ser tão insegura, mas a verdade é que meu corpo mudou desde

Vivi. É, eu produzi um ser humano. É incrível. *Blá-blá-blá.*

Mas é difícil não pensar que desperdicei meus melhores anos com Rob Valentine. Eu malhava. Eu corria. Fazia tudo que era possível para ter uma bunda durinha. Passava horas no salão. Tudo para manter a fachada de casal de contos de fadas, invejado por todos.

Eu estava com a melhor aparência e o pior estado emocional.

Não posso culpar Theo por dar uma boa olhada em mim e recuar. Talvez não tenham sido as mudanças no meu corpo, mas a verdade sobre quem eu *sou*. Um pouco mesquinha. Um pouco amarga. Muito fechada.

O que isso tem de interessante?

Eu bufo e me sento na cama. Theo está aqui pela filha, e isso é tudo o que eu desejei para ela desde o começo. Então, preciso me recompor e botar um sorriso na cara.

Ontem à noite, quando ela chorou, eu o ouvi conversando com ela. Ouvi o chão ranger enquanto ele a embalava.

Fiquei acordada, pensando que deveria ir até lá e pegá-la de volta em vez de largar nos ombros dele um bebê cansado e com dentes nascendo, provavelmente chamando por mim. Mas meu corpo falhou. Eu estava tão cansada que não consegui me mover.

E meu orgulho não me deixou encará-lo depois que ele me beijou e se desculpou como se fosse um erro. Então apaguei, ao som do choro baixo de Vivi e das palavras pacientes de Theo.

O montinho entre meus pés se move para cima das cobertas e aqueles olhos esbugalhados aparecem. Ele se livra do lençol, as orelhas balançando com o movimento, se senta e me encara.

– Não faça xixi na minha cama.

Ele apenas pisca.

– Eu tenho que levar você lá para fora?

Outra piscada.

– Eu estudei medicina, mas ninguém me ensinou a língua dos cachorros.

Olhar impassível.

– Está com fome?

Peter se levanta, balançando o rabo como se fosse um limpador de para-brisa em um dia chuvoso, enquanto seus olhos enormes ficam ainda mais arregalados.

– Pensei que você fosse surdo – digo enquanto esfrego os olhos e me

levanto da cama.

Visto o robe e, quando me viro, ele ainda está parado ali na beirada da cama, parecendo cheio de expectativas. Meu olhar desce para o chão antes de voltar para o cachorrinho de pelo castanho-claro.

– Imagino que para você essa altura pareça fatal, né? – Voltando alguns passos, eu o pego e vou para o corredor enquanto murmuro: – Não acredito que estou falando com um cachorro.

Depois de colocar Peter na varanda dos fundos para que ele faça suas necessidades, entro em casa, esperando encontrar Theo desmaiado no sofá após sua primeira noite de pai solo. O sujeito deve ter seus limites. Não dá para acreditar que ele seja simplesmente tão bom assim em cuidar de um bebê.

Mas Theo não está no sofá nem na cadeira. Meu coração dispara na mesma hora, e meu cérebro entra em pânico. Eu mal conheço o homem e deixei minha filha com ele? Não falamos sobre a guarda. E se ele tiver...

Levo a mão ao peito e me obrigo a respirar. Então, avisto os sapatos dele na porta da frente e consigo relaxar um pouquinho.

Será que eles já acordaram? É o que digo a mim mesma enquanto caminho em direção ao quarto de Vivi, me obrigando a dar passos calmos e regulares. Entrar em pânico nunca é a resposta. Nunca me sinto melhor nem penso com mais clareza quando estou em pânico.

Respiro fundo, seguro a maçaneta da porta e espio o quarto enquanto digo a mim mesma que está tudo bem.

E está. Exceto pelo fato de que perco o fôlego outra vez.

Porque parece que Theo, de fato, atingiu seu limite. Mas, claro, tinha que ser o limite da fofura e da ternura, de fazer qualquer útero piscar.

Meu Deus. Eu odeio Theo Silva.

Entro no quarto para dar uma olhada mais de perto e não consigo reprimir o sorriso.

Theo está dormindo *dentro* do berço. Seu corpo musculoso contorna a garotinha aninhada na curva de seu braço com uma expressão pacífica e satisfeita.

E quem poderia culpá-la? Ela conhece o pai há apenas algumas semanas e já o tem na palma da mão. Theo se arriscou com o limite de peso do berço dela e está um grande gostoso deitado ali.

Eu queria não sentir uma atração tão forte por Theo, mas ele torna essa

tarefa muito, muito difícil. O cabelo escuro desgrenhado, os cílios escuros – iguais aos de Vivi – e a mão apoiada de forma protetora nas costas dela.

E ele é tão *bom*. Até o último fio de cabelo. Passei tempo suficiente perto de homens de merda para reconhecer o calibre desse que está diante de mim.

Alguma esposa horrorosa vai ter muita sorte de tê-lo só para si um dia. Em meu trabalho, sou treinada a me desapegar das pessoas, mas suspeito que me desapegar de Theo vá doer mais do que eu gostaria de admitir.

Meus olhos ardem diante dessa imagem e eu pisco rapidamente. Realmente preciso parar de chorar.

Mas isso aqui...

Isso desperta meu lado mãe paparazzo, então tiro o celular do bolso e dou alguns passos para me aproximar, querendo registrar esse momento.

Para Theo. Ele vai querer essa foto.

E para Vivi. Imagino que ela vá querer também, um dia.

Tiro a foto e saio. Quando olho a imagem, esfrego o peito, sentindo pontadas só de olhar para os dois.

Mas entendo de funcionamento do corpo, então sei que não é nenhum problema cardíaco. Sou só eu me derretendo pelo homem deitado no berço da minha filha.

21

Winter

– O que você está fazendo?

Minha irmã franze as sobrancelhas escuras.

– Não tenho coleira.

Peter dá outra mordida no muffin de mirtilo que estou segurando.

– Mas por que você botou o cachorro *em cima* da mesa da recepção?

– Ele é muito pequeno! Não quero que pisem nele. E não tenho uma tigela, e não vou fazê-lo comer do chão. É nojento. Aqui é uma academia. – Faço um sinal para a área principal do centro de condicionamento físico de Summer. – Tem caras nojentos e suados em toda parte.

– Certo. Mas isso é um cachorro. Aposto que ele literalmente já comeu merda. Por que ele está comendo um muffin de mirtilo?

Esboço um sorriso enquanto observo Peter comer delicadamente um mirtilo assado.

– Por favor, não estrague minha nova amizade canina, Sum. Eu o deixei dormir na minha cama ontem.

– Theo?

Tenho um sobressalto.

– O quê? Não. O cachorro.

– Ah. É, eu também já dormi com Peter.

Não consigo evitar uma risadinha.

– Isso é bem a nossa cara.

Summer arregala os olhos e eu me arrependo da piada.

– Foi brincadeira – falo rápido, me dando um esporro mental por insultá-la sem querer quando vim aqui para desenvolver minha amizade com ela. – Eu juro que foi brincadeira. Meu Deus. Merda. – Passo a mão pelo rosto. – Me desculpe. Eu ainda sou tão desajeitada com você...

Estou cobrindo os olhos com as mãos quando ouço um risinho.

– Para falar a verdade, eu acho que conseguir fazer comentários infames sobre Rob é um progresso e tanto.

Espio Summer por entre meus dedos.

– Sério?

Ela comprime os lábios e assente.

– Sério.

Endireito os ombros, encorajada pela gentileza dela. Às vezes fico sem acreditar que Summer não me odeie. Com esse pensamento, deixo escapar o que vim aqui para dizer.

– Eu sempre te amei, e quero que você saiba disso. Mesmo quando não parecia. Sei que você já disse que eu não preciso me explicar, mas eu *quero* me explicar.

Minha declaração incomum a pega de surpresa, então tomo um gole do café para dar um tempo à minha irmã.

– Claro. Você quer ir... – ela olha ao redor da academia – ... para algum lugar mais reservado?

Ainda é cedo, então está tudo quieto, exceto pelo som de barras de metal se chocando sob a música nos alto-falantes. Um cara que parece estar fazendo sua melhor imitação de monstro grunhe enquanto levanta pesos. É ridículo.

– Não. Aqui está bom. Se formos para algum lugar mais reservado, eu vou chorar.

Summer franze a testa.

– Mas você nunca chora.

– Pois é, mas parece que não sou mais a mesma. Deve ser alguma condição médica desconhecida.

Ainda estou olhando para o homem cujos bíceps devem ter o diâmetro da minha cabeça. As veias estão saltadas e seu rosto bonito está todo vermelho enquanto ele enfrenta a carga pesada.

Theo é muito mais gostoso.

Pigarreio e me viro para minha irmã, pronta para contar tudo a ela no

meu melhor tom de *médica que chega com más notícias*.

– Eu me lembro vagamente de quando você nasceu. Eu tinha 3 anos, e me lembro de ficar feliz. Queria que você fosse menina, para brincarmos juntas. Principalmente com a minha casa de bonecas. Eu amava aquela casa de bonecas.

Os olhos de Summer brilham e ela cruza os braços contra o peito, atraindo meu olhar para a cicatriz ali.

– Mas nunca foi bem como eu queria. Marina me manteve longe de você antes que eu pudesse entender o motivo, e o Kip estava sempre ocupado cuidando de você sozinho, então não tinha tempo para mim. Às vezes, parecia que ele tinha me trocado por você, mas acho que agora eu o entendo melhor. – Aceno com a mão, sem querer falar do nosso pai. – Uma vez, ele teve que dar uma passada rápida no escritório enquanto você estava cochilando. Só que você acordou e chorou. E meu Deus... – Passo a mão pelo cabelo, frustrada comigo mesma, porque não foi assim que planejei contar as coisas. – Eu devia ter uns 4 anos na época, mas não consegui ficar ouvindo você chorar. E parecia que a Marina ia simplesmente deixar você largada lá. Disse que você estava segura no berço, mas...

Olho pela janela, fazendo uma anotação mental para pesquisar sobre começar a chorar sem motivo algum. Se eu não estivesse vivendo como celibatária, temeria estar grávida de novo.

– Você não parecia estar em segurança. Parecia *nervosa*. Então, quando ela foi atender uma ligação e me deixou sozinha, entrei escondida no seu quarto. Eu não sabia o que fazer, então me enfiei no berço com você e te abracei. Você continuou chorando, mas eu senti que, de algum modo, estava cuidando de você.

Summer está chorando de novo, bem na recepção de seu estabelecimento. Lágrimas grossas e silenciosas escorrem pelo seu rosto enquanto ela me encara, ouvindo atentamente. Ela não desvia o olhar, não importa o quanto doa.

Respiro fundo e sigo em frente.

– Quando pap... Kip... chegou em casa, nos encontrou daquele jeito, e a situação virou uma grande briga entre ele e a Marina. – Eu fungo, virando-me para dar mais um pedaço de muffin para Peter. – Não me lembro de todos os detalhes. Só que a Marina tirou minha casa de bonecas, como castigo, e nunca me devolveu porque eu... – faço aspas no ar – a fiz passar

vergonha.

– Winter, você não precisa relembrar e reviver essas coisas. Está tudo bem.

Summer se aproxima e toca o meu braço, dando um aperto gentil.

– Não, eu preciso. Porque, naquele dia, aprendi que ficar perto de você me colocava em apuros. E que, quando você ficasse mais velha, ficaria em apuros também. Quer dizer, acho que eu não *entendi* a lição na época, mas aprendi do mesmo jeito. Aprendi que seria mais fácil se passássemos despercebidas. Que Marina prestava menos atenção em você quando eu a deixava orgulhosa. – Não consigo evitar revirar os olhos. – Acho que eu sempre quis te proteger, do meu jeito. Eu me acomodei no papel de meia-irmã malvada, e simplesmente não parecia valer a pena mudar.

Summer assente, a ponta do nariz rosada de choro.

– Você não é malvada. Eu queria que parasse de se ver assim. – A voz dela falha e sinto um nó na garganta, meus olhos idiotas ardendo enquanto se enchem de lágrimas.

– Ah, porra. Vem aqui, Sum. – Jogo o resto do muffin na frente de Peter e envolvo minha irmãzinha num abraço. – Eu sinto muito. Não sei como vou retribuir tudo que você tem feito por mim e pela Vivi. Não sei se mereço todo esse apoio, mas o aceitei mesmo assim. E você não me importunou nem questionou nada.

– Quem ama não faz isso, Winter – sussurra Summer em meu ouvido, em lágrimas. – Além disso, Willa me disse que várias vezes viu você entrando furtivamente no meu quarto de hospital durante aqueles anos, enquanto eu dormia, para ler meu prontuário e ver como eu estava.

Eu fungo.

– Willa é uma baita fofoqueira. Mas sim, eu de fato fazia isso o tempo todo. – Então me afasto e olho minha irmã bem nos olhos. – Eu te amo, Sum.

Mais lágrimas escorrem pelo rosto dela, e eu encaro o teto como se pudesse usar a gravidade a meu favor para empurrar as minhas de volta.

– Eu também te amo, Win. Mas você realmente deveria procurar um médico para investigar esse negócio de chorar.

Uma risada me escapa do peito e expulsa as lágrimas dos meus olhos.

– Ai, merda, eu ando uma chorona agora. O que aconteceu comigo?

Summer ri, e é acompanhada por outra risada. Uma que eu conheço

bem. Quando olho para trás, vejo Sloane usando legging e sapatilhas de balé. Não tinha percebido a presença dela, mas deveria ter imaginado. Sloane e Jasper podem ter ido morar na casa nova no rancho, mas ela ainda dança no estúdio dos fundos. Mesmo quando está por perto, ela e Jasper estão constantemente tirando pequenas férias e fazendo viagens de carro. Ultimamente quase não a tenho visto.

– Você está feliz. – Ela sorri. – É o Theo? Ele te faz feliz?

Summer sorri, ainda me abraçando.

– Só não pergunte a ela sobre o Theo dos sonhos. Ele é péssimo.

– Estou me esvaindo em lágrimas aqui – digo, secando o rosto.

Summer deita a cabeça de volta no meu ombro.

– Obrigada pela visita.

A porta tilinta e Willa entra, sua juba ruiva brilhando sob o sol da manhã.

– Por que diabos está todo mundo chorando? Segundas-feiras não são *tão* ruins assim.

– Sloane não está chorando. – Mas, quando me viro para minha amiga, percebo que, na verdade, há uma lágrima rolando pelo seu rosto. – Nossa. Acho que minha doença é contagiosa. – Continuo secando meu rosto. – Vocês todas, parem já com isso.

– É, sério. – Willa olha para nós três. – Você deveria estar tirando lágrimas dos homens nesta academia, em vez de promover esse chororô aqui na recepção. E por que tem um cachorro em cima da mesa?

É a cara da Willa aliviar o clima sem fazer o mínimo esforço.

– Esse é o Peter, cachorro do Theo.

Ela se aproxima da mesa e coça atrás das orelhas de Peter. Ele lambe os lábios, a barriga pequena e estufada quando se senta.

– Em homenagem a Peter North, aquele ator pornô? Legal.

– Willa. Por favor. Não. – Summer esfrega o rosto.

– O quê? É que com ele sentado desse jeito dá para ver que, para o tamanho do corpo, ele tem uma grande...

– Personalidade – interrompo, soltando uma gargalhada chorosa. – Ele tem uma grande personalidade.

Minha irmã me olha de relance, ainda me abraçando.

– Obrigada.

– Willa, o que você está fazendo aqui? – pergunta Sloane, tentando

redirecionar a conversa.

– Cade me disse para tirar a manhã para descansar. Então aqui estou, pronta para malhar.

– Malhar? – Eu arqueio a sobrancelha.

– É – diz Summer. – Willa decidiu que quer que eu a treine.

Willa ergue o queixo na minha direção.

– Winter, você devia se juntar a nós. A Summer é terrível! Estou pronta para ser destruída por ela e ficar com uma bunda maravilhosa.

Sorrio educadamente, mas não sei se estou pronta para colocar mais essa dinâmica na minha relação com Summer. Não tenho certeza se é o que precisamos.

Minha irmã deve concordar comigo, porque diz:

– Eu posso arrumar outro treinador para você. Pode ser bom. Eu fico com a Vivi para você ter um tempo. Se você vier no fim do dia, posso colocá-la para dormir.

O alívio me invade, porque realmente gosto dessa ideia. Talvez eu pudesse arranjar tempo.

– Seria bom. Posso também pedir ao Theo para ficar com a Vivi – digo, me afastando de Summer para lhe lançar um olhar agradecido.

Ela é intuitiva. Ela sabe.

– Cadê a Vivi? – pergunta Sloane, e eu suspiro, parecendo uma adolescente apaixonada.

– Com o Theo. Ele tomou conta dela esta noite. Na verdade...

Pego o celular e o estendo para que elas vejam a foto de Theo e Vivi no berço. Todas suspiram, fazendo "Óun!" em coro.

– É, você devia mesmo voltar a transar com ele – diz Willa.

Summer segura minha mão livre, apertando forte e olhando para mim, mesmo que eu não retribua o olhar.

Ver Theo no berço esta manhã reacendeu memórias? Sim.

Minha conversa com ele ontem à noite me fez querer falar com Sum? Sim.

Theo e Vivi me fazem querer uma pessoa melhor? Também.

Passo no Le Pamplemousse, minha cafeteria favorita em Chestnut Springs, e pego um café para Theo. Depois que passou dias a fio me levando café com um sorriso no rosto, eu deveria retribuir o favor.

No entanto, enquanto caminho até nossas casinhas idênticas, sinto uma onda de frio na barriga. Ontem à noite, nós nos beijamos. Eu o puxei para cima de mim. Ele deu uma olhada e foi embora.

Está tudo bem. Perfeitamente normal. Repito frases positivas. Desejando que virem realidade.

– Theo é um homem maduro. Está tudo bem. Nós vamos ficar bem. Era só uma boceta. Ele já viu muitas.

A última parte não me faz sentir melhor, então mordo a parte interna da bochecha para me calar. Peter treme sob meu braço, como se achasse que estou falando merda.

– Fica na moral, Peter – murmuro enquanto abro o portão da frente.

Daqui, consigo ouvir música vindo da casa. Quanto mais perto chego, mais nítida a música fica. "Mystify", do INXS, toca alto lá dentro, e tenho certeza de que ouço a voz grave de Theo cantando junto.

Balançando a cabeça, coloco Peter no chão e destranco a porta. Entro e paro bruscamente.

Theo está com as mesmas roupas de ontem à noite. Uma Vivi sorridente está presa ao peito dele pelo canguru de estampa floral que comprei.

Ele está cantando para nossa filha. E dançando. E *fazendo faxina*.

Uma mão esfrega a parte de trás da cabeça dela como se fosse uma bola de cristal, enquanto a outra limpa os armários brancos da cozinha de estilo chalé.

A casa cheira a desinfetante com aroma de limão. Ele abriu as janelas, deixando entrar a brisa da manhã de verão. Eu estava tomando um café enquanto lia o jornal, depois visitei minha irmã e minhas amigas. Parte de mim se sente culpada por não ter ficado aqui ajudando.

Vivi olha para Theo como se ele fosse o homem mais impressionante do mundo. E, porra, acho que ela tem razão.

Mas eu... estou apenas de queixo caído.

Paralisada.

Mas Peter não.

Ele trota direto para a cozinha e late aos pés de Theo, surpreendendo-o bem quando ele grita outro "Misti-fyyyyyy".

Theo se vira para nós enquanto tira o celular do bolso de trás para diminuir o volume.

– Caramba, Peter. Avisa antes.

– O que você está fazendo?

Minha voz está cheia de descrença enquanto contemplo minha casa limpíssima.

Theo revira os olhos.

– Faxina.

– Por quê?

Ele sorri, me dá uma piscadela e um tapa brincalhão na minha bunda.

– Deu vontade. Esse café é para mim, Sininho?

Olho para o copo na minha mão.

– É. Achei que você fosse precisar, depois de ontem à noite.

Estou absolutamente ciente do olhar descarado dele percorrendo meu corpo, de cima a baixo. Minhas bochechas esquentam e eu me pergunto se ele está me achando muito diferente da última vez que me viu nua. Afasto esses pensamentos, porque nada disso importa. Somos apenas... Parceiros de negócios não, aparentemente.

Colegas de equipe? Uma dupla de pais?

Dupla de pais pode funcionar.

– Aqui.

Entrego o café para ele. De perto, Theo é ainda mais gostoso. A barba malfeita cresceu um pouco mais do que a penugem perfeitamente aparada que ele normalmente ostenta, mas combina com ele. Mesmo com leves olheiras... ele está apenas mais rústico. Mais másculo.

Acho irritante que eu fique horrorosa quando estou cansada, enquanto ele fica *desse jeito*.

O fato de ter nossa filha junto ao peito aumenta o apelo em um milhão de vezes. Mas a aparência de Theo não importa nem um pouco. Eu poderia vê-lo carregando Vivi, cantando uma música, limpando minha casa sem nem reparar em seus dotes físicos.

Veria apenas um homem tão confiável que me dá vontade de rasgar suas roupas e chupar seu pau em agradecimento. É uma falha biológica, só pode. Porque não consigo de jeito nenhum guardar rancor de Theo quando ele não fez nada além de me apoiar, por mais que eu tenha rosnado para ele.

Quando ele pega o café, tento me afastar, mas sua mão é grande demais.

Firme demais. Seus dedos envolvem os meus e ele gentilmente me guia para mais perto.

– Vivi, olha que gentileza da sua mãe me trazer café.

Olho para ela e uma onda repentina de saudade me atinge. Eu nunca tinha passado uma noite longe dela. E, de repente, quero apenas tirá-la do canguru e dar um cheirinho em seu pescoço.

Me aproximo dela.

– Bom dia, lindinha – digo beijando sua bochecha macia e gordinha.

Quando ergo o olhar, Theo aponta para uma pilha familiar de envelopes.

– São do seu ex? Eu não estava bisbilhotando. Acabei de encontrá-los debaixo de uma pilha de revistas.

Engulo em seco, decidindo como abordar o assunto. Por alguma razão, não quero que Theo e Rob se cruzem. Rob não é bem-vindo aqui, macularia esta pequena bolha feliz.

Olho em volta e tudo que passa pela minha cabeça é que Theo já está envolvido numa roubada gigantesca. Não preciso acrescentar os dramas do meu ex.

– É. Não se preocupe. Ele vive me mandando faturas de coisas como nosso casamento ou a casa, como se eu devesse alguma coisa a ele, quando não devo nada.

Aceno com a mão para mostrar que isso não me incomoda. Só que incomoda. Rob fez o mesmo com Summer. Nunca a deixou se livrar por completo dele. Começou a encarar o desinteresse dela como uma espécie de ofensa, e agora estou recebendo o mesmo tratamento.

O sujeito não me deixa em paz, embora eu tenha feito questão de não ficar com *nada* no divórcio, só para me livrar dele. Mas nem isso bastou.

– Não tem selo em nenhum deles. Ele vem pessoalmente entregar esses envelopes? Foi por isso que você instalou câmeras?

Foi, mas não por achar que ele seja capaz de algum gesto de violência. É só para não atender a porta, se ele aparecer.

– Mama.

Essa palavrinha muda instantaneamente o rumo da conversa. Fico paralisada e olho fixamente para minha filha. Volto a olhar para Theo.

– Ela acabou de dizer...?

– Mama?

Theo arqueia a sobrancelha e apoia a mão no meio das minhas costas,

descendo até alcançar o cós da minha legging. Então... a deixa ali. Sua mão grande e quente na base das minhas costas. Segura, firme e solidária.

– É a primeira palavra dela. – Eu a encaro com admiração.

– Claro que é. Qual mais seria? E ela ficou repetindo isso a manhã toda. – Ele volta seu olhar para Vivi. – Não é, bebezinha? Ficou falando da mamãe sem parar. E quem pode te culpar? Olha só para ela.

Os dois viram seus grandes olhos castanhos para mim e, de repente, percebo como estamos próximos. Minha mão em Vivi. A mão de Vivi em Theo. A mão de Theo em mim.

Conectados.

Estaremos sempre conectados.

– Ela é linda, né? – continua Theo, felizmente alheio à turbulência provocada em mim por esse momento. – Linda como você. Imagine como a mamãe vai ficar linda quando voltar da manicure.

– O quê?

Franzo as sobrancelhas e viro a cabeça para Theo, que tira a mão das minhas costas para olhar o relógio.

– É. Marquei manicure para você às dez.

– Mas você ficou com a Vivi a noite toda. A manhã toda.

Ele dá de ombros, um sorriso gentil se abrindo em seu rosto tão bonito.

– Não preciso de um troféu por cuidar da minha filha. Eu adoro fazer isso, Winter. Não se preocupe. Vá aproveitar sua manicure.

Sua mão retorna para minhas costas quando ele me empurra em direção à porta.

– Mas eu...

– Sem *mas*. Pode ir. Estarei aqui. Deixa comigo.

Eu me viro e lanço a ele um olhar severo, um dedo em riste.

– Volto antes do almoço.

Ele ri e *pisca*.

– Acho que não, hein? Marquei massagem para logo depois da manicure. Sloane vai te encontrar lá e vocês vão almoçar juntas. Te vejo mais tarde, mamãe.

Ele se inclina, contornando minha mão para dar um beijo leve e *amigável* bem no cantinho da minha boca. Sou empurrada para fora sem sequer ter a chance de responder. A música volta a aumentar antes mesmo que eu chegue à rua.

No salão, minhas unhas finalmente têm seu dia. Escolho um tom bonito de cor-de-rosa e Sloane escolhe um roxo vivo. Depois das massagens, comemos até não aguentar mais em nosso lugar favorito na cidade, conversamos e rimos até nossas bochechas doerem. É realmente o dia perfeito.

Me sinto mais eu mesma, como não me sentia há meses. Mais relaxada do que nunca.

E quando volto para casa, de tarde – toda mimada, descansada e sã –, encontro o lugar impecável. Uma garotinha feliz brinca com blocos de madeira no tapete. Theo os monta e ela os derruba, rindo gostosamente enquanto ele finge estar ofendido por ela ter feito aquilo. No fogão, um aroma delicioso emana de uma panela grande. Theo chama a comida de "estrogonofe brasileiro" e diz que é algo que o pai dele preparava para a mãe.

E, quando vou para a cama naquela noite, as dobradiças da porta não rangem nem um pouco.

22

Theo

Winter: Vou malhar hoje à noite. Summer se ofereceu para cuidar da Vivi, mas, se não estiver trabalhando, você pode ficar com ela.
Theo: Infelizmente trabalho hoje. Vou fechar a academia. Você vai malhar sozinha? Posso te ajudar.
Winter: Não, não precisa. Summer agendou uma sessão para mim com outro treinador. Max?
Theo: Você podia ter me pedido.
Winter: Não quero malhar com você.
Theo: Porque vai usar uma calça colada e sabe que vai me deixar cheio de tesão?
Winter: Esse trabalho deve ser difícil para você, com essas ereções incontroláveis.
Theo: A academia é de boa. O problema é morar perto de você.

– Não.

Winter cruza os braços sob os peitos, empinando-os de uma maneira muito sexy. Passei as últimas 24 horas pensando em suas unhas cor-de-rosa e em como ficariam lindas ao redor do meu pau. E agora ela vai e empina os peitos desse jeito, colocando-os em um local privilegiado para mim.

Vou ter que fazer uma faxina pesada na minha própria casa para acalmar meus hormônios. Minha mãe costumava implicar comigo e dizer que meu lado virginiano lidava com o estresse fazendo faxina. Eu achava graça, mas, quanto mais velho fico, mais desconfio que ela tinha mesmo razão.

Faxina para lidar com o tesão é coisa de virginiano? Porque é a minha situação, no momento. Poderia faxinar a academia inteira e nem assim

ficaria mais calmo.

– Sim – respondo sério para Winter enquanto Summer se remexe, sem jeito, com Vivi balbuciando toda alegre em seus braços.

– Minha série era com um tal de Max.

Eu resmungo e reviro os olhos. Não havia a mínima chance de isso acontecer. Summer me lança um olhar, que eu devolvo com minha melhor expressão de filhote pidão.

– Não sei bem o que aconteceu, mas a programação foi modificada. Vai dar tudo certo. Theo conhece muito bem os exercícios.

– Eu não vou pagar para malhar com ele. Theo nem tem certificação.

Eu sufoco uma risada. Sininho está *puta*.

– Tenho, sim. Fiz o curso entre uma temporada e outra. Mas você não precisa pagar. Eu faço de graça.

Summer olha de mim para ela, diversão e nervosismo se misturando em seu rosto enquanto ela se remexe sem parar, claramente sem saber o que fazer.

– Theo insistiu que fosse ele...

– Summer – interrompo. – Pode ir. Deixa que eu falo com a Winter.

– Não diga a ela o que fazer. A academia é *dela*. Eu sou a irmã *dela*. E era para esse ser *meu* tempo livre.

– Então tá! Falando nisso, Vivi e eu temos um encontro com a banheira e os patinhos de borracha – diz Summer, num tom animado demais, com um sorriso forçado demais.

Winter se vira para ela.

– Você está do lado dele?

Summer inclina a cabeça e seus olhos percorrem o rosto de Winter.

– Não, Win. Estou do *seu* lado. Isso vai ser bom para você. Vai se cuidar. Eu fico de olho na sua garotinha.

Ela olha para nós dois ao dizer *sua garotinha* e faz questão de acenar para Winter e para mim antes de se virar e sair da academia.

– Eu não quero malhar com você – anuncia Winter, sem olhar para mim.

– Prefere fazer outra coisa?

Winter revira os olhos como se eu a exaurisse, mas seu tom não é rancoroso quando diz:

– Eu te odeio.

Uma risada brota do fundo da minha garganta, e um sorriso cúmplice

curva meus lábios. Ela não me odiava quando me puxou para cima dela.

– Ainda não percebeu que isso não me abala nem um pouco?

Ela bufa, virando-se para examinar a academia. Várias máquinas e pesos estão espalhados pelo espaço em uma espécie de caos organizado, mas, a essa hora da noite, numa cidade deste tamanho, o ambiente já está bem tranquilo. As aulas em grupo acabaram e apenas alguns retardatários permanecem.

– Eu posso te levar para tomar tequila de novo.

Os ombros dela enrijecem.

– É. Deu supercerto da última vez.

Eu me aproximo, admirando seu pescoço elegante. Ela está sempre de cabeça erguida. É uma coisa que admiro. Nenhuma vergonha, como se a opinião das pessoas ao seu redor não importasse – mesmo que eu saiba que importa. Ela é *forte*.

– Eu acho que deu muito certo.

Corro o dedo pelo meio das costas dela, sobre a espinha dorsal. Winter estremece, mas não tenta se afastar. Eu me inclino e sussurro em seu ouvido:

– Ainda lembro de colocar você contra aquela janela. Você tremendo quando eu...

– Eu não pretendia entrar nesse assunto.

Ela engole em seco, os olhos cheios de orgulho. Vejo a ponta de sua língua correr os lábios.

– Quer fazer algo que envolva a Vivi, então? Porque achei que nada podia ser mais sexy do que aquela noite. Até ver você com ela.

Um gemidinho escapa de seus lábios, e ela se afasta.

– Sim, claro. Até você decidir me trocar por alguma maria-breteira gostosona com voz de atriz pornô e dar a Vivi uma madrasta.

– O quê?

Franzo as sobrancelhas quando ela finalmente se vira para mim, olhando ao redor para ver se tem alguém nos observando. Winter ri.

– Sonhei com isso. Ela era bem gostosa. Bom, sorte sua. Só que me fez perceber que as coisas podem ficar complicadas. Vou ter que participar das manhãs de Natal...

– Comigo e minha esposa gostosona?

Me esforço para conter uma risada.

– É!

Winter ergue as mãos, emanando irritação.

– Você pode me dar uma demonstração de como é essa voz de atriz pornô? – peço.

A expressão de Winter muda e ela começa a piscar tão rápido que parece que tem algo preso em seu olho.

– Ai, Theo, não sobrou nenhuma cadeira. Posso esfregar a bunda no seu colo nesse Natal? – diz ela em tom de deboche, e paro de me esforçar para segurar o riso.

– Foi isso que ela disse?

– Basicamente. Antes de se esfregar em você.

– Parece um ótimo presente de Natal.

Winter abre um leve sorriso. Essa conversa é ridícula, e ela sabe disso.

– Você não presta.

– É você quem está brava comigo por algo que eu fiz em um sonho.

– Não estou brava com você. – Ela cruza os braços. – Estou brava com o futuro.

– Não fique. Prometo que nosso futuro não vai ser esse.

– Tá, estou brava com você por ter estragado a minha série com alguém que não fica dando em cima de mim. Por que fez isso?

Balanço a cabeça enquanto passo por ela pela catraca e entro na academia. É melhor ser sincero, para que ela não fique confusa sobre o que eu quero.

– Porque eu sou o único que vai colocar as mãos em você nessa calça apertada, Sininho.



Winter está deitada em um banco em frente a uma longa fileira de espelhos e, na parte de baixo da parede, há prateleiras de halteres. Ela está com os joelhos dobrados, os tênis apoiados na ponta do assento de couro sintético cinza, e as mãos cobrindo a testa enquanto fita o teto.

Talvez eu tenha pegado pesado demais, mas mantivemos os exercícios leves. Mostrei as máquinas que ela pode usar em seu tempo livre para voltar às atividades gradualmente. Foi no tapete de grama que começou a dar

merda.

Eu a coloquei na posição de prancha, posicionei um disco de deslizamento sob cada pé e a fiz usar o abdômen para escorregar os pés para cima, erguendo um corpo num V. Então, ela estendia as mãos para a frente e recomeçava.

No começo, Winter parecia instável e com dificuldade para executar o exercício, mas ela não é de desistir, e eu a apoiei como pude. Uma mão em seu quadril e outra em suas costas nuas, onde a camiseta tinha subido.

Foi por isso que entrei no sistema da academia e transferi a série dela para mim. Não tinha a mínima chance de eu ficar em casa enquanto algum marmanjo passava as mãos nela sob o pretexto de ajudá-la a malhar.

Quando puxei o tecido de volta para cobri-la, ela surtou. Num piscar de olhos, caiu de joelhos e se levantou.

– Tá bom, meu abdômen ficou uma merda depois da gravidez. Não precisa esfregar na minha cara. Já terminei. Vou me alongar.

E aí ela se afastou sem olhar para trás. Caso tivesse se dado ao trabalho de olhar, teria me flagrado olhando para sua bunda.

Decidi não pressioná-la e comecei a arrumar a academia para fechá-la. Guardei as anilhas que as pessoas deixaram espalhadas. Limpei os pontos de contato e me despedi dos clientes que iam embora.

E, durante todo o tempo, Winter ficou parada no banco de musculação, sem se mover. E definitivamente sem se alongar.

Decido esperar e deixá-la ter o momento de privacidade de que precisa. Enquanto me enfio atrás da mesa da recepção e abaixo o volume da música, o último cara sai do vestiário e vira a cabeça na direção de Winter, hesitando antes de caminhar até onde ela continua deitada.

Ele ajeita a bolsa no ombro robusto e inclina a cabeça, se aproximando. Não gosto de como ele olha para ela. E odeio como diz "Oi" com aquele sorriso idiota e tímido, como se não tivesse passado a noite inteira olhando de esguelha para ela.

– Tá tudo bem?

– Não – responde Winter, fazendo meu estômago embrulhar.

Ele se agacha ao lado da cabeça dela, como se Winter tivesse dado abertura para uma conversa.

– Eu vi você aqui ontem.

Meus pés se movem antes que eu perceba o que estou fazendo. Tudo o

que sei é que não quero que ele fique pairando ali enquanto ela está deitada daquele jeito. Não quero os olhos dele no corpo dela. Nem hoje, nem ontem. Quero que ele *saia dali.*

– Pensei que um dia desses a gente podia...

Winter nem se vira para olhar o cara.

– Porra, eu queria ter a sua autoconfiança. Minha vida seria tão diferente...

Paro bruscamente a alguns metros de onde as costas enormes dele retesam a regata.

– Como é?

– Acabei de dizer que não estou bem e você me chama para sair? Se eu não quisesse desesperadamente que você me deixasse em paz, perguntaria que salto de lógica te fez chegar à conclusão de que essa seria a melhor abordagem.

Ele se levanta, as orelhas um pouco rosadas, como se ela o tivesse constrangido.

– Eu... só pensei...

– Ei, amigo. Estamos fechando. Hora de ir.

Talvez ele mereça uma chance de se defender. Winter sabe ser difícil, mas também estou irracionalmente feliz em vê-lo fracassar.

Ele não sabe lidar com as garras dela.

Não como eu.

Ele une as sobrancelhas grossas na testa pronunciada.

– Acho que tem algo de errado com ela.

O cara aponta para Winter, que ainda não se moveu, e, em defesa do sujeito, ele parece preocupado.

– É. – Meus lábios se curvam quando olho para Winter, que me encara por concordar com o rapaz. – Eu sei que tem. É disso que eu gosto nela.

Ele arregala os olhos quando a ficha cai.

– Desculpa, cara. Vejo você amanhã.

Faço um sinal com a cabeça e apoio as mãos nos quadris, de olhos fixos em Winter. Agora ela está deliberadamente evitando meu olhar. Dá para perceber pela tensão em sua mandíbula e pela veia pulsando no pescoço.

Quando a porta se fecha, Winter se retrai e eu vejo um sutil rubor em seu rosto esculpido.

– Winter. Olha pra mim.

– Não, obrigada.

Ela trava o queixo. Tão teimosa. Lembra Vivi quando tentei acalmá-la, na outra noite. Deve ter puxado à mãe.

– Devo apagar as luzes e deixar você sozinha aqui?

– Bem, a parte de me deixar sozinha você já está cumprindo. Por que parar agora?

Com apenas alguns passos, me coloco atrás dela, agachado na cabeceira do banco, uma mão envolvendo seu pescoço com delicadeza enquanto fito seu rosto.

– Parece até que você esqueceu que gosto quando você fica brava comigo, Winter.

Seus grandes olhos azuis se fixam nos meus.

– O que está querendo com isso? – pergunto.

– Só estou deitada.

As palavras saem de seus lábios feito tiros.

– Por quê?

Fecho a mão, segurando seu queixo para inclinar sua cabeça e obrigá-la a me olhar.

– A gravidade.

– A gravidade?

– Porque, se eu me sentar, as lágrimas vão escorrer. E eu não choro, então...

Percebo nesse momento o brilho em seus olhos, a maneira como marejam diante de mim. Sinto um aperto no peito. O rosto dela é uma janela para todos os seus sentimentos.

– Não estou no meu melhor momento, Theo. Estou de mau humor e com raiva, e isso nem faz sentido. Você devia me deixar em paz.

– Quer saber o que eu acho, Winter? – pergunto enquanto meu polegar acaricia seu pescoço.

– Não, mas aposto que você vai dizer de qualquer maneira.

– Acho que as pessoas se confundem, acham que você está de mau humor quando, na verdade, está é sobrecarregada. Acho que você precisava ficar deitada aqui por alguns minutos sem ter ninguém *precisando* de você. Acho que você está pilhada e todo mundo precisa de um tempo para se recompor.

Ela assente, os lábios comprimidos, e uma lágrima solitária desliza por

sua bochecha, meu polegar secando-a quase no mesmo instante...

– Eu não ach...

– Eu sei. – Assinto, solene. – Tenho certeza de que é um vazamento no teto.

Ela solta uma risada, balançando a cabeça enquanto cobre o rosto com as mãos.

– Por que você é tão legal comigo?

– Já conversamos sobre isso. É porque eu gosto de você.

– Isso foi há um ano e meio.

Ela pousa as mãos no meu braço, mas não para me afastar. Só ficam ali.

– Bem, é difícil te esquecer. E o problema é que eu gosto ainda mais de você agora.

– É por isso que fica ajeitando as minhas roupas?

Eu paraliso.

– O quê?

– Na outra noite, você olhou para mim e puxou minha camisola para baixo. Hoje, você me cobriu de novo. Parece que não gosta do que vê.

Com um rosnado, eu a faço se sentar, passo uma perna sobre o banco e monto no assento atrás dela. Com o braço ao redor dela, eu a puxo para junto de mim e vejo sua expressão chocada no reflexo do espelho.

– Não gosto do que vejo? – As costas dela estão apoiadas no meu peito, seu corpo vibrando. – Winter, você não tem a mínima ideia do que eu vejo. Não tem a mínima ideia de como estou tentando não ser mais uma pessoa que precisa da sua ajuda. Estou me concentrando nos desafios que a vida nos lançou, nas últimas semanas. Estou tentando te dar o que você *precisa*. Mas, se acha que eu não gosto do que vejo, então precisa urgentemente ter a cabeça examinada. – Passo o rabo de cavalo dela para o lado do pescoço e beijo seu ombro esbelto. – Porque seu bem-estar se tornou prontamente minha maior prioridade.

– Por quê? – Sua respiração irregular ecoa na academia, que, no mais, está em completo silêncio.

– Porque eu te adoro, porra. Você ainda não reparou?

Ela estremece e eu observo os fios de cabelo em sua nuca se arrepiarem quando respiro contra sua pele.

– Por quê?

– Por que eu te adoro?

– É. E se você disser que é porque meu corpo realizou milagres abrigando e dando à luz um bebê ou algo assim, juro que vou me levantar e ir embora.

Eu sorrio para a nossa imagem no espelho, ela toda feroz e corada, mas também recostada em mim. Um pequeno sinal de confiança de uma mulher que não é de confiar facilmente.

Um sinal que não vou deixar passar em branco.

Corro o dedo pela lateral de seu pescoço.

– Esta linha bem aqui. Você se porta como se fizesse parte da realeza. Tem alguma coisa nessa curva, nos pelinhos... – Puxo suavemente os fios, arrancando um suspiro dela. – Às vezes, de manhã cedo, a luz que entra pela janela da sala capta todos esses pequenos fios soltos, e acabam parecendo um halo.

Ela me olha no espelho.

– Posso continuar tocando em você?

Esfrego a barba rala em seu ombro antes de beijar sua clavícula. Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça enquanto engole em seco. Seu "sim" é um sussurro.

– Gosto das suas clavículas. – Minha mão esquerda segura seu quadril enquanto a direita passa sob seu braço e sobre seu peito para que eu possa traçar a linha dos ossos. – A minha vai ser sempre um pouco torta daqui para a frente. Mas se esse é o preço que tenho que pagar para chamar sua atenção... Eu mesmo quebraria o outro lado.

– Esquisito. Mas tudo bem.

Levanto a mão e pressiono o dedo indicador em sua boca macia enquanto gentilmente seguro sua mandíbula.

– Amo seus lábios. Essa boca ferina. Gosto de como é venenosa. Gosto especialmente da maneira como engoliu meu pau.

Ela geme.

– Você também gostou, não foi? – Seu corpo fica tenso e eu pressiono sua coxa antes de passar a ponta dos dedos pela costura interna de sua legging. – Eu sei que gostou.

– Eu...

Cubro sua boca com minha mão livre.

– Não se dê ao trabalho de discutir comigo. Fico com tesão, e não veria problema em te vencer e te comer aqui e agora.

Me esfrego contra a base de suas costas, meu pau já esticando a frente da bermuda. Observo os olhos dela mudarem, no espelho. Em vez de lágrimas, eles se enchem de calor. *Desejo*.

Com a mão ainda sobre sua boca, deslizo a outra sob a regata larga que ela está usando. Winter não faz nenhum esforço para escapar do meu domínio. Seu sutiã esportivo é apertado, mas isso não me detém.

– Eu amo seus seios. – Seguro um e depois o outro antes de beliscar um mamilo. – Seus mamilos ficam duros tão rápido. São tão sensíveis... – Volto a beliscá-los e ela fecha os olhos. – Eu sei que aquele imbecil do seu ex não sabia te fazer gozar. Mas eu sei. E aposto que consigo fazer isso só brincando com eles.

Ela deita a cabeça em meu ombro, arqueando as costas enquanto pressiona o seio em minha mão. É como se eu pudesse senti-la voltando à vida. *Para mim.*

Solto seu mamilo e deslizo a mão por sua barriga, avançando para dentro da legging. Vou direto para a boceta, passando o dedo pelo caminho molhado antes de mergulhar nela. Winter se contrai ao redor do meu dedo e geme alto, mas o som é abafado pela minha mão.

– E isso. – Boto e tiro o dedo algumas vezes. – Você. Adoro te olhar enquanto meto o pau em você. Abre os olhos. Se olha no espelho.

Adiciono um segundo dedo e mergulho em seu calor úmido, observando seus cílios se abrirem para encontrar meu olhar.

– Olha para a gente. Como posso não adorar isso aqui? Adoro ver seu rosto enquanto você goza para mim. Ainda sou o único homem que conseguiu te comer direito, Winter?

Ela assente de leve, as pernas se abrindo mais para permitir um acesso mais profundo.

– Aposto que poderia te fazer gozar apenas descrevendo como você está linda neste momento. Como você é perfeita. – Roço a barba contra sua orelha e baixo a voz. – Mas seria uma pena fazer isso em vez de usar a boca pra chupar essa sua boceta gostosa, não acha?

Ela ofega, o peito arfante e rosado. E, assim como antes, a fachada gélida se derrete e deixa à mostra *esta* mulher. Esta mulher confiante e incrível, que ocupa minha mente e meu corpo há mais de um ano.

Tiro a mão de sua boca e nos olhamos no espelho por vários instantes. Meus olhos estão praticamente pretos, enquanto os dela parecem quase mais

claros. Mais brilhantes. Mais vibrantes.

– Você não tem q...

– Você ainda não está prestando atenção. – Eu me levanto e dou a volta no banco, me ajoelhando com um sorriso perspicaz. Winter parece afobada enquanto olha ao redor. – Eu gosto de tudo que vejo. Quero *você*.

Ela engole em seco e desvia o olhar. Sei que há uma voz cruel dentro dela, enchendo sua cabeça com merdas que não são verdade.

– E se alguém entrar?

– Desde que eu esteja com a cabeça entre as suas pernas, não me importo com quem veja.

Ela fica de queixo caído.

– Eu não sei que tipo de esquisitice você fez durante o circuito, mas...

– Que tipo de *esquisitice*? – Ergo uma sobrancelha. – A única "esquisitice" que eu fiz foi me abster de tocar qualquer pessoa. E você fica aí sentada com essa maldita roupa justa – alcanço o cós de sua calça e puxo –, me olhando com essa cara de quem está pedindo pica. Isso está acabando com meu autocontrole. É como se você estivesse me implorando para te comer.

A legging e a calcinha chegam ao ponto em que ela precisa levantar os quadris para que eu os puxe ainda mais para baixo. Mas a bunda de Winter permanece plantada no banco, com as mãos apoiadas atrás dela.

– Como assim, se abster de tocar qualquer pessoa?

Pelo visto, me entreguei. É melhor confessar tudo.

– Quer dizer que eu resolvi tomar jeito.

– Por quê?

Suspiro e olho em seus olhos, querendo que ela realmente me escute.

– Porque quero ser o tipo de cara que teria chance de ficar com você por mais de uma noite.

Winter está com os olhos fixos em mim.

– Está querendo dizer alguém *como* eu?

– Não, Winter. Estou querendo dizer *você*. Por isso larguei meu antigo número de celular. Por isso que tenho o seu número no meu celular novo. Eu pretendia ligar. Você precisava de tempo para se reconstruir, e eu precisava de tempo para me tornar alguém que te merecesse. Eu estava esperando o momento certo, sendo paciente.

A respiração dela fica mais rápida, mais pesada – mais agitada –,

enquanto me olha. É como se eu pudesse ver as peças do quebra-cabeça se encaixando, ver a mente dela em funcionamento. É por isso que pego seus quadris e a puxo para mim, começando a tirar sua calça junto com o movimento. As mãos de Winter caem sobre meus ombros quando eu olho para ela e sorrio, puxando com força a legging que agora não é nada além de um tecido frágil em meu caminho.

– Cansei de ser paciente, Sininho. Vou atrás do que quero. Agora.

23

Winter

Pensei muitas vezes naquela noite com Theo. Tudo bem, pensei *obsessivamente* nisso. E eu fazia questão de imaginá-lo gostando de me chupar. No início, me senti culpada.

– Está tudo bem, você não precisa fazer isso – falei enquanto segurava seu cabelo, tentando puxá-lo de volta.

Ele riu, um som profundo que senti entre as minhas coxas. Com os olhos brilhando, ele ergueu a cabeça.

– Eu sei que não preciso, Sininho. Mas eu quero muito, muito mesmo.

Nunca me senti tão nua como naquele momento, quando seus olhos estavam fixos na minha parte mais íntima.

Não estive com muitos homens. Vivia ocupada demais com a faculdade e depois com o trabalho.

E com certeza nunca tinha estado com nenhum homem que me chupasse com um sorriso nos lábios. Foi isso que ele fez.

Tive meu primeiro orgasmo naquela noite, com a barba bem cuidada de Theo Silva arranhando a parte interna das minhas coxas. Eu deveria ficar triste por ter levado 28 anos para chegar àquele momento, mas não fiquei.

Houve algo de poético nisso. Inesquecível. E, agora, sou levada de volta à mesma situação quando Theo arranca a legging do meu corpo como se não pudesse esperar mais um segundo.

– Acabei de malhar – falo, ofegante, antes de me recriminar internamente por tentar sabotar este momento, quando sei como é bom. E o

quanto eu quero.

A risada profunda e divertida de Theo é o que recebo em troca. Ele abre minhas pernas e olha para mim. As luzes halógenas brilhantes não deixam que eu me esconda.

– Você mal suou. O que significa que não peguei pesado o suficiente, mas ainda tá em tempo.

Ele passa os dedos pela parte interna das minhas coxas, deixando arrepios em seu rastro.

– Alguém pode entrar – repito.

Eu me odeio. Por que não posso simplesmente calar a boca e aproveitar as coisas boas?

Ele assente enquanto se inclina para a frente e passa a língua lentamente pela minha boceta. Um "humm" profundo e satisfeito escapa de seus lábios.

– Tomara que entre, Winter. Espero que uma plateia lotada veja o quanto vou fazer você gozar.

Meu coração bate tão rápido que juro que posso sentir meu peito vibrando. Por que essa ideia me parece tão boa? Por que esse homem é tão feroz, sob tantos aspectos? E depois tão fofo? Eu não consigo lidar.

Não há nada de educado ou clínico na maneira como ele levanta minhas pernas e apoia um pé em cada ombro seu.

– Só não vou te comer se você me mandar parar, Winter.

Eu o encaro. Pulso disparado. Peito arfante. Lábios entreabertos.

E não digo nada.

Faço que sim com a cabeça.

E, assim como muitos meses atrás, ele sorri diante da minha boceta e depois cai de boca como se precisasse mais de mim do que do ar que respira.

A língua dele não hesita nem se contém. Theo me devora, e minha visão fica embaçada. Levo as mãos acima da cabeça, me segurando no banco.

Theo não se preocupa em fazer o mesmo. Suas mãos percorrem todo o meu corpo. Acariciando. Apertando. Ele não se contém. Não me trata como se eu fosse algo delicado, nem como algo que precisa ser quebrado.

Ele me trata como se eu fosse perfeita. Irresistível. *Preciosa*.

Com uma mão segurando minha coxa trêmula, ele usa a outra para meter dois dedos em mim com uma lentidão angustiante. Sua língua lambe sem pressa meu clitóris, como se ele não tivesse qualquer outro compromisso. Como se não estivesse pensando em mais nada.

Já experimento a sensação de me abrir devagar, de ser preenchida até ficar enlouquecida. Os beijos pacientes que ele dá nas minhas coxas, na minha barriga.

– Puta merda, Theo.

– Está gostoso, Winter?

Eu respondo com um gemido choroso enquanto me seguro no assento com toda a força, como se estivesse diante de algo que me apavora. Minha mente está cheia demais e meu coração, confuso demais. Todas essas sensações me atordoam. Eu me derreto até não ser nada além de uma poça onde Theo pode brincar.

Ele tira os dedos de mim e sinto a umidade quando ele a espalha nos meus lábios.

– Não está gostoso o suficiente? – murmura ele. – Acho que preciso me empenhar mais.

Arqueio as costas e grito quando ele enfia o que parecem ser três dedos, ou quatro. Eu não sei e não vou olhar. Tudo que sei é que parece muito.

– E agora?

– Bom demais – respondo às pressas. – Não para.

Ouço seu rosnado satisfeito, mas mantenho os olhos fixos nas vigas do teto e nas luminárias modelo industrial penduradas. Se fizer contato visual com ele, posso entrar em combustão.

– Como eu poderia parar, se estou amando olhar para você com meus dedos dentro?

Um calor faz minhas bochechas arderem e meus quadris se arqueiam em direção a ele. Involuntariamente. Ou pelo menos é o que digo a mim mesma.

Meu cérebro está ausente. Estou sozinha com meu corpo. E meu corpo quer Theo Silva. Eu cedo e solto o banco, estendendo a mão para ele. Meus dedos se enroscam em seu cabelo grosso.

E, mais uma vez, meu corpo se acende para ele. Eu me esfrego em sua boca e ele responde às minhas estocadas com o mesmo fervor.

Theo enfia a língua em mim, me fode com os dedos e dá mordidinhas na minha pele supersensível sempre que chego perto de gozar. Meu corpo alça voo quando ele chupa meu clitóris de forma firme e demorada enquanto mete os dedos em mim com força.

– Theo. – Eu puxo seu cabelo. – Theo, eu vou gozar.

Ele se afasta por um instante e eu finalmente encontro seus olhos escuros e selvagens, cheios de luxúria.

– Que nada. Você não goza, lembra?

Que *presunçoso*.

– Continua.

Ignoro a provocação, gemendo e tentando puxar seu rosto para baixo. Colocando para fora todo o desespero que sinto.

– Admita.

Ele move os dedos novamente. Minha cabeça tomba no banco.

– Admitir o q-quê? – gaguejo quando ele curva os dedos dentro de mim e atinge um ponto que me faz ver estrelas.

– Que você só goza comigo. E que você adora isso. Ficar rosnando para mim. Olhando para suas unhas e fingindo indiferença. Me olhando de cara feia. Tudo isso desaparece quando estou com a cabeça entre as suas pernas. Eu consigo te comer e te deixar feliz, não consigo, Winter?

– Eu te odeio.

Lanço a ele um olhar irritado, mas sem ódio. Como poderia, se ele tem razão? Seus dedos entram e giram, e me curvo em direção a ele como a putinha que eu sou.

– Admita. Que aí eu te deixo gozar. Diga o que eu preciso ouvir.

O que ele precisa ouvir? Estou ofegante, o corpo tenso. Estou tão retesada que poderia explodir.

Então eu admito, tanto para ele quanto para mim mesma:

– Theo, eu só gozo com você e...

Ele não me deixa terminar antes de voltar a me devorar, e em segundos eu explodo. Assim como previ.

Uma onda quente percorre meu corpo e eu me entrego. Me contorcendo sob o calor. Aproveitando a sensação de ter um homem que gosta de me fazer gozar, gosta de me ver perder a cabeça por ele.

Ele não me pressiona demais. Não se afasta rápido. Ele é tão bom nisso.

Tão bom para mim.

Eu não apenas gozo. Eu me desmancho. Sinto que poderia desmoronar de vez, até me partir em mil pedaços, muitas e muitas vezes, sob as mãos adoradoras de Theo Silva.

O que é uma perspectiva assustadora, porque já desmoronei antes.

E ninguém me ajudou a catar os cacos.

Eu esperava mais depois de ele ter me chupado. Mas Theo pegou minha calça e a ajeitou cuidadosamente em meus tornozelos, como se estivesse vestindo uma criança. Eu o observei, mãos hábeis, braços definidos – um dos quais provavelmente ainda deveria estar na tipoia – e uma expressão de concentração satisfeita no rosto.

– Você não quer que eu...

Deixo a frase morrer, movendo o pulso para explicar minha linha de raciocínio e percebendo que estou um pouco tímida. Um pouco sem palavras. Um pouco desconcertada.

As coisas que ele fez... As coisas que ele disse... Não deveriam ter sido tão significativas, mas foram. E isso me assustou. Ele não é mais apenas um casinho de uma noite só. Ele é o pai da nossa garotinha. Estarei ligada a ele pelo resto da vida, querendo ou não.

Ele me querendo ou não.

Isso aqui pode ser tudo. Ou pode ser o maior desastre da minha vida.

Então, quando ele abre um sorrisinho, passa os olhos por mim enquanto arrumo meu rabo de cavalo todo bagunçado e diz "Não, estou de boa", minha mente enlouquece.

Theo segura meu queixo e me dá um beijo intenso na boca antes de se afastar para fechar a academia. Sinto meu gosto, mas só consigo me concentrar naquelas três palavras que ecoam na minha cabeça.

Estou de boa.

Tipo, ele também ficou satisfeito?

Ou é um jeito de dizer *Eca, não, obrigado*?

Ele passou incontáveis minutos falando de todas as coisas que gosta em mim. Parece improvável que não queira algo mais. No entanto, é nessa direção que meu cérebro está treinado para ir.

Meu pai escolheu outra pessoa.

Meu marido escolheu outra pessoa. Ele escolheu minha irmã.

E eu não guardo rancor dela por isso. Eu guardo rancor de mim mesma, porque não entendo o que há em mim que é tão indigno de ser amado. Sinto que estou em uma missão ininterrupta para entender isso. Não fico ofendida. Só preciso entender o que é para corrigir.

– Pronta?

Levo um susto com a voz de Theo. Olho para ele, ainda sentada no banco, perdida em pensamentos. Seus olhos me percorrem de cima a baixo e meu corpo me trai estremecendo em resposta.

Faço que sim com a cabeça, o que faz com que aquela covinha irritante apareça na bochecha de Theo. Ele está reprimindo um sorriso, mas ainda me dá uma piscadela.

Meu estômago dá uma cambalhota. Toda vez que ele faz isso, lembro dele abastecendo o carro na noite em que o conheci. Theo já era gostoso na época, mas agora, um pouco mais velho, ele mudou de novo. Aos 28 anos, ele é mais másculo ainda. Seus ombros parecem mais largos. Está mais esculpido, mais... arrasador. E conquistou uma maturidade, uma sabedoria que eu acho reconfortante. Ele é brincalhão sem ser frívolo. Debochado, mas confiável.

Se meu destino era trepar com um desconhecido e engravidar, fiz uma boa escolha. No mínimo, Vivienne terá um ótimo pai.

– Prejudiquei sua habilidade de raciocínio, Dra. Hamilton?

Percebo que estou parada na academia às escuras, olhando para Theo como se estivesse em modo descanso.

Ele me estende a mão e eu a seguro. Meu corpo vai para junto dele sem que eu sequer perceba. Sem que sequer admita que quero isso.

Sua mão cheia de calos, consequência dos anos que passou agarrado a uma rédea todo fim de semana e levantando pesos no resto do tempo. Seu polegar roça o dorso da minha mão enquanto ele liga o sistema de alarme e me leva para a noite quente de verão.

Ouvindo apenas o barulho dos nossos pés no cascalho da rua, finalmente digo o que estava pensando.

– Eu sinto que te devo uma.

– Deve o quê? – Sua voz é suave e aveludada, e acaricia minha pele; me acalma.

– Uma continuação do sexo ou algo do tipo.

– Algo do tipo? Essa parte me interessou. O que seria esse "ou algo do tipo"?

Ele faz piada sem considerar que minha mente é capaz de absorver suas palavras e transformá-las em algo que ele nunca pretendeu dizer. Como, por exemplo, que não quer uma continuação do sexo.

– Engraçadinho.

Olho para nossas mãos quando ele entrelaça nossos dedos.

– Ei. – Seu tom é menos brincalhão agora, e não consigo encará-lo. – Não abaixe a cabeça assim. Pare de pensar o que está pensando, porque garanto que está errado.

Ele para, me puxando para encará-lo, e levanta meu queixo com um dedo dobrado.

– Winter.

Olhos e cabelos escuros, pele marrom; a escuridão da noite lhe cai bem.

Umedeço meus lábios.

– Theo.

– Sininho?

– Não entendo o que está acontecendo aqui. As coisas que você diz. As coisas que faz. Tudo o que aconteceu. Não faz sentido. Eu não consigo entender.

Ele inclina a cabeça, como se estivesse tentando me examinar de uma perspectiva diferente.

– O que está acontecendo é que a Srta. Independente conheceu *o cara que a trata como uma princesa* e está surtando.

Reviro os olhos.

– Isso é ridículo.

– Você só acha que me deve alguma coisa porque passou tempo demais namorando babacas péssimos de cama. Relaxa e goza. Para de pensar demais. Se bem que você já gozou. – Ele abre um sorriso e eu espelho o movimento.

– Você é maluco.

Eu me afasto, tentando disfarçar minha risada, mas não solto a mão dele enquanto contornamos o final do quarteirão, voltando para nossas respectivas casas.

– Mas foi relaxante, não foi? Gozar nessa minha cara linda?

O riso borbulha em mim. Enche meu peito e toma minha garganta. Então me escapa como uma música que não consigo resistir a cantar. Me soa estranho, leve e musical.

Meu Deus. Estou *rindo*?

Ele aperta minha mão, então me puxa de volta e me beija. Ele engole meu riso como se quisesse guardá-lo para si.

Foi ele a razão, então suponho que seja justo retribuir. Continuamos de mãos dadas e com a outra mão ele toca meu queixo com um leve tremor.

Lábios macios. Cabelo macio. Suspiros suaves. Não é um beijo longo, mas é arrebatador. Natural. Como se ele não pudesse se conter.

E esta noite não é a primeira vez que me sinto *desejada*.

Quando ele se afasta, fico de olhos fechados por um momento, deixando esse sentimento me aquecer. Porque é algo fugaz, e quero me lembrar dele.

Ainda estou de olhos fechados quando ele se inclina e diz:

– Da próxima vez, você vai sentar na minha cara. Você vai pedir. Implorar. Fazer por merecer, até. Vai me dizer *exatamente* o que deseja e eu vou te dar. Mas, até lá, não vamos fazer isso de novo. Não até que você saiba o que quer. Porque eu quero você, Winter. E não por apenas uma noite.

Com isso, ele me deixa sem fôlego e me puxa com ele pela rua tranquila e arborizada. Passo de surtada por causa de Theo a surtada por causa da mulher sentada no degrau da porta da casa dele.

Sei que não deveria me sentir assim.

Ele diz que sempre fiz parte de seus planos. Mas estou com medo de acreditar.

24

Theo

Theo: Preciso te pedir um favor.
Summer: Claro!
Theo: Mas você não pode fazer perguntas.
Summer: Que coisa mais suspeita. Mas tudo bem.
Theo: Preciso deletar algumas das imagens da câmera de segurança da academia. Pode me mostrar como fazer isso?
Summer: Hããã. Tá. Mas eu não poderia fazer isso por você?
Theo: Não.
Summer: Algum crime foi cometido?
Theo: Não.
Summer: É algo que eu gostaria de saber?
Theo: Eu disse sem perguntas e você já fez três.

Winter, que estava toda derretida e risonha, se fecha. Quando baixo os olhos, vejo seu queixo tenso, seus olhos estreitados. Sigo seu olhar e avisto uma mulher sentada na porta da minha casa, olhando o celular.

Uma mulher que eu reconheceria em qualquer lugar.

– Mãe? O que você está fazendo aqui?

Winter tem um sobressalto, soltando a minha mão como se fôssemos dois adolescentes flagrados fazendo algo que não deveríamos, em vez de dois adultos que tiveram uma filha juntos.

Eu poderia ficar sem paciência com a reação dela, mas não fico. Ela não está acostumada a ser recebida calorosamente por pessoas que só conhecem sua fama.

E considerando o que aconteceu esta noite, ela também não está acostumada a conviver com pessoas que gostam dela apenas pela mulher que é. Isso me faz querer botar fogo no mundo ao nosso redor para consertar os danos causados a ela ao longo dos anos.

Em vez de praticar incêndio criminoso, estou me contentando em mostrar a ela como as coisas podem ser boas. Mostrar o que ela merece.

– Vim visitar você. Eu disse que chegaria mais cedo.

– É, mas não disse que seria hoje. Nem me deu qualquer data específica.

Não é incomum minha mãe aparecer sem avisar. Se a agenda dela muda, ela aparece aleatoriamente em um evento meu, gritando mais alto do que qualquer outra pessoa na arquibancada.

– Eu me reservo o direito de atrapalhar sua vida. Você é meu único garoto.

– Você faz isso com a Julia?

– Não. Mas a vida dela não é tão interessante. Ela nem me conta sobre a pessoa que conheceu no cruzeiro. Mas eu sei que conheceu alguém, porque a peguei saindo furtivamente à noite.

Minha mãe dá uma piscadela, as bochechas ficando mais salientes quando abre um sorrisinho discreto.

– É assim que eu me livro de você, então? É só não te contar nada?

Estou brincando, e nós dois sabemos. Por isso, ela ri e olha em volta.

– De início, fiquei irritada por não encontrar uma chave reserva em algum lugar óbvio. Sabe, debaixo do capacho, onde uma pessoa normal deixaria. Mas aí pensei que te dei uma criação melhor do que imaginava, porque procurei uma chave por toda parte e não consegui encontrar.

Abro um sorriso envergonhado enquanto coloco a mão nas costas de Winter, ainda aturdida, para guiá-la pelo portão da frente e pelo caminho de pedra.

– Bem, mãe, a verdade é que não tenho nenhuma chave reserva escondida em lugar nenhum.

Ela recosta a cabeça na parede da casa, o cabelo preto caindo às suas costas.

– É. Você acabou ficando meio burrinho.

– Pode ser hereditário.

Eu me aproximo com um sorriso torto e pego sua mão, puxando-a para ficar de pé.

– Olha essa boca. – Ela segura meu rosto entre as mãos com força suficiente para fazer meus lábios se franzirem, depois se vira para falar com Winter. – Ele também te trata assim? Sempre foi rebelde e indisciplinado, mas é difícil resistir a esse coração de ouro.

Winter não diz nada enquanto minha mãe me puxa para um abraço.

– Meu menino querido. Senti saudade.

– Por isso que fica me insultando? Porque sentiu saudade?

Por cima do meu ombro, ela volta a se dirigir a Winter.

– Ele também é carente. Toda hora quer cafuné. Acho que o elogiei demais quando criança.

Uma risada suave soa atrás de mim.

– Hoje mais cedo ele disse que tem uma cara linda.

– Ok, uau. – Eu me afasto para que minha mãe e Winter consigam se ver direito. – Nem fiz as apresentações e vocês já estão zombando de mim.

– Você deve ser a Winter. Ouvi falar muito de você. – Minha mãe dá um passo à frente, ficando com ruguinhas ao sorrir, o que é a única indicação de sua idade. Ela diz que sorri tanto que não há como se livrar delas, então as aceitou. – Já gostei de você.

Winter parece atônita com o comentário incrivelmente oportuno da minha mãe.

– Igualmente. Prazer em conhecê-la.

Ela estende a mão, mas minha mãe a dispensa com um gesto.

– Não somos parceiros de negócios, e gosto de dar abraços.

Mamãe abraça Winter, que parece atordoada, e cujos braços pendem frouxamente ao lado do corpo. Não consigo segurar o riso. *Parceiros de negócios*. Essa maldita frase vai assombrá-la para sempre.

Como de hábito, Winter busca o meu olhar. Eu arregalo os olhos, como se para dizer: *Não seja escrota com a minha mãe, retribua o abraço!*

Ela revira os olhos, mas abre um sorrisinho ao levantar os braços e abraçar minha mãe de volta. A visão é um golpe no meu peito. Penso em quantos abraços Winter recebeu ao longo dos anos... quando criança. Mesmo nos dias em que minha mãe me achava um pateta, ela me abraçava.

Winter mal menciona a mãe. Sei que o relacionamento é tenso. Com o pai também. E, no mesmo instante, eu odeio os dois de um jeito irracional.

Minha mãe apareceu aqui poucas semanas depois de saber sobre Vivi, e ela mora em outra província. Os pais de Winter moram a pouco mais de

uma hora daqui e nunca vi nenhum sinal dos dois.

Até hoje eu estava tão concentrado em mergulhar fundo na minha realidade com Winter e Vivi que não tinha parado para pensar no panorama completo.

Não gosto do que vejo. Isso desperta meu instinto protetor de uma nova maneira. Minhas mãos ficam inquietas com o desejo de melhorar as coisas. Com o desejo de fazer alguém pagar pela forma como ela foi tratada.

Winter inclina a cabeça enquanto se afasta da minha mãe, como se lesse no meu rosto a luta interna acontecendo.

– Bem, Theo me disse que você é uma mãe inteligente e incrível – diz minha mãe, as mãos ainda nos ombros de Winter enquanto ela dá um passo atrás para avaliá-la. – Mas não mencionou que você é areia *demais* para o caminhãozinho dele.

– Aff. Para, mãe.

Esfrego o queixo e balanço a cabeça. Isso é uma marca registrada dela. Ela adora ficar me provocando.

– Eu estava bêbada – diz Winter, séria. Apenas o brilho nos olhos indica que ela está brincando. – Ele ficou mais bonito sob a lente da tequila.

Solto uma risada. Para vê-la tão à vontade assim com a minha mãe, não me importo de ser zoado. Já notei que ela me come com os olhos mesmo sem uma única gota de tequila no corpo.

Sei que ela me quer. Estou apenas esperando que pare de surtar e perceba isso.

– Você não estava tão bêbada assim, tanto que escreveu um contrato num porta-copos.

Eu também sei brincar, Sininho.

Um sorriso malicioso se abre nos lábios carnudos dela. Por um instante, sonho com esses lábios se abrindo para me receber. Toda vez que ela os movimenta, mesmo que para rosnar para mim, só consigo pensar em transar com ela.

– Prove.

Ela cruza os braços.

Minha mãe fica olhando de um para o outro enquanto trocamos farpas.

Ela parece satisfeita.

Eu dou de ombros.

– Vou provar. Mãe, vamos acomodar você. Amanhã de manhã você vê a

Vivi.

Subo os degraus, destranco a porta e coloco a mala dela na entrada. Porque conheço minha mãe, e ela é bem capaz de ir até lá agora mesmo para ver a neta. Estou estabelecendo limites antes que ela pense que está liberada para agir como quiser.

– Winter, estou amando a oportunidade de conhecê-la melhor. Se precisar de alguma coisa, é só pedir. Fico feliz em ajudar. Já fiz esse trabalho duas vezes e, embora o produto final possa não ser perfeito, também poderia ser pior. Considero isso uma vitória.

Os grandes olhos azuis de Winter permanecem focados na minha mãe. Se eu não a conhecesse, diria que há certa confusão neles.

– É um prazer conhecer você também, Loretta. Embora eu tenha que discordar. Seu produto final é muito bom. – Os olhos dela deslizam para os meus. – Um perfeito cavalheiro, pelo que vi até agora.

Minha mãe murmura e lança um olhar contente para Winter.

– Boa noite, crianças – diz ela, virando-se e desaparecendo dentro da casa.

Aponto para Winter.

– Você aí. Espere.

– Eu não sou o Peter.

Ela arqueia a sobrancelha, desafiadora. Eu rio.

– Na verdade, é bem parecida. Nenhum dos dois me escuta e os dois me olham feio.

Ouço uma risadinha dela quando me viro e entro em casa. Depois de mostrar o quarto de hóspedes à minha mãe, pego minha bolsa e enfio a mão no bolsinho com zíper. Encontro o papelão macio e volto para a entrada.

Quando chego à varanda, Winter está parada no pé da escada, olhando para as unhas. Pelo menos agora ela tem esse esmalte cor de algodão-doce para admirar quando faz esse movimento. É sua marca registrada, essa atitude fingida de *estou entediada.*

É um mecanismo de defesa para os momentos em que se sente vulnerável. E se aprendi alguma coisa sobre Winter nas últimas semanas é que ela *odeia* se sentir vulnerável. Então, considero um grande privilégio quando acontece.

Não quero mudá-la. Quero merecer ver esse lado dela.

– Sua mãe parece legal. – Ela não levanta os olhos.

– É? – provoco. – Sinto que ficar perto de vocês duas vai significar ser zoado sem piedade.

Ela estremece com uma risada e sorri para as unhas.

– Está pensando que suas unhas cor-de-rosa vão ficar lindas ao redor do meu pau? Porque é nisso que fico pensando quando as vejo.

Dessa vez ela olha para mim.

– Sério?

– Sério. Só falta um batom da mesma cor para eu poder imaginar como a sua boca vai ficar...

Ela corre e pousa um dedo em meus lábios para me calar. Seus olhos, ligeiramente arregalados, se fixam ali. Winter nunca tomou a iniciativa entre nós, e eu me pergunto se ela percebeu isso agora.

Que se aproximou de mim com tanta facilidade.

Seu dedo se move, mas não se afasta. Em vez disso, ela acaricia suavemente minha barba por fazer. Não me encara, apenas observa seus dedos passearem por mim. Pela concha da minha orelha. Pela linha do meu queixo. Pelo meu pomo de adão.

Ela me toca com certa reverência, e não tenho vergonha de admitir que saboreio essa sensação. Os pelos dos meus braços se arrepiam. Meu coração bate forte, querendo alcançá-la.

Winter me confunde e me consome.

Seus olhos descem para a minha bermuda. O material elástico não esconde que o meu pau fica duro quando ela me toca.

– Você pensa em mim quando bate punheta?

Vindo dela, a pergunta me pega desprevenido. Ela raramente é tão direta assim. De modo geral, é mais discreta.

Pego a mão dela, afastando seus dedos da gola em V da minha camiseta. Dando um beijo em sua mão, admito:

– Eu penso em você o tempo todo.

A respiração dela fica mais pesada quando minha língua percorre sua pele. Eu me afasto e a encaro.

– Mas *especialmente* quando bato punheta.

Ela ri em resposta, parecendo ofegante.

Levanto a outra mão para entregar a ela o porta-copos de mais de um ano atrás.

Quando ela o vê, fica rígida.

– Isso é...?

Abro um sorriso casual enquanto me inclino para sussurrar em seu ouvido:

– Eu disse que voltaria para implorar por um repeteco.

Depois, beijo sua bochecha, roçando a língua daquele jeito que ela tanto gosta. Winter se vira e se aconchega em mim.

Então, eu a abraço.

Ela cruza os braços na frente do peito enquanto eu a puxo para mim, o porta-copos com o nosso contrato esmagado entre nós.

E eu apenas a abraço.

Uma mulher que precisa tanto ser abraçada. E sou eu o sortudo que vai resolver isso.

Ela encaixa o rosto bem na base do meu pescoço e dá um beijo suave ali.

– Boa noite, Theo.

Não diz mais nada e, por mais que eu queira entrar em sua cabeça e organizar todos os pensamentos que correm soltos lá dentro, fico feliz com o abraço e o "boa noite".

– Boa noite, Winter.

Ela está sorrindo quando se vira, evitando meu olhar. Como se nossa interação a deixasse tímida. Como se fôssemos dois adolescentes tontos se despedindo depois de um primeiro encontro.

Ser amada é desconfortável para ela. Meu Deus, eu quero mudar isso, mas ela precisa sinalizar quando for a hora certa. Tenho a impressão de que, depois de passar a vida se comportando de uma maneira que agradasse a todos ao seu redor, ela talvez precise de um tempinho para descobrir o que combina com *ela própria*.

Winter se afasta e eu resisto à vontade de segui-la. Seus pés calçados com tênis caminham silenciosamente pela calçada da frente e pela entrada de sua casa. Subo na varanda para que ela não veja que a estou observando.

Ela mantém os olhos baixos enquanto se aproxima de casa, mas não entra.

Ela se senta num degrau e levanta o porta-copos, fitando-o. Ela o acaricia, como fez com meu rosto momentos atrás.

Suas feições estão relaxadas e ela parece mais jovem neste momento. Seu rosto não está franzido, seus lábios não fazem beicinho. É assim que ela fica quando está com Vivi.

Feliz.

Depois de alguns minutos, ela se levanta e entra em casa. A luz morna se espalha pela varanda por um momento e os murmúrios ininteligíveis dela e Summer conversando se espalham pela noite. Pela janela da frente, vejo as duas se abraçando.

Três abraços em uma noite. Nada mau.

Entro em casa com um sorriso bobo. Minha mãe percebe, sentada no sofá com um episódio de *Grey's Anatomy* engatilhado para começar.

– Você sabe que está apaixonado por aquela garota, não é?

Eu desabo ao lado dela e a envolvo pelos ombros, pronto para me perder no melhor drama médico enquanto fico ao lado de uma das minhas mulheres favoritas no mundo.

– É, mãe. Eu sei.

25

Winter

Theo: E se eu me estabelecesse por aqui?
Winter: Em Chestnut Springs?
Theo: É.
Winter: Na sua casa?
Theo: Eu poderia armar uma barraca no seu quintal, se você preferir. Convido você para uma noite de tequila ao redor da fogueira. ;)
Winter: Melhor não. Algum escroto pode se mudar para a casa ao lado. Eu posso acabar com um vizinho ainda pior do que você.
Theo: E talvez ele não apare sua grama, como eu. Fingir que está cuidando do jardim não vai ter graça se eu não estiver lá para você contemplar.
Winter: Eu não fico te contemplando.
Theo: Você só cuida do jardim quando estou aparando a grama.
Winter: Como você sabe?
Theo: Porque também fico de olho em você.

Um grito estridente perfura meus tímpanos enquanto Peter desliza pelo chão de madeira como se fosse Tom Cruise em *Negócio arriscado*. Vivi tem uma força assustadora no braço. Sentada no chão, ela aperta a galinha de borracha e a joga pela sala enquanto Peter sai correndo atrás.

Quando ele volta e deixa o brinquedo barulhento cair aos pés de Vivi, ela bate as mãos gordinhas e ri. Peter fica com a língua pendurada no canto da boca, no lugar onde ficavam os dentes extraídos. Ele está tão animado que parece que seus olhos estão prestes a saltar da cabeça.

– Ele é realmente horrível, se você olhar por muito tempo – murmura Loretta, antes de tomar um gole de café. – Theo o encontrou na rua durante

as férias no México. Deu um pouco de taco de carne para ele, e o resto é história. Recusou-se a deixar o país sem ele. Remarcou o voo e tudo.

Eu rio. Esse homem gosta mesmo de cuidar.

Sentada no chão da sala, observo Theo atravessar o aposento de uma forma que deveria ser ilegal. Está usando calça jeans clara e camiseta branca, e carrega um prato de biscoitos de aveia. Biscoitos que acabou de assar – porque é claro que ele sabe fazer isso.

Os trajes não poderiam ser mais simples, mas não consigo tirar os olhos dele. Relembro os dias em que ele apara a grama, sem camisa. Enquanto me provoca com seus músculos, finjo cuidar do jardim e fico olhando de rabo de olho, escondida pelas lentes dos óculos escuros.

Já faz uma semana que Theo me deitou no banco da academia e caiu de boca em mim. Tenho malhado sozinha desde aquela travessura, mas ele sempre aparece no final, quando estou me alongando.

Ele se agacha ao meu lado e sussurra:

– Com licença, senhora. Aquele banco ali foi higienizado? – E aponta para *O Banco*.

Eu faço cara feia.

Ele pisca.

E nos separamos.

Estabelecemos uma rotina, embora não tenhamos discutido aquela noite. Há muita coisa acontecendo. A mãe dele está aqui. Ele está trabalhando na academia enquanto faz a reabilitação. Estou ocupadíssima me preparando para o casamento da minha irmã mais nova, pois vou ser simplesmente a madrinha da noiva.

Um papel que não paro de tentar transferir para Willa, mas aquela filha da mãe apenas ri da minha cara.

Então, Theo e eu seguimos nos rodeando. Desenvolvemos uma espécie de afinidade. Minha casa, a casa dele. Vamos de uma para a outra, e Vivi também. O mesmo acontece com a mãe dele, que tomou para si a tarefa de ser a pessoa mais calorosa e prestativa que já conheci. Theo definitivamente herdou dela sua bondade genuína, o sorriso fácil e os toques gentis.

Então, por que ainda me retraio?

É porque ele me disse que não houve mais ninguém desde aquela noite. É por aquela porra de porta-copos que guardo na mesa de cabeceira. Às vezes, eu o pego só para ficar olhando.

É a prova física de que ele gostava de mim, mesmo naquela época. Prova de que ele não é um embuste, como todos os outros homens na minha vida. Que ele pensava em mim desde aquela noite. Que Vivi e eu não somos um fardo na vida dele, como em tese eu acho.

Quem diria que um porta-copos qualquer, manchado, com nossas assinaturas rabiscadas, poderia derrubar limites que estabeleci com tanto cuidado?

Não sei mais como agir perto dele.

Eu o quero de um modo quase obsessivo. As coisas estão ótimas entre nós agora, mas estou apavorada com a possibilidade de tudo ir pelos ares. Já fiquei sobrando entre dois pais que se odiavam, e sujeitar minha filha ao mesmo tipo de complicação é algo que tira meu sono à noite.

Independentemente disso, não consigo evitar que meus olhos se desviem para ele. Que meu corpo seja atraído por ele. Que minha mão deslize entre minhas pernas na banheira enquanto penso nele. Que meus sentimentos por ele se tornem algo além do que eu gostaria.

Vivi atira o frango novamente e Peter dispara pelo chão que nem um canhão geriátrico, evitando por pouco a parede – e os pés de Theo. Ao pegar o brinquedo, ele faz sua melhor imitação de um leão matando uma gazela. Olhar desvairado, cabeça balançando de um lado para outro. Vivi grita de alegria, porque esta é a nova brincadeira favorita dela e de Peter.

– Peter, controle-se e traga esse negócio de volta.

Uso meu tom de voz de "o pronto-socorro-está-pegando-fogo", chamando a atenção de Peter por um momento. De cara feia, ele traz a contragosto o brinquedo de volta e o cospe na frente de Vivi.

– Esse cachorro não é surdo, Theo. Ele só não te dá ouvidos – digo enquanto Theo coloca o prato de biscoitos na mesa de café na minha frente e aperta de leve meu ombro.

– Como você sabe? – responde ele enquanto leva um biscoito para sua mãe, que está relaxando na poltrona.

– Porque ele dá ouvidos a mim. E eu sou médica.

Ele pega um biscoito e me entrega, antes de pegar um para si e se sentar no sofá logo atrás de mim. Posso sentir um de seus pés descalços na lateral da minha bunda.

Fico vermelha.

Ele está sentado muito perto, e sua mãe está bem ali. Além disso, ele me

chupou e nem conversamos sobre o assunto.

Eu me sinto como uma adolescente perto dele.

– Mas você é veterinária? – diz ele atrás de mim, enquanto mastiga.

– Não, mas...

– Ah, sim. Bom, prefiro confiar na palavra de um veterinário.

– Algum veterinário confirmou que ele é surdo?

– Não.

– Então sua única pista é que ele não dá ouvidos a você?

– Exatamente. Assim como você.

– O que isso significa?

Ele cutuca minhas costas com o joelho enquanto Vivi se vira e engatinha em direção à avó com seus grandes olhos castanhos e brilhantes.

Os olhos do pai dela.

– Significa que preciso levar vocês dois ao veterinário.

É Loretta quem solta uma gargalhada desta vez enquanto alcança Vivi, abrindo um enorme sorriso ao puxá-la para seu colo.

– Talvez você só não tenha nada interessante para dizer, e é por isso que eles não te ouvem. Já pensou que pode ser isso, Theo Dale Silva?

Viro a cabeça para encarar Theo e murmuro:

– Dale?

Ele tem um nome super sexy e então... *Dale*?

Ele me dá outra joelhada, mas dessa vez enfia a mão sob meu cabelo e dá um aperto firme na minha nuca que faz todo o meu corpo ficar tenso. Ele baixa a cabeça para perto da minha e sua barba por fazer roça minha orelha enquanto ele sussurra:

– Pare de ser tão má comigo. Fico com tesão quando você é desaforada. Isso me faz pensar em todas as formas divertidas de calar essa boca. E não é hora de ficar de pau duro.

Minhas bochechas voltam a arder quando ele me solta e se recosta no sofá como se nada tivesse acontecido.

Talvez eu devesse me afastar dele depois dessa declaração instigante, mas, em vez disso, meu corpo o segue. Eu me inclino contra suas pernas e me deleito com seu calor e sua firmeza.

Ele e a mãe começam a conversar sobre *Grey's Anatomy* e, embora eu pudesse participar, meu cérebro só pensa em como é bom me apoiar em alguém. Confiar em alguém.

Então, percebo.

Theo Dale Silva invadiu meu coração e nunca tive a mínima chance de afastá-lo de lá.



– Posso entrar? – pergunta Loretta, depois de uma batida suave na porta aberta do meu quarto.

– Claro.

Eu mexo na tarraxa do brinco, a cabeça inclinada diante do espelho enquanto ela entra no quarto com Vivi nos braços.

– Muito obrigada por cuidar dela enquanto eu me arrumava. Salvou minha vida.

– Você é a madrinha do casamento. Precisa de um tempo para se preparar. Eu sou apenas uma convidada. Além disso, tomar conta da minha neta não é trabalho nenhum.

Faço que sim com a cabeça, sem saber o que dizer, pois meus pais não fazem nenhuma tentativa de passar tempo nenhum com ela. Nem comigo, na verdade. E estou toda tensa hoje. Vou ver as pessoas. E a identidade do pai de Vivi não é mais segredo.

Por falar nos meus pais, ainda não contei a eles sobre Theo.

– Seus pais costumam vir?

Loretta se senta na beira da cama, acomodando-se para fazer o que já sei que será um interrogatório gentil. Não posso culpá-la. Eu faria o mesmo, se meu filho se metesse numa situação confusa dessas.

Com um suspiro pesado, viro-me para a mulher mais velha. Cabelo escuro brilhante acompanha olhos escuros brilhantes. Não há dúvida sobre qual genética Vivi herdou mais e, por mais que às vezes isso me incomode, fico aliviada por ela não se parecer com minha mãe.

– Não. Quando anunciei a gravidez, tudo ruiu.

Loretta arqueia as sobrancelhas, interrogativa, e não posso deixar de rir.

– Minha vida é uma novela.

– Eu adoro uma boa novela – responde ela, com um sorriso travesso.

Sem querer amassar o vestido de seda rosa, me recosto no parapeito da

janela, de frente para a cama, e me preparo para dar algumas explicações.

– O que Theo contou a você?

– Bem, quando perguntei, ele disse que não tinha o direito de me contar. E que havia muito que ele ainda não sabia, mas não queria te pressionar a falar. Eu, por outro lado, não sou tão discreta assim.

Ela sorri e eu devolvo o sorriso. Tenho certeza de que eu ficaria irritadíssima se qualquer outra pessoa quisesse bisbilhotar minha vida, mas algo em Loretta a torna simplesmente... nada irritante.

– A versão resumida é que há cerca de 26 anos, meu pai engravidou a babá. Ela deixou o bebê com ele, e isso deu início a uma Guerra Fria em nossa casa. Então, ele passava o tempo todo protegendo minha irmã da amargura da minha mãe. Não me pergunte por que eles não se separaram, porque, puta merda... desculpe, puxa vida... eu não sei dizer. Em vez disso, continuaram juntos e deixaram todos ao redor infelizes. Então eu cresci afastada do meu pai e da minha irmã, porque, quando todos escolheram seus lados, eu fui colocada no time da minha mãe.

– Nossa. – É tudo o que Loretta diz.

– Pois é, nossa. Mas consegui sobreviver, então mantive a cabeça erguida, estudei e fui para a faculdade de medicina, como minha mãe sempre quis. No hospital, conheci um médico, o médico que cuidou da minha irmã na adolescência, quando ela teve alguns problemas de saúde. Eu o achava atraente e talentoso, e não conseguia acreditar que estivesse interessado em *mim*. Depois de anos sem ter nada só meu, parecia que tinha chegado a minha vez. Minha mãe *adorou* que eu estivesse com um médico famoso, porque isso pegava bem para ela. Como se eu estivesse ganhando uma competição com a minha irmã, eternamente solteira, e que "só" fez faculdade de direito.

– Ah. – Loretta balança a cabeça, olhando para Vivi, que está cochilando ao som de nossas vozes depois de brincar animadamente com a avó. – Só gente perdida na vida faz faculdade de direito.

Aponto o dedo para ela como se dissesse *Pois é*, então continuo:

– O problema é que o Dr. Perfeito não passava de um Dr. Babaca. Um predador bizarro que seduziu minha irmã adolescente e ficou com ela assim que ela fez 18 anos. Mas minha relação com a minha irmã era tão tensa que ela nunca me contou, mesmo quando me casei com ele, por não querer causar mais problemas na nossa família já turbulenta. Ela não queria me

magoar.

– É, com toda certeza não vamos comparar esse cara com o McDreamy.

Meu Deus, eles dois e esse negócio com o McDreamy.

Com uma risada, eu sigo em frente, orgulhosa de conseguir encontrar humor na situação.

– Então Summer contou tudo para Rhett e um dia, no hospital, o Dr. Babaca passou dos limites no modo como os tratava. Rhett perdeu a paciência e contou tudo na frente de toda a minha família e de boa parte dos meus colegas. Quer dizer, não toda, mas os que estavam presentes passaram a informação adiante bem depressa. Isso foi bem chato.

– Põe chato nisso. É uma história digna de *Grey's Anatomy*.

– Não é? Eu estava grávida quando isso aconteceu. Depois de tentar por muito tempo. Depois de consultar vários especialistas em fertilidade, tomar um monte de medicamentos. Tenho certeza de que alavanquei os resultados de muitas empresas de teste de gravidez. Então, posso dizer que fiquei arrasada. Aquele cantinho que eu tinha arrumado para mim desmoronou de uma forma irreversível naquele dia.

Loretta fica imóvel.

Dá para ver que ela não esperava que nossa conversa tomasse esse rumo. Mas é fácil conversar com ela, que não julga ninguém e, ao mesmo tempo, dá apoio. Consigo inclusive imaginá-la comigo na sala de parto. Nunca a vi trabalhar, mas já tenho certeza que é uma parteira incrível.

Examino minhas unhas, dessa vez de um rosa-perolado claro para combinar com meu vestido.

– Daí eu perdi o bebê, e foi quando comecei a considerar minhas opções. Foi um balde de água fria notar que ninguém tinha ficado do meu lado depois de toda aquela merda. Sem o bebê, eu não tinha *nada*. Só um marido que estava mais preocupado em garantir que eu não o denunciasse ao conselho médico por causa de sua má conduta do que pensando no meu bem-estar. Uma mãe que se importava mais com as aparências do que com meus sentimentos. E um pai que apenas me olhou sem jeito, covarde demais para me dizer qualquer coisa.

– Ah, Winter.

Os olhos de Loretta marejam, mas me recuso a chorar também. Dizer isso em voz alta é catártico. E não me deixa nem um pouco triste. Talvez eu tenha finalmente superado o trauma. Sinto vontade de cutucar ainda mais a

ferida, para descobrir se está realmente curada.

– A *única* pessoa que se importava *comigo* e com meu bem-estar era minha irmã. A irmã que eu tratei mal por literalmente décadas. Ela nunca parou de me mandar mensagens, nunca parou de tentar se aproximar, e eu me sentia *tão* indigna disso tudo... E, de alguma forma, essa foi a gota d'água. Eu quis recomeçar. Minha vida, meu trabalho, minha casa, meu casamento. As únicas duas coisas que eu queria manter eram Summer e eu. E foi o que eu fiz. Só que aí conheci o seu filho, ficamos juntos uma vez só e, aparentemente, os preservativos são mesmo apenas 98% eficazes. Então, aqui estou. Ou melhor... aqui *estamos*.

Eu me endireito e sorrio. Porque essa história finalmente não me faz sentir fraca ou triste. Me sinto mais forte por ter contado tudo em voz alta. Sinto muito orgulho de ter chegado tão longe.

– Acho que a versão dele dos acontecimentos incluiu um comentário inapropriado sobre ser fértil demais para qualquer barreira.

Solto uma gargalhada.

– Isso é a cara do Theo.

– Obrigada por compartilhar esta história comigo, Winter. Dá para ver por que meu garoto está encantado com você.

Abro um sorriso irônico.

– Essa história não é encantadora.

– Não, mas você é. Sua capacidade de reflexão mostra um tipo de maturidade e força que nem todo adulto possui.

Aceno para dispensar o comentário e baixo o olhar, ainda desconfortável com esse nível de elogio. Mas não posso deixar de pensar em meus pais, em Rob. Jamais os chamaria de pessoas *reflexivas*.

– Eu trouxe isso para você. Botei na mala e sabia que queria dá-lo a você. Só não tinha certeza de quando seria o momento certo. Acho que hoje é a ocasião perfeita.

Olho para sua mão estendida e avisto um fino colar de pérolas delicadas e irregulares, com um fecho dourado.

– Era da minha mãe. Ela passou para mim. São pérolas do rio. Por isso são todas assimétricas e com cores um pouco diferentes. Vi você com esse vestido e achei que seria o toque perfeito.

Estendo a mão e passo a ponta dos dedos pelas pérolas irregulares. Branco suave, creme e rosa-claro refletem sobre as contas lisas e acetinadas.

É lindo, mas não tenho certeza se posso aceitar.

– E sua filha? Certamente, deve ser melhor manter o colar na família.

Loretta inclina a cabeça enquanto me avalia.

– Winter, meu bem.... Você *é* da família. Não importa o que aconteça entre você e Theo... Essa garotinha aqui – ela passa o dedo pela ponta do nariz de Vivi – é uma bênção. Ela faz parte de todos nós. No que me diz respeito, você e Vivi estão no mesmo pacote. Vejo a conexão de vocês, que ela puxou demais à mãe, e isso... Me faz lembrar de mim mesma, no início.

Não choro há semanas. Com tanta gente ao meu redor, com todo o apoio fácil que recebo, as lágrimas deixaram de surgir do nada. A vontade de mergulhar em Theo como se ele fosse uma piscininha substituiu a vontade de cair no choro.

É isso que me mantém acordada à noite, em vez dos meus erros.

Se a mãe dele não estivesse por aqui, eu já teria invadido aquela casa no meio da noite e implorado para Theo me comer.

– Eu acho que...

Loretta não me deixa terminar.

– Acho que você deveria dar esse colar para Vivi em um momento igualmente importante da vida dela.

Meus olhos se enchem de lágrimas e pisco para tentar afastá-las.

– Talvez eu tenha me precipitado – digo enquanto finalmente pego o colar. É curto e parece uma gargantilha. Delicado, mas também sexy e único. – Eu adorei. Mas não sei bem se este pode ser considerado um momento importante na minha vida.

Ela sorri, gentil e sábia, como se soubesse de algo que eu ignoro.

– Eu estava pensando em voltar para casa mais cedo com Vivi e colocá-la na cama, quando chegar a hora. Deixar vocês, crianças, se divertirem esta noite. Você poderia se soltar um pouco. Talvez isso seja importante para você neste momento.

– Seria bom. – Ainda estou passando os dedos pelas pérolas. – Mas não sou muito boa nisso.

Ela solta uma risada.

– Passe mais tempo com Theo que ele te ensina.

– É isso que me preocupa – sussurro, confessando uma das ansiedades que tenho em relação a Theo Silva. – É que... tenho dificuldade para confiar nas pessoas. – Eu rio e olho para ela. – Sou a personificação dos traumas por

questões paternas. E por mais que eu tente não deixar minha cabeça voltar àquele modo de pensar... ela volta.

Loretta assente, abrindo um sorriso.

– Como a pessoa que o conhece há mais tempo, vou contar o que sei sobre Theo.

– Tá bem.

– Theo ama com facilidade. É simplesmente da natureza dele. Mas nem sempre ama com *intensidade*. Ele mantém guardada essa parte de si mesmo, a parte que também sofreu perdas, bem lá no fundo, para não se magoar. Mas você, garota... Ele te ama com intensidade.

Hesito, tentando absorver o que ela acabou de me dizer. Ela continua:

– Tudo bem?

Loretta se levanta.

– Tudo bem – respondo.

Quando está quase na porta, com Vivi adormecida nos braços, ela se vira para mim com uma risada suave.

– Acabei de lembrar que ele me ligou na manhã seguinte ao primeiro encontro de vocês. E sabe o que ele me disse?

Balanço a cabeça. É o máximo que consigo fazer.

– Ele disse: "Mãe, foi ontem." E eu perguntei: "O quê?" – Loretta sorri, seus olhos assumindo uma aparência distante. – Ele disse: "Que eu conheci a mulher com quem vou me casar um dia."

Fico paralisada. Como ele poderia saber isso? Pensar isso? Por que uma noite comigo seria mais impactante do que uma noite com qualquer uma das tantas aleatórias com quem tenho certeza de que ele dormiu ao longo dos anos?

– Perguntei se essa mulher sabia disso, ele riu e disse: "Ainda não."

26

Theo

Theo: Deveria ser crime usar esse vestido aí.
Winter: É por isso que você está me olhando com essa cara feia do outro lado do salão? É um casamento. Tente parecer feliz.
Theo: Estou te comendo com os olhos.
Winter: Aff, que brega.
Theo: Tudo bem. Estou tentando decidir se rasgo essas alcinhas ou se nem me dou ao trabalho de tirar esse vestido.
Winter: Quem te disse que você pode tirar meu vestido?
Theo: Você ainda não disse, mas vai dizer.
Winter: Que grosseria.
Theo: Grosseria seria eu dizer que tô louco pra meter nos seus peitos e gozar nesse seu colar novo.
Winter: Muita grosseria.
Theo: Vou parar com isso quando você parar de ficar toda vermelhinha.

Todo mundo neste celeiro vintage está de olho em Summer enquanto ela e Rhett trocam votos.

Todos, menos eu.

Meus olhos estão em Winter. E não consigo olhar para mais nada.

Em parte por causa de seu vestido de seda justo, sustentado por alcinhas delicadas, tão fáceis de mover ou de arrebentar. E ela está usando um lindo colar de pérolas estilo gargantilha, e não posso deixar de me perguntar se fez isso para testar meu controle. Mal posso esperar para sussurrar putarias em seu ouvido e vê-la se contorcer.

Mas, acima de tudo, meus olhos estão fixos nela porque, toda vez que seu

olhar encontra o meu, sua pele fica toda rosada e ela age como se tivesse visto algo interessante nas fileiras de pessoas assistindo à cerimônia. Ela comprime os lábios, pisca rápido e acaba voltando o olhar para mim.

Eu não deveria comê-la com os olhos de um jeito tão descarado na cerimônia de casamento da irmã dela, mas é o que estou fazendo desde que todos nos encontramos na sala dos fundos. Eu não poderia ser mais clichê, o padrinho babando pela madrinha de um casamento. Ainda mais quando o único motivo de eu ser o padrinho foi Rhett não querer escolher um de seus irmãos em detrimento do outro.

Antes que eu perceba, o juiz de paz anuncia que eles podem se beijar e todos os convidados comemoram. Quando ouço um assobio alto, me viro e vejo Kip, o pai de Winter e de Summer. Eu deveria achar legal que ele esteja aqui apoiando fervorosamente a filha, mas vi a dor no rosto de Winter quando ele levou Summer ao altar.

Ao olhar para Winter, noto que ela está me observando. Desta vez, dou-lhe uma piscadela. Suas bochechas ficam vermelhas, ela franze os lábios e desvia o olhar, tentando esconder o sorriso.

O resto do dia passa como um borrão. Olhares roubados. Poses para fotos. Uma mão nas costas dela, um pouco baixa demais. Discursos dos familiares. Nossas pernas se roçando sob a mesa. A primeira dança. Eu limpando cobertura de bolo dos lábios dela.

A tensão entre nós é tão grande que deixa o ar denso.

É quando a dança começa que essa bolha de alegria e safadeza estoura e tenho minha primeira experiência com um sentimento que não conheço muito bem.

Ciúme.

Beau Eaton surrupia Winter para dançar um *two-step* animado e tudo que enxergo é a mão dele na base das costas dela. Os dedos dele onde os meus deveriam estar. E odeio isso.

À medida que começa uma música lenta e ele não a solta, minha agitação aumenta. Fico me remexendo, inquieto. Os olhos dela me procuram e, quando me encontram, ela sorri. Eu me inclino contra o bar, garrafa de cerveja na mão, fulminando Beau, sujeito de quem eu até gosto, mas ousou dançar com a mulher por quem estou apaixonado enquanto espero que ela decida se está apaixonada por mim também.

É quando sinto uma cotovelada na lateral do corpo e percebo que

Harvey Eaton se aproximou de mim.

– Vou repetir para você o que eu disse a Rhett alguns anos atrás, quando Beau deu em cima de Summer bem na frente dele.

Dou risada.

– Corajoso.

Harvey ri e toma um gole de cerveja, observando-os também.

– Pouco importa com quem ela está dançando, quando os olhos dela estão em você.

– É.

Esfrego minha barba por fazer, na esperança de aliviar um pouco a tensão em minha mandíbula.

– Além disso, não é o que parece. Eu disse a Beau para parar de ser um idiota mal-humorado e pedir desculpas a Winter. Está vendo como eles estão constrangidos? Eu estava achando graça dos dois parecendo adolescentes virginais na primeira dança. Com os braços esticados e segurando nos ombros um do outro. Não é como vocês dois, gatos selvagens à espreita para acasalar.

– Peraí, à espreita para acasalar?

– Pesquisei no Google depois que vocês zombaram da minha analogia. Mas eu tinha razão. Você é o gato, e ela que manda. Explodem tudo por perto, tipo americanos no Quatro de Julho, e depois mandam ver como se fosse época de acasalamento.

– Essa analogia realmente não tem fim.

– Mas é verdade. Os americanos adoram comemorar a independência explodindo os dedos com fogos de artifício. Existem estatísticas.

– No Google, presumo.

Ele bufa.

– É.

– Você é um tesouro nacional, Harvey Eaton.

Rio e dou um gole na minha bebida, os olhos ainda grudados na pista de dança. Agora que ele comentou... bem que os dois estão meio sem jeito mesmo.

– O que ele fez com ela?

Harvey balança a cabeça, seu humor desaparecendo.

– Ah, agiu feito um idiota mal-humorado quando ela tentou ajudá-lo. Tenho certeza que Winter não foi exatamente doce e carinhosa, mas mesmo

assim. Infelizmente, agora Beau está assim.

Tem sido uma fase difícil para ele. Não o conheço bem, mas sei que ele não é o mesmo depois de ter passado dias e dias escondido em território inimigo com um refém que tinha libertado – um jornalista canadense que estava desaparecido há muito tempo. Apareceu em todos os noticiários do horário nobre. O herói que atravessou o fogo e perdeu intencionalmente seu transporte por querer salvar um compatriota canadense.

A única pessoa que não parece impressionada com Beau é... bem, Beau.

Harvey pigarreia.

– Mas ele está melhorando. Sabe? Leva tempo para se reajustar à vida civil. Ah... – Harvey aponta para a pista de dança com sua cerveja. – Lá vai ele. No fundo, é um bom rapaz.

E, de fato, entre as duas músicas, ele se afasta de Winter, baixa os olhos e move os lábios. Não consigo discernir o que está dizendo, mas Winter assente, parecendo mais uma médica profissional do que a mulher que fica zombando do meu nome do meio.

Eles trocam um aperto de mãos e se afastam. Winter se vira e caminha na minha direção, aquela seda rosa deslizando pelo contorno de seus quadris. Beau vai para o lado oposto da pista de dança e se encosta no bar, onde uma bela morena serve bebidas. Ela mal olha para ele, mas lhe entrega um refrigerante antes mesmo que ele diga uma palavra.

– E veja só. A mandachuva voltando para o gato. Deve ser época de acasalamento.

Harvey ri sozinho enquanto avança para o meio da multidão, provavelmente para fazer piadinhas educativas para outra pessoa.

Estou sorrindo como um idiota quando Winter finalmente chega perto.

– Oi. – Ela me devolve o sorriso, voltando a ficar corada.

– Oi. Bebida?

Inclino a cabeça em direção ao bar.

– Claro. Champanhe.

Winter se senta ao meu lado enquanto eu me viro e peço um champanhe para ela. Com a bebida na mão, nós dois ficamos parados, olhando a multidão. O sol está se pondo lá fora, mas aqui dentro parece que as coisas estão apenas começando. A recepção está sendo realizada em outro anexo na mesma fazenda, utilizado em eventos de grande porte, com pista de dança, mesas de estilo familiar de um lado, dois bares e DJ. Basicamente,

todo o necessário para se realizar um casamento campestre.

– Sobre o que você e Harvey estavam falando?

Eu olho para Winter, que no momento está levando o champanhe à boca. O batom rosa marca a borda da taça.

– Sobre animais à espreita para acasalar.

Ela franze a testa.

– O quê?

– Nem queira saber. Sobre o que você e Beau estavam falando?

Ela franze a testa e dá para ver que está calculando quais palavras usar.

– Resumindo, ele me encurralou em um jantar de família, um tempo atrás, me pedindo uma receita médica. Eu me recusei. Ele se irritou, e eu disse para ele não falar daquele jeito comigo. Agora ele me trata como se eu fosse uma bruxa que o privou de seus calmantes. Acho que levou meses para se acalmar, pois só agora decidiu se desculpar. Embora eu tenha certeza de que foi o pai dele que mandou...

– Acho que está na hora de levar essa garota para casa. – Minha mãe se aproxima, empurrando um carrinho onde Vivi está apagada. – Ela fez farra demais para uma criança de 10 meses. Eu disse a Winter que ficaria de plantão para que vocês pudessem aproveitar. Vou assistir às reprises de *Grey's Anatomy* na sua casa até vocês voltarem.

Dez meses? Meu Deus. Vivi tinha 9 meses quando a conheci. Parece impossível que um mês tenha se passado. Parte de mim quer recusar a ajuda e levá-la para casa. Quero vê-la adormecer e estar lá quando ela acordar.

Mas Winter aproveita a oportunidade.

– Obrigada, Loretta. Será maravilhoso.

Ela se inclina para o carrinho e dá um beijo na bochecha de Vivi. E eu decido que vou fazer o mesmo. Então, deixo a cerveja no balcão e, com uma mão na base das costas de Winter, me agacho junto ao carrinho e dou um beijo de boa-noite na bochecha macia e gordinha da minha filha.

Quando me endireito, sou imediatamente confrontado pelo olhar de Kip do lado oposto da pista de dança. Seus olhos escuros e enviesados me perfuram.

Eu o encaro de volta, minha mão ainda firmemente apoiada nas costas de sua filha preterida. Passo o polegar sobre o tecido rosa sedoso. Este vestido parece muito uma espécie de camisola sexy. Realmente deveria ser proibido.

– Tchau, mãe – digo, um tanto distraído.

Tenho certeza de que ele está me encarando de propósito, mas não dou a mínima. Kip pode ser o pai dela, pode até ser um cara legal, mas magoou Winter e não fez nada para apoiá-la.

No que me diz respeito, isso o coloca no grupo dos babacas.

– Uau. Este champanhe é ótimo. – Winter se aproxima de mim enquanto ergue a taça para avaliá-la. – Não é borbulhante demais, sabe?

Tenho certeza de que ela já notou quem estou observando, mas me pergunto se entende minha necessidade de marcar território.

– Que bom. Você está bem?

Ela assente, os dentes superiores se cravando no lábio inferior. Finalmente, ela me olha por mais do que alguns segundos pela primeira vez hoje.

– Tô, sim.

Volta a mordiscar o lábio, como se estivesse tentando reprimir as palavras que quer dizer. Eu passo o dedo sobre seu lábio, e uma pontada de desejo desce até a minha virilha.

– Se você quer ser mordida, eu posso ajudar.

Winter arregala os olhos e rapidamente disfarça tomando um gole de champanhe.

Então as perguntas vêm.

– Por que você guardou aquele porta-copos? Meu número de telefone?

– Porque eu sabia que ia querer te procurar. Com todo o respeito, você estava num momento caótico. E eu andava muito irresponsável. Nós dois precisávamos de tempo.

Ela solta uma risada fraca.

– Eu continuo em um momento caótico.

Desço mais a mão em suas costas, deslizando-a sobre a costura do cós da calcinha enquanto olho para a pista de dança lotada.

– Talvez eu não me importe mais. Talvez eu queira viver no caos com você para sempre.

Ela estremece e eu sorrio antes de dar um gole da minha cerveja. Parece que vários minutos se passam antes que ela volte a falar.

E não é o que eu quero ouvir.

– Sério, esse champanhe é um escândalo. Tipo, não é doce demais. Não é muito seco. Vou ter que perguntar o nome pra Summer e comprar uma

garrafa.

– Eu posso literalmente te comprar caixas dele se você parar de fugir do assunto.

Ela suspira e segue meu olhar para a pista de dança, onde Rhett está girando Summer. Seu vestido volumoso se arrasta atrás dela, quase tão largo quanto o sorriso em seu rosto. Jasper tem Sloane pressionada ao peito como se alguém fosse tentar tirá-la de seus braços. E Willa dança com Luke, fazendo uns movimentos malucos e gargalhando incontrolavelmente.

– Eu não sei como reagir quando você fala assim, Theo – diz Winter em uma voz baixinha. – Tipo... O que foi, então? Amor à primeira vista? Eu só... isso me deixa incomodada. É coisa de cinema. Não acontece na vida real.

– Você sabia que amava Vivi quando a viu pela primeira vez? Precisou de tempo e espaço para aceitar a ideia? Ou deu uma olhada nela e simplesmente *soube*?

Ela ergue os ombros em um suspiro profundo.

– Eu simplesmente soube.

Eu a puxo para mais perto, sentindo sua barriga pressionar meu quadril, seus peitos contra minhas costelas. Abaixo a voz e baixo a mão para sua bunda.

– Quando eu te vi... Eu não sei. Não quero chamar de amor à primeira vista. Talvez *necessidade* à primeira vista? *Desejo* à primeira vista? Uma conexão. Soube que nunca me cansaria dos seus olhos vagando pelo meu corpo com aquela cara de tesão incrédulo.

– Você realmente deveria experimentar este champanhe. Acho que você ia gostar.

– Winter, sério que está falando do champanhe de novo?

Seu corpo se derrete contra o meu mesmo que suas palavras permaneçam conflitantes.

– É só... Isso é loucura. Não faz sentido.

Uma risada ecoa no meu peito.

– Eu ganho a vida montando touros, então não é a primeira vez que sou chamado de louco. Acho que sou louco o suficiente para também querer oito segundos em cima da irmã frígida que é a rainha do gelo.

Winter fica tensa por vários segundos e então se afasta com uma brusquidão que não combina com a paz que experimentávamos momentos atrás.

– É sério, isso? – dispara ela enquanto seus olhos se tornam duros e sombrios.

– Winter...

Foi só uma brincadeira.

Uma péssima brincadeira.

– Você é a *única* pessoa na minha vida que nunca se referiu a mim desse jeito. Quer dizer, *era* a única pessoa.

Ela abre a boca e posso ver como a magoei. Está escrito em seu rosto. Ela passa da raiva à tristeza bem diante dos meus olhos. Sua mão trêmula coloca a taça de champanhe no balcão e seus lábios se esforçam para assumir um sorriso educado. Sua voz sai embargada quando diz:

– Obrigada pela bebida.

Então, ela sai praticamente correndo com aquele salto alto contra o piso de madeira, segurando a saia para evitar que se enrosque em suas pernas. Por alguns segundos, fico confuso demais para me mover.

Estávamos só conversando, rindo. Fazendo progressos. E agora ela vai fugir de mim? Depois de tudo?

Não. Hoje não, Sininho.

Eu a sigo.

Agitado.

Frustrado.

E cansado de ver Winter Hamilton fugindo de mim.

27

Theo

Sinto o peso dos olhares enquanto corro atrás de Winter pelo salão. Meus passos longos e firmes reduzem a distância até ela, que caminha a passos curtos e agitados.

Ela desce por um corredor estreito, com painéis de madeira, onde está mais silencioso, mesmo com meu batimento cardíaco e os saltos dela ecoando no chão.

Bem no final do corredor, ela entra à esquerda e puxa a maçaneta da porta, olhos furiosos encontrando os meus quando ela se vira.

– Theo, vai embora. Eu quero ficar sozinha.

Uma lágrima escorre pelo seu rosto. Eu sei que ela odeia chorar. Odeia sentimentos intensos e conversas profundas. Odeia se sentir fraca ou fora de controle.

Mas...

– Que pena, porque hoje eu estou cagando para o que você quer – rosno, escancarando a porta para poder passar. – Entra.

Eu a conduzo gentilmente até o lavatório, minha mão em suas costas no cômodo espaçoso com uma bancada de madeira maciça e pia larga.

– Eu não quero você aqui! – sibila Winter, limpando furiosamente o rosto enquanto se afasta de mim para se olhar no espelho que vai até o teto. – Seria péssimo se o querido e alegre Theo Silva congelasse seu lendário pau na *rainha do gelo*.

– Winter, foi uma brincadeira *idiota*. – Tranco a porta enquanto ela me

olha pelo espelho. Bochechas coradas, olhos arregalados, a mão no peito arfante. – Foi a porra de uma piadinha idiota.

– Não teve graça.

– Jura? – Ergo os braços, minha voz subindo. – Eu cometi um erro. Um pequeno erro, depois de tudo, e você me trata como se eu fosse apenas mais um babaca e dá o fora!

– Não foi um erro! É o que *todo mundo* pensa de Summer e de mim! Eu sempre vou ser a filha da puta fria e sem coração, porque Summer é a irmã fofa e tranquila. E, claro, você me vê do mesmo jeito que todo mundo. Por que não veria?

Fico chocado com suas palavras. O calor em minhas bochechas desce pelo meu pescoço, espelhando perfeitamente as lágrimas rolando pelas bochechas dela. Sinais de nossa frustração.

– Quer saber, Winter? – Falo baixo, mas minha voz vibra com uma fúria desconhecida. – Estou bem cansado. Cansado de você não ver o que eu vejo. Cansado de você falando merda de si mesma. Cansado de você não perceber o que está bem aqui – bato a mão no meu peito –, bem na sua frente. O que mais eu tenho que fazer para você confiar em mim? Para me dar o benefício da dúvida pelo menos uma vez?!

Ela não se retrai com a minha explosão. Lágrimas silenciosas borram sua maquiagem enquanto fluem livremente pelo seu rosto.

Mas ela não diz nada. Então eu continuo. Chegando perto o suficiente para roçar os dedos pela linha do seu queixo.

– Não sou seu pai. Não sou seu ex. Estou aqui fazendo o melhor que posso. Mas parece que, quanto mais eu te ofereço, menos recebo de volta. Por quê?

O queixo de Winter treme quando ela abre a boca, como se estivesse prestes a responder, mas então ela se cala. Fecha a boca e desvia o olhar.

Solto um suspiro frustrado, tirando a mão de seu rosto enquanto me viro para sair. Mas, nesse momento, ela gira nos calcanhares para falar comigo.

– Porque eu te quero! – grita ela, me paralisando. – E quero isso aqui! – Sua mão gesticula freneticamente entre nós. – Eu quero nós dois! E isso me apavora! E se não der certo e a Vivi acabar com pais que se odeiam? Eu sei como é. É uma *merda*. A gente se gosta, no momento. Estou finalmente feliz. Parece uma situação segura. Não consigo lidar com mais alguém me odiando.

As lágrimas continuam escorrendo e ela não faz nenhum movimento para detê-las. Apenas me encara depois dessa explosão brutalmente honesta e crua. Ela ainda mantém o queixo erguido, desafiadora, por mais vulnerável que esteja.

– Você disse tudo que tinha para dizer.

Ela hesita, mas continua sem falar nada.

Só que eu não consigo mais ficar longe dela. Não suporto a distância entre nós. Só preciso de dois passos longos para envolvê-la em meus braços. Um passo para pressioná-la contra a porta fechada. E alguns centímetros para unir meus lábios aos dela.

Winter não vacila, arqueando-se e passando os braços em volta do meu pescoço, gemendo em minha boca.

Agarrando-se a mim.

– Eu juro que nunca vou conseguir odiar você – murmuro contra sua boca, a mão roçando seu queixo.

Os olhos dela encontram os meus.

– Não faça promessas que não pode cumprir.

Nós nos beijamos de novo. Freneticamente. Como se ela ainda estivesse tentando levar essa conversa adiante. As mãos dela se movem e ela segura as lapelas do meu paletó, dando um puxão forte em seguida.

– Eu prometo que nunca vou odiar você – digo enquanto corro os lábios pela bochecha dela, meus dentes roçando ao longo de seu queixo.

– Você não tem como saber disso – sussurra Winter, arfando contra a minha boca quando eu a giro em direção ao espelho. Obrigando-a a olhar para nós dois.

Minhas mãos percorrem a seda, acompanhando cada curva, os polegares descendo pela pequena depressão abaixo de seus quadris.

– Tenho, sim. Porque vou estar ocupado demais te amando.

Ela apenas nos observa. Observa minhas mãos deslizando por todos os lugares, tomando conta de tudo que eu estava desesperado para tocar há tanto tempo.

Então ela segura as minhas mãos, movendo-se comigo. Com olhos cheios de admiração, ela acompanha avidamente o rastro que meu toque deixa em seu corpo. Quadris. Barriga. Seios. Parte interna das coxas.

Estou duro feito pedra, meu pau forçando a curva da bunda dela.

Winter rebola contra mim e eu solto um gemido.

– Me diz o que você quer, Sininho.

Ela abre a boca e eu a observo pensando, decidindo o que dizer a seguir.

– Não quero mais que você me faça gozar por pena, tipo naquele dia na academia.

– Por pena?

– É. Como se fosse só para tentar fazer eu me sentir melhor. Eu não preciso da sua pena.

Eu não esperava que ela dissesse isso.

– Eu não fiz nada só para...

– Quero que você me coma como fez naquela noite, no hotel. Como se não conseguisse tirar as mãos de mim. Como se... – Ela para, voltando a morder o lábio inferior. – Parece que, agora, você me respeita demais. Me faz gozar por pena e me diz o que eu quero ouvir. Eu quero mais do que isso. Eu quero...

Eu a observo pensar na questão. Winter não está acostumada a pedir o que quer.

– Quero você descontrolado por mim. Quero que... me desrespeite. Só um pouquinho.

Aquela noite.

Roço os lábios pela concha de sua orelha, e ela estremece.

– Você quer ser minha putinha linda hoje?

Cravo os dentes no lóbulo da orelha enquanto as palavras ecoam ao nosso redor. Quando ela não responde, eu levanto a sobrancelha. Winter empina o queixo como se tivesse orgulho de não sentir qualquer vergonha do seu pedido.

– Quero.

Chamas percorrem minha espinha e eu me obrigo a ir devagar. Não dou a mínima para onde estamos agora. Vou saborear essa mulher.

– Você passou o dia me provocando, desfilando por aí com esse vestido. Acho que está na hora de pagar por isso, não é?

Afasto uma das alcinhas do ombro dela.

Winter passa a língua sobre os lábios macios. Cada movimento que ela faz me deixa louco. Só de estar tão perto, sentindo o cheiro de sua loção corporal de baunilha, meu pau fica insuportavelmente duro.

Ela assente.

Eu a giro e a empurro pelos ombros para o chão de madeira.

– Ótimo. Agora fique de joelhos e encha a boca com meu pau como se ele fosse aquele champanhe que você achou tão bom.

Ao chegar ao chão, ela ergue o olhar para mim por um momento, então suas mãos atacam meu cinto e calças com um fervor ansioso.

Ela está impaciente demais para fazer qualquer coisa além de baixar minhas calças para conseguir o que quer. Rosno quando meu pau se liberta, a cabeça roçando os lábios de Winter enquanto ela envolve a base com a mão. Seus olhos se voltam para os meus enquanto ela está ajoelhada, esfregando a cabeça grossa em sua boca sensual.

A provocação me deixa louco, então eu seguro firme seu cabelo e dou uma metida.

Winter abre a boca e gira a língua, as bochechas se contraindo enquanto ela me chupa.

Minhas mãos permanecem em sua cabeça, mas sem fazer nada. Eu não preciso empurrar ou puxar. Sua voracidade já dá conta de tudo.

Quente. Molhada. Faminta.

Do jeito que eu gosto.

– Era isso que você queria, Winter?

Acaricio o cabelo dela. Ela murmura em resposta, com meu pau na boca, uma mão firme o segurando enquanto a outra aperta suavemente minhas bolas.

– Puta merda.

Inclino a cabeça para trás e fecho os olhos enquanto meus quadris se movem, fodendo a boquinha gulosa dela.

– Winter, que delícia. Você é gostosa demais.

Isso a estimula a me engolir mais, até eu sentir a cabeça do meu pau batendo contra o fundo de sua garganta. Ouço o pequeno ruído de engasgo que ela faz enquanto luta para me engolir inteiro, e isso me leva ao limite.

– Winter, se você não parar, eu vou...

A frase morre quando olho para ela. Cabelo despenteado. Colar de pérolas. Olhos em mim.

– Ah, é isso que você quer? Claro que sim.

Eu sorrio e dou uma piscadela para ela. Então, pego sua cabeça, seguro e fodo sua boca. O olhar dela permanece fixo em mim, as mãos apoiadas em meus quadris, segurando com força. Depois de algumas estocadas furiosas, eu me entrego e me derramo em sua garganta.

Ela não desvia o olhar. Não recua.

– Está saboreando até a última gota, né? – pergunto enquanto ela me segura ali, engolindo tudo antes de tirar meu pau da boca.

Estou ofegante, as mãos ainda em seu cabelo, quando ela me olha.

– O champanhe ainda era melhor – diz ela, com um sorriso recatado, enquanto lambe os lábios como a pequena mentirosa que é.

Fico recuperando o fôlego por um momento, depois do boquete mais gostoso da minha vida. Então, ajeito a calça e balanço a cabeça.

– Eu pego mais uma taça pra você, depois da minha rodada – respondo, pegando sua mão e ajudando-a a se levantar.

Então, eu a beijo. Porque posso. Porque ela quer que eu a beije.

Beijo-a de um jeito intenso, frenético, depois a afasto e a giro para que voltemos a encarar o espelho.

Ficamos bem juntos. Os olhos delas estão acesos, brilhantes. Os lábios avermelhados, recém-fodidos. Mas eu não fico só olhando por muito tempo.

– Não gosto muito da ideia de você não gozar também.

Levanto seu vestido. Meu pau já começa a ficar duro de novo quando vejo cada centímetro de pele lisa.

– Você não se importou em ficar sem gozar, no outro dia.

– É diferente.

Ela arqueia a sobrancelha enquanto a seda desliza até sua cintura, me dando uma visão da calcinha rosa-clara por baixo, o que me faz soltar um gemido.

– Por que diz isso?

Dou um passo atrás para ter uma boa visão de sua bunda antes de tocar seu cotovelo como sinal para Winter levantar os braços. Em segundos, o vestido se foi. Não sou um completo selvagem, e sei que em algum momento vamos ter que sair daqui, então penduro a peça cuidadosamente no gancho preso à porta.

– Porque te chupar é uma das minhas coisas preferidas.

Abro os fechos do sutiã e vejo esse tecido inútil cair.

Cubro os seios dela com as mãos, envolvendo a pele nua.

Winter inclina a cabeça.

– E quem disse que chupar seu pau não é uma das *minhas* coisas preferidas?

Deslizo a boca pela curva de seu pescoço, deixando beijos, até que

decido dar uma mordida em seu ombro. Ela arfa.

– Repete – murmuro, empurrando de leve suas costas para fazê-la se inclinar para a frente e apoiar as mãos na bancada.

– O quê? – Ela está ofegante, ainda me observando pelo espelho.

Mordo sua nádega esquerda ao cair de joelhos, puxando a calcinha junto. Sou recebido por pernas macias e definidas apoiadas de maneira muito atraente sobre os saltos de cinco centímetros que ela está usando.

– Que chupar meu pau é sua coisa favorita.

– Meu Deus – diz ela, rouca, quando corro os dedos pela sua boceta, descobrindo que ela está pronta para mim.

Deslizo dois dedos para dentro dela, apreciando demais a imagem de seu corpo curvado assim para mim, a ânsia de Winter, sua sinceridade.

– Chupar seu pau é minha coisa favorita – diz ela, finalmente, ofegante.

Volto a meter os dedos e eles saem bem melados.

– Dá para ver. Você está encharcada.

Meto outra vez e levo a boca até ela. Lambo, chupo, movo os dedos até que ela esteja arremetendo de volta contra mim.

– Theo... – geme Winter enquanto suas pernas tremem, mas eu não paro.

Mantenho um ritmo constante, lambendo seu clitóris do jeito que ela gosta.

– Theo. – Meus dedos se movem com mais força e o corpo dela balança apoiado nos saltos instáveis. – Theo! Se você não me comer logo, eu vou gritar!

O tom dela é exigente e ofegante ao mesmo tempo. Eu sorrio, retiro os dedos e fico em pé. Winter parece fora de si. Assim como naquela noite que passamos juntos.

E eu amo isso.

Enfio um sapato social entre os pés dela e os empurro, fazendo-a abrir as pernas.

– Abre, Winter. Empina a bunda para eu poder te desrespeitar como você quer.

Ela geme em resposta. E eu apenas volto a mexer nas minhas calças. Por enquanto basta puxar para baixo. Posso gastar mais tempo com elas depois.

– Você vai gritar, é?

Esfrego a cabeça do meu pau pela fenda melada dela. Winter assente, cotovelos apoiados na bancada, unhas rosadas arranhando a madeira

enquanto suas costas se arqueiam, sua boceta se erguendo em oferenda.

– Vou. Bem alto.

– Implorando, como a putinha que você é. – Dou um tapa firme na bunda dela e sua respiração arfante ressoa no banheiro silencioso. – Exatamente como eu disse que faria.

Então, eu meto. Inteiro, sem me conter.

– Porra. – Olho para baixo, vendo como estou enterrado nela, e levo um momento para apreciar como ela envolve meu pau. – Você é tão gostosa... – murmuro, deslizando para dentro e para fora lentamente. – Tão gostosa, puta que pariu.

Quando ergo os olhos, ela está me observando pelo espelho.

– Aproveitando a paisagem?

– Você já me disse isso antes – sussurra Winter.

Corro a mão por suas costas, arrastando os dedos ao longo da reentrância ali.

– Naquela noite, quando você me mostrou como se toca, e eu fiz alguns... ajustes. – Dou um puxão em seu cabelo, sustentando seu olhar no espelho. – Você vai me olhar nos olhos e dizer de novo que não consegue gozar?

– Não, Theo. – Ela passa a língua entre os lábios para umedecê-los. – Nós dois sabemos que eu só gozo com você.

Eu me inclino sobre ela, puxando seu cabelo para inclinar seu rosto. Minha boca pressiona a dela, línguas colidindo, dentes mordiscando. E, por alguns momentos, me deixo focar em sua boca, mas ela balança a bunda em um apelo desesperado por mais do meu pau.

Então, dou isso a ela.

Meus quadris batem contra ela, e Winter se empina para receber cada estocada.

– Era isso que você queria?

– Era – diz ela, ofegante, a voz falhando enquanto se apoia na torneira da pia.

Eu a contorno e brinco com seu clitóris.

– Puta que pariu, isso.

Winter fecha os olhos. Os nós dos dedos ficam brancos na torneira.

Eu acelero o ritmo e suas pernas vacilam, o corpo apoiado na bancada quando seus saltos escorregam e perdem o apoio.

Mas eu não paro. Não quando ela está repetindo meu nome e se

contorcendo como se fosse desmoronar a qualquer momento.

– Você está perfeita assim, Winter. Empinada pra mim. Com meu pau dentro. Usando só esses saltos.

– Theo...

Meu dedo se move mais rápido, esfregando círculos brutos entre suas pernas. Minha outra mão agarra seu ombro, então seu cabelo. Alguns fios se soltaram e grudaram no suor na parte de trás do seu pescoço.

Eu a fodo com força.

– Toma, Winter. Goza no meu pau.

– Theo! – Ela está gritando. Espero que alguém nos ouça. – Eu vou...

Winter não termina a frase antes de ceder. Eu sinto seu prazer em todos os lugares. O corpo pulsante. A cabeça jogada para trás. O pé no salto agulha, que sai do chão enquanto ela desaba na bancada como se finalmente tivesse se rendido. E o rubor de antes, que desce pelas costas dela bem diante dos meus olhos.

Eu relaxo, fazendo uma leve massagem em vez de esfregar, e carícias demoradas e ritmadas em vez de rápidas. Até que o corpo dela amoleça por completo, e eu tenha extraído cada gemido de seus pulmões.

Ela está linda. Exausta. E só preciso de algumas estocadas fortes para gozar também.

Saio de dentro dela, seguro meu pau e gozo em suas costas. Jato após jato em sua pele macia, marcando-a.

É mais satisfatório do que deveria.

Levamos algum tempo para recuperar o fôlego, então ela solta uma risada exausta, que faz seu corpo tremer. É como se fôssemos pessoas completamente diferentes. Animalescos, apaixonados e famintos. Quando nos acalmamos, o clima está mais leve.

– Uau.

– Uau o quê? – rebato, apoiando a mão na parede para me orientar.

– Acho que não consigo mais andar. Tenho certeza de que toda a minha educação pós-secundária simplesmente evaporou da minha cabeça.

Passo um dedo por suas costas ejaculadas e a vejo tremer.

– Fica assim. Consigo dar mais uma.

Ela se vira para mim, de olhos arregalados.

– O quê?

– Ué, você fica linda toda gozada...

Ela baixa a cabeça e ri. É tão adorável, um riso leve e despreocupado.

– Não acredito que acabei de trepar com um peão de rodeio no casamento da minha irmã.

Com um sorriso, puxo as calças para cima e me viro para pegar umas toalhas de papel para limpá-la.

– Que grosseria. Você trepou com o pai da sua filha no casamento da sua irmã, e sabe que faria de novo.

Suas costas tremem com outra risada enquanto eu a limpo com mãos firmes. Jogo fora os papéis sujos e pego mais, me inclinando sobre seu corpo deitado para molhá-lo com água morna.

Espremo algumas gotas de água em suas costas, pequenos pontos que pousam e rolam ao longo das curvas esbeltas de seu corpo.

– E agora ele está me dando um banho de esponja.

– É. Mas esta é a versão improvisada. Nada de esponjas, sabonetes ou banheira. Apenas toalhas de papel e água morna da torneira em um banheiro público.

Ela esconde o rosto nas mãos e ri mais alto.

– Theo, para.

Eu sorrio para suas costas enquanto movo a toalha de papel cuidadosamente, para não deixar escapar nenhuma parte da pele. Inebriado pelo som de risadas fluindo de uma mulher que passou muito tempo se sentindo triste.

Eu não me apresso, me deleitando com a sensação de poder tocá-la tão livremente.

– Já terminou?

Solto um suspiro.

– Acho que sim. Quero fazer isso de novo. Mas a versão princesa de um banho de esponja.

Ela me espia pelo espelho.

– É. – Winter assente. – Tudo bem.

– Tudo bem – repito, com uma piscadela que *ainda* a faz corar.

Jogo a toalha de papel na lixeira e ela se endireita. Nós nos viramos para nos encararmos, e sou sugado novamente. Meus olhos percorrem seu corpo.

– Eu seria capaz de sentar você agora nessa bancada e te comer de novo. Desta vez, com suas pernas ao redor da minha cintura.

– Ou a gente pode sair daqui e fazer isso em outro lugar.

– É. – Lambo os lábios, a mente considerando todas as maneiras de comê-la. – Mas eu meio que gosto de fazer isso onde a gente pode ser flagrado.

– Bem, também podemos fazer isso de novo. – Ela dá de ombros, se fazendo de inocente. – Algum outro dia. Em algum outro lugar.

Eu sorrio e viro a cabeça.

– A qualquer hora, em qualquer lugar?

Ela assente e pisca, os lábios comprimidos para esconder um sorriso.

– Você é uma máquina.

Então puxo Winter de encontro ao peito. Nua e de salto alto. Cheguei a pensar que não ter uma visão completa diminuiria minha ereção, mas senti-la pressionada contra mim é quase pior. Winter cheira a açúcar e canela, e não consigo manter a boca longe dela. Beijo seu cabelo. Sua bochecha. Seu pescoço. Deslizo as mãos por todo o seu corpo antes de agarrar sua bunda.

– Realmente não houve mais ninguém desde aquela noite?

A pergunta dela me faz parar.

– É que parece muito improvável. Só isso. Quase anormal. Não me importo. Só prefiro deixar tudo às claras. São os segredos que me matam.

– Você está me chamando de esquisito, Sininho? – Eu a abraço com mais força e dou um beijo em sua testa enquanto ela inclina a cabeça para me fitar nos olhos.

– Não sei. Estou?

Pego seu sutiã, coloco nela e sofro para prender os malditos ganchos.

– Sim. Está.

– Nem um boquete?

Estendo a mão e alcanço seu vestido atrás dela. Com todo o cuidado, eu o passo sobre sua cabeça para deixá-lo cair sobre o corpo.

– Não, a qualidade do seu estragou todos os outros. Mais ninguém engole meu gozo como se fosse Dom Pérignon.

Winter revira os olhos enquanto eu ajeito as alças nos ombros.

– Nem um beijo?

– Ninguém tem essa sua boca esperta. Isso me deixa muito menos interessado em beijar.

O vestido cai em cascata sobre seu corpo.

– E a minha calcinha?

– Ah, então. Você não vai mais precisar dela.

Eu a pego do chão e a jogo no lixo com todas as toalhas de papel.

Nós nos olhamos por um momento. Winter sempre fica com uma expressão admirada quando eu faço ou digo alguma bobeira. Isso me irrita e me enternece ao mesmo tempo. É como se ninguém nunca tivesse tentado fazer essa mulher rir.

– Você não vai me perguntar se eu fiquei com mais alguém?

– Não.

Ela franze a testa.

– Por que não?

Pego sua mão e a puxo comigo em direção à porta.

– Porque eu não me importo.

– Ok, bem, eu não fiquei.

Giro a maçaneta e sorrio para ela, olhando para trás.

– Eu sei.

Ela bate o pé em falsa indignação.

– Como você sabe? Talvez eu tenha feito sexo *loucamente*.

– Que nada – digo, enquanto seguimos pelo corredor escuro ao som de "Cadillac Ranch" ecoando da pista de dança. – Não faria sentido, porque eu sou o único que consegue te fazer gozar.

28

Winter

Winter: Nunca tinha visto uma noiva mais linda e radiante na minha vida. Eu te amo, Summer. Parabéns.
Summer: Essa é sua maneira de explicar por que foi embora furtivamente, segurando a mão de certo peão?
Winter: Eu só precisava de uma pausa. Já volto!
Summer: Está maluca? Não volte. Vá ser feliz com Theo. Faça mais bebês fofos. Rhett disse que vai acabar com o Theo, se ele não te tratar bem.

A mão de Theo é quente e forte. Engole a minha. Ele não me segura com força, mas sinto seus calos, seu polegar me acariciando.

O fato de ter feito as pazes com minha irmã recentemente e agora querer escapulir de seu casamento para trepar parece ruim... mas será que é mesmo?

No final do corredor, vejo Summer de relance, girando na pista de dança, e fico com a forte impressão de que ela não sentiria minha falta, se eu fosse embora.

Sair com Theo e passar uma longa noite com suas mãos em meu corpo parece um sonho. Acordar com ele também.

Mas meus sonhos costumam acabar mal, e é o que acontece quando chegamos ao fim do corredor.

Esbarramos com meu pai.

Ele aparece na saída, de braços cruzados, olhos semicerrados.

E meu estômago embrulha. Sou adulta, caramba. A opinião dele não deveria me afetar em nada depois de ter sido omisso ao longo de toda

minha vida.

Mas afeta.

Porque eu vi como ele é com Summer. E isso dói. Porque eu também sou filha dele. Estive presente o tempo todo, e ele finge que não.

– Quer se explicar, Silva? – A voz dele é fria e acusatória.

Mas a voz de Theo é gelo puro, um tom que eu nunca o tinha ouvido usar com ninguém.

– Para você, não.

– Está brincando comigo, garoto? Você sumiu lá atrás com a minha filha por tempo demais para se comportar assim agora. E aquele bebê? Não há dúvidas de que você tem algumas coisas a explicar.

Theo se endireita, dando um pequeno passo à minha frente, me protegendo com seu corpo. Ele ri, mas não é a risada calorosa habitual, que me dá friozinho na barriga.

Essa risada parece um rosnado.

– Na verdade, Kip, eu tenho algumas coisas a dizer, sim. Primeiro, se você se referir à minha filha como *aquele bebê* outra vez, como se ela não tivesse nome, eu vou te dar uma surra. Segundo, estarei no seu escritório na segunda-feira de manhã. Leve Geoff. Não quero te demitir em pleno casamento da sua filha. Não seria de bom-tom. Por último, se você acha que merece exercer qualquer direito paterno sobre essa mulher, está precisando fazer um belo exercício de autocrítica. A garota na pista de dança... – Ele aponta por cima do ombro de Kip para Summer, que está nos observando. – Aquela é sua filha. Essa mulher aqui? Pode chamá-la de Dra. Hamilton até enfiar esse seu rabo escamoso entre as pernas e resolver se desculpar por tudo que a fez passar.

Pela primeira vez na minha vida, meu pai parece ficar sem palavras.

Pela primeira vez na minha vida, alguém veio em minha defesa.

– Agora saia do meu caminho, Kip. Quero ir para casa ficar com minhas meninas.

Casa. Minhas meninas.

Sinto um aperto no coração. Ele flutua, dá cambalhotas, se delicia com cada sentimento quente e piegas que eu nunca tinha sentido.

Eu queria ter o que dizer ao meu pai, mas não tenho. E, dessa vez, decido que tudo bem deixar que outra pessoa cuide de mim.

Dirijo ao meu pai meu olhar mais frio quando passo por ele.

E experimento uma outra novidade, porque minha fachada gélida não está refletindo o que sinto por dentro.

Com Theo, sinto o mesmo que sinto por Vivi – amor. Mas é cedo demais. Rápido demais. Ainda estou em carne viva. Então, deixo o pensamento aterrorizante de lado, para mais tarde, quando estiver raciocinando com mais clareza. Quando minhas pernas não estiverem mais tremendo pelo orgasmo que ele me deu.

– Dra. Hamilton, é? – murmuro enquanto passamos pelas portas e seguimos para o estacionamento.

Theo me puxa para perto e passa um braço por cima dos meus ombros enquanto seguimos até sua caminhonete. Todo arrogante e confiante. Todo protetor e leal. Ele baixa a boca até o meu ouvido e sussurra:

– Dra. Hamilton na rua, putinha safada na cama.

E eu rio.

Ninguém consegue me fazer rir como Theo Dale Silva.



– Você está tão quieta. Fui longe demais? É muito difícil me deixar bravo, mas, quando conseguem, eu perco a cabeça.

A viagem de volta para casa é curta, mas ele tem razão. Não falei muito. O único som na cabine da caminhonete é a música country baixinha no rádio. Porque estou pensando.

Pensando demais.

– Você não foi longe demais. Você... – Balanço a cabeça enquanto olho pela janela para as ruas laterais escuras de Chestnut Springs. – Você foi o que eu sempre precisei e nunca tive.

Quando olho para Theo, ele parece pensativo. Suas sobrancelhas estão franzidas, como se ele estivesse realmente ponderando minha declaração.

E, enquanto isso, eu deixo escapar a outra coisa em que tenho pensado.

– Eu não quero mais que você fique na casa ao lado.

– O quê? – Ele parece arrasado.

– Não. – Levanto a mão. – Formulei essa frase de um milhão de maneiras na minha cabeça, nos últimos dez minutos. Tentando não soar ousada

demais, mas também sem querer parecer indiferente, e preocupada de soar carente. O que eu quis dizer é que eu quero que você fique com a gente.

– Quer?

Eu me endireito enquanto respiro fundo. É importante que eu seja tão sincera com Theo quanto ele é comigo.

– Quero. Comecei a odiar o fato de você estar na casa ao lado quando eu preferiria que estivesse do meu lado. Nós devíamos tentar.

– Winter. – O sorriso atrevido que eu aprendi a amar enfeita seu lindo rosto. Aquele que vem logo antes de algum comentário engraçadinho. Aquele que me faz sorrir antes mesmo que ele diga qualquer coisa. – Você gosta de mim?

Eu solto uma risada na caminhonete silenciosa, então olho para minhas mãos, entrelaçando os dedos.

– Acho que eu mais do que gosto de você.

– Porque eu sou o pai da sua filha?

– Não. – Encontro seus olhos no último sinal vermelho antes de chegarmos em casa. – Porque você me faz gostar de *mim mesma*... e você é o único que já fez isso.

Desvio o olhar, porque encará-lo parece difícil. Pesado demais. Sinto um frio na barriga enquanto me preocupo com a reação dele diante do meu momento de vulnerabilidade. Mas, como é típico de Theo, ele faz exatamente a coisa certa na hora certa.

Pega minha mão e a acaricia com o polegar até pararmos na frente da minha casa. Quando ele sai do carro, eu fico ali sentada. Ele não respondeu sobre se mudar.

Talvez, com a mãe por aqui, ele prefira ser mais discreto.

Ele disse que queria viver no caos comigo, mas é possível que tenha se esquecido do real tamanho desse caos.

Mas, quando Theo abre minha porta e diz "Vamos, Sininho", sei que a única razão pela qual ele não respondeu é porque não precisava. Eu deveria *saber*. Ele já me disse várias vezes.

Tenho a sensação de que ele vai me dar tudo, se eu quiser. Só preciso que a voz nervosa dentro da minha cabeça cale a boca. Ela me sabota.

E eu não quero sabotar este relacionamento.

Enquanto Theo me tira da caminhonete como se eu fosse uma princesa e me conduz pela escada até nossa filha, percebo que de fato quero muito,

muito isso aqui.

Ele não me trata como uma criança, nem tenta me acalmar. Ele não faz chantagem emocional, não é passivo-agressivo nem me manipula para concordar com ele, como Rob sempre fez.

No fim, ele deixou que eu me debatesse para descobrir o que queria e ficou ao *meu lado*. Ao meu lado para ajudar. Ao meu lado para intervir, quando eu estava cansada demais para me manter à tona.

Theo não passou dos limites nem tentou me controlar. Ele se encaixou na minha dinâmica caótica sem reclamar. Não tenho certeza se fez isso de propósito ou se aconteceu naturalmente, como sempre foi entre nós.

Ele não para de me acariciar, mesmo quando entramos em casa. Mesmo quando deparamos com sua mãe assistindo *Grey's Anatomy* no sofá.

– Vocês querem ver um episódio?

Ele não faz alarde sobre o que diz em seguida. Fala bem casualmente.

– Obrigado, mãe, mas acho que vamos para a cama. Quer que eu te acompanhe até em casa?

Loretta abre um sorriso enorme enquanto olha para nossos dedos entrelaçados.

– Não. – Ela dá um tapa nas coxas ao se levantar. – Acho que consigo encontrar o caminho, já que é bem ao lado.

Depois de alguns abraços rápidos, durante os quais Theo continua segurando minha mão, ela se vai.

E aí ele me arrasta pelo corredor. Vamos direto para o quarto, onde Theo me empurra contra a porta, batendo-a enquanto sua boca encontra a minha. Ele tem uma capacidade ímpar de fazer graça num momento e me deixar sem fôlego no outro.

Eu o envolvo pelo pescoço e o beijo, sorrindo contra seus lábios enquanto as mãos dele deslizam em direção à minha bunda.

Mas só por um momento. Porque nós dois ouvimos algo e ficamos paralisados.

Minha cabeça se inclina para trás e solto um grunhido.

– Por que ela fica tão boazinha o dia todo e é tão sensível à noite?

Theo me dá um selinho na boca e sorri.

– Provavelmente para te perturbar.

– Ela vai me pagar, quando for mais velha.

Ele solta uma risada baixa.

– Mesquinha. Gosto disso. Vou pegar ela e esquentar a mamadeira. Você vai se preparando pra ir pra cama.

– De um jeito sexy ou de um jeito normal? – pergunto enquanto ele abre a porta e vai para o corredor.

– Você poderia usar um hábito de freira que não me impediria de nada. – É o que ele responde antes de desaparecer no quarto escuro de Vivi.

Fico parada, como se meus pés tivessem criado raízes no chão. Ouço os murmúrios graves de Theo, junto com o choro de Vivi, que se suaviza e para enquanto ele fala com ela.

É assim que deveria ser?

Beijos e piadas?

Mais alguém para ajudar?

Estou impressionada com o momento, porque é tão banal. Tão *comum*. Nem valeria a pena ser registrado num filme.

– Sim, ali está ela. Mamãe.

Ele beija o cabelo escuro da nossa filha enquanto volta para o quarto com ela no colo.

– Mama – balbucia Vivi.

Estendo os braços automaticamente quando ela se estica na minha direção.

– Oi, meu amorzinho.

Esfrego o nariz no dela algumas vezes enquanto a aperto contra o peito, apreciando o cheirinho de bebê que sei que não vai durar.

– Pronto, mamãe, acomode-se. Vou pegar uma mamadeira.

Estendo rápido a mão para segurar o pulso de Theo, fazendo-o parar.

– Não precisa. Posso dar o peito. Estamos todos cansados.

Não me passa despercebido, enquanto ficamos sentados lado a lado na beirada da cama, que eu ainda não tinha amamentado na frente de Theo. Nem tirei leite na frente dele. Isso me parece muito íntimo. Como algo que eu deveria esconder dele, embora Loretta tenha entrado no meio da amamentação no outro dia e não tenha me dado uma segunda olhada ao perguntar:

– Meu bem, você tem alguma ferramenta de jardinagem? Estou cuidando dos canteiros da frente, mas não consigo encontrar uma daquelas pazinhas de mão.

Eu disse a ela para tentar o galpão, e ela assentiu antes de sair de novo.

Corpos não me deixam desconfortável, e eu geralmente não fico tímida em relação ao meu. É só que... A amamentação de Vivi tem sido uma coisa só nossa desde o dia em que ela nasceu. Algo que fazíamos no meio da noite, no silêncio, ou paradas em um estacionamento aleatório, se ela estivesse chorando muito. Às vezes, em um canguru enquanto eu tentava fazer algo para comer, para que meu leite materno fosse nutritivo e não um derivado de café.

Puxo a alça do meu vestido para baixo e olho para Theo, mas ele não está olhando boquiaberto para o meu corpo. Em vez disso, seus olhos permanecem no meu rosto.

– Como foi quando ela nasceu? Ela mamou imediatamente?

Sinto um aperto no coração e aproveito a oportunidade para roçar o polegar pelo pulso dele.

– Sim, desde o primeiro dia. Doeu pra caramba no começo. Eu chorei quando ela pegou da primeira vez.

– Mas você não chora.

Ele pisca para mim e eu reviro os olhos. Esses dois gestos são como um aperto de mão secreto a essa altura.

– Conta mais.

– Humm. Foi tão confuso! Eu estava muito cansada, mas não conseguia dormir. Acordava até quando ela ainda estava dormindo, para ver se ela ainda estava respirando. Meu peito esquerdo deu tanto leite que uma vez esguichou no olho dela.

Ele solta uma risada.

– Sério?

Olhamos para ela, agora deitada de frente no meu colo, mamando, segurando meu peito como se fosse uma mamadeira.

– Acho que eu poderia ter alimentado uma vila inteira de bebês só com o peito esquerdo.

– É por isso que o freezer está cheio de leite?

Eu bufo.

– É, e eu doei mais da metade para o hospital.

– Sério?

Assinto, observando os cílios grossos de Vivi ficarem pesados, as piscadas ficando lentas e lânguidas.

– Queria ter presenciado isso.

Deus. Meu peito afunda em um buraco com o jeito de Theo, que continua:

– Sinto que perdi tantos momentos que nunca vou recuperar.

Aperto o pulso dele.

– Você não vai recuperar, mas vai viver outros.

– Estou fazendo o possível para não forçar a barra com ela. Vocês duas parecem tão conectadas, como uma duplinha unida. Companheiras de equipe.

– Tipo... parceiras de negócios?

Theo ri, batendo o ombro contra o meu.

– Você e seus malditos parceiros de negócios. – Ele faz carinho de leve no joelho dela antes de voltar a ficar pensativo. – Não, eu só não quero me meter entre vocês duas. Me sinto como um intruso neste mundinho particular que vocês criaram. Mas eu só... Eu seria capaz de ficar olhando para ela para sempre, sabe? Volto para a minha casa no final de cada dia, mas sinto que estou no lugar errado.

Quando olho para Vivi novamente, ela pegou no sono. Suas mãozinhas ficaram moles, os dedos entreabertos.

– Eu sinto a mesma coisa – sussurro. – Aqui.

Eu a levanto cuidadosamente enquanto me viro para Theo e gentilmente coloco Vivi em seus braços.

– Tive uma ideia.

Ele inclina a cabeça, mas não discute. Em vez disso, fica sentado na beirada da minha cama, segurando nossa filha, usando um terno, tão lindo que chega a doer. Minha garganta, meu peito e meu estômago literalmente doem.

Vou para o banheiro da suíte, onde lavo o rosto, escovo os dentes, pego uma escova de dentes extra para Theo e visto um short cinza de malha da Calvin Klein com uma blusa larga combinando.

Quando volto para o quarto, meu corpo vibra ao ver Theo. Subo na cama e me ajoelho atrás dele, com as mãos em seus ombros largos enquanto olho para o rostinho perfeito de Vivi.

Por um lado, sinto que mal conheço Theo. Por outro, fico confortável com ele. Também sinto que o conheço. Não consigo explicar. Tudo o que sei é que nunca senti isso. Talvez seja porque, juntos, fizemos um ser humano totalmente novo, mas acho que é mais do que isso.

Tenho quase certeza de que, mesmo sem Vivi, poderíamos ter acabado na vida um do outro.

Acho que ele teria dado um jeito de fazer isso acontecer.

E esse pensamento me aquece da ponta dos pés até as orelhas. Theo Silva mal me conhecia, mas nunca me esqueceu. Ele nunca desistiu de mim. Estava focado em mim com uma determinação que não consigo entender.

E talvez nem precise.

Talvez agora seja minha vez de deixá-lo se aproximar.

– Ela é perfeita, não é? – Apoio o queixo em seu ombro.

– Perfeita.

Com toda a delicadeza, Theo passa o dedo no nariz, na bochecha gordinha e na orelha de Vivi.

– Deixei uma escova de dentes para você no banheiro.

– Ok – sussurra ele em resposta, mas não se move.

Nós a contemplamos por não sei quanto tempo. Então, eu o vejo levantá-la e dar um beijo suave em sua testa. Minha boca fica seca, porque, uma hora atrás, ele me inclinou sobre a bancada e me deixou mais vermelha do que nunca. E agora está aqui, com seus músculos salientes e beijos doces, adorando nossa filha.

E é a combinação mais inebriante do mundo.

Ele se vira, entregando-a para mim, sem deixar de beijar minha testa. Então se afasta silenciosamente, parecendo introspectivo.

Triste e feliz.

Não paro de pensar que essa situação toda *só pode ser* opressiva para ele, mas Theo não dá nenhum sinal disso. Continua aparecendo com um sorriso e uma piscadela. Todo santo dia.

Cuidadosamente, me viro na cama, deitando Vivi no meio antes de colocar a cabeça no travesseiro com um suspiro profundo.

Hoje foi... demais.

Meus olhos ficam pesados assim que me deito, mas o clique de Theo apagando a luz do banheiro me desperta de novo.

Ele fica parado ali – camisa social para fora da calça, mandíbula esculpida, testa franzida –, olhando para a cama como se estivesse confuso sobre o que fazer a seguir.

– Theo. Vem pra cama.

– Sério? Com as duas?

Sua expressão é de insegurança.

– Sim. – Dou um tapinha no travesseiro. – Mas ela provavelmente vai te chutar a noite toda. Não é tão bonitinho quanto você pensa.

Ele assente, tira o que sobrou do terno, e, ao vê-lo de cueca, eu tento não comê-lo com os olhos durante o que deveria ser um momento familiar fofo.

Fracasso.

– Você está me olhando como naquela noite, no posto de gasolina.

– Não, agora é pior. Naquela noite, eu estava imaginando como seria você sem roupas. Hoje, eu sei.

Theo sorri enquanto se aproxima da cama, a luz do abajur brincando sobre cada linha de seu corpo esculpido. Ele é mais definido do que eu me lembrava. Seu abdômen, a linha dos quadríceps na frente da coxa quando ele apoia um joelho na cama. As longas horas passadas na Hamilton Athletics de alguma forma o deixaram ainda mais gostoso. Ele apoia os punhos no colchão enquanto paira sobre Vivi, os músculos em seus antebraços contraídos.

Com uma expressão tranquila, seus olhos escuros como chocolate puro se voltam para os meus.

– Obrigado, Winter.

Parte de mim quer perguntar se ele está me agradecendo por deixá-lo dormir aqui, mas eu estaria me fazendo de sonsa. Sei que ele está me agradecendo por muito mais. Sinto isso na intensidade dos meus batimentos sob o peso de seu olhar.

Dizer "de nada" também não parece certo, então digo o que tenho pensado desde o momento em que ele apareceu e decidiu que sua missão seria melhorar a minha vida.

– Obrigada, Theo.

Umedeço os lábios com a língua enquanto o encaro de volta.

– Deite-se e olhe para sua garota a noite inteira, se quiser.

Eu me viro e apago a luz antes que ele responda. Apenas uma luz azul-prateada entra pela janela e, lentamente, minha visão se ajusta ao quarto escuro. Theo está deitado de lado, as mãos sob a bochecha.

Mas tenho a sensação de que não está olhando apenas para Vivi. Está olhando para mim também. Suas garotas.

– Ei, Theo... – sussurro, estendendo a mão para passar os dedos pela testa e pelo cabelo dele.

– Oi?

– Você não é um intruso. Você é o pai dela.



Quando acordo, a luz do sol se infiltra pelas janelas. Theo está apagado, deitado de costas, aquele queixo quadrado salpicado com a quantidade certa de barba por fazer. Ele dorme tranquilamente, com os lábios entreabertos, os cílios escuros pousados sobre a pele dourada.

Meu olhar traça o ápice de seu pomo de adão, desce pelo peito definido, onde nossa garotinha está completamente esparramada. As mãos grandes dele envolvem o pequeno torso dela, e Vivi repousa a cabeça exatamente onde sei que ela deve ser capaz de ouvir as batidas do coração dele.

Deitei ali uma vez, quase dois anos atrás. Lembro-me de tentar recuperar o fôlego, querendo entender como alguém que eu mal conhecia podia me dar tanto prazer. Me deixar tão relaxada.

Mas isso aqui é diferente.

É melhor.

Fico deitada ali, em uma bolha feliz e ensolarada, deixando minha cabeça e meu coração se concentrarem nisso.

É uma sensação boa.

Parece um lar.

29

Theo

Winter: Por favor, só não me faça ter que te buscar na cadeia.
Theo: Não prometo nada.
Winter: Por favor? Eu pagaria a fiança, mas ficaria puta com você.
Theo: Você puta comigo me deixa com tesão. Sexo com raiva é divertido. Não é isso que vai me parar.
Winter: Talvez eu não pagasse a fiança, então.
Theo: Até parece. Você sentiria falta demais do meu pau.
Winter: Não. Eu sentiria falta de *você*.

– Celular?

Apoio a mão na mesa da sala de reuniões onde Kip e Geoff estão sentados diante de mim. Kip está impassível e seu funcionário, nervoso – como deveria – ao me entregar o celular.

– O que eu disse para você fazer com meu celular, Geoff? – pergunto, a voz tensa enquanto passo o dedo na tela e acesso as mensagens sem olhar na direção dele.

Procuro por "S" e lá estão. *Sininho*. Passo os olhos pelas mensagens, mas é difícil. Fico arrasado. Conhecendo Winter como conheço agora, só consigo pensar em quanto isso a deixou magoada.

Ontem, passamos o dia na cama e realmente mergulhamos no passado. Conversamos sobre os pais dela e sua infância. Eu cozinhei. Nós rimos. Ela e Vivi tiraram uma soneca, e eu fiquei deitado ao lado delas, observando-as dormir.

Por um dia, vivemos na mais perfeita bolha.

E agora eu quero sangue.

– Para, hã, responder às suas mensagens? Postar algumas fotos nas redes sociais?

– E o que combinamos sobre quaisquer mensagens importantes ou pessoais que chegassem?

– Encaminhá-las para você.

Ele assente, ansioso, como se estivesse orgulhoso do trabalho que fez.

Deslizo o telefone pela mesa para os dois homens e me recosto na cadeira, entrelaçando as mãos atrás da cabeça e cruzando um pé sobre o joelho enquanto espero que eles leiam.

É fascinante assistir. Enquanto eles rolam a tela, é como se toda a cor que some do rosto de Geoff fosse transferida para o de Kip por osmose.

Um fica branco enquanto o outro fica vermelho.

– Essas mensagens parecem importantes, você não acha, Geoff?

– Eu pensei...

– Achou melhor responder como se fosse eu? Para uma mulher que disse estar grávida de um filho *meu*? E foi *assim* que você respondeu?

– Eu pensei...

– Não. – Eu me inclino para a frente da cadeira de modo brusco, os cotovelos batendo na mesa com força suficiente para assustá-lo. – Você não pensou em nada.

– Eu te fiz um favor! Você queria renovar sua imagem. Você recebe todo tipo de mensagem vulgar. Mulheres pedindo coisas, te mandando coisas que eu preferia não ter visto. Isso aí foi mais do mesmo.

– Isso aí era *a minha filha* – disparo, tirando o celular de suas mãos incompetentes. – E eu perdi o nascimento dela e seus primeiros nove meses de vida porque você é um merdinha preconceituoso que não conhece seus limites.

Geoff engole em seco e baixa o olhar.

– Você não *sabia*? – A voz de Kip soa vazia, seu queixo retesado enquanto ele olha para Geoff e para mim, alternadamente.

– Claro que eu não sabia. Que tipo de babaca você acha que eu sou?

– Winter nunca me contou.

– Ela nunca contou a *ninguém*, porque todo mundo sempre a tratou mal pra cacete! – Bato com o punho com força suficiente para sacudir a mesa. – A mãe dela. Você. O ex de merda dela, que *ainda* a assedia. Ela internalizou

que precisa fazer tudo sozinha, porque foi isso que *você* mostrou a ela a vida toda. Que ninguém vai ficar ao lado dela. Que todos sempre a abandonam.

A sala de reuniões está silenciosa enquanto eu respiro fundo, tentando me acalmar.

– Exceto eu. Eu vou ficar ao lado dela. Sempre que ela precisar. Então, Kip, você está demitido. Eu gostava de você, mas não te respeito mais. E Geoff, se eu pudesse te demitir duas vezes, eu demitiria. Você é um merda.

O golpe final foi um tanto imaturo. Mas, cara, Geoff é um merda.

Quando eu me levanto, Kip me acompanha.

Ele me encontra na porta e aperta minha mão. Com força.

– Theo, você pode não me respeitar, mas eu te respeito pra caramba, e te desejo o melhor. E eu vou... vou consertar as coisas.

Não acho que ele esteja tentando me constranger, mas é o que acontece. Fico com pena dele. Não acho que Kip seja um lixo de pessoa, mas ele tem muitos defeitos. Todos nós temos. Ele deu seu melhor e não foi suficiente. Talvez tenha tentado ser um bom pai para as duas. Não posso afirmar com certeza. Mas o que eu sei é que ele falhou. De forma monumental.

E acho que ele acabou de perceber isso. Posso ver que está arrasado.

– Obrigado. – É tudo o que digo antes de me virar para sair.

Enquanto me afasto, ouço-o dizer:

– Geoff, arrume suas coisas e saia do meu escritório. Nunca mais quero ver a sua cara.

Sorrio para mim mesmo enquanto me dirijo para o elevador, porque, afinal, Geoff foi demitido duas vezes hoje. E isso me deixa feliz.



Quando paro na garagem da casa de Winter, há um carro chique estacionado na rua, bem na frente do portão. Da minha caminhonete, observo o veículo pelo espelho retrovisor. Vejo movimento, mas os vidros fumês escondem maiores detalhes.

Não que eu precise de muito mais para saber de quem se trata. Winter nunca falou muito sobre seu ex, embora tenha mencionado que ele jamais a chupou. E isso basta para que eu saiba que ele é um inútil, não importa o

que diga um pedaço de papel numa moldura dourada pendurado na parede atrás de sua escrivaninha.

Já estou agitado por causa do encontro com Kip, então decido seguir com essa energia. Pego o copo de café vazio e desço da picape para me aproximar do carro.

Dou três pancadas fortes na janela para anunciar minha presença. Quando o vidro finalmente desce, deparo com um homem que parece uma cópia do ex-namorado riquinho e babaca de Elle Woods em *Legalmente loira*.

– Ei, cara. Está perdido? Posso te ajudar com alguma coisa?

Seu sorriso é seboso e contido. Nada genuíno.

– É, *amigo*. – E ainda por cima soa condescendente, o que não me surpreende. – Só vim ver a minha esposa.

Esposa. Essa palavra me dá vontade de arrebentar alguma coisa.

Apoio uma mão no capô do carro, tirando os óculos escuros para olhá-lo nos olhos.

– Não tem nenhuma mulher casada por aqui, mas se veio assediar sua *ex*-esposa entregando cobranças em mãos, saiba que ela nunca vai pagar. Pode deixar comigo aquele envelope que está ali no banco do passageiro, para não ter que ir até a caixa de correio. Porque eu te prometo... – Eu me abaixo para olhá-lo nos olhos e baixo o tom de voz. – Se você continuar aparecendo aqui para stalkear os outros, só vai agilizar muito o andamento de uma medida protetiva.

Ele me encara com raiva, os dentes cerrados. Covarde demais para responder. Então, meto o dedo na ferida.

– Não seria difícil consultar uma amiga advogada sobre o assunto. Você conhece Summer Hamilton, não é?

– Quem você pensa que é? – retruca ele, torcendo as mãos no volante.

Eu sorrio.

– Só um cara que sabe que o conselho médico faria perguntas sobre os motivos para alguém pedir uma medida protetiva contra você.

Ele bufa, me dando uma olhada exagerada, com um nível quase impressionante de falsa coragem.

– Agora entendi. Aproveite meus restos.

Ele joga o envelope pela janela, e o papel passa voando por mim. Não faço nenhum movimento para pegá-lo. Estou ocupado demais sorrindo para

o Dr. Rob Valentine.

– Ela não é resto de ninguém, e estou aproveitando bastante desde antes de você ver os papéis do divórcio, *amigo*.

Eu não deveria ter dito isso, mas minha paciência com babacas acabou por hoje.

A única resposta dele é acelerar o motor enquanto ainda está parado, como se fôssemos apostar uma corrida ou algo assim. Mas ele é um palhaço, porque eu já ganhei.

Winter não é nenhum resto. Ela é a joia preciosa que ele não soube valorizar.

– Dirija com cuidado! – grito acima do som do motor enquanto bato no teto.

Quando ele dá partida, jogo meu copo de café vazio pela janela da frente. Só de sacanagem.

Então, fico ali, de braços cruzados, observando-o acelerar até o fim da rua e ultrapassar o sinal vermelho como se as regras de trânsito não se aplicassem a ele. A placa do carro diz ROB, e eu faço uma careta ao ver.

Tão ridículo.

– Você jogou lixo no carro dele? – pergunta Winter da varanda, com uma gargalhada.

– Só joguei lixo na lixeira, Sininho!

Eu me viro, pego o envelope da grama e sorrio para ela. Vivi está apoiada em seu quadril. Cabelo loiro preso em uma trança frouxa, fiozinhos escapando furtivamente para emoldurar seu rosto como um halo.

O rosto que passo uma quantidade enorme de tempo contemplando, porque nunca me canso.

– Então, agora você conheceu Rob...

– Pois é, que prazer.

Sinceramente, eu o odeio mais do que ele merece. O que eu quero sentir é indiferença. Mas ainda não cheguei lá.

Eu o odeio porque ele quase ficou com tudo que é meu, e as circunstâncias que me trouxeram até aqui ainda parecem muito tensas e frágeis. Não sou inseguro, mas de vez em quando um pensamento assim surge. Um pensamento como...

Será que Winter se interessaria por mim, se a Vivi não existisse?

Eu ganho mais que bem, mas não dirijo uma McLaren, não tenho uma

mansão enorme, nem fiz faculdade.

Mas afasto esses pensamentos. Isso tudo é novo. Esses sentimentos são normais. Além disso, sou eu quem está atravessando a calçada rumo à mulher em quem não paro de pensar há quase dois anos.

– Não acredito que você se casou com um cara que usa uma placa personalizada. Talvez essa seja a pior parte.

– Ele achou genial.

– Consigo pensar em muitas palavras para defini-lo, mas, depois dessa conversa, "genial" não é uma delas.

– Desculpe.

Winter morde o lábio inferior enquanto pulo alguns degraus para ficar diante dela.

– Winter, se você pedir desculpas por ele de novo, vou te dar uns tapas na bunda.

Ela arregala os olhos e eu pego Vivi. Preciso de um abraço depois das últimas horas, e um bebê fofinho simplesmente surte um efeito especial. O jeito como ela passa os dedos pela minha barba por fazer. O cheirinho. O jeito como balbucia para mim como se eu entendesse sua linguagem feliz e sem sentido.

– Achei que ele já tivesse desistido. Ele fez a mesma coisa com a Summer.

Segurando Winter pela nuca, dou um beijo brusco em sua testa, roçando a barba áspera em sua têmpora enquanto a puxo para mim.

Nós três.

Só porque eu posso.

– E o que aconteceu quando ele foi denunciado? Quer dizer, Summer era paciente dele. Menor de idade.

Ela fica imóvel.

– Eu nunca o denunciei.

Eu me afasto.

– O quê?

Winter suspira, e é um suspiro pesado e exausto.

– Eu ia denunciar, mas ele me deixou num beco sem saída. E sabe disso.

– Como assim?

Vivi se agita, cansada de ficar no colo. Ela quer engatinhar, se arrastar, escalar e extravasar seu espírito aventureiro. Então eu me balanço, esperando que isso a divirta.

– Porque, se eu fizer isso, Summer pode ser injustiçada pela história. Foi isso que sempre me conteve. Ela finalmente está feliz. Finalmente livre de toda essa merda. Não quero fazer isso com ela. Rob sabe que não farei. É por isso que ele se sente seguro para continuar aparecendo aqui.

Eu cerro os dentes. Odeio isso, especialmente por Winter. Mas também odeio por mim mesmo, porque odeio os sentimentos que isso desperta. Ciúme, insegurança e ansiedade.

Não gosto de Rob Valentine e, mais do que isso, não confio nele.

– Bem, eu avisei que ele está dando motivo para uma medida protetiva.

Winter assente, comprimindo os lábios.

– O que foi?

– Eu não sei. Ele é tão... orgulhoso. Esperava que ficasse de saco cheio e sumisse. Pensei em coisas que poderia fazer, em ações que poderia tomar, mas a verdade é que eu só quero me tornar tão desimportante que ele fique entediado e supere.

Estendo a mão para a porta de tela e a abro para Winter passar.

– Não acho que ele vá superar.

– É, parece que não – diz ela, abaixando-se para entrar. – Mas vou lidar com isso. Não quero que você se preocupe.

Bufo e tranco a porta atrás de nós.

Como posso não me preocupar, quando duas das pessoas mais importantes da minha vida estão morando sob este teto e daqui a apenas algumas semanas eu volto a pegar a estrada?

– Como foi com meu pai?

– Muito satisfatório. Estou oficialmente sem agente, e Geoff está desempregado – respondo, tirando as botas com cadarços – Como estão as coisas por aqui?

Winter está parada no meio da casa, usando um short jeans rasgado e uma camiseta larga da Hamilton Athletics. Toda bronzeada, luminosa e pequena no espaço amplo.

Ela dá de ombros e desvia o olhar, sem conseguir me encarar.

– Na verdade, nós meio que sentimos sua falta.

– Nós? – Levanto a sobrancelha enquanto me aproximo dela. – Vivi te contou isso?

Ela revira os olhos.

– Não.

– Então como você sabe?

Paro bem perto dela, esperando que Winter erga o rosto para mim. Estou tentando não criar muitas expectativas de que ela me dê alguma coisinha hoje.

Em um dia em que preciso muito.

Ela empina o queixo, olhos azuis tão cristalinos, um leve brilho de gloss nos lábios.

– Tá. Tudo bem. *Eu* senti sua falta – confessa ela.

E então me abraça.

30

Winter

Summer: QUE PORRA É ESSA? Isso é um presente de casamento?
Winter: Kkkk Por isso eu fiquei puta quando você não abriu os presentes durante a festa. Eu queria ver sua cara.
Summer: Onde você arranjou esse negócio?
Winter: Achei em uma caixa, um tempão atrás, e peguei pra mim.
Summer: É O PÔSTER ORIGINAL?
Winter: Não. É exatamente a foto de Rhett que você tinha colada na parede, mas mandei ampliar, imprimir e aplicar em tela. O original está em um envelope colado na parte de trás, junto com um voucher de viagem.
Summer: Não conseguimos parar de rir! É tão grande! Nem sei onde vou colocar isso. Melhor presente de todos!
Winter: Hahaha. Que bom que vocês gostaram. Sugiro que coloquem acima da cama. Pelos velhos tempos.
Summer: Morri. Você me matou. Eu amei.
Summer: *foto de Rhett parado ao lado da imagem, sorrindo e fazendo um joinha*

– Ok, Vivi. Fale *papai*.

Sentada no cadeirão, Vivi pega pedacinhos de banana e os enfia na boca. Ela me observa, mas não fala nada. Ultimamente, quando Theo vai embora, começo a tentar ensinar essa palavra a ela. Ele perdeu vários marcos durante o tempo em que não sabia sobre nós, e sei que isso o deixa triste. Melancólico. Mas ele não se permite sentir essas coisas. Está permanentemente feliz, mas um dia esses sentimentos ruins vão vir à tona.

Não é normal.

– *Pa-pai.* – Tento novamente.

Ela sorri e aponta para mim.

– Mama.

Meu sorriso de resposta é automático. *Mama*. Às vezes, acho que preciso me beliscar. Passei tanto tempo sonhando com isso que nem parece real.

– Cadê o papai?

Eu me viro lentamente, observando a sala inteira, o que faz Vivi reagir da mesma forma. Seus dedinhos agarram as laterais da bandeja enquanto seu pequeno corpo gira na cadeira.

Ela diz um monte de palavras que não significam absolutamente nada. Já proferi frases mais coerentes depois de muita tequila.

Mas concordo com ela mesmo assim.

– Ah, você acha?

Ela responde com balbucios felizes.

– Ele está no trabalho agora, do outro lado da rua, na academia da tia Summer.

Um pequeno som de vaia.

– Tá com saudade dele? Para falar a verdade, eu também. É estranho. E confuso.

Um murmúrio.

– Bem, porque ele é tão bonito que meu cérebro para de funcionar quando ele está por perto. E é tão fofo que meu coração esquece que já foi partido várias vezes.

Ela joga um pedaço de banana no chão e o barulho molhado faz Peter sair de sua soneca para engoli-lo.

Surdo coisa nenhuma.

– Pe-pe.

Viro o pescoço para ver Vivi, que está apontando para Peter.

Decido que *nunca* contarei a Theo que tenho quase certeza de que ela disse *Peter* antes de *papai*.

– Papai? Devíamos visitá-lo? Vivi, que ótima ideia.

Então é isso que eu faço. Pego a bolsa de ginástica e nosso bebê, levando junto meu cérebro sequelado e meu coração curado, e saio pela porta dos fundos para ver Theo.

– Por que agora?

– Porque eu preciso malhar.

Ajusto as alças do canguru nos ombros de Summer.

– Mas... agora?

– É, agora.

Eu não estava mentindo quando disse, de manhã, que sentia falta do Theo. E aí as coisas ficaram estranhas com Rob e meu pai, e mal conversamos. E, francamente, estou um pouco sensível em relação a Theo Dale Silva.

– Estou no meio de um treino – diz Summer, e gesticula para Rhett e Jasper, que estão conversando na frente de um monte de caixas empilháveis nas quais sei que ela os faz pular.

– Fala sério. – Fecho o clipe sobre seus ombros. – Eles não contam. Além disso, Vivi me disse que quer ficar um tempinho com você.

Summer olha para a sobrinha e sorri, sua voz mudando para aquele tom doce que ela só usa com Vivienne.

– Ah, claro, por que ela não disse isso antes? Não tem ninguém com quem eu goste mais de passar tempo.

Vivi sorri, seus dois dentes inferiores se projetando feito os de uma abóbora de Halloween, e ela solta uma risada empolgada.

– Até o Theo está com a agenda cheia. Estamos sempre com a agenda cheia desse horário até a hora do jantar. Você só...

Eu me distraio e procuro por Theo. Sei que ele vem aqui à tarde para trabalhar. Nunca pensei duas vezes sobre isso, mas ele parecia nervoso quando saiu lá de casa hoje.

Ele não me beijou, apenas disse:

– Tenho alunos. Volto para fazer o jantar de vocês, meninas.

Ele piscou, mas depois foi embora. E minha mente fez aquela coisa de imaginar todos os lugares para onde ele poderia ir e com quem poderia estar. E se ele conhecesse alguém menos complicada e insegura do que eu?

E quem poderia culpá-lo por querer isso?

Daí, decidi que a melhor maneira de aliviar minha mente era ver por conta própria que ele estava na academia. Trabalhando. E não transando

com uma gostosa de 20 anos com seios simétricos.

– Você está procurando o Theo?

– Estou.

– Ele está ali.

Summer inclina a cabeça em direção ao canto oposto da área de grama, onde Theo está fitando o relógio enquanto uma gostosa de 20 anos com peitos muito grandes e simétricos empurra um trenó de metal cheio de anilhas.

– Coelhinhas da *Playboy* também treinam aqui?

Summer bufa.

– Não, mas com esse monte de atleta frequentando a academia agora, eu estaria mentindo se dissesse que a clientela feminina não anda numa vibe parecida. Antes, eram as senhorinhas nas aulas de zumba que ficavam secando os caras. Agora tem garotas que vêm de longe para treinar aqui várias vezes por semana.

– Bem, hum. – Olho para as minhas unhas, tentando decidir qual cor usarei na próxima. Talvez vermelho, para combinar com o meu humor. – Tenho certeza de que é ótimo para os negócios.

– Winter... – A voz da minha irmã soa carinhosa. – Você está...

– Com ciúme? – sussurro, raivosa. – Morrendo. Todas as clientes dele são tão gostosas assim?

Summer ri. Ela *ri* do meu surto bem na minha cara.

– Win, nunca te vi tão agitada por... por nada. Que gracinha.

– Cala a boca.

Abro um sorriso.

– É que fico muito feliz!

– Summer, vá ser sentimental na casa do caramba. Assim eu fico sem graça.

Ela inclina a cabeça para trás e solta uma risada ainda mais alta, nem um pouco ofendida, antes de voltar a torturar seu marido e o amigo com a sobrinha nos braços.

Já eu sigo o treino que Theo montou para mim. Hoje pode ser uma exceção à regra, mas me sinto melhor toda vez que venho aqui. Um pouco mais calma. Um pouco mais confiante. Um pouco mais no controle da minha vida.

Do leg press, eu o espio, me perguntando se deveria dizer oi. Decido que

isso é ainda mais maluquice.

Quando termino outra série, dou mais uma olhada por cima do aparelho. Ele não me notou, o que é bom. Parece concentrado. Perfeitamente profissional. Decido fazer uma pausa na espionagem quando ele toca os ombros da mulher para ajustar sua posição.

E passo o treino todo assim – com rap tocando nos meus fones de ouvido, olhos vagando para Theo Silva, e depois desejando não ter feito isso.

Eu me canso da minha operação secreta e desisto de ser discreta. Estou deitada no *Banco* fazendo minha série de abdominais quando Theo se aproxima.

Ele se agacha ao meu lado, uma mão quente sobre meu joelho, hálito morno contra a minha orelha enquanto mantenho o olhar fixo no teto.

– Com licença, senhorita? Gostaria de lembrá-la de higienizar este banco. Da última vez... – ele baixa a voz –, a senhorita gozou tanto que encharcou minha cara.

Minhas bochechas ficam vermelhas.

– Essa piada está ficando cada vez menos engraçada.

– Não está, não. – A barba dele roça minha orelha.

– O que você está fazendo? Não está trabalhando?

– Estou, mas aí vi você. Não sabia que estava aqui. E eu não ia continuar o trabalho antes de vir dizer oi para a minha garota.

Eu me viro e finalmente faço contato visual.

– E eu sou?

– O quê?

– A sua garota?

– Está vendo? Eu vivo dizendo para você examinar esses ouvidos. Vou levar você e o Peter ao veterinário de uma vez por todas.

– Eu só não sabia se nós éramos tipo... um *casal* mesmo. Tipo, em público e tal – digo, balançando nervosamente a mão enquanto ignoro por completo o deboche dele.

– Ah. Hã...

Ele se afasta, olhando ao redor da academia. E eu desvio o olhar, aquela vozinha maldosa na minha cabeça dizendo: *Viu? Eu te disse*. Então os dedos firmes dele seguram meu queixo e viram meu rosto de volta.

– Winter, nós somos um casal. Nós somos *o* casal. Nós somos *pra valer*.

Então ele me beija. No meio da academia. Quando deveria estar

prestando atenção na garota dos peitos simétricos.

Ele *me* encontra.

Ele *me* beija.

Ele é *meu*.

Eu pensava que já tinha tido isso, mas não.

Só que o homem me beijando agora... Em público, por mais tempo do que o apropriado...

Não é o mesmo homem.

Ele é melhor.

Sua língua roça a minha boca uma última vez antes que ele se afaste, olhos de ônix brilhantes e concentradíssimos no meu rosto.

– Eu acabo às sete. E aí saímos.

– Saímos?

– É. Jantar. Um bar. Alguma coisa. Um encontro.

– Um encontro?

Ele sorri, apoiando-se para ficar de pé.

– É. Ainda não tivemos um encontro direito, não é? Use um vestido sexy.

– Vamos tomar tequila de novo?

Ele se vira, soltando uma risada grave.

– Claro, Sininho. Vou tomar direto do seu corpo, quando chegarmos em casa – responde ele, alto o suficiente para todo mundo olhar. E eu nem me importo.



– Uma dança.

Como ele me convenceu a vir aqui, depois de nosso maravilhoso jantar? O Railspur é um grande bar country da cidade, que tem uma forte atmosfera de Velho Oeste, com decoração de estilo industrial e acabamentos em madeira. Está lotado.

– Theo.

Ele disse que queria me exibir. Foi assim. E eu caí nessa. Feito um patinho.

– Winter.

– É um bar country. Eu não sei como... – aponto para a pista de dança abarrotada – ... fazer esse negócio, seja lá o que for. Você sabe?

– Dançar o *two-step*?

– É. Você nem parece tão country assim.

Theo franze o rosto.

– Fui criado num rancho. Ganho a vida montando touros. O que mais você quer de mim?

– Não sei. Você está sempre com botas militares e camiseta apertada. E uma camisa de flanela, ou algo assim. Cadê o jeans apertado? O chapéu de caubói?

– Esse é meu uniforme de trabalho. Parte do esporte. Não preciso me vestir assim o tempo todo. Agora tenho que falar com sotaque texano e começar a mastigar um pedaço de feno? Aprender a tocar banjo?

Estremeço.

– Não. Por favor, não. Aquele garoto de *Amargo pesadelo* me fez perder totalmente o gosto por esse instrumento.

Ele estende a mão para mim.

– Vamos lá.

Theo já está me arrastando em direção à multidão. Sei que nossos amigos também estão aqui, porque eles "por acaso" estavam no bar quando chegamos, depois do jantar. Summer, Willa, Sloane. Todos os caras. Aparentemente, segunda-feira é a nova sexta-feira.

– Tudo bem. *Uma dança*. Mas só porque você não me deixou pagar o jantar.

Ele bufa, me virando de frente para ele. Uma mão pousa na minha cintura e a outra segura meus dedos gentilmente. Ele é tão espontâneo. Tão reconfortante.

– Espera aí. Paguei o jantar para você transar comigo mais tarde.

Tão besta que me faz rir.

Tão charmoso que ficamos por mais de uma dança. Saímos de lá só depois que fiquei sem fôlego e tonta, o cabelo úmido na nuca.

Ele me segurou, me inclinou, me beijou. Ele me exibiu.

Nunca me senti tão querida quanto no meio de uma pista de dança movimentada, cercada por pessoas que não conheço, com as mãos de Theo em mim.

Também nunca fiquei tão excitada, porque Theo *sabe* dançar. Suas

habilidades na pista são tão impressionantes que fazem parecer que eu sei dançar também.

– Onde você aprendeu a dançar assim?

Ele sorri, com um olhar distante.

– Meus pais. Eles dançavam o tempo todo. Meu pai era um ótimo dançarino.

– É mesmo? Você não fala muito dele.

Theo me puxa para mais perto.

– Ele morreu montando touros. Ainda pretendo ganhar um campeonato, como ele... esse é meu objetivo. Mas acho que, se eu falar demais sobre ele, vou começar a me perguntar que diabos estou fazendo montando dezenas de vezes por ano em um touro que quer me matar.

Suspeito que o assunto seja mais complexo do que isso. Suspeito que Theo também tenha lá seus problemas com o pai, tenha metas a alcançar para se sentir digno do seu legado. Porque, de acordo com todas as pesquisas que fiz na internet depois que descobri sobre a gravidez, o pai dele foi um dos melhores. Uma lenda. Um dos primeiros montadores brasileiros a deixar sua marca no circuito norte-americano.

– Foi por causa dele que você entrou nessa profissão?

– Foi. Eu o seguia para todo canto. Sempre queria fazer tudo o que ele fazia.

– Quais são suas chances de chegar às finais deste ano? Com essa pausa, você ficou muito atrás em pontos?

Ele baixa a cabeça enquanto tenta dar uma boa olhada no meu rosto.

– Sininho, por que estou com a impressão de que você entende um pouco sobre esse meio?

Esboço um sorriso contra o peito dele.

– Talvez eu tenha feito algumas pesquisas no Google, em um momento ou outro.

Ouço a risada profunda em seu peito.

– Ah, sim... ficou me stalkeando na internet.

– Pesquisando.

– Certo. Claro. Isso soa bem mais acadêmico e muito menos pervertido.

– Eu não sou pervertida.

– Nem ficou me stalkeando de trás do leg press hoje?

Ai, meu Deus. Que vergonha.

– Cala a boca, Theo.

– Eu vi uns traços de cabelo loiro e olhos azuis por trás daquele metal todo. Foi muito fofo. Vamos chamar isso de pesquisa também? – Eu resmungo contra o peito dele. – Inteligente, bonita, mas não muito discreta.

Eu me endireito.

– Nova regra: você só vai treinar pessoas menos bonitas do que eu.

Ele revira os olhos com um ar dramático.

– Isso é todo mundo, Sininho. Depois de você, nada mais tem graça. Não entende? Eu só tenho olhos para você. Só presto atenção em você.

– Em mim?

– É. Você e suas tiradas sarcásticas. Seu jeito mal-humorado de manhã, até eu te levar um café. E aquela voz boba que você usa quando fala com a Vivi. Como você é doce, por trás de toda essa fachada de indiferença. Gosto até quando você me stalkeia. Me faz sentir especial.

Ele me dá uma piscadela. Reviro os olhos e tento conter um sorriso.

– Eu não sou doce.

– É, sim. Eu já provei. E agora quero provar de novo. Vamos dar o fora daqui.

31

Winter

Summer: MAIS BEBÊS!
Willa: Só porque o Theo arrastou a Winter pra sair do bar feito um homem das cavernas tarado?
Summer: Merda. Não era para eu ter mandado no grupo.
Willa: Óunnn. Vocês têm um grupo de irmãs?
Summer: *emoji batendo continência*
Sloane: O que é esse emoji? Pra mim, sempre parece um pau na testa.
Willa: Como é que é?
Sloane: Ou o Pinóquio de perfil.
Summer: Sloane... é uma mão. Batendo continência. Tipo SIM, SENHOR!
Sloane: Sério? Estou olhando mais de perto agora. *emoji batendo continência*
Willa: Um pau na cara? Pinóquio? Tem curvinhas mostrando os dedos. Alguém precisa tirar a cerveja da sua mão.
Sloane: De qualquer forma, espero que o pau do Theo esteja bem na cara da Winter neste momento.
Willa: Bela mudança de assunto.
Sloane: *emoji batendo continência*

Theo abre a porta do carona da caminhonete, mas, em vez de me deixar entrar, ele passa a minha frente e entra.

– O que você está...

Antes que eu possa terminar a pergunta, ele me levanta como se eu não pesasse nada, me coloca em seu colo e bate a porta da caminhonete.

– O que você está... – Tento de novo, os dedos já deslizando pela nuca

dele, roçando a base do cabelo curto.

Mas então Theo me beija, roubando quaisquer pensamentos ou palavras coerentes da minha boca.

– Não tem nenhuma chance de eu chegar em casa sem te comer primeiro. Esse vestido me deixou com tesão a noite toda.

– Você pediu que eu usasse um vestido sexy. – Eu rio contra os lábios dele, voltando a beijá-lo. – Mas este estacionamento é movimentado.

– E daí?

Ele desliza a boca pela lateral do meu pescoço, em direção à linha da mandíbula, enquanto as mãos correm por baixo do vestido soltinho que escolhi para esta noite. É esvoaçante, com detalhes em renda, e cada alça se fecha em um laço nos ombros.

Fica muito fofo com minhas botas de caubói.

– Alguém pode ver a gente.

Ele puxa minha calcinha para o lado, me acariciando. E eu já estou molhada.

– Ótimo. Ainda não percebeu que eu gosto disso? Fica à vontade. Faça barulho. – A boca de Theo percorre o meu colo. – Espero que alguém veja você sentada no meu pau. Gritando meu nome. Espero que contem para todo mundo. Publiquem em qualquer jornalzinho de merda que tenha nesta cidade. Coloquem um outdoor na estrada.

– Que grosseria...

Solto uma risada enquanto ele puxa uma alça e captura meu mamilo na boca, lambendo e circulando. Movo os quadris quando ele morde o bico sensível antes de puxar a outra alça para baixo para dar a mesma atenção a ambos os lados.

Ele se inclina para trás para me admirar, seios nus e peito arfante.

– Linda demais.

E, com seus olhos em mim, eu me sinto linda. Não desejo que estivesse mais escuro. Não quero que ele desvie logo os olhos. Poderia me deitar nua na frente dele e me deleitar com a maneira como Theo aprecia meu corpo.

De repente, a necessidade de senti-lo dentro de mim é avassaladora. Minhas mãos vão para o seu jeans. Para o cinto. Ele ergue os quadris. Eu puxo suas roupas para baixo. Ele segura o pau e guia a cabeça grossa pela minha boceta molhada.

Mas estou impaciente. Segurando os ombros dele, eu o faço entrar alguns

centímetros e inclino a cabeça para trás em alívio.

– Isso – arquejo.

– Toda apertadinha.

Ele não se move, mas geme. Eu desço mais um centímetro e ele crava as mãos na minha bunda, tremendo de leve enquanto me acaricia.

– Você está tentando me matar, Sininho?

Eu não respondo, preferindo deixar meus lábios descerem pelo pescoço dele, para beijá-lo como ele me beijou.

A reentrância na base do pescoço.

A protuberância e a cicatriz em sua clavícula.

De volta à orelha, onde mordisco e sussurro:

– Ninguém nunca me deu tanto prazer. Como se nada em mim precisasse ser mudado ou consertado. Como se eu não precisasse de alguém para me salvar. Às vezes as coisas entre nós avançam muito rápido. Eu só quero saborear você por um minutinho.

Beijo sua barba por fazer. O canto de sua boca. Theo não responde, e eu não lhe dou essa chance, porque pressiono a boca na dele em um beijo ardente enquanto desço devagar. Corro as mãos pelo peitoral e pelos ombros de Theo enquanto as dele percorrem minhas costas, sempre voltando para apertar minha bunda.

Ele arfa em minha boca quando finalmente deixo que me penetre por inteiro. Sinto-o crescer dentro de mim, preenchendo cada espacinho. Como se tivesse sido feito para mim.

– Theo.

Afundo o rosto em seu pescoço, arqueando as costas para empinar a bunda contra suas mãos enquanto rebolo.

– Você aprendeu a gozar sozinha desde aquela noite?

– Aprendi.

Muitas vezes, enquanto pensava em você e no jeito como me faz ver estrelas.

– Me mostra. – Ele levanta a saia do meu vestido até os meus quadris. – Se inclina para trás. Brinca com sua boceta e goza no meu pau. Quero ver de novo.

Meu corpo inteiro é tomado por uma onda de calor, e não hesito.

O porta-luvas está logo atrás de mim, e eu me endireito até sentir seu toque frio e liso contra minhas costas. Theo relaxa um pouco no assento

para se acomodar.

O pau dele parece ainda mais grosso dentro de mim, me levando ao limite. Uma onda de umidade escorre e eu lambuzo a mão para espalhá-la em nós.

Passo um dedo por onde minha pele encontra a dele. Macio e duro. Theo move os quadris e eu o sinto. Eu me sinto.

O modo como nos encaixamos.

– Puta merda, Winter. Você não tem ideia do que faz comigo.

Seus olhos brilham quando ele me observa, deixando um rastro de faíscas.

Movo os dedos pela base do pau dele enquanto Theo me come devagar. É gostoso. Não há pressa. Sinto que tenho permissão para explorá-lo. Explorar nós dois.

Sinto que tenho todo o tempo do mundo, porque desconfio que estamos fazendo mais do que apenas experimentar.

Acho que somos pra valer. O sexo é novidade, mas passei o verão inteiro aprendendo a precisar dele.

Deslizo os dedos até meu clitóris e pressiono com força, olhando para baixo, observando os quadris de Theo se retesarem enquanto ele mete em mim. Não consigo desviar o olhar. É... excitante demais vê-lo entrar no meu corpo.

Sem pudor, esfrego meu clitóris em círculos firmes, usando um dedo e depois dois. Depois, para a frente e para trás, mais rápido.

– Gosta de se ver levando pica, Winter?

Eu nem olho para ele, ainda observando seu pau duro dando estocadas lentas e ritmadas. Esfrego meu clitóris, mais frenética agora.

– Só se a pica for a *sua*.

Ele arqueia os quadris e vai fundo, me empurrando contra o painel. Uma mão na parte interna da minha coxa faz com que eu me abra ainda mais, enquanto a outra segura meu quadril com força.

– Que bom, porque é a única pica que você vai ter.

Então, nós dois perdemos o controle. Somos um emaranhado de membros. Palavrões. Gemidos. Nomes sussurrados e movimentos bruscos. Parece a sinfonia perfeita. O crescendo perfeito.

Ternura e safadeza.

Lentidão e força.

Theo roça a boca na minha e sussurra:

– Espero que você esteja tomando anticoncepcional dessa vez, porque meu gozo vai ficar pingando por todo o caminho até em casa.

E isso basta. Suas palavras. Seu pau. Meus dedos. Nós explodimos juntos. Um clarão. Uma onda de calor. Tremores, suor e respiração pesada.

Sinto meu corpo pressioná-lo com força. Sinto-o pulsar dentro de mim. Meu corpo formiga em partes que nunca percebi que existiam.

Sinto *tudo*.

E quando ele me aperta contra seu peito, eu me sinto amada.

Theo me abraça, nossa respiração irregular, enquanto cuidadosamente ajeita minha saia para cobrir nossos corpos unidos, bem quando ouço...

Vozes.

– Theo...

– Winter, ignore. Apenas cale a boca e me beije. Você está segura comigo.

Ele se senta mais reto, passa os dedos pelo meu cabelo no lado mais perto da janela e toma minha boca com uma paixão avassaladora. Ouço pessoas ao nosso lado, mas não olho. Estou com a atenção em Theo, o corpo perfeitamente sintonizado com o dele.

Ouço risadinhas seguidas de:

– Tem gente se agarrando!

E sorrio enquanto o beijo.

Eles não sabem que estamos fazendo muito mais do que nos agarrar.

Nem sabem que o que aconteceu entre nós aqui, esta noite, pareceu bem mais do que sexo.

32

Theo

Theo: Como foi seu banho?
Winter: Bom.
Theo: Só bom?
Winter: Estava tranquilo até você me mandar mensagem.
Theo: O que você está fazendo?
Winter: Relaxando. Me deixa.
Theo: Me manda uma foto e eu te deixo em paz.
Winter: O que você vai fazer com ela?
Theo: Emoldurá-la.

Entrego o café matinal de Winter, que está recostada na ilha da cozinha, e dou um beijo suave em sua boca macia. Sinto seu sorriso, embora ela saiba que volto para a estrada hoje.

– Como foi seu banho?

Peter está sentado aos pés dela, olhando-a como se fosse ele o apaixonado. Não sei como Winter foi de considerá-lo uma praga a levá-lo para todo lugar e alimentá-lo com todas as coisas que um cachorro não deveria comer. Nessas últimas semanas de convivência em tempo integral, os dois se tornaram inseparáveis.

Ela saiu corada do banho de água quente, então é difícil dizer se fica mais vermelha. Mas, considerando que seu olhar desce para a caneca de café em suas mãos e o jeito como toma um gole profundo para evitar me responder, seu banho só pode ter sido *bom*.

Tenho a foto para provar.

– Se você tivesse me avisado, eu teria deixado a Vivi com minha mãe e ido assistir ao show.

– Theo...

Na mesma hora ela olha para Vivi, que tem uma mão apoiada no meu joelho enquanto dá pequenos passos para longe, testando os limites de sua mobilidade.

– Tem um bebê ouvindo. E você teve seu show ontem à noite.

– *Winter*. – Imito o tom dela, rindo quando ela revira os olhos. – Eu não disse nada. Nós dois sabemos que é você quem fala como um caminhoneiro na frente dela. E hoje é um novo dia, aquele show foi *ontem*. Eu tenho necessidades.

– Você é tão tarado...

Ela para de repente, olhos fixos no chão.

Quando sigo seu olhar, também fico paralisado.

Vivi está *andando*. Como uma pessoinha bêbada, com braços estendidos para as pernas da mãe. Há semanas, ela vem tropicando da cadeira para o sofá, para a mesa, ao longo da parede. Eu a incentivei a dar um pequeno passo sem segurar meu dedo, mas ela *ainda* não tinha chegado lá.

No que parece um quase tropeço em direção a Winter, ela chega, levantando o rosto para nos encarar. Seus olhos escuros ficam arregalados pelo choque, ao mesmo tempo que sua boca se abre em um hilário formato de "O", como se ela mesma não pudesse acreditar.

– Você conseguiu! – exclama Winter, virando-se para colocar seu café na mesa.

Vivi ri e bate palmas, parecendo toda orgulhosa de si mesma. Eu me agacho até ela e levanto a mão para um *high five*.

– É isso aí, garotinha! Agora só falta montar touros.

Ela dá um tapa na minha mão e ri mais alto. A vontade de segurá-la é enorme, mas parece a maneira errada de comemorar esse marco. Como cortar suas asas no minuto em que ela aprende a usá-las. Então, fico de joelhos e a abraço. Ela se contorce quando eu assopro seu pescoço.

– Ai, meu Deus.

Winter está transparecendo um misto de orgulho e medo.

– O que foi?

– Eu estava tão animada para ela andar. Não me dei conta de como vou me ferrar depois que ela aprender. Tipo... como se controla um ser humano

que pode andar mas não tem senso de autopreservação? Que pode correr? Sem falar nos touros.

Não consigo conter a gargalhada.

– Não tem graça, Theo! Ela já puxou a maluquice dos Silva. Você não a viu outro dia? Eu dei as costas por uns dez segundos e ela usou uma cadeira para subir na bancada.

– Eu sei. Fiquei observando como ela ia dar um jeito de chegar nos biscoitos. Ficou tudo bem. Foi até meio impressionante, se a gente parar para pensar. Ela puxou a inteligência da mãe.

– Impressionante vai ser mantê-la viva enquanto você estiver longe. Eu relaxei com você por perto. Tenho que impedi-la de fazer parkour *e* providenciar meu próprio café. É completamente impossível, se você pensar bem.

Ela está brincando, mas há um fundo de verdade nisso. Temos vivido em um mundinho feliz desde que deixei claro para Winter que estávamos juntos.

Não houve muita conversa sobre isso. Nós meio que mergulhamos no calor desse novo normal. Minha mãe ainda vai ficar na casa ao lado por algumas semanas, antes de precisar voltar para Emerald Lake, o que é uma bênção *e* uma maldição. E, aos poucos, eu transferi minhas coisas para esta casa.

Winter é engraçada. De vez em quando, ela esvazia uma gaveta e a deixa aberta. Um convite silencioso para eu trazer mais coisas minhas. É como se ainda não conseguisse acreditar que tudo que está acontecendo em nossa vida é real, que é algo maior. Embora eu saiba que acredita, pela maneira como se agarra a mim a noite toda. Pela maneira como casualmente passa pela academia enquanto estou trabalhando, só para dizer oi – e lançar um olhar feio para as minhas clientes.

Mas hoje estamos prestes a passar por uma grande mudança.

– De repente eu tiro mais uma semana de folga – anuncio enquanto olho para Vivi.

Ela ainda está parada ali, nos ouvindo, a cabeça girando para um lado e para outro, como se fizesse parte da conversa.

– Não, não.

Eu me assusto com a dureza na voz de Winter.

– Como assim?

Ela aponta o dedo para mim.

– Sem chance. Preste bastante atenção, Theo Dale Silva: você vai para qualquer cidadezinha no cu do mundo a que precisar ir...

– É Billings, em Montana, Sininho.

– A única coisa que conheço de Montana é *Yellowstone*.

– O Parque Nacional?

Ela bufa.

– Não, a série. Então você vai para Dutton Ranch, ou aonde tiver que ir, e vai colocar todos aqueles peões no chinelo.

Cruzo os braços e me viro para apoiar um quadril contra o balcão e encará-la.

– É mesmo?

– É mesmo. Porque você pode acabar com todos eles. E quer isso o suficiente para fazer acontecer. E eu não quero ter que contar a Vivi que o pai dela desistiu de seus sonhos porque a mãe se tornou terrivelmente carente e codependente.

Eu solto uma risada.

– Você tem um jeito estranho de dizer que "mais do que gosta de mim", Dra. Hamilton. Não está preocupada com a minha integridade física?

Ela gesticula com indiferença e toma um gole de café.

– Não. Você é teimoso demais. Realize seu desejo, Theo. Quero que você vença. Eu mesma cuido de você, caso se machuque, e depois te amarro pessoalmente em um touro, se for preciso.

Abro um leve sorriso.

– Achei meio excitante, para ser sincero. A ideia de uma médica gostosa com um kit de BD...

Ela aponta para Vivi, que está me observando com olhos castanhos impossivelmente grandes e uma expressão de admiração, como se eu fosse incrível.

Isso me atinge no peito como um soco.

Deixar Winter não é o único motivo pelo qual não quero partir.

Eu estou perdidamente apaixonado por essa garotinha. Essa garotinha que eu mal conhecia há alguns meses. Essa garotinha que se tornou meu mundo inteiro sem fazer o mínimo esforço.

Não quero ir embora porque não quero perder nada.

Um primeiro dentinho.

Uma primeira palavra.

Um primeiro machucado.

Não quero perder nada, porque já perdi muito.

– Theo... – A voz de Winter se torna suave, sua mão macia e delicada apertando a minha com gentileza. – Nós vamos ficar bem. Vamos ficar muito felizes quando você voltar, mas vamos sobreviver sem você. Você precisa fazer isso. Vai se arrepender, se não fizer.

Eu hesito.

– E se eu não ganhar este ano? Porque aí vou precisar partir no ano que vem também.

– E nós vamos ficar novamente aqui, esperando você voltar para casa. Eu também estou com medo de voltar a trabalhar, mas o mundo não para. Sonhos não evaporam. Vamos dar um jeito.

Ela engole em seco; vejo o movimento de sua garganta. Sei que ela ainda tem algo a dizer, mas está tendo uma conversa interna consigo mesma para falar em voz alta.

– Como uma família.

Aquele soco ataca novamente. Winter é tão contida que, às vezes, esses comentários parecem um nó desfeito em sua mente. Parece que ela está desembaralhando as coisas em sua cabeça.

Tudo o que posso fazer é assentir.

– Mas Theo...

Ela me puxa para mais perto, a mão deslizando pelo meu peito.

– Oi?

– Eu realmente acho que o plano deveria ser ganhar este ano *e* no ano que vem.

Winter ainda não disse com todas as letras, mas este comentário me mostra que ela me ama, sim. Que ela quer que eu faça coisas que são importantes para mim. Que estará por perto enquanto isso. Que não vai me deter. Que não precisa de mim por perto só para ajudar com Vivi... ela entende que preciso me sentir realizado.

Vivi puxa minha calça, balbuciando alguma coisa.

Eu me agacho no mesmo instante.

– É mesmo? Eu também vou sentir sua falta. Muito.

Não importa que sejam apenas algumas semanas. Vai parecer uma vida inteira. Aposto que ela estará maior quando eu voltar. Andando por aí

livremente, não apenas dando alguns passos entre mim e sua mãe.

Ela me dá um tapinha em resposta.

Eu ando emocionalmente confuso. Esses últimos dois meses me abalaram, e não sei se processei tudo completamente. Mergulhei de cabeça e comecei a nadar.

Então, seguro o rostinho de querubim da minha filha entre as mãos e digo a ela o que meu pai costumava me dizer antes de sair de casa. As últimas palavras que ele me disse.

– Você é minha vida, bebezinha – digo a ela em português, não em inglês.

Ela bate os cílios e me observa, sua boquinha se abrindo em um sorriso que me parece sábio demais para sua idade.

Então ela solta um muxoxo molhado contra a parte interna do meu braço e quebra o clima. Achando graça, ela se vira e faz o mesmo na perna nua de Winter. E continua praticando como se estivesse aprendendo um novo instrumento.

Quando olho para Winter, ela inclina a cabeça.

– O que isso significa?

– O quê? – Passo a mão pelo cabelo de Vivi e me levanto novamente.

– O que você acabou de dizer para ela.

– Ah, é português. Meu pai costumava dizer isso para mim e para minha irmã. Infelizmente, é tudo que eu sei de português. Significa "Você é tudo pra mim" ou algo parecido.

– Tipo "eu te amo"?

– Não. – Esfrego o queixo e olho para nossa filha, que agora está brincando com Peter e sua galinha de borracha. – Significa... que ela é a coisa mais importante da minha vida. Como se a minha vida não fizesse sentido sem ela.

– Humm. – Winter suspira, olhando para nossa filha. – Adorei. Inglês é a língua menos romântica do mundo, né? Você deveria me dizer mais coisas em português.

– Eu queria saber mais. Meu pai estava tão concentrado em mergulhar na cultura norte-americana que não aprendemos muito das origens dele.

Uma pequena ruga surge no rosto de Winter.

– É uma pena. Talvez possamos ir para lá um dia.

– Para onde?

– Para o Brasil. Para Vivi conhecer o avô.

É, Winter pode até não falar com todas as letras, mas ela expressa seu amor de várias outras maneiras. E com grande facilidade.

Naquela tarde, quando finalmente termino de arrumar minhas coisas para viajar, eu a envolvo em meus braços e a beijo com vontade.

– Você é minha vida, Winter Hamilton – sussurro em seu ouvido, em português.

Reprimo todos os instintos que querem me manter dentro de casa com minhas meninas e desço os degraus da frente. Disse a mim mesmo que não olharia para trás. Já sei que Winter colocou Vivi apoiada em seu quadril. Já sei que ela está acenando com a mãozinha enquanto Winter se inclina contra o batente da porta, gostosa demais com suas pernas nuas e definidas à mostra sob um camisetão macio.

Eu disse a mim mesmo que não olharia para trás.

Mas aí ouço a voz de Winter, toda embargada e rouca:

– E você é a minha, Theo Dale Silva! Dê uma surra na concorrência neste fim de semana.

Então, fracasso miseravelmente.

Não consegui tirar os olhos dessa mulher desde o primeiro dia. Não sei bem quem eu estava querendo enganar, pensando que seria forte o suficiente para começar agora.

33

Winter

Winter: Boa sorte hoje. Quebre a perna!
Theo: Pode não ser a melhor coisa a se dizer para um peão de rodeios, Sininho.
Winter: Eu não disse quebre a clavícula.
Theo: Engraçadinha.
Winter: Se você vencer, te pago um boquete na rua na próxima vez que sairmos.
Theo: Esse tipo de motivação FUNCIONA DEMAIS.
Winter: Kkk. Ótimo. E Theo...
Theo: Oi?
Winter: Estou com saudade.

– Ótimo – digo, quando um peão desconhecido é atirado ao chão feito um dardo.

– Winter, você me assusta – comenta Sloane, rindo.

Theo viajou há dois dias e eu tenho tentado parecer tranquila, mas estou uma pilha de nervos porque é a primeira competição dele depois da recuperação. Meu lado competitivo veio inteiro à tona ao namorar um atleta.

– Fala sério, vai dizer que você não xinga todo cara que passa o disco pelo Jasper?

– Justo.

– Você não está nervosa? – pergunta Summer, do outro lado do sofá.

– Estou. Quero tanto que ele ganhe que mal consigo ficar parada.

– Não, quis dizer com medo de ele se machucar. Eu mal conseguia ver Rhett montar em um touro sem quase vomitar. Amo que ele tenha virado treinador. Talvez Theo pudesse ir por esse caminho.

– Sem chance.

Se virar treinador, ele não vai poder ganhar os campeonatos.

– Por que não?

– Porque ele ainda não está velho e acabado. Deixe o homem viver, Summer. Ele não precisa de outra mãe – interrompe Willa.

Ela está sentada no tapete com Vivi e Emma, que estão ocupadas brincando com um conjunto completo de My Little Ponies. Aparentemente, Cade vive comprando isso para Emma, o que significa que há um número alarmante espalhado pelo chão.

Um rebanho inteiro de arco-íris e purpurina.

Loretta ri, sentada na poltrona que passou a ser dela. Peter está aninhado em seu colo. Pensar que ela vai partir em breve me faz sentir um aperto no peito. Sei que ela tem a própria vida em Emerald Lake, mas nas últimas semanas preencheu um vazio em meu coração.

Ela é a mãe que eu deveria ter tido.

Decidi que vou aproveitar todo o tempo que puder com ela enquanto Theo estiver fora. Loretta está me ajudando a planejar o primeiro aniversário de Vivi, mas vai embora no dia seguinte. Diz que será uma maneira divertida e celebratória de se despedir.

Mas não tenho certeza se funcionará para mim.

– Theo é muito competente. Ele conhece o próprio corpo. – Loretta olha para mim. – Amadureceu muito, nos últimos anos. Acho que fará escolhas inteligentes enquanto monta; ele tem muitos motivos para voltar para casa em segurança.

Sinto um nó na garganta. Presumo que o marido dela também tivesse muitos motivos para voltar para casa em segurança.

Mas não voltou.

– Olha ali ele! – diz Sloane.

Ela se inclina para a frente em sua cadeira e eu faço o mesmo, meus olhos vasculhando a tela grande em nossa sala de estar.

Vejo Theo escalando os painéis de metal. A camisa creme que está vestindo destaca sua pele marrom-clara e seus cabelos e olhos escuros. Ele está usando um chapéu de caubói preto, mas carrega um capacete preto na

mão.

Ele os troca com Rhett, que está apoiado no portão ao seu lado. Vejo-os conversando, mas estou desconcertada demais com a imagem de Theo para fazer leitura labial.

Ele está totalmente gostoso, e parece outra pessoa. Como... se fosse uma persona totalmente diferente daquela que tenho tido em casa.

As perneiras de Theo são de um azul-claro, com estrelas pretas, e seu colete de proteção é preto para combinar com as botas. Seu rosto é puro foco – com um toque de ferocidade.

Essa versão dele seria capaz de me fazer cair nua no chão.

– Ok, agora que Emmett foi eliminado é a minha vez de dizer *ótimo* – diz Summer, desviando minha atenção de Theo e Rhett no fundo para o caubói loiro saindo do ringue.

– Por quê?

– Porque Emmett Bush é um babaca.

– Emmett é aquele cara que você quase deixou tomar tequila dos seus peitos? – pergunta Willa enquanto pega uma batata frita da tigela na mesa e leva à boca.

Summer fica vermelha.

– Eu estava puta da vida naquela noite.

A gente ri, porque já ouviu a história. *Puta da vida* significa *tentando deixar Rhett com ciúmes*. Considerando que ela ruboriza toda vez que o caso é mencionado, vou presumir que funcionou.

Volto a atenção para a TV e me ajoelho no chão atrás de Vivi.

– Olha! – Aponto para a TV. – Lá está o papai.

Ela vira a cabeça, e juro que presta um pouco mais de atenção.

Faço carinho em seus ombros só para dar às minhas mãos algo para fazer enquanto mostram na TV um touro branco horroroso, com pele rosada ao redor dos olhos e o pelo salpicado de preto. Tem cara de mau.

Quanto mais o touro se agitar, maior a chance de o caubói conseguir uma boa pontuação, então decido que isso é algo positivo.

Minhas mãos suam. Mordo a bochecha por dentro a ponto de me machucar enquanto Theo abaixa o capacete sobre seu belo rosto. A grade do capacete obscurece suas feições, mas vejo aqueles olhos de ônix procurando ao redor até que parecem encarar a câmera.

Não consigo deixar de me perguntar se ele está me procurando. Eu quero

que esteja. Eu queria estar lá, mas duas semanas na estrada, morando em quartos de hotel com uma criança pequena, comendo fora em todas as refeições... simplesmente não dava. Não era o ambiente de concentração de que ele precisava, e eu não levei a mal.

Para que tudo dê certo, eu topo. Então, sigo ajoelhada no chão da nossa sala de estar, torcendo as mãos e assistindo à transmissão ao vivo.

As pessoas ao meu redor conversam e riem como se nada de importante estivesse acontecendo, mas sinto meu coração na boca.

Willa tagarela com Loretta, contando que conheceu Cade quando deixou cair uma calcinha em público.

– Shh!

– Desculpa, *mãe*.

Ignoro a provocação. Ela pode tagarelar o quanto quiser depois. Neste momento, Theo está se ajeitando nas costas largas do touro, passando metodicamente a mão enluvada sobre uma corda, no ritmo da batida de tambor que deve estar tocando na arena.

Ou talvez seja apenas meu coração batendo forte em meus ouvidos.

Ele enrola a mão. Puxa algumas vezes. Seus ombros sobem e descem em um suspiro pesado.

Então, ele acena.

Os portões se abrem e o touro dispara. O cronômetro no topo da tela mostra o tempo. Ele só precisa ficar montado durante oito segundos.

Mas os segundos nunca passaram tão devagar.

Eu tomo impulso para ficar de pé atrás de Vivi. Até ela parece sentir minha tensão, porque está focada na tela depois de ignorá-la pela última hora.

Com as mãos apertando os joelhos, fico sem saber o que fazer enquanto observo o touro girar, pular e tentar matar o homem com quem eu quero passar o resto da minha vida.

É melhor que esse filho da mãe não morra na minha frente.

Pensar em ficar com ele para sempre me abala por um minuto. Veio tão facilmente. Tão naturalmente. Como se estar com Theo fosse a coisa mais óbvia do mundo. Tipo, *é claro* que ficaremos juntos para sempre. Com quem mais eu ficaria?

Quem aturaria minha cara mal-humorada?

Quem amaria Vivi do jeito que ele ama?

Quem *me* amaria do jeito que ele ama?

A resposta é: ninguém. Ninguém mais me amaria como Theo. Ninguém vai me apoiar como ele, me proteger como ele. Sei disso porque levei trinta e um anos para encontrar alguém assim.

De que provas mais eu preciso?

Ele faz malabarismo nas costas do touro, e não consigo desviar os olhos. Levo as mãos à boca enquanto os segundos passam.

Esquerda.

Giro.

Direita.

Mergulho.

Campainha.

– Isso!

Eu pulo e grito, mãos no ar. Nem me importo se pareço uma idiota apaixonada.

Porque sou mesmo.

Loretta solta uma risada aliviada e bate palmas.

Willa e Sloane parecem interessadas, mas não tão animadas assim. Elas que se fodam. Com todo respeito, é claro. Estou animada demais. Ninguém pode estragar esta noite.

– Ele arrasou!

Summer se junta à minha comemoração enquanto Theo salta facilmente do touro e levanta o punho no ar. Ele não tira o capacete, nem desvia os olhos do touro. Corre para a cerca e sobe imediatamente. Assim que está em segurança, Rhett lhe dá alguns tapinhas nas costas.

Quando sua pontuação aparece na tela, só sei que é boa por causa da minha investigação na internet. Tirar 95,75 não é apenas bom. É *ótimo*. Era o que ele precisava.

E, caramba, estou tão orgulhosa. Nem sei como reagir. Então, ando de um lado para outro, roendo a unha enquanto o observo.

Sem capacete, olhos na câmera de novo.

Ele *dá uma piscadela*.

Reviro os olhos enquanto coro. Enquanto meu estômago dá cambalhotas e meu peito explode. Talvez ele estivesse piscando para os fãs, mas parece que estava piscando para mim.

Olho para Loretta. Ela também viu.

– Ele foi bem – diz ela.

Faço que sim e sorrio, agitada. Neste momento, eu seria capaz de sair correndo pela vizinhança ou de ir me exercitar.

– Foi mesmo.

Quando a campainha toca, viro bruscamente a cabeça. Não tenho ideia de quem pode ser, em uma sexta-feira à noite.

Summer se inclina sobre o braço do sofá para espiar pela janela.

– Parece uma entrega de flores!

Ela salta para me seguir até a porta, claramente vibrando com o nível de felicidade piegas que tomou a minha vida.

– Oi – digo, sem fôlego, ao abrir a porta e ver o homem em roupas casuais segurando um buquê de rosas e um envelope.

– Winter Hamilton?

– Sim! – Eu sorrio.

– Ótimo. – Ele estende as flores para mim e, no minuto em que seguro o vaso, ele diz: – A senhorita foi intimada.

Meu sorriso e meu sangue congelam.

– O quê? Isso também acontece fora dos filmes?

– Temo que sim. – O homem comprime os lábios. – Tenha uma boa noite.

Ele desce as escadas correndo e vai para o carro.

– Mas que... porra... é essa?

Eu olho para as rosas vermelho-sangue, confusa. Chocada.

– Me dá isso aqui.

Summer pega o envelope preso na lateral do vaso e o abre. Ela desdobra os papéis e eu vejo seus olhos castanhos se movendo pelas linhas do texto. Eles ardem de fúria quando ela olha para mim novamente.

– Rob quer um teste de paternidade.

34

Theo

Winter: Parabéns! Você fica gostoso demais de perneiras. Me avise quando chegar no hotel, para eu te ligar.
Theo: Você pode me ligar a qualquer hora. E também pode mandar nudes a qualquer hora.

Rhett entra no vestiário vazio e me joga uma cerveja.

– Está se escondendo aqui?

A lata sibila quando a abro.

– Só estou tirando um momento para absorver tudo. É estranho estar de volta.

– Sabe o que não é estranho? Ver você destruir o Emmett. Você vai acabar com a raça dele, e ele sabe. Passou os últimos meses se sentindo um pouco mais relaxado do que deveria, aquele sacana de merda.

– Ainda está bravo por ele ter dado em cima da Summer?

Rhett assente e toma um gole da cerveja.

– Pelo resto da vida.

Somos parecidos nesse aspecto, mas diferentes em muitos outros. Ele usa chapéu de caubói e jeans como se fosse uma segunda pele. Eu amo o esporte. Amo a adrenalina. Amo a competição. Mas essa roupa parece um uniforme.

Rhett adora estar na estrada. Não acho que ele sinta falta de montar, mas adora ser treinador. Ele ainda gosta dessa atmosfera.

Eu... Não consigo me imaginar continuando nessa área, não depois de

chegar ao topo. Não sei o que vou fazer, mas sei que não vou me estabelecer como membro vitalício da Federação Mundial de Montaria em Touros.

Quero ficar em casa. Perto de Winter e Vivi.

– Você vai sair hoje?

– Não.

Rhett aponta para mim como se a pergunta tivesse sido um teste para constatar meu nível de concentração.

– Boa resposta.

– Vou voltar para o meu quarto e ver se Winter ainda está acordada.

Rhett arqueia as sobrancelhas sugestivamente.

– Vai se foder.

– Você evoluiu muito, sabia?

– Bem, já me disseram que tenho um excelente mentor.

– Não, quero dizer que você evoluiu muito como pessoa. Como homem. Sei que peguei pesado com você, e que talvez tenha respingado na Winter. É que... Nos últimos anos vi você aprontar poucas e boas. Não sabia se teria condições de ser a pessoa certa para ela.

Eu assinto, sem me ofender com suas palavras – porque é a verdade.

– Eu sei que você tem boas intenções, mas ainda é um babaca.

Rhett bufa, então meu celular toca, no banco ao meu lado, iluminando-se com uma foto que tirei de Winter e Vivi aconchegadas em uma cama ensolarada, cercadas por lençóis brancos.

Isso me faz sorrir.

– Aí está ela! – Passo um dedo pela tela para atender a ligação. – Sininho! – digo, e tomo meu primeiro gole de cerveja.

– Oi. Parabéns! Foi bem hoje, hein? Nós assistimos.

A voz dela é suave, mas ela está tensa. Como se estivesse escondendo alguma coisa.

– Sim, foi bom tirar as teias de aranha.

– E derrotar o Emmett! – grita Rhett, alto o suficiente para que ela possa ouvir.

– Summer comentou a mesma coisa. – Winter ri, mas parece forçado.

– Está tudo bem? – pergunto, sem querer ignorar por mais tempo o tom preocupante em sua voz.

A resposta é um suspiro alto e cansado.

– O que houve? – O pânico invade minha voz.

– Nada, nada. Estou bem. Vivi está bem. Onde você está agora? Eu não sabia direito onde você estaria. Não é melhor me ligar quando estiver no hotel?

– Que tal você me contar agora, para eu não surtar? Rhett e eu estamos sozinhos no vestiário, tomando uma cerveja. Está tudo tranquilo.

– Tá... – sussurra ela, e meu coração bate forte no peito.

Quando olho para Rhett, suas sobrancelhas estão franzidas, seu corpo está tenso.

– Está bem, então vou falar logo. Porque você precisa saber, mas *não* precisa surtar. Está tudo sob controle. Tá bom?

– Não vou prometer não surtar por algo que você ainda não me contou.

Sem mais delongas, ela solta:

– Recebi uma intimação do meu ex, exigindo que eu leve Vivi para um teste de DNA.

Sinto que todos os sons na arena desapareceram de uma vez, substituídos por um ruído branco emanando choque e confusão.

– O quê?

– Rob está contestando a paternidade dela.

– Por quê?

– Não sei. Ele foi covarde demais para entregar o documento pessoalmente, mas meu palpite é de que foi só para criar confusão. Para se meter onde não foi chamado.

Ouço murmúrios baixos.

– Ele fazia a mesma coisa com Summer. Aparecia do nada, ligava. Só parou quando Rhett soltou aquela bomba.

– Summer está aí com você?

– Está. Ela deu uma olhada nos documentos. Estamos tendo uma conversa que já devíamos ter tido há muito tempo.

– O que está acontecendo? – Rhett se aproxima ao ouvir o nome da esposa.

Eu aceno para ele recuar.

– Denuncie ele. Solte sua própria bomba.

A linha fica em silêncio por alguns segundos.

– Você sabe que é complicado. Eu só... não quero arrastar todo mundo para essa história. A data para comparecer ao tribunal é na semana que vem. Summer vai me arranjar um bom advogado de família.

– *Nos* arranjar, Winter. Ela vai *nos* arranjar um bom advogado de família.

– Não.

– Estou voltando...

– Theo, não. Você vai seguir na estrada. Vai conseguir seus malditos pontos. E não vai consertar outra confusão da minha vida. Uma das coisas que mais gosto em você é que não me trata como se eu precisasse ser salva. E não preciso mesmo. Eu me casei com ele. E fui manipulada por ele o tempo todo. *Eu* vou resolver. Você não pediu por nada disso.

– Não. Eu escolhi.

Ela fica quieta por um momento. E por outro. Então, um pensamento que odeio com cada fibra do meu ser surge na minha mente. Um pensamento que eu talvez devesse ter tido há muito tempo. Um pensamento que deixei de lado enquanto arregaçava as mangas e botava a mão na massa para consertar os erros que cometi.

Um pensamento que eu nunca expressei em voz alta.

– Eu... – Fui tão pego de surpresa, estou tão bravo com Rob, que perco a cabeça. – Ela é minha filha, mesmo, né, Winter? Certo?

Faz-se um silêncio tão grande que daria para ouvir uma agulha caindo a um raio de quinze quilômetros. Até Rhett fica imóvel, o rosto contraído de alarme enquanto olha para mim.

O silêncio dura tanto tempo que afasto o celular do rosto para ver se a ligação ainda está em andamento. Os segundos passam, como se meu telefone estivesse contando os momentos que se seguem à bomba que acabei de soltar. A devastação piora a cada momento.

– Bem, acho que estamos prestes a descobrir. – É a resposta de Winter, em uma voz dura que não combina nem um pouco com a da mulher que conheço.

Então, os segundos param de correr e a tela se apaga em colunas de cubos. Quadrados coloridos que não significam nada.

Estou engasgado. Magoado. Com raiva. Semanas de emoções desabam sobre mim. Semanas de emoções que eu abafei para agir feito um adulto responsável. Semanas cuidando das pessoas ao meu redor, mas falhando em cuidar de mim mesmo.

E descontei tudo isso na pessoa errada.

Quero rastejar até o celular e retirar cada uma daquelas palavras. Acabei de pensar o pior de uma mulher que passou a vida sentindo que todos

sempre pensam o pior dela.

E despejei isso bem na cara dela.

– Essa não foi a coisa certa a dizer, Theo.

A voz áspera de Rhett alcança meus ouvidos enquanto me recosto nos armários de metal frio atrás de mim e fecho os olhos, meu estômago revirado em uma náusea instantânea.

– Eu sei.



Mãe: Theo, por favor, atenda o celular. Já tentei ligar várias vezes.



Rhett: Me mande uma mensagem quando tiver chegado.



Summer: Eu vou resolver tudo isso.



– O quê?

Desabo sobre uma das duas camas queen do meu quarto de hotel triste e sem graça, o celular no ouvido e uma toalha enrolada na cintura.

– Chegou em segurança? – pergunta Rhett, de um lugar tranquilo.

Está claro que ele também ficou no hotel.

– Cheguei. – Não sei bem por que ele está me ligando, já que acabamos de nos ver e estamos hospedados no mesmo lugar. – O que foi?

– Só queria saber como você está.

– Eu vi a mensagem. Vai fazer carinho nas minhas costas para me ajudar

a dormir?

Ouço-o soltar uma risada.

– Se você quiser.

– Não. Tudo bem.

– Tem certeza?

– Não. Mas vai ficar.

– Você devia ligar para ela.

Eu resmungo.

– Eu sei.

– Vai ligar?

– De manhã. Preciso de um tempo para colocar a cabeça no lugar. Desde que descobri sobre Vivi, eu literalmente larguei tudo o que estava fazendo e mergulhei de cabeça, sem pensar duas vezes. Estava em modo de sobrevivência, e hoje... hoje acabou comigo.

– Cara. A filha é sua. Ela é a sua cara! Não sei como nenhum de nós juntou as peças antes.

– Eu sei. Eu sei. Mas tem uma voz irritante que fica me perguntando: *e se não for?* E se houve algum engano? Na noite em que ficamos, ela ainda não tinha se divorciado dele, então não seria impossível. Eu não a julgaria. E não faria diferença.

Rhett fica em silêncio por alguns momentos.

– Se a Vivi não fosse sua, você ainda ia querer ficar com a Winter?

– *Claro* que sim! Eu quis a Winter desde a primeira noite em que a vi. Ainda ia querer a Vivi também, mas ficaria arrasado. Foi a Winter quem passou um tempão tentando engravidar, e eu que acabei na paternidade por acidente, mas eu estou adorando tudo isso, Rhett. Eu amo *as duas*.

– Então deveria ligar e dizer isso a ela.

Tenho a impressão de que já comentei isso, mas Winter é tão arisca que acabo não chegando a lugar nenhum. Não quero apressá-la, pressioná-la, me perguntar se está me aturando apenas para apaziguar alguma insegurança minha.

Mas não compartilho isso com Rhett. Acho pessoal demais. Uma coisa minha e de Winter, e ninguém mais precisa ter acesso a essa parte de nós dois.

– É, vou fazer isso – respondo, já tendo decidido lamber as feridas e chorar as mágoas esta noite.

Porque quando ela disse que não queria minha presença para resolver algo que diz respeito à *minha* filha... Foi como um tapa na cara. Minha mãe me disse certa vez que resoluções de problemas são minha linguagem do amor... é como demonstro meu afeto.

E Winter não quer isso de mim.

Às vezes, me preocupo que Winter nunca me ame *exatamente* como eu a amo. Ou talvez eu esteja sendo ganancioso. Quero tanto ouvi-la dizer que me ama que chega a doer.

– Descansa um pouco, tá bom? Quero ver você no pódio amanhã, enquanto Emmett chora no vestiário.

– Pode deixar, treinador.

Eu desligo e fico ali, olhando para o teto.

Me odiando. Odiando o que eu disse. Odiando estar aqui, em vez de lá, com elas.

Ligo para Winter, mas ela não atende. Ligo de novo. E de novo. Tudo em vão. Então desisto e afundo no entorpecimento da noite, olhos fixos no ventilador acima até me sentir anestesiado.

Meu celular vibra na minha mão e eu pulo, torcendo para que seja ela.

Mas é minha mãe ligando. De novo.

Aperto o botão para ignorar a ligação. Amo a minha mãe, amo que ela se importe o suficiente para ligar, mas preciso resolver minhas coisas sozinho. Parece que faz muito tempo que não fico sozinho.

Em poucos minutos, ele vibra novamente. É Summer. Também ignoro.

Com o passar dos anos, me acostumei a me defender sozinho. Não dava satisfação a ninguém.

Agora, é como se eu não fosse mais capaz de dar conta de tudo. Represento muitas coisas para muitas pessoas. Meus objetivos e minhas necessidades parecem não combinar com essa nova perspectiva de vida, com essas novas pessoas na minha vida.

Passei anos querendo apenas ser igual a meu pai. Vencer um campeonato para poder dizer que segui seus passos. Agora, o que eu quero ainda mais é ser o pai que ele nunca pôde ser porque não conseguiu desistir de seu sonho. Nunca foi o suficiente.

Ainda quero vencer, mas há outras coisas que eu quero também.

Eu me sinto como Winter, quando ela precisava daquele tempo sozinha no banho. Tempo sozinha fazendo as unhas.

É a minha vez. Estou angustiado pelo que aconteceu hoje. Meu coração está pesado de arrependimento. Mas preciso de um momento sozinho, sendo consumido por pensamentos de merda, para poder acordar preparado para voltar a Chestnut Springs e cavar um buraco fundo para Rob Valentine.

Um buraco de onde ele não possa sair e prejudicar a minha família novamente.

Mas à meia-noite de uma sexta-feira, não há muito que eu possa fazer. Então desligo o celular, ponho o aparelho na tomada do outro lado do quarto e caio em um sono profundo, onde sonho com Winter e Vivi e com a falta que sinto delas.

Depois, com *aquela* noite.

35

Winter

Três chamadas perdidas de Theo

– Ma.

Acordo com Vivi enfiando o dedo no meu nariz em um quarto escuro.

– Vivi, o que você está fazendo?

Eu me viro para ela, esperando que volte a cochilar, mas ela luta contra meus abraços como se eu fosse uma agressora, então a solto.

A primeira coisa que ela faz é apertar meus peitos, como se quisesse saber que o leite está ali, à disposição. Depois, engatinha para debaixo das cobertas, e eu sei o que está procurando.

Peter.

Ele está aninhado entre meus pés na cama, onde eu claramente apaguei enquanto colocava Vivi para dormir. Não tento colocá-la no berço desde que Theo foi embora. Eu me acostumei a ter o calor firme dele ao meu lado, e estou basicamente usando Vivi como o menor travesseiro de corpo do mundo.

Um travesseiro que cutuca meu nariz e agarra meus peitos no meio da noite.

– Por que você gosta tanto de ficar acordada? – resmungo, esfregando o rosto e verificando as horas no celular.

Meia-noite.

Memórias voltam aos poucos, conforme minha consciência retorna. O

rodeio. O teste de paternidade. Theo e sua pergunta babaca.

Ele vai levar um esporro por ter falado aquela idiotice.

– Ei... – A porta se abre e vejo na contraluz a silhueta delgada de Summer. – Você está acordada?

– Aparentemente – murmuro, tapando o rosto.

– Certo, legal.

Minha irmã parece bem acordada. Quando a cama afunda ao meu lado, eu afasto as mãos do rosto.

Summer entra debaixo das cobertas – sem pedir – e não consigo fazer nada além de observá-la. É algo que eu gostaria que tivéssemos feito quando crianças.

Ela se deita de frente para mim e apoia as mãos sob a bochecha. Vivi ri por baixo das cobertas.

– Pelo menos alguém está de bom humor. Já é alguma coisa.

– Ela está sempre de bom humor. Puxou ao pai.

Summer comprime os lábios e me encara.

– Você acha que é por isso que...

– Ele disse aquilo hoje?

Contar para a mãe dele pareceu terrivelmente imaturo, então fiquei fervendo por dentro até que todos, exceto Summer, fossem embora. Aí desabafei e reclamei com ela sobre o que ele disse no telefone.

– É. Você está brava com ele?

– Talvez. Mas não do jeito que seria de se esperar. Também estou aliviada, porque estava querendo que isso acontecesse. O comprometimento paciente e inabalável dele é sobre-humano. Não é normal. Pela primeira vez, tive um vislumbre de um ser humano inseguro, normal, e consigo entendê-lo. Sei como reagir. Essa pessoa feliz, alegre e constantemente otimista é adorável, mas sinto que é... uma fachada.

– Ele já tinha te perguntado isso antes?

– Não desde a primeira noite, quando ficou perguntando se eu tinha certeza. Mas nunca questionou a paternidade ou a data de concepção. E essa é a primeira coisa que eu teria perguntado.

– Então você já estava esperando por isso?

Eu faço um sinal afirmativo.

– É, acho que sim. Parece o desdobramento natural dessa situação em que a gente caiu do nada. Acho que a notícia sobre Rob ameaçou esse novo

normal que criamos. Ele só... porra, Sum. Ele só apareceu do nada, agindo como um grande gostoso Papai Sabe-Tudo, que veio para resolver todos os meus problemas. Ele nem piscou.

– Por favor, me diga que você não o chama de papai.

Uma risada me escapa.

– Só na frente da Vivi. Estou tentando ensinar a palavra para ela, pra fazer uma surpresa para ele. Até agora, o mais perto que cheguei foi ela apontar para o Peter e dizer "pe-pe!". Ou seja, aprendeu antes a falar *Peter*. Por favor, leve essa informação para o túmulo. Theo ficou arrasado por ter perdido os primeiros dias dela e tenho certeza de que ele atribuiria isso a sua ausência.

– Bem, mas Peter também não estava por perto naquela época.

Reviro os olhos e sinto as mãozinhas de Vivi enquanto ela engatinha de volta para cima de mim.

– Ei, Win... Vou te contar uma coisa, mas não é para você se fechar.

Assinto, a bochecha roçando contra o travesseiro enquanto me movo para espelhar a posição de Summer.

– Tudo bem.

– Eu estava lendo umas coisas. Examinando a carta. Pensando bastante. E acho que está na hora de denunciar Rob ao conselho médico pelo que aconteceu comigo. Mesmo que não dê em nada, isso nos dará a liberdade de realmente seguir em frente.

Vivi está na minha barriga agora, e eu a puxo para cima. Dessa vez, ela não resiste ao meu abraço; aninha-se no meu pescoço como se soubesse que eu preciso disso.

– É que eu nunca quis te arrastar de volta para a órbita dele. Ele é tão... implacável, e você finalmente conseguiu. Eu quero conseguir também.

Ela dá de ombros num gesto leve.

– É, mas agora ele está pegando no pé da minha irmã, então acabou entrando na *minha* órbita. Me deixe te ajudar a se livrar dele.

Meus olhos ardem.

– Eu sinto muito.

– Não, não se desculpe. Vamos fazer isso juntas. Como irmãs. Sim?

– Sim. Como irmãs.

A luz do corredor ilumina o quarto suavemente e vejo os dentes brancos de Summer quando ela abre um sorriso satisfeito.

Percebo que não sou muito colaborativa. Que nunca teria pedido a ela para fazer isso, se ela não tivesse se oferecido. É bom não estar sozinha nessa história.

E, de repente, tudo o que eu quero é Theo.

A voz de Theo. Os braços de Theo. A piscadela arrogante. Eu o quero de volta aqui, nos abraçando. Indo para aquela audiência no tribunal.

Não quero fazer nada disso sozinha. Não *preciso* fazer nada sozinha, porque, pela primeira vez na vida, tenho pessoas que querem estar do meu lado.

Tudo e todos ao meu redor mudaram.

Mais do que isso, *eu* mudei.

– Vou ligar para o Theo. Amamentar essa danadinha, e depois...

– Posso dormir aqui? – pede Summer, de repente. – Não quero dirigir de volta para o rancho. A casa está solitária sem Rhett, e a academia fica bem do outro lado da rua.

Não consigo evitar. Solto uma risadinha. Me sinto oficialmente uma criança.

– Claro, Sum. Eu adoraria fazer uma festa do pijama com você. Volto já.

Pego Vivi no colo e vou para a sala de estar, onde a TV ainda está pausada em uma cena de Theo sentado nos painéis da cerca. Olho para o sorriso brincalhão em seu rosto bonito, a mão passando pelos cabelos.

Vivi aponta.

– Papa!

Olho para seu rosto.

– Sério? Agora que você fala? – Ela me olha. Aponto para a TV. – Quem é esse, Vivi?

– Papapapapa.

Com um sorriso, eu me jogo no sofá, levanto a camisa para lhe dar o peito e ligo para Theo.

– Devíamos contar isso ao papai, não acha? Dar a ele uma boa notícia, dessa vez.

Só que a chamada vai direto para a caixa postal. Olho para o celular com a testa franzida.

Meia-noite e dez.

Ele pode estar dormindo. Eu deveria fazer o mesmo. Assim que Vivi pega no sono de novo, volto para a cama, onde Summer apagou e ronca

suavemente.

Subo na cama, mas continuo preocupada. Vivi adormece entre nós, mas eu não.

Eu me levanto e ligo para Theo novamente.

Nenhuma resposta.

Tento não deixar minha cabeça voltar para onde começamos. Para aqueles dias em que fiquei ligando e mandando mensagens, tentando falar com ele... em vão.

Eu me repreendo por não ter sido mais compreensiva por seu único desvio de conduta.

Fico preocupada com a hipótese de tê-lo levado a fazer algo que arruinará tudo o que criamos.

Minha mente é uma fera que fugiu com todos os meus pensamentos racionais. Todas as inseguranças, todas as preocupações mesquinhas, tomam o primeiro plano da minha mente, até se tornarem a única coisa que consigo ver.

E toda vez que tento ligar para Theo...

Direto para a caixa postal.

Eu me viro. Eu me reviro. Por fim, vou para o sofá, onde acabo conseguindo dormir.

Mas não descanso de verdade. Em vez disso, sonho com aquela noite e com a sensação maravilhosa de estar com ele.

36

Winter

Aquela noite...

As portas do elevador mal se fecharam quando Theo abriu a boca e me fez corar.

– Mal posso esperar para ver como você fica linda gozando e chamando meu nome.

As palavras me fazem respirar fundo, mas isso não me ajuda a recuperar o fôlego, porque Theo está *em cima de mim*. Ele está segurando o meu cabelo, seus lábios estão sobre os meus, a mistura perfeita de suavidade e firmeza. O ritmo perfeito para que eu me encontre e o alcance.

Quando sinto sua língua deslizar pela minha, eu ronrono. Não é desajeitado, ele não exagera, como se estivesse tomando minha boca sem dar a mínima. Ele me seduz, me faz querer mais ao me provocar por não me dar o suficiente.

– Mais... – É tudo que consigo falar, tudo que me sinto confortável em dizer.

Tudo o que sei é que quero mais. Mais disso. Mais dele. Mais desse sentimento.

Um rosnado ecoa do peito dele em resposta, e Theo pressiona a coxa entre minhas pernas e me empurra contra a parede. Meu corpo se agita, mas ele não para.

Ele me beija de modo mais voraz, e eu retribuo. Sua barba por fazer

arranha minha pele, minhas bochechas. Seguro sua camisa, puxando-o para mais perto. Quero que ele chegue bem mais perto.

Theo cheira a tequila, laranja e especiarias. Eu quero mergulhar de cabeça em uma piscina desse perfume. *Dele*.

Eu me esfrego em sua coxa, sem me importar se pareço desesperada. Vulgar. Sem vergonha.

Esta noite, eu sou tudo isso, e estou me livrando de todas as partes de mim que me dizem para me preocupar com isso.

O tecido macio do vestido branco sobe pelas minhas coxas enquanto eu me esfrego nele.

– Porra, Winter.

Theo se afasta e olha para baixo, onde estou montada em sua perna. Dá para ver pele nua entre o topo das meias altas que estão por dentro das minhas botas e a bainha erguida do meu vestido de lã.

– Faz de novo.

– O quê? – pergunto ofegante, sentindo a onda de calor dos meus nervos em frenesi esquentando minhas bochechas.

Ele não olha para o meu rosto; uma mão segura meu cabelo enquanto a outra brinca com o topo da minha meia.

– Rebola de novo. Se esfrega na minha perna.

– Por quê?

Um sorriso esperto enfeita seus lábios bonitos.

– Porque você fica gostosa fazendo isso, e aposto que tá adorando, né?

Ele corre a mão pela parte nua da minha coxa, passando pelo limite do meu vestido. Uma mão quente e calejada segura minha bunda com firmeza.

Eu não me movo. Mais que isso, faço uma expressão séria. Meu corpo grita para que eu obedeça, porque me controlar para não me esfregar nele é quase doloroso. Mas minha cabeça está me julgando, me dizendo que isso não é jeito de me comportar.

E Theo me lê como se eu fosse um livro aberto.

– Quer parar com essa pose de riquinha afetada só por hoje e se divertir? Ou quer que eu te coma educadamente, como você está acostumada? Quer que eu apague as luzes, faça carinho na sua cabeça e agradeça quando terminar, sem você nem ter gozado também?

– Vai se foder – disparo, bem enquanto movo os quadris, meu clitóris roçando o tecido que nos separa.

Ele dá uma risada profunda e calorosa.

– Isso. Aproveita. Aproveita tudo o que quiser, e foda-se o que os outros pensam.

Ele crava os dedos na minha bunda enquanto me agarra e me esfrega para cima e para baixo em sua perna.

Estou ofegante quando o elevador chega. Viro a cabeça para as portas que se abrem, como se fosse ser flagrada com a saia levantada, me esfregando na perna de um homem que parece um deus e que fala como um astro de filme pornô.

Mas aí as mãos dele estão na minha bunda, e Theo me pega no colo. Eu grito enquanto passo os braços por seu pescoço e ele sai do elevador, me carregando. Passando pela mesa com flores de plástico. Pela cadeira em que tenho certeza de que ninguém nunca se senta.

– Alguém pode nos ver – sussurro, embora eu tenha sérias dúvidas se este hotel de cidade pequena está muito movimentado a uma hora dessas.

– É mesmo?

Ele se vira, me pressionando rudemente contra uma porta, forçando as dobradiças enquanto volta a devorar minha boca. Envolvo sua cintura com as pernas e me esfrego nele novamente.

– Esse é o seu quarto? – pergunto.

Ele sorri contra minha boca, esfregando-se de volta em mim e fazendo a porta sacudir.

– Não.

– Theo! – ralho, empurrando-o.

Ele segura meus pulsos com uma mão, pressionando-os acima da minha cabeça, fazendo um som de batida na porta.

– Quem está aí?

A voz dentro do quarto me deixa paralisada, mas Theo apenas ri. Seus lábios e língua ainda se movem sobre mim. É como se ele estivesse me oferecendo sua risada, porque eu rio. E isso é *loucura*.

De repente, ele se levanta e nos vira. Atravessamos o corredor e, mais à frente, sou pressionada contra outra porta. Quanto mais nos aproximamos do quarto dele, mais me liberto de cada uma de minhas amarras.

– Desculpa, Sininho. – Ele corre os dentes pelo meu pescoço, morde e chupa. – Essas meias estão me deixando louco. Não dava para chegar até o meu quarto sem fazer uma parada rápida.

A porta do outro lado do corredor se abre e, por cima do ombro de Theo, vejo um homem de meia-idade, de cueca, segurando um controle remoto. Ele leva um minuto para registrar o que estamos fazendo.

Enterro a cabeça no pescoço de Theo para evitar seu olhar.

– Merda – sussurro.

– Vão fazer isso no quarto! – exclama o sujeito.

– Estamos tentando! – responde Theo, virando a cabeça para sorrir para o cara.

Fico escondida na curva do pescoço dele, me deleitando com a sensação do seu corpo protegendo o meu.

A única resposta que recebemos é a batida de uma porta. Então, em movimentos frenéticos, beijos e toques desesperados, entramos no quarto de Theo. Apenas um abajur no canto ilumina o espaço, dando-lhe um brilho quente e fraco.

Theo me coloca perto do pé da cama king size e diz:

– Tira a roupa.

Respiro fundo e me faço um discurso de encorajamento.

Vou fazer isso. E vou gostar. Vai ser bom.

Antes que eu perceba, estou puxando o vestido de manga comprida pela cabeça. Jogo-o na escrivaninha e fico diante de Theo com meu sutiã e calcinha brancos, finalizado com um par de meias altas. Mesmo que os olhos dele estejam me devorando, mantenho a atenção na escrivaninha, tímida demais para encontrar o olhar de Theo.

– Puta merda, olha só pra você.

Ele afasta as alças do sutiã dos meus ombros antes de alcançar minhas costas e soltar o fecho quase melhor do que eu faria.

Tento não pensar em quantos sutiãs ele já tirou.

Em quantas vezes ele fez isso com outras mulheres.

– Olha para mim, Winter. – Ele segura meu queixo para virar minha cabeça. – O que você está pensando?

– Que você provavelmente já tirou muitos sutiãs.

– Esqueci todos eles no mesmo instante. Tudo o que consigo pensar é em como você está perfeita assim. – Ele cai de joelhos e dá um beijo na minha barriga. – E em todas as maneiras como vou te comer esta noite. Tudo o que vejo é você, Winter.

Ele engancha a mão na minha calcinha, puxando-a para baixo até que

esteja no meio da coxa, esticada entre minhas pernas. Theo Silva está bem de frente para a minha boceta.

– Como eu disse. – Ele lambe os lábios. – Perfeita.

– Aposto que você diz isso para todas.

Ele esboça um sorriso, o olhar ainda fixo entre minhas pernas.

– Acredite, não digo, não. – Ele fita meus olhos. – O que eu faço agora?

– Eu não sei. – Minha respiração está difícil e rápida, a frequência cardíaca acelerando. – Por que precisamos ficar falando? Você não pode simplesmente fazer?

– Ah, porque eu gosto de te ouvir falando. O tom da sua voz. Ver você toda corada assim, ofegante com a ideia de ter que pedir o que quer.

Meu cérebro falha. Minha boca não se move. Tudo o que consigo fazer é olhar para esse homem absurdamente safado ajoelhado na minha frente, me pedindo para dizer coisas que eu nunca disse.

Sua boca se curva em um sorriso malicioso. Estou tão perdida nesta situação que nem tem graça.

– Quer que eu meta o dedo em você? – Ele roça o polegar pela minha boceta, fazendo um círculo no clitóris. – Ou que eu te chupe?

Theo baixa a cabeça e a ponta de sua língua repete o movimento circular. Inclino a cabeça para trás, mãos no cabelo escuro dele, e solto um gemido.

– Me diz, Winter. O que eu faço?

– Eu não sei – repito, sem fôlego, me derretendo por esse homem.

Percebo como estou molhada, mesmo que ele ainda mal tenha me tocado.

– Tá, então você pode me mostrar como faz sozinha, e a gente descobre juntos do que você realmente gosta.

Abaixo bruscamente a cabeça.

– O quê?

Mas ele já está de pé, me levando para a cama. A parte de trás dos meus joelhos bate na beirada e eu caio de costas. Ele termina de tirar minha calcinha e desliza as mãos para a parte interna das minhas coxas, querendo abri-las.

Theo segura a barra das minhas meias enquanto encara o meio das minhas pernas com olhos brilhantes.

– E as meias? – pergunto, feito uma idiota.

– Fica com elas. Eu gosto. Agora, se toca. Me mostra como você faz.

Ele me empurra mais para cima na cama, até que esteja olhando para meu corpo esparramado no colchão.

– Porra – murmuro, correndo uma mão trêmula pelo meu corpo.

Já estou molhada, e isso não costuma acontecer. Ele não diz nada, apenas abre mais minhas pernas e observa meu dedo indicador passar pelos lábios internos. Fecho os olhos com força, tentando não pensar no que ele deve estar vendo.

– Você é linda demais, sabia disso? – Sua voz se tornou áspera, rouca.

Acrescento o dedo médio, esfregando distraidamente, mas são as mãos dele que eu quero. Não as minhas.

As minhas estão nervosas e sem inspiração. As dele são ásperas e hábeis.

– É realmente assim que você se toca?

Abro os olhos para encontrar os dele.

– Eu... Acho que sim? Não costumo fazer isso. Sou ocupada e nunca parece um bom uso do meu tempo. E nunca... adianta de nada.

Ele solta um grunhido e cai de joelhos.

– Te dar prazer é o melhor uso do meu tempo. Enfie um dedo. Vamos ver.

Solto um gemido e obedeço. Só de saber que ele está assistindo torna tudo diferente – melhor, de alguma forma.

Estou escorregadia e, a cada estocada lenta, só fico mais molhada.

– Gostoso?

Meus mamilos latejam e mal consigo respirar, mas é...

– Pode ser mais – murmuro, com sinceridade.

Ele tira a mão da minha coxa e se inclina um pouco, ainda pairando acima de mim. Eu respiro fundo quando sinto seu dedo se juntar ao meu.

– Ok, vamos tentar juntos.

Nem me dou ao trabalho de tentar falar. Não adianta. Todas as palavras desaparecem quando o dedo grosso dele desliza por baixo do meu. Nossas mãos se esbarram enquanto ele mete em mim.

Depois de algumas estocadas suaves, Theo adiciona um segundo dedo. Minhas costas arqueiam em um apelo silencioso por mais.

Eu quero mais, mais, *mais*.

– Melhor? Mais perto de ficar perfeito?

– Sim.

Ele geme quando eu me contraio.

– Use a sua mão livre. Quero ver você brincar com seus peitos enquanto eu brinco com a sua boceta.

– Meu Deus.

Eu disse a esse homem que não gozo, mas, com ele, talvez isso seja mentira. Porque, enquanto acaricio meu seio e aperto o mamilo entre os dedos, eu me contorço na cama.

– Sabe o que eu acho, Winter?

Meus olhos ficam vidrados enquanto encaro o homem perigoso acima de mim. Balanço a cabeça.

– Estou observando você. Você se contorcendo, seus mamilos ficando duros, você melando minha mão toda antes mesmo de eu começar. – Ele sorri, baixando o olhar para onde nós dois ainda estamos presos entre minhas pernas. – Acho que a única razão para você não gozar é que vinha transando com um homem que não sabe do que você precisa. Um homem preguiçoso na cama. Que não sabe cuidar de você. Mas tudo bem, porque esta noite eu vou te mostrar como é ser cuidada.

Eu faço que sim, ainda acariciando meus seios, observando Theo cair de joelhos diante da cama.

– Agora tira os dedos do meu caminho. Estou com fome.

– Está tudo bem, você não precisa fazer isso – digo, agarrando seu cabelo, tentando puxá-lo de volta.

– Não, mas eu quero. – É tudo o que ele diz.

Então, sua boca está em mim e eu tenho uma experiência extracorpórea. Rob nunca, *nunca* fez isso comigo. E eu nunca quis pedir a ele. Mesmo se tivesse pedido, tenho certeza de que não teria sido *assim*.

Como se eu estivesse sendo consumida. Como se ele não se satisfizesse.

Os dentes de Theo roçam meu clitóris e eu pulo na cama, a visão turva.

– Puta que pariu!

Ele mete um dedo para trabalhar com sua língua e eu viro uma massa de membros se contorcendo e choramingando.

– Theo. Eu... ai, meu Deus. Porra. Isso é... – Não consigo formar uma frase coerente. A única coisa que continuo pedindo é: – Mais.

E quando ele adiciona um segundo dedo, a boca colada no meu clitóris enquanto ele mete com força, eu ganho mais, como pedi.

Mais do que jamais tive.

Em questão de minutos, tenho um orgasmo nas mãos do homem mais

irritante e persistente que já conheci.

E nenhuma parte de mim se arrepende.

Na verdade, eu quero mais.

37

Theo

Aquela noite...

Ela não fala nada quando goza, mas suas pernas tremem sobre meus ombros. Sua boceta se contrai em meus dedos e Winter cobre o rosto como se não pudesse acreditar no que acabou de acontecer.

– É difícil ver você gritar meu nome quando tapa o rosto desse jeito, Sininho.

Ela balança a cabeça e ouço uma risada suave enquanto me afasto, observando seu peito arfante e seus mamilos escuros intumescidos. Tiro o cinto antes mesmo que ela descubra o rosto.

– Acho que isso significa que vou ter que fazer você gozar de novo.

Isso faz com que ela baixe as mãos.

– De novo?

Franzo a testa como se não ligasse para sua surpresa.

– E de novo. E de novo. Até você não conseguir mais se mexer.

– Eu já não consigo me mexer.

Winter apoia as mãos ao lado do corpo e olha para o teto.

– Mas vai ter que fazer um esforço, então, porque eu ainda não terminei.

Com isso, eu seguro seus tornozelos e a puxo para a beirada da cama, de modo que suas pernas fiquem abertas e eu esteja encaixado entre elas. Tiro minhas roupas. Camisa, jeans, meias, cueca. Tudo.

A única coisa que resta é o olhar chocado e excitado no rosto de Winter,

habitualmente tão recatada.

– Aproveitando a paisagem?

Ela engole em seco.

– É. Você é...

Inclino a cabeça, curioso em saber o que ela vai dizer. Winter estende a mão trêmula para percorrer gentilmente a minha barriga, traçando meu abdômen, seguindo a linha que desce até minha virilha.

– Absurdamente gostoso. Tipo, sério mesmo?

Comprimo os lábios, sem querer rir agora. Não porque seja engraçado, mas porque ela finalmente disse algo sem filtro.

Meu pau já está duro feito pedra depois de fodê-la com os dedos, mas eu dou algumas bombadas. Gostando de vê-la acompanhando o movimento.

– Abre a boca, Winter.

Seus olhos arregalados se voltam para mim e ela abre a boca. Eu traço seus lábios com a cabeça do meu pau, observando a gota de pré-gozo melar seu lábio superior. Observando sua língua surgir, como se ela estivesse morrendo de vontade de me provar, antes de abrir a boca de novo.

Acho que ela não tinha a intenção de parecer tão sensual, mas eu fico maluco. Perco o controle. Seguro seu cabelo e meto o pau entre seus lábios.

Winter murmura de satisfação, e o som vibra através de mim. Meu corpo se contrai enquanto tiro e meto novamente. É uma delícia ter sua boca quente ao meu redor, sua língua girando, mãos vagando pelo meu tronco enquanto controlo sua cabeça.

Ela me encara, cheia de fogo. De desejo. Nenhum traço de frieza à vista.

Sua cabeça desce cada vez mais, mãos cravadas na minha bunda. Ela está me engolindo como se não conseguisse se satisfazer. Quando vai longe demais, ela recua um pouco, olhos vidrados enquanto lida com o reflexo.

Então desce novamente, querendo mais.

– Isso – murmuro. – Engole até engasgar, Winter.

Ela obedece, me levando o mais longe que pode e me deixando louco, me levando ao limite. Não quero chegar lá ainda, então me afasto.

– Não estou pronto para gozar ainda, Sininho. Não antes de te foder.

Passo o polegar sobre seus lábios inchados para limpar a saliva, então me inclino e sussurro em seu ouvido:

– Como você quer que eu te coma primeiro?

Ela lambe os lábios, seus olhos piscando nervosamente. Não espero que

ela responda, mas Winter diz em voz baixa:

– De quatro.

– É disso que você gosta? – Meu polegar roça sua bochecha enquanto ela assente. – Ótimo.

Dou uma mordidinha em sua orelha e a giro na cama, levantando seus quadris para empinar sua bunda.

– Camisinha? – pergunta ela, olhando para trás.

Eu já estou pegando minha carteira da calça descartada. A única resposta que dou a ela é o som de embalagem de plástico rasgando, e um murmúrio de "Porra" enquanto coloco a camisinha.

Passo o dedo por sua umidade, observando como suas costas se arqueiam, suas pernas se abrindo mais contra a colcha da cama. Ela está encharcada.

Passo o dedo novamente. Um tremor percorre sua espinha. Ela pulsa, rebola e se empina para mim.

– Theo, por favor. – Winter olha por cima do ombro, lábios rosados e úmidos, olhos vidrados. – Eu preciso...

– Disto?

Meto alguns centímetros e ela abre a boca em um pequeno "O".

– É.

Seu corpo vibra de vontade. Eu sinto. Meu corpo faz o mesmo.

– E isto?

Eu entro um pouco mais. Ela joga a cabeça para trás, os dedos agarrados aos lençóis como se sua vida dependesse disso.

– E se for tudo?

Meto até o fim, até estar todo enterrado em seu corpo apertado.

– Porra, sim – sibila Winter, caindo sobre os cotovelos enquanto eu seguro seus quadris. – Mete, por favor, mete.

– Meter? Ou te foder? Quero ouvir você dizendo.

Sua respiração ofegante está ritmada feito o tique-taque de um relógio.

– Me fode, Theo. Me fode com força que eu quero esquecer até meu nome.

Sim, é disso que ela precisa. Esquecer seu nome e arrumar outro.

– Vai ser um prazer – rosno enquanto me afasto e meto de novo.

Winter se arqueia e seus gemidos se transformam em gritos enquanto eu alcanço um ritmo constante. Meus gemidos se misturam com o som

molhado dos nossos corpos se chocando.

Eu puxo o cabelo dela. Ela abre mais as pernas.

Eu pressiono sua cabeça contra a cama. Ela repete meu nome.

Eu a sinto começando a ceder e diminuo o ritmo quando ela fica agitada demais, chega perto demais.

– Mais – murmura Winter enquanto eu me afasto para admirá-la entregue diante de mim, apertadinha em volta do meu pau.

– Mais? – Ela está querendo ser castigada. – Posso te dar mais.

Eu a levanto, saindo de dentro dela enquanto vamos até as janelas com vidraças do chão ao teto que dão vista para a cidade tranquila. A neve circula lá fora, como num globo de neve.

– Mãos na janela e não as tire daí – digo, apoiando as mãos dela no vidro acima de sua cabeça.

– E se alguém lá embaixo vir?

Eu seguro suas nádegas com firmeza e as abro antes de me colocar atrás dela e voltar a penetrá-la lentamente.

– Aí vão ver como você fica linda com meu pau dentro.

– Porra. – É sua resposta abafada, enquanto ela esfrega a bunda contra mim.

Sua respiração marca a janela fria enquanto eu a penetro, a névoa aumentando e diminuindo a cada arquejo pesado que sai de seus lábios.

Eu seguro seu pescoço e o beijo. Mordo suas costas. Ela aceita tudo, repetindo meu nome.

Seus quadris, suas costas, suas pernas – cada movimento que ela faz a aproxima ainda mais de mim. Para me levar mais fundo. Mais forte. Nunca é *exatamente* o bastante.

– Mais. Eu preciso de mais.

Meu peito pressiona as costas dela, nosso suor se misturando enquanto eu me inclino para ela, deslizando a mão ao redor de seu corpo para brincar com seu clitóris.

– Assim? Você vai gozar no meu pau, se eu fizer isso?

Faz que sim com a cabeça, deliciada. Enlouquecida. Perdida. Animada de uma forma que deve ser nova para ela.

Eu continuo metendo em sua boceta e manipulando seu clitóris com os dedos.

– Ainda quero mais.

– Sua putinha, implorando por mais – sussurro contra sua orelha enquanto minha mão sobe por seu pescoço. Eu pressiono o polegar entre seus lábios. – Chupa.

Ela obedece na mesma hora, nossos corpos desacelerando um pouco enquanto ela me chupa, contraindo as bochechas.

– Deixa meu dedo bem molhado, Winter.

Ela move a língua, cobrindo meu dedo de saliva. Eu o tiro de sua boca com um estalo, e ela ofega quando levo a mão à sua bunda e contorno a entrada.

– Você vai se curvar e implorar por mais de novo? – pergunto, pressionando levemente.

Ela se inclina para a frente, olha para mim por cima do ombro e diz:

– Sim. Mais.

Volto a me mover, meu pau entrando e saindo de sua boceta enquanto lentamente enfio meu polegar em sua bunda.

– Assim, Winter? Quero ouvir você dizer.

– Sim. Assim.

– Mais?

– Mais.

Ela geme assim que eu deslizo o dedo todo para dentro.

– Você não tem ideia de como é gostosa. Gostosa pra caralho. Melhor trepada da minha vida – falo entredentes enquanto meto mais uma vez.

Ela se contorce contra mim enquanto eu brinco com seu corpo, como um especialista.

– Theo. Porra. Está tão... – As mãos dela escorregam pelo vidro e suas pernas tremem. – Eu acho que vou...

Vejo como seus olhos se arregalam quando ela percebe que está prestes a gozar de novo, então não paro.

– Theo! – grita ela ao ceder, e eu não me seguro mais.

Tudo se retesa e eu despenco do mesmo penhasco. Meu pau pulsa dentro de Winter enquanto ela me aperta com força antes que suas pernas cedam e nós dois desmoronemos no chão. Uma bagunça de suor, membros trêmulos e toques ofegantes.

Eu inclino sua cabeça e a beijo.

– Tão bonita quanto eu imaginei que seria.

38

Winter

Presente...

Estou deitada no sofá, desejando poder me teletransportar de volta para a simplicidade excitante daquela noite. A presença de Summer me tira do sonho que venho tendo com recorrência, não importa quantas vezes eu acorde e volte a dormir. O sonho em que quero mais... e consigo mais.

– Acordei com um cachorro nos meus pés e sua filha tentando tirar minha camisa. São só cinco da manhã.

– Desculpe – digo num tom inexpressivo, atordoada demais para reagir.

Summer se aproxima com Vivi apoiada no quadril.

– O que você tem? Está com uma cara péssima. Não se preocupe com o Dr. Paspalho, como Rhett o chama. O showzinho dele vai acabar logo, logo. Difícil discutir com um teste de DNA.

– Não é ele. É o Theo. Não consigo falar com ele. Fiquei tentando a noite toda.

– Ele não atendeu?

Summer atravessa a sala e se junta a mim no sofá.

– Vai direto para a caixa postal.

– Estranho.

Esfrego os olhos.

– Pois é. No começo, pensei que ele estivesse transando com alguma mulher, mas sei que ele não faria isso, então passei a ter medo de que algo

sério tenha acontecido. Como um acidente de carro ou algo assim. Até pesquisei no Google para ver se há algum serial killer ativo lá em Billings.

Summer cobre a boca, fingindo esconder um bocejo, mas sei que era uma risada.

– Não há a mínima chance de esse homem sequer ter olhado para outra mulher. Você realmente não percebe o quanto ele está apaixonado por você?

– Eu percebo, mas não confio. Parece... perfeito demais. Toda vez que algo parece perfeito, dá tudo errado. Uma irmã. Um marido. Um bebê. – Recosto a cabeça e fecho os olhos. – Não quero que Theo dê errado. Nunca vou me recuperar.

– Ma.

Vivi estende os braços para mim, e eu a pego. Seu corpinho macio em meus braços nunca deixa de me confortar.

– Vou ligar para Rhett e ver...

– Sim, você pode ligar para Rhett e perguntar em qual hotel e quarto ele está?

– O quê?

– Logo depois de pesquisar serial killers, reservei um voo para Billings às oito da manhã para dar uma surra no Theo pessoalmente. Porque por telefone não vai ser suficiente, não depois de toda essa palhaçada.

Summer arregala os olhos, mas volta ao normal rapidamente.

– Tudo bem, vou desmarcar meus clientes da manhã e te levar ao aeroporto.

Theo nunca recuou quando eu rosnei para ele. E agora vou retribuir o favor.

Porque ele e eu... Juntos, somos mais.

39

Theo

Rhett: Você está vivo?
Theo: Sim. Por quê?
Rhett: Foi bom te conhecer.
Theo: Como assim?

Estou andando de um lado para outro do quarto, celular na mão, praticando o que vou dizer quando ligar para Winter. *Desculpe* não vai adiantar, então preciso descobrir outra forma de me retratar por ter duvidado dela.

Porque o que questionei não foi a paternidade. Foi a integridade dela. E isso é algo de que nunca duvidei, por mais irritadiça ou inacessível que Winter fosse.

Uma batida na porta me assusta, e deve ser Rhett, que provavelmente já ouviu um sermão da esposa. Aposto que veio tentar botar juízo na minha cabeça.

– O que é? – rosno enquanto abro a porta.

O mundo ao meu redor fica imóvel por um segundo, assim como eu. Winter está no corredor com uma bolsa de viagem pendurada no ombro, os olhos semicerrados como se fosse capaz de me estrangular apenas com o olhar.

Em contraste, Vivi está sorrindo para mim do carrinho, com o frango de borracha de Peter na mão.

E, quando olho mais para baixo, vejo Peter preso à ponta de uma coleira, trêmulo como sempre.

– Pa!

Então me direciono para Vivi, que está apontando para mim.

– Papapapapa!

– Ela acabou de dizer "papai"?

Winter inclina o quadril, as unhas branco-peroladas tamborilando em seu bíceps.

– Ela disse, Theo. Disse isso pela primeira vez ontem à noite, quando viu você na TV. E, quando tentei te ligar para contar, sabe o que aconteceu?

Engulo em seco, mas isso não alivia o nó de medo se formando na minha garganta, que parece crescer conforme vou juntando as peças.

– Foi direto para a porra da caixa postal, Theo. A noite toda.

Winter estreita os lábios enquanto respira fundo. Ela me lembra um dragão.

– Foi por isso que você veio?

– Não, eu vim porque queria te dar uma surra pessoalmente. Não dormi porque passei a noite toda preocupada com você, com esse seu rosto bonito idiota e esse seu pau grande e habilidoso. – A mão dela gesticula na direção do meu corpo. – E com o seu bem-estar em geral, porque você me *consome*, porra.

Sinto um nó no estômago, mas estou congelado, segurando a porta.

– Winter, entra.

– Não.

– Você veio até aqui e não vai entrar?

– Vim aqui para ver se você estava inteiro e sozinho. E já vi.

Sozinho. Porra. Meus dedos coçam para agarrá-la e puxá-la para perto.

– Por que trouxe Peter?

– Porque ele faz parte da nossa família, mesmo que seja a cara daquele esquilo estranho de *A era do gelo*. E gosto quando ele dorme entre meus pés, então ele vai ter que ficar comigo. Assim como você.

– O esquilo de *A era do gelo*?

– Por que as ligações estavam indo direto para a caixa postal?

Eu passo a mão pelo cabelo e suspiro.

– Eu tive uma crise, ok? Um momento de vacilo, de mesquinharia e insegurança. Precisava chorar minhas mágoas. Você disse que não precisava de mim. Todo mundo estava me dando bronca. Não parecia que dava para resolver nada, e eu só piorei as coisas. E sabia que você estava brava comigo,

então achei que seria melhor sair do ar por uma noite.

– Você não pode sair do ar por uma noite, Theo! – exclama Winter. – Você largou o celular uma vez antes, e olha a merda que deu para mim. Eu deveria ter aparecido na sua frente e exigido sua atenção, mas não fiz isso. Então estou aqui agora, exigindo que você me dê atenção.

– Winter, eu sinto muito mesmo.

– Agora tem gente que precisa de você. Somos mais fortes do que isso. E sim, eu estava brava. Você disse uma coisa bem idiota. Mas adivinha? Eu vou ficar brava com você de vez em quando. Casais se irritam, às vezes. Dizem babaquices das quais se arrependem. É *normal*. Ser o Theo despreocupado, que não irrita ninguém e nunca tem um dia ruim, *isso* não é normal. Você tem permissão para surtar. – Ela faz uma pausa, respirando pesadamente. – Mas você tem que surtar *comigo*.

Sinto uma ardência no nariz. Até Vivi parece séria agora.

– Me desculpe. – Minha voz falha quando abaixo a cabeça.

– Você tem que surtar comigo porque eu *preciso* de você. E eu te amo. Eu te amo tanto que pensar em seguir sem você me paralisa. Você não tem permissão para me deixar de fora. Porque me fez precisar de você, e agora tem que lidar com as consequências.

Dessa vez eu não ignoro a comichão em minhas mãos. Agarro a mulher na minha frente e a aperto contra meu peito. Uma exclamação de surpresa escapa de sua boca pelo movimento rápido, mas ela não resiste. Meus braços envolvem seu corpo delicado e eu inspiro profundamente seu aroma quente de açúcar e canela enquanto aninho sua cabeça sobre meu coração e fecho os olhos, me aconchegando nela.

– Estou muito brava com você, Theo.

– Compreensível. – Olho para o carrinho ao nosso lado. Os grandes olhos escuros de Vivi estão virados na minha direção. – Também estou bravo comigo.

– Bem brava *mesmo* – corrige ela.

Roço os lábios em seu cabelo.

– Mas você me ama?

Ela não hesita.

– Tanto que dói.

Eu a aperto mais forte junto de mim, apreciando nosso encaixe perfeito. Quente e suave.

– Bem-vinda ao clube, Sininho.

Ela inclina a cabeça para trás e encontra o meu olhar. Embora pareça cansada, seus olhos estão brilhando como na primeira vez em que ela me deu uma bronca.

– Eu te amo – repete Winter, como se as palavras não lhe fossem familiares, como se estivesse se acostumando com a sensação que lhe causam.

Como se fosse uma língua completamente nova.

Corro as mãos pelos fios dourados de seu cabelo.

– Eu também te amo. Agora, será que você pode entrar aqui para ficarmos todos juntos enquanto você está *bem brava mesmo* comigo e eu surto porque te amo e quero matar seu ex?

Ela se afasta e espana suas roupas perfeitamente limpas.

– Sim. Parece perfeito.

Olho para Peter, que agora está sentado e tremendo.

– Acho que este hotel não aceita cachorros.

Winter bufa.

– Ele mal é um cachorro, está mais para um rato ou um esquilo.

Ela passa por mim. Bolsa. Carrinho. Bebê. Cachorro.

Minha vida inteira em um quarto. E Winter tem razão. Ainda estou surtando.

Mas, de alguma forma, me sinto melhor com eles aqui.

– Nenhuma putinha aqui, certo? – brinca ela, olhando ao redor do aposento, buscando evidências de algo que eu jamais faria.

– Só uma – respondo enquanto a abraço por trás e esfrego minha barba por fazer em sua bochecha.

E nunca foi tão bom ver Winter Hamilton revirando os olhos para mim.



– Ok, Theo.

Rhett estala os dedos diante do meu rosto enquanto estamos sentados na cerca. Eu deveria estar prestando atenção. Deveria estar assistindo. Deveria estar concentrado.

A questão é que minhas meninas estão na arquibancada.

A menina que passou o dia repetindo a mesma sílaba. E a menina que cochilou na minha cama e me olhou de cara feia no minuto em que voltei para o quarto com Peter e Vivi.

– Ainda brava comigo? – perguntei.

– Não, estou brava comigo mesma.

– Por quê?

– Porque eu deveria estar brava com você, mas te ver andando com uma criança pequena e um chihuahua me faz querer...

Ela balançou a cabeça e girou a mão de maneira explicativa.

– Cair de joelhos e usar essa boca sarcástica para algo útil?

Ela me olhou feio, mas abriu um sorriso. Bem leve.

– Deixa pra lá. Ainda estou brava com você.

Mas agora ela está na arquibancada, segurando nossa filha. E usando um par de botas de caubói com bico de aço ornamentado, calça jeans apertada e uma regata que não faz nada além de exibir seus seios. Juro que tem óleo neles, a julgar pelo reflexo das luzes no topo daquelas circunferências.

– Cara, acorda, porra. Se concentra – diz Rhett, me cutucando nas costelas, e eu recuo.

– Ai. Isso doeu.

– Agradeça depois, quando Winter quiser te pagar um boquete como prêmio por ter vencido.

Esfrego o local onde ele me cutucou.

– Que grosseria.

– Fogo Feroz não se importa com quem está na arquibancada. Ele só quer te ver morto. Você tirou um bom touro. A menos que seja derrubado. Nesse caso, você tirou um filho da puta malvado. Não o deixe vencer.

Esse comentário me tira do estupor de tesão.

– Você é o último montador de hoje. Aquele imbecil do Emmett conseguiu uma boa pontuação, melhor do que a sua de ontem. Ele não vai desistir do campeonato tão fácil, então se prepare, meu príncipe. Você vai precisar ser firme nas esporas esta noite.

Eu assinto. Ele tem razão. Vou ter que deixar esse touro mais furioso do que ele já está. E ele já é conhecido por ser irado. É por isso que tem lugar garantido no circuito.

– Ombros para trás. Queixo para baixo. E prepare-se para a mudança de

direção, para não ir direto para o poço. Só vou te salvar uma vez na vida. Entendeu?

– Entendi.

Então eu sinto. O foco. A calma. A sensação de que estou exatamente onde meu pai um dia esteve. Fazendo o que ele fazia. Toda vez que subo aqui, toda vez que me sento em um touro, concluo que é o lugar em que me sinto mais próximo do meu pai.

Nós assistimos Jude, que consegue os oito segundos, mas faz uma apresentação simples. Nada que os juízes vão adorar.

– Atenção! Fogo Feroz! – grita alguém.

O touro preto trota pela rampa direto para o cercado, olhos arregalados, um fio de saliva já pingando da boca.

Algumas pessoas podem achar que é nesse momento que os nervos entram em ação, mas, para mim, é o oposto.

É nesse momento que tudo, exceto um nível ridículo de autoconfiança, se dissolve. Meu coração se estabiliza. Cada pensamento racional cria asas e voa.

Eu sou o melhor. E estou prestes a provar.

Monto no lombo de Fogo Feroz e ele me sacode, agitando-se. Eu o ignoro, puxo a corda e a esfrego para aquecer a resina.

Já é natural, passos que eu poderia executar de olhos fechados. A confiabilidade do processo me estimula.

Enquanto remexo a corda, espio o lugar onde Winter e Vivi estão sentadas.

Correção: onde estão de pé.

Winter está se balançando para a frente e para trás com Vivi apoiada em seus braços como se fossem um assento, de frente para a arena.

Acho que alguém atrás dela disse para ela se sentar, porque minha leitura labial identifica claramente que ela xinga uma resposta.

Um sorriso curva meus lábios, e volto a me concentrar na minha mão. Enrolando a corda. Testando o aperto. Ajeitando a posição no lombo do touro. Dando a ele um giro da espora para irritá-lo mais.

Rhett fala comigo, mas eu o ignoro.

E faço que sim com a cabeça.

Fogo Feroz dispara para a arena, dando coices com força suficiente para que pedaços de terra voem de seus cascos e atinjam meu capacete. Ele gira

para a esquerda violentamente. Com o corpo travado, braço erguido na posição perfeita, não o deixo me desestabilizar.

Mantenho o rosto abaixado, mas não olho para o chão. Não é onde quero acabar.

Deslizo os pés para trás e dou outra esporeada.

O touro abaixa um ombro e se vira.

Já estou esperando por isso e sorrio quando continuo centrado durante a mudança de direção.

– Te peguei, filho da puta – resmungo, me divertindo como nunca.

São os oito segundos mais rápidos e mais lentos da minha vida. A campainha soa e eu trato de dar o fora. Um vaqueiro surge ao meu lado e eu me inclino para ele, aproveitando a carona para me afastar do touro. Meus dias de desafiar o destino desmontando de forma teatral ficaram para trás.

O palhaço do rodeio distrai Fogo Feroz e eu vou direto até Winter. Escalo a cerca, arranco o capacete e a procuro.

Vivi está sendo sacudida em seus braços, porque Winter está pulando. Gritando feito louca.

– Arrasou, amor! – grita ela enquanto acena para mim.

E quando anunciam uma pontuação de 96,25, ela recomeça a gritaria. Minha vontade de rir é maior que a minha felicidade pela pontuação. Fico todo derretido com a loira que está "bem brava mesmo" comigo, mas está aqui com nossa filha no colo e torcendo horrores, como se eu fosse sua pessoa favorita no mundo.

É loucura. É inacreditável. É improvável.

A mulher que todos me disseram que era fria, cruel e indiferente é completamente *minha*.

E isso é especial. Isso é tudo.

– Winter! – grito, minha voz atravessando pelo menos dez fileiras. – Traz essa bunda gostosa aqui!

Suas bochechas ficam rosadas, os olhos azuis brilhando como safiras. Com um sorriso enorme, ela empurra as pessoas em sua fileira para ir até as escadas. Quando me alcança, ela sobe alguns degraus e solta, sem fôlego:

– Não estou mais brava com você! Só estou com muito, muito tesão depois de te ver montar.

Ela diz isso alto o suficiente para que risadas ecoem ao nosso redor.

Beijo o topo da cabeça de Vivi e dou a Winter meu sorriso mais safado

antes de sussurrar em seu ouvido:

– Vou te comer como uma princesa ou uma putinha mais tarde?

E, pouco antes de me beijar, ela ri e responde:

– Não faz diferença, desde que me coma como se eu fosse sua.

Eu a beijo e então pulo da cerca com uma piscadela arrogante antes de me virar e caminhar em direção ao pódio que acabaram de montar. Emmett está esperando no lado mais baixo.

– Não se acostume, Silva. Você não é tão talentoso quanto seu pai.

– Que simpático, Bush.

Dou um tapa no ombro dele. Nem esse babaca vai conseguir arruinar meu bom humor esta noite. Subo no degrau acima dele, usando seu ombro como apoio.

– Posso não ser talentoso como ele, mas a educação é a mesma. Então parabéns pela sua temporada até aqui.

Ele me olha atordoado. Eu sorrio antes de acrescentar:

– É uma pena que eu esteja prestes a acabar com ela.

Os apresentadores aparecem e falam sobre a noite – o esporte, a emoção –, mas só quero olhar para Winter. Rhett foi se juntar a ela na cerca para assistirem juntos.

Sou obrigado a parar de olhar quando o locutor me pede para falar sobre meu primeiro fim de semana de volta após a lesão.

– Conte para nós como você chegou a essa vitória.

Pego o microfone da mão dele, mas olho para Winter, toda luminosa e radiante. Toda sorridente e empolgada.

Toda minha.

– Bem, meu tempo fora da arena foi diferente do esperado – começo. – A reabilitação correu bem. Acho que não terei que me preocupar com sequelas, o que é ótimo. Mas o verdadeiro ponto alto foi passar um tempo de qualidade com minha família. – Inclino o queixo em direção à cerca. – Minha garotinha e minha futura esposa estão aqui comigo hoje. Elas tornam esta vitória ainda mais especial.

O locutor ri e um coro de "Óóóun" soa da plateia, mas meu olhar permanece fixo em Winter.

Ela não revira os olhos.

Ela pisca para mim.

– Alguma coisa que você queira dizer para sua futura esposa, Silva?

Não preciso pensar duas vezes.
Levo o microfone à boca e murmuro:
– Você é minha vida.
É melhor do que “eu te amo”.
É mais certeiro.
É a nossa cara.

40

Winter

Kip: Sei que não fui um pai presente, mas quero mudar isso. Quero ajudar. Summer me contou o que o Rob fez. Por favor, deixe minha advogada ajudar. Ela é a melhor.
Winter: Claro que a Summer contou. Por que você tem uma advogada?
Kip: Você não tem falado com a sua mãe?
Winter: Aff. Sério? Parei de falar com a Marina no dia em que ela me aconselhou a dizer que a Vivi era filha do Rob. Ela não te contou?
Kip: Bem, também não estamos nos falando. Ela não reagiu bem ao pedido de divórcio.
Winter: Vocês vão se divorciar?
Kip: Vamos.
Winter: Finalmente.
Winter: E, sim, aceito a advogada.

– Quer que eu jogue essas flores fora?

Theo olha para o vaso de rosas vermelhas no meio da bancada como se quisesse pulverizá-lo, não apenas jogá-lo fora.

– Não. Vou ficar com elas.

Ele me olha de cara feia. Está meio deprimido desde que chegou em casa. Sei que planejava ficar na estrada entre os dois eventos, para mergulhar na sequência de competições nos fins de semana.

Mas eu disse que precisava dele, e ele voltou sem pestanejar.

– Por qual motivo?

– São bonitas. – Dou de ombros. – Fico com dó de jogá-las fora, sabe? – Aponto para ele. – Você vai vestido assim para o tribunal?

Ele olha para si mesmo. Uma calça jeans escura envolve suas coxas musculosas, e uma camisa branca com gola V profunda mostra a corrente que pende sobre uma leve camada de pelos no peito. Ele abaixou a aba do chapéu, mas vejo suas sobrancelhas franzidas, o semblante interrogativo.

– Como assim?

Eu aponto para o meu terninho azul-safira, me sentindo mais como a Winter pré-maternidade, como há muito não me sentia.

– É isso que você vai usar no tribunal? Assim, se você usar aquelas botas desamarradas com isso aí, vou precisar pular em cima de você depois que sairmos. Mas perguntei só por curiosidade.

– Eu não estava planejando entrar lá.

Minha mão fica paralisada junto ao copo de água que eu estava prestes a pegar.

– O quê?

– Quer dizer, a intimação era para você, certo? E Vivi.

– Era – respondo, devagar.

– Então por que eu entraria? A vara de família não é meio pequena? Não pegaria mal se eu entrasse e desse na cara do Dr. Paspalho? Estou tentando não forçar a barra, mas a verdade, Winter, é que estou morrendo de vontade de forçar a barra. Não tenho certeza se vou conseguir manter a calma lá dentro.

Sinto um frio no peito enquanto meu coração acelera. Estou nervosa por ficar cara a cara com Rob. Sei que ele estará com um sorriso presunçoso e condescendente, todo satisfeito consigo mesmo por ter armado essa palhaçada toda.

Admito a verdade, porque não tenho como fazer isso sem Theo ao meu lado.

– Estou com medo. Não quero ir sozinha.

É a vez dele de parar, olhar para mim e repassar minhas palavras. Porque uma coisa é dizer que preciso dele e outra coisa é *mostrar*. E hoje realmente preciso. Da sua presença ao meu lado, sua mão segurando a minha. Nós dois sabemos qual é o resultado do teste, mas ainda é assustador.

Sigo tagarelando, sentindo que poderia literalmente me ajoelhar e implorar se ele mencionasse outra razão para não me acompanhar.

– Ela é sua filha – continuo. – Preciso de você lá comigo. Todos nós juntos. – Há um tremor na minha voz quando termino a frase. – Por favor.

– Winter, vem cá.

Ele abre os braços e eu me aproximo, respirando aquele aroma cítrico e almiscarado que associo à sensação de estar em casa. Com a cabeça na curva do seu pescoço, ele me envolve nos braços e encosta o rosto na minha bochecha.

– Eu vou aonde você quiser. Vou usar o que você quiser. Nunca mais vou desligar meu telefone. Eu sempre, sempre estarei do seu lado. Do lado de Vivi. Não precisa implorar, e não precisa pedir por favor. Enquanto eu viver, enquanto você precisar de mim, estarei contigo. Certo? Nunca duvide disso.

Eu faço que sim, mas não digo nada. Apenas o aperto mais, saboreando a sensação de seus braços fortes em volta de mim.

– Porque eu sou sua futura esposa? – pergunto, tentando aliviar o clima.

– Obviamente.

– Você ligou mesmo para sua mãe e disse isso a ela?

Ele ri.

– Liguei, Sininho. Quando a gente sabe, a gente sabe.

Ele é tão confiante. Não se questiona. Ninguém nunca ensinou a ele que não deveria confiar. Eu amo isso em Theo.

– Eu te amo, Theo Dale Silva.

– Eu também te amo, Winter...

Sinto um estremecimento contra os meus ombros. Já estava esperando que isso se voltasse contra mim. Meu nome do meio.

– Não ria.

– Eu nunca faria isso.

– Ok, é Peggy.

– Peggy?

– Cala a boca.

Eu me aninho nele, mordendo a língua para não rir.

– A pequena Winter Peggy está tirando sarro de Theo Dale há meses. Muito interessante isso.

Incapaz de segurar a risada, inclino a cabeça e olho para ele.

– Theo Dale parece um lugar onde elfos vivem, na Terra-média!

– Winter Peggy parece uma Barbie fazendeira que vem com um traje de neve. Summer Peggy vem com um traje de banho e um par de óculos de sol.

Uma risada silenciosa sacode meu corpo. Não é nem tão engraçado, mas é o alívio do estresse de que eu precisava.

Theo sorri.

– Você fica tão linda quando ri. – Ele beija meu rosto de um lado, depois de outro, e termina na minha testa. – Vou me trocar para combinar com minha pequena Peggy Poderosa.

E apenas algumas horas depois, após uma simples coleta com um cotonete na boca de Vivi, Theo e eu saímos do tribunal. Eu de terninho e Theo arrasador em um terno preto. Ele segura minha mão e mantém Vivi firmemente no colo, como o pai protetor que é.

Eu nem olho para Rob quando passamos. Mantenho o queixo erguido e a postura ereta. Não quero dar a ele a satisfação de reconhecer sua presença.

No entanto, olho para o homem bonito que posso chamar de meu.

E quando passamos pelo meu ex...

Theo pisca para ele.



Agora que decidi que não tem problema precisar de Theo tanto quanto preciso, é difícil ser uma mulher madura e deixá-lo ir embora e pegar para a estrada.

Ele só precisou fazer uma pergunta tímida:

– Você não poderia ir comigo?

E ficou tudo resolvido. Durante as duas semanas seguintes, viajo com ele. Vivi também. E Peter. A maioria dos hotéis não aceita cachorros, mas não peço permissão, o que significa que nunca me proíbem de levá-lo. Vamos para Fort Worth, Texas – onde percebo que Theo não é nem de longe tão caubói quanto eu pensava –, e depois para San Antonio.

Passeamos pelo River Walk e jantamos fora. Ele treina muito. Eu torço como uma louca toda vez que ele monta em um touro. Fazemos amor no chuveiro depois que Vivi dorme. Adormeço com os braços fortes de Theo ao meu redor no final de cada dia.

E quando subimos os degraus da nossa casinha em uma rua arborizada em Chestnut Springs, nos deparamos com o envelope que estávamos esperando.

E um outro. Um envelope do qual ele não tem conhecimento.

O papel está frio na minha mão enquanto seguimos para a casa com bolsas, cadeirinha e carrinho de bebê. Viajar com uma criança me fez perceber como é bom viajar sozinha.

Mesmo assim, essa ideia me enche de pavor. Prefiro mil vezes carregar toda a nossa tralha por aí e ficar perto dessa pequena família que formei nos últimos meses. Vivi faz um ano daqui a uma semana. Volto a trabalhar uma semana depois – algo que tenho tentado fingir que não vai acontecer.

Sempre amei meu trabalho. Sempre foi meu escape da vida real, quando mergulhava numa atividade que aprecio.

Mas não quero mais escapar da minha vida. Eu quero me estabelecer e montar acampamento nela. Ver Vivi andando por todo lugar e aprendendo palavras novas, ver Theo arrasando todo fim de semana.

Vivi está agitada, cansada e irritada da viagem, então Theo a pega no colo.

– Vou colocá-la para tirar um cochilo. Você abre isso aí. Eu já volto.

Ele mal me olha enquanto dá beijos na folha e segue pelo corredor.

Sua bunda está fenomenal naquele jeans.

– Ok – murmuro, puxando um banquinho para me sentar à ilha da cozinha.

O envelope endereçado a mim trouxe muita confusão à nossa vida, mas talvez, no final das contas, tenha nos livrado de outras ainda piores, para que pudéssemos seguir com nossa vida. Mais firmes. Talvez essa provação tenha nos trazido o tipo de paz que nunca teríamos alcançado sem ela.

Abro um leve sorriso, porque Theo está nervoso com esse envelope.

Desde aquele comentário, ele nunca mais me questionou sobre a paternidade de Vivi. Em seu coração, ele *sabe*, mas Rob semeou uma ponta de dúvida ali, e Theo não conseguiu esquecer. Ele também me respeita demais para repetir a pergunta.

Já eu... Sei muito bem a história que esses papéis vão contar. Vão me dizer que não há nenhuma chance de Rob ter me engravidado através das paredes de nossos quartos separados. Vão me dizer que a noite mais deliciosa da minha vida, passada em um hotel com um homem quase desconhecido, bate perfeitamente com o dia em que Vivi nasceu.

Perfeitamente imperfeitos. Theo e eu somos assim.

Às vezes, me pergunto se teríamos chegado aonde estamos se as coisas não tivessem acontecido do jeito que aconteceram. Se ele tivesse descoberto

imediatamente, eu teria conseguido virar uma nova página? Teria cortado da minha vida as pessoas de quem precisava me afastar? Teria encontrado a liberdade que descobri naqueles meses que passei morando sozinha? Ou teria arrastado Theo para o turbilhão do meu drama familiar? Teria sentido que passei do domínio de um homem para o de outro? Summer e eu teríamos nos aproximado tanto?

Muitas especulações. Mas parece que tudo aconteceu exatamente como deveria.

– Bem, ela dormiu em cerca de dez segundos.

– Imaginei.

Vê-lo me deixa sem fôlego, assim como no passado. Rude, bonito e sensual. Ele me dá água na boca e faz meu estômago dar cambalhotas – ele me deixa selvagem, como nenhum outro homem. Despertou uma parte de mim que eu nunca soube que existia, um pedacinho que faltava na minha vida.

– E aí? Abriu?

Inclino a cabeça.

– Você achou mesmo que eu abriria sem você?

Ele se senta ao meu lado. Seu joelho toca o meu, e Theo puxa o banco para mais perto, para que minhas pernas fiquem entre as dele.

Assim como naquela noite, no bar do hotel.

– Então tá, Sininho. Vamos abrir esse negócio.

– Esses negócios. Tenho duas coisas aqui.

Seus olhos escuros estão semicerrados enquanto ele fita a bancada, e decido acabar com o suspense. Ele está nervoso, mas eu estou animada. Este envelope significa que posso finalmente dar o último golpe no Dr. Robert Valentine.

O outro significa que Vivi é de Theo como deveria ter sido desde o começo.

Eu abro os dois e desdobro as folhas, colocando-as na frente dele, lado a lado. Não me dou ao trabalho de lê-las. Em vez disso, apoio a mão em suas costas e observo seu rosto. Suas sobrancelhas grossas, a postura teimosa de sua mandíbula, a linha reta de seu nariz impostado.

E a alegria em seus olhos quando ele chega à linha que confirma o que já sabíamos.

Ele não estava presente no nascimento de Vivi, mas estará presente em

cada momento posterior, porque ele é o pai dela.

Então, seu olhar se desvia para os papéis que ele não esperava. Os que detalham a mudança legal do nome de Vivienne Hamilton para Vivienne Loretta Silva. Minha maneira de mostrar a Theo que ele nunca será um intruso – ele vai ter que nos aguentar para o resto da vida.

Ele não diz nada, mas o observo engolir em seco.

– Isso... isso é...

– Se você quiser, podemos fazer outro teste de DNA para mostrar oficialmente que...

Theo gira e me beija, suas mãos se enredando em meu cabelo enquanto ele me reivindica com sua boca, me marca com suas mãos.

Nós não falamos. Não há mais nada a dizer. Nos comunicamos com nossas mãos enquanto cada peça de roupa é dispensada. Com nossos lábios, enquanto ele me deita no sofá e foca em mim. Com nossos corpos, enquanto nos unimos com uma lentidão excruciante e uma tensão deliciosa se desenrola entre nós.

Passa pela minha cabeça que talvez eu não seja uma mulher fácil de amar, mas Theo faz isso com tanta facilidade que sinto que posso ser. Como se eu merecesse ser.

Eu ganho vida sob as mãos dele. E desmorono sob elas também. E Theo sempre me recompõe.

Ficamos deitados depois do amor, corpos suados, corações batendo juntos, abraçados com força, como se nada no mundo pudesse nos separar.

– Você está pronta para jogar aquelas flores fora? – A voz rouca de Theo me desperta dos meus pensamentos. Ele olha para o aparador, sobre o qual está o vaso contendo água mofada e rosas murchas. – Porque agora elas estão mais nojentas do que já eram.

Roço o rosto contra o peito forte dele e rio, me sentindo mais leve do que... bem, do que nunca, talvez.

– Não. Eu tenho um plano para elas.

41

Winter

Winter: Está pronta?
Summer: Prontíssima.

Ouço os passos de três pessoas atrás de mim enquanto percorro o caminho sinuoso de tijolos até a casa que eu costumava chamar de lar. Comparada àquela onde moro com Theo, esta é espalhafatosa, exagerada. Grande e vazia. Ocupa cada centímetro quadrado de espaço no lote. As árvores são muito pequenas e novas, e dá para ouvir o barulho do trânsito vindo da rodovia próxima.

Não é Chestnut Springs.

Não é meu lar.

Quando me aproximo dos três degraus de mármore que levam à porta enorme, olho por cima do ombro. Summer está sorrindo de forma quase maníaca. Rhett está parado atrás dela, as mãos apoiadas em seus ombros.

Mas é Theo quem domina meu olhar. Como sempre.

Ele está recostado na lateral da garagem, braços cruzados. Camiseta branca lisa retesada sobre os bíceps. Jeans envolvendo suas pernas longas de um jeito que me deixa com água na boca.

Botas de combate puxadas descuidadamente por cima da calça.

Cadarços soltos.

Eu me lembro de pensar certa vez que a última coisa que eu precisava na vida era de um homem que não amarrasse os cadarços.

Isso me faz rir agora, uma risadinha leve que brota de algum lugar perto

do meu coração.

Como eu estava errada...

Sinto como se ele tivesse afrouxado cadarços em mim que eu nem percebia que estavam apertados demais.

– Você está me secando, Sininho! – exclama ele, e eu coro.

Claro que estou. Quando o conheci, achei que Theo Silva era o homem mais gostoso que já tinha visto. E ainda tenho a mesma opinião.

Ele pisca para mim.

Eu reviro os olhos.

Então me viro, vou até a porta e toco a campainha. Sei que Rob está em casa porque liguei para o hospital e pedi à minha enfermeira-chefe favorita que confirmasse. Ele demora um pouco para chegar à porta porque a casa é ridiculamente grande.

Quando atende, está usando uma camisa polo rosa e uma bermuda branca. Seu cabelo está perfeitamente penteado para cobrir o princípio de calvície.

Eu quase recuo ao vê-lo, mas não é apenas uma questão física. Rob mostrou sua verdadeira face nos últimos meses, e ela é bem feia.

Este homem é podre até os ossos.

Assim como o vaso de flores mortas e mofadas que estou segurando.

– Winter.

Ele mantém uma expressão presunçosa, até que seus olhos seguem para trás de mim e ele nota a plateia. Este é um homem que se regozijava por eu viver isolada, sem ninguém. E aqui estou eu, com pessoas que me amam e me apoiam. Que ficam ao meu lado mesmo quando não estou no meu melhor momento.

O sorriso desaparece, como uma máscara bonita escorregando de seu rosto para revelar toda a feiura por baixo.

– Oi, Rob.

Eu estendo as flores para ele, que as pega antes de olhar para baixo e perceber que estão apodrecendo. Uma folha seca cai a seus pés.

– Eu realmente já gostei dessas flores. Eram lindas. Aí eu saí da cidade com minha família por um tempo, voltei e encontrei-as assim, mofadas e podres. Me lembrei de você, então resolvi entregá-las pessoalmente.

– Você veio aqui para me dar flores mortas?

Eu sorrio. É um sorriso falso e ensaiado, que uso quando um paciente

está me irritando.

– Não, eu vim entregar o envelope que está aí na frente. – Aponto para o vaso. – Bem ali.

Rob franze o cenho, mas não faz menção de pegar o envelope.

– Summer e eu trabalhamos muito em nossos depoimentos, então espero que você também goste. Sei que a administração do hospital e o conselho médico vão adorar.

Uma pessoa normal ficaria pálida, assustada, mas Rob vai do vermelho para um roxo intenso. Não tenho certeza se já o vi tão bravo.

– Você não *ousaria*.

Sua voz é puro veneno, mas ele não me assusta mais. Eu me aproximo, empinando o queixo e estreitando os olhos enquanto arranco uma pétala morta de uma rosa e a solto, observando-a cair por terra como toda a minha lealdade a este homem.

Eu pensei que o amava, mas eu não sabia o que era amor.

Só que agora sei.

– Ah, eu ousaria. – Meu tom é frio e controlado. Cortante. – Porque você não quis prejudicar só a mim dessa vez, seu covarde nojento. Quis prejudicar a *minha* filha. O homem que eu *amo*. Minha *família*. Você foi longe demais dessa vez.

– Eu vou...

Eu não o deixo completar a frase.

– Eu não transo com você desde o dia em que descobri que você era um predador. E agora *todo mundo* vai saber.

Eu me viro e me afasto, ignorando seus xingamentos e ameaças. O som do vaso de vidro se quebrando só me faz sorrir. Sinto como se tivesse jogado uma granada naquela casa deprimente e dado o fora.

Eu me sinto livre.



A festa Vivi é perfeita.

Todos se empenharam para fazer do aniversário de 1 ano dela uma ocasião especial. Vivi está linda em seu vestido leve, de estampa de laranjas e

folhas. As decorações são hilárias. Impressas sob encomenda – cortesia de Willa –, com fotos daquilo que Vivi mais ama no mundo... Peter. E o cenário do rancho Poço dos Desejos é perfeito, assim como o clima. O calor de fim de verão é grande, mas não insuportável, e o cheiro de feno recém-cortado preenche o ar.

Rhett montou uma grande tenda branca no campo dos fundos, perto da sede do rancho, e todos que estão aqui são da família, de uma forma ou de outra.

Loretta. Os Eatons. Theo, que fica tentando carregar Vivi no colo, só que agora, além de andar, ela aprendeu a correr bem rápido e acha muito engraçado quando o pai sai correndo atrás dela. A mãe dele também se diverte com isso. Diz que ele está pagando pelo trabalho que deu quando era pequeno.

Ela nos mantém alertas.

Willa fez o bolo. Summer e Sloane cuidaram da decoração. Cade comanda a churrasqueira. Jasper joga hóquei de campo com Luke, que acabou de gritar "Ai, merda!" quando pensou que ia marcar um gol, mas Jasper defendeu. Harvey fez uma tigela de ponche com gosto de suco de fruta, mas suspeito que contenha muito mais álcool do que o necessário para uma festa de aniversário de 1 ano.

Beau ainda não apareceu.

– Harvey, quanto você colocou de álcool nesse negócio que estou bebendo?

Ele sorri; estamos os dois encostados na cerca.

– O suficiente para você relaxar.

– Relaxar? Já estou relaxada. Se eu relaxar mais, talvez acabe te entregando, para ficarmos quites.

Ele arqueia as sobrancelhas enquanto toma um gole de seu copo térmico vermelho.

– Entregando o quê?

Eu sorrio e bebo novamente.

– Esse seu casinho com a Cordelia.

Ele engasga com a bebida e eu dou um tapa em suas costas enquanto ele bate com o punho no peito.

– Calma aí. Ok, está bem, ninguém me perdoaria por matar você, então talvez seja melhor eu guardar segredo. O que não entendo é como ninguém

mais percebeu.

Harvey pigarreia e olha ao redor para o grupo de familiares e amigos. A música toca. Hambúrgueres são virados na grelha. Todos seguem muito à vontade.

– Da mesma forma que nunca notaram que Vivi é uma cópia em miniatura do pai. Não estavam prestando atenção.

Eu assinto, olhando para Theo com sua copiazinha nos braços enquanto os dois torcem para Luke fazer gol em Jasper.

– Ainda não estou pronto para contar a eles – diz Harvey, após alguns segundos de silêncio.

– Eu estava brincando.

– Parece inapropriado. Ela sendo quem é. Mas às vezes...

– Às vezes as coisas simplesmente acontecem, e a gente só se dá conta de como são certas quando já estão rolando.

Ele solta um grunhido e assente.

– Velhos também ficam à espreita para acasalar? – brinco, para quebrar a tensão.

Desta vez ele não se engasga, só inclina a cabeça para trás e gargalha.

– Garota, você realmente acabou de falar isso?

– Ei, quem fala o que quer ouve o que não quer.

Enquanto rimos, ouço pneus remexendo cascalho atrás de nós. Só reconheço o SUV Suburban preto porque Kip Hamilton dirigiu o mesmo veículo durante toda a minha vida. A cada dois anos ele troca, substituindo o carro por outro do mesmo modelo.

– Foi por isso que achei que você precisaria de uma ajudinha para relaxar.

– Humm. – Eu arqueio a sobrancelha. – Você sabia que ele viria?

Harvey dá de ombros.

– Summer mencionou durante os preparativos... Por isso botei duas garrafas de bourbon no Goró Especial do Harvey, em vez da dose habitual.

Franzo o cenho.

– Você disse *goró*?

Harvey ri, claramente adorando confundir as ideias de todos a seu redor.

– É, é assim que eu chamo.

Estou balançando a cabeça quando meu pai sai do carro. Então Theo aparece, correndo colina acima para cumprimentar Kip.

Summer se aproxima de mim, segurando Vivi.

– Tudo bem, Win?

Faço que sim, sentindo uma pontada de nervosismo revirando meu estômago. Então, bebo mais um pouco. Espero que me acalme. Vejo Theo e meu pai abrindo a porta traseira do SUV e tirando...

Arquejo.

Porque meu pai e Theo estão carregando para a festa algo que nunca pensei que voltaria a ver. Algo que jurei que tivesse se perdido, sido vendido ou apodrecido em um aterro sanitário.

Mas, em poucos instantes, eles colocam o objeto bem na minha frente, me deixando sem palavras.

Não apenas se parece com a casa de bonecas que eu tinha quando pequena.

É a casa de bonecas que eu tinha quando pequena.

Lágrimas brotam do nada e levo a mão à boca. De muitas maneiras, é apenas uma casa de bonecas. Mas, de outras, é muito mais.

Harvey pousa a mão no meu ombro, e Summer acaricia minhas costas.

– Espero que não seja um problema eu ter contado a ele – sussurra ela.

Theo sorri de um jeito maroto enquanto meu pai mal consegue encarar meus olhos marejados.

– Achei que Vivienne pudesse gostar disso.

Eu fungo, fitando meu pai, que é orgulhoso, teimoso e cheio de defeitos. Hoje, adota uma expressão humilde.

– Anos atrás, eu encontrei essa casa de bonecas no beco dos fundos quando fui levar o lixo para fora. E a guardei no depósito. Queria devolvê-la a você, mas não sabia como.

Ele me olha, e eu continuo sem palavras. Meu pai cometeu muitos erros, mas está presente aqui hoje. Ele me ajudou a encontrar uma advogada. Deixou minha mãe. Nunca lutou por mim antes, mas está lutando agora.

E eu aprendi muito sobre perdão nos últimos anos.

Especialmente sobre como é difícil perdoar a si mesmo.

– Só queria que você ficasse com ela. Considere uma oferta de paz. Não fui bom o suficiente com você... O Theo aqui me fez enxergar isso... Mas quero ser melhor. Se você também quiser, sabe onde me encontrar.

Com um sorriso nervoso, ele se vira para ir embora. Eu me identifico com ele, de certo modo. Minha versão antiga também esteve nesta posição.

Olho para minha irmã, que me perdoou tão completamente que me deu a chance de começar do zero.

E para Theo, o homem que não usou meus erros para definir o tipo de pessoa que eu era. Ele me aceitou e me permitiu começar do zero também.

– Pai! – chamo, e ele para, mas não se vira. – Por que você não fica? Experimenta um pouco do goró do Harvey. É, hã, bom para relaxar um pouco.

Uma confusão silenciosa preenche o espaço por um momento. Meu pai então me encara, um sorrisinho no canto dos lábios.

– Por que você acabou de dizer *goró*?

Eu começo a rir. O estresse, a pressão, a confusão...

Tudo parece mais suportável quando estou com minha família.



Mais tarde naquela noite, quando o sol baixa, Theo segura a minha mão e me leva para o outro lado da casa da fazenda. Nossos pés esmagam o cascalho e o zumbido da conversa amigável diminui à medida que nos afastamos de todos.

Deixamos Vivi nos braços de Kip, coberta de bolo. O avô está tão apaixonado por ela que não pareceu se importar com a bagunça.

– Para onde estamos indo?

– Ter um tempinho a sós.

– Estamos saindo de fininho para transar? – sussurro, como se alguém pudesse nos ouvir.

Theo ri, o eco em seu peito quente e reconfortante. Sua camisa social preta desliza como seda contra meu braço nu.

Ele vira a cabeça, seus olhos me percorrendo de cima a baixo enquanto passa a língua pelos lábios.

– Não estava nos planos, mas você está gostosa demais nesse vestido vermelho, Dra. Hamilton.

– Até onde vamos? Meus pés estão cansados de ficar o dia todo nessas botas – falo resmungando, mas a verdade é que não me importo.

Não preciso ser toda controlada com Theo. Ele vai me amar mesmo

quando eu estiver sendo chata e resmungona. Hoje estou cansada, sobrecarregada e me sentindo um pouco exausta.

Ele se vira de repente, me pegando em seus braços enquanto eu grito e o envolvo pelo pescoço.

– Estamos indo para o mesmo lugar, lá na entrada, onde você me deu um esporro, quase dois anos atrás.

Eu rio e deixo que ele me carregue até que estejamos em frente à casa da fazenda.

Bem onde eu enfiei minhas chaves entre os dedos e explodi com ele.

Bem onde tudo começou.

Theo me coloca no chão enquanto olho ao redor da propriedade. Estava frio, escuro e cheio de neve naquela noite. E eu estava estressada.

Mas esta noite está quente, com uma luminosidade dourada. O céu está rosa-claro. Meus pés estão me matando, mas estou feliz.

E quando olho de volta para Theo, vejo que agora ele está de joelhos.

Segurando uma caixinha de veludo azul com um deslumbrante anel de diamante em forma de lágrima, que brilha sob o céu rosado.

E eu congelo.

Theo ri.

– Eu sei que parece cedo, mas me escute.

Eu faço que sim, tensa. Não parece cedo. Parece um sonho.

– Eu estava exatamente neste lugar quando você me deu a melhor e mais sexy surra verbal da minha vida. Ficou aí me lançando olhares raivosos e desaforos. Eu pensei que nunca tinha visto uma mulher mais impressionante e temperamental na vida. Você foi... bem... você foi meio má. Mas eu gostei da sua coragem. Essa foi a noite em que eu soube que queria você.

Lágrimas enchem meus olhos de novo.

– Essa foi a noite em que eu disse ao meu amigo que achava que estava apaixonado por você. E eu não tinha ideia de como estava certo. – Ele baixa timidamente o olhar por um momento. – Eu fui chato e implicante. Fiquei te provocando porque gostei do seu jeito de responder. Gostei de *você*.

Uma risadinha chorosa me escapa. Só Theo Silva poderia ter gostado de mim naquela noite.

– Naquela noite, todas as melhores coisas deste mundo surgiram. Você. Vivi. Nós.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, e eu ergo a mão, assentindo enquanto a enxugo. Ele está certo. Aquela noite mudou o mundo.

O nosso mundo.

– Naquela noite, eu percebi que nunca te esqueceria. Tempo, distância, nada disso importava. Naquela noite, eu soube que não haveria ninguém como você. Eu tive muita certeza disso. Deu para sentir nos meus ossos. Ainda sinto.

Eu não consigo mais segurar as lágrimas, então as deixo cair. Aceito que não é nenhuma doença.

É felicidade.

Eu caio de joelhos, querendo olhar de frente para o rosto desse homem. O homem que nunca me tratou como se eu precisasse ser salva, mas me salvou. Toco sua face e ele dá um beijo na minha mão antes de prosseguir.

– Naquela noite, nós fomos imprudentes. – A voz dele falha. – Mas, meu Deus, eu seria imprudente com você mil vezes, se fosse para acabar aqui.

Essa frase. Esse homem. É como se antes faltasse algo dentro de mim. Como se eu não estivesse inteira até ele aparecer.

– Sim.

Eu estendo a mão para o anel.

– Eu ainda nem fiz a pergunta.

A risada dele soa rouca. Chorosa também.

– Nem precisa. A resposta é sim.

Ele solta a caixa e desliza o anel pelo meu dedo com mãos trêmulas.

Nós olhamos para a minha mão por um momento. Só nós dois.

– Winter Hamilton, você quer se casar comigo?

Eu sorrio em meio às lágrimas.

– Odiaria fazer de você um mentiroso, depois de todo esse tempo que andou dizendo às pessoas que vai se casar comigo.

Ele me dá uma piscadela.

– Quando a gente sabe, a gente sabe.

E, dessa vez, eu não reviro os olhos. Eu o beijo.

Eu o beijo até que não haja nada além de seus lábios nos meus, suas mãos no meu cabelo e seu anel no meu dedo.

Epílogo

Theo

Oito meses depois...

– Cadê a Vivi?

Winter e eu saímos do vestiário, lado a lado. É a última noite do campeonato mundial.

A joia da coroa que busquei durante toda a minha carreira e que sempre me escapou. A que vim tentando conquistar com garra este ano, depois de me recuperar de uma lesão.

– Na arquibancada, com sua mãe e o pessoal.

Ela olha para sua prancheta, toda profissional.

– Dra. Hamilton? – chama um dos caras de um banco, ao passarmos. Quando nos viramos, ele levanta a mão, cujo polegar está apontando na direção errada. – A senhora acha que eu devia ir para o hospital? Ou dá para consertar isso aqui mesmo?

– Bem, Jude, acho que seu polegar está quebrado e você provavelmente vai precisar de cirurgia.

– Mas eu não quero perder as últimas montarias. Tenho que ver nosso garoto aqui ganhar tudo, tudo.

Jude sorri para mim, como o doido que é. Winter suspira, verificando o relógio.

– Vocês são todos uns malucos – murmura ela, antes de olhar para mim. – Te encontro lá em um minutinho.

Eu sorrio e dou uma piscadela para ela.

– Claro, doutora.

Vejo-a revirar os olhos uma última vez ao falar com Jude de forma prática sobre danos nos ligamentos, talas e analgésicos.

Cair na estrada tem sido muito mais agradável desde que Winter assumiu o cargo de médica da competição. Claro, isso significa que ela está constantemente remendando um bando de peões idiotas, mas todos eles adoram Winter e sua abordagem prática.

E eu adoro estar com ela e Vivi em todos os eventos. A turma toda está aqui em Las Vegas para as finais, o que significa que Vivi está na arquibancada. Os caras já quase a acolheram como uma das nossas. Ela fica nos bastidores com um bando de caubóis, então é quase certo que vai xingar feito um caminhoneiro quando crescer. Sem falar que vai ter um bando de tios protetores.

Já sinto pena de qualquer garoto que venha se engraçar para cima dela.

Eu rio sozinho enquanto caminho pelo longo corredor, calmo e sereno, considerando o desafio que me aguarda.

As luzes se acendem e o rugido da multidão fica mais alto conforme me aproximo da arena. Rhett está lá, esperando. Acho que está mais nervoso do que eu.

Mas estou com um bom pressentimento. A mesma sensação que tive na noite em que conheci Winter.

Como se eu soubesse. Um instinto.

Esta noite é minha.

– Pronto? – pergunta Rhett, que me dá um tapinha nas costas enquanto me aproximo do painel.

– Estou.

– Você sabe que só um caubói já ficou em cima desse touro pelos oito segundos, né?

Eu rio, porque só sendo pelo menos um pouco maluco para ganhar a vida desse jeito.

– Agora vão ser dois.

Rhett assente, queixo retesado.

– Então você vai...

– Rhett. – Eu aperto o ombro do meu amigo. Do meu mentor. – Eu não poderia ter pedido um treinador melhor. Obrigado por tudo o que você fez.

Mas... – Olho para a arquibancada e tento entender o sentimento de familiaridade que me consome. – Eu só quero curtir essa noite.

Ele assente, dá um tapa no meu ombro e se afasta, me dando o espaço de que preciso.

Cumpro a minha rotina num transe. Realizo todas as etapas. Não preciso procurar Winter, porque sei que ela está aqui. Juro que é como se pudesse senti-la por perto. Mesmo sem vê-la, sei onde ela está, exatamente em qual painel da cerca ela gosta de se sentar para me assistir.

Vivi está aqui. Minha mãe. Meus amigos. Juro que meu pai também está.

E, de repente, este estádio parece muito meu lar. Como se cada pessoa que amo estivesse aqui para torcer por mim. Como se, depois de anos seguindo por conta própria, eu não estivesse mais sozinho.

A montaria é uma colagem de imagens que piscam diante dos meus olhos. A corda. Minha mão. O portão. Uma corcoveada. Um giro. Minha mente está vazia. Tudo o que vejo é a fivela que estou prestes a ganhar.

Tudo o que sei é que a coisa que jurei ganhar desde menino está prestes a ser minha.

Tudo o que sei é que quando salto das costas daquele touro e jogo meu capacete para o alto, Winter está em meus braços antes mesmo de o capacete chegar ao chão.

Tudo o que sei é que essa vitória só é a coisa mais importante por alguns momentos. Porque então Winter sussurra em meu ouvido:

– Espero que você esteja pronto para ser pai de novo, porque temos outra copiazinha sua a caminho.

E nada é mais importante do que *nós*.

CENA BÔNUS

Harvey

– Posso lhe oferecer uma dose do Goró Especial do Harvey, em vez do nosso uísque favorito?

Cordelia está jogada no balanço do alpendre, parecendo um pouco mais desgrenhada do que o normal. Suponho que, a esta altura da vida, minha patricinha da cidade não se imaginasse numa festa de aniversário de 1 ano num rancho.

Ela vira a cabeça no encosto para me olhar.

– Sloane e Jasper precisam ter filhos logo, ou eu vou ficar velha demais para brincar com eles. Estou ficando *velha*, Harvey.

Seus olhos estão brilhando e, de repente, chegar aqui carregando dois copos descartáveis vermelhos com o ponche que sobrou da festa me parece terrivelmente imaturo. Levo um segundo para processar suas palavras, então dou um passo à frente, coloco as bebidas na mureta da varanda e vou me sentar a seu lado.

– Cordy, venha cá – digo simplesmente, levantando um braço e aninhando seu corpo esguio no meu.

Eu a ouço fungar enquanto se enrosca em mim. Faz quase um ano que a gente vem se sentar juntos neste alpendre. O que começou como duas pessoas tristes se esforçando muito para não roçar as mãos nem esbarrar os joelhos se transformou em um dos amores mais tranquilos e reconfortantes que já conheci.

Eu não disse isso a ela. Ainda não. Mas é verdade.

Ela se aconchega mais e volta a fungar.

– O que houve, querida? – pergunto, roçando a barba por fazer em seu cabelo loiro já grisalho algumas vezes antes de dar um beijo em sua testa.

– Estou ficando velha. Viu todo mundo junto hoje? Estão todos noivando, tendo bebês e construindo casas juntos. E eu sinto como se tivesse *acabado* de passar por isso. Como se tivesse piscado e acabado aqui. Velha. Desperdicei tantos anos presa em uma vida que odiava, desempenhando o papel de Esposa Perfeita. E hoje fiquei vendo Winter. Uma mulher que mal conheço, que escapou dessa ainda jovem, e fiquei muito feliz por ela. – Sua voz falha. – Mas também fiquei com inveja. Isso não é horrível da minha parte?

– Cordy, você não está velha.

Ela balança a cabeça e solta uma risada rouca.

– Ela está aí agarrando o touro pelos chifres, e eu ainda estou aqui, me escondendo.

Respiro fundo, refletindo sobre suas palavras enquanto olho para o rancho da família. O rancho que pertenceu a meu pai. Que um dia pertencerá a meus filhos.

– Eu não tenho muitos arrependimentos.

Ela arfa.

– Claro que não. Você é como um eterno raio de sol. Copo meio cheio. Poderia viver numa dieta baseada apenas em bacon e ser perfeitamente feliz.

– Em minha defesa, bacon é delicioso. Devia ser um grupo alimentar por si só.

Ela bate levemente no meu peito, então deixa a mão ali. Dedos abertos sobre meu coração.

– Não, porque você precisa manter esse coração saudável. Eu ficaria terrivelmente infeliz sem você por perto. E finalmente estou feliz.

– É por isso que eu como seu salmão no vapor sem sal, Cordy. Estou feliz com você também. E ficaria terrivelmente triste em deixá-la para trás quando acabamos de ficar juntos.

Ela acaricia suavemente minha camisa, unhas perfeitamente feitas me arranhando como se ela estivesse coçando atrás das orelhas de um cachorro.

– E por falar nisso... – começo, notando como ela levanta a cabeça, seus olhos azuis cristalinos mergulhando direto nos meus enquanto o sol se põe no horizonte atrás dela, pintando o céu de rosa, roxo e dourado. – Winter

descobriu.

Ela se endireita um pouco, mas não se afasta. Em vez disso, encolhe as pernas e permanece junto a mim.

– Pode explicar melhor?

– Estamos vivendo sob o mesmo teto há mais de um ano. Vamos ter que contar a todos em algum momento.

– Não quero que todos me odeiem. Preciso, não sei... de um plano para dar a notícia. Talvez só dar uma ou outra deixa, para começar.

Seu suspiro é aflito. Nós temos adiado ao máximo a hora de contar às crianças sobre nós. Não importa que, de acordo com minha pesquisa no Google, seja comum acabar com o irmão ou irmã do cônjuge falecido. Não importa que já tenham se passado trinta anos desde que Isabelle morreu. Ainda nos preocupamos com o que vão pensar, e permanecer nesta pequena bolha é seguro.

Verdade seja dita, não sei como Winter foi a única a reparar. Isso me faz pensar que meus próprios filhos talvez tenham sido desprivilegiados pela inteligência. Bonitos, mas burros. É uma pena.

– Bem, se seu plano é ficar me comendo com os olhos casualmente toda vez que estivermos perto deles, eu diria que está funcionando – digo.

– Eu não te como com os olhos!

Meu corpo se sacode em uma risada silenciosa. Eu me divirto quando deixo a comportada Cordelia toda eriçada.

– Come, sim. Você e seus olhares sedutores praticamente nos entregaram de bandeja na festa de aniversário, hoje.

Com o nariz empinado orgulhosamente, ela responde:

– Você é muito engraçadinho, Harvey Eaton.

– É mesmo? Eu podia jurar que você estava me encarando toda excitada enquanto forçava a língua na bochecha naquele sinal universal de *quero te fazer um boquete*.

– Tinha comida agarrada nos meus dentes! – Ela se afasta um pouquinho, principalmente para dedicar toda sua linguagem corporal a demonstrar ultraje diante da minha acusação. – Eu *não* estava fazendo isso, e você sabe muito bem.

Dou um sorrisinho. O que a deixa ainda mais enfurecida.

Pelo menos, ela não está mais se martirizando. Prefiro que se poupe, e me martirize.

– Eu *nunca* faria uma coisa dessas numa festa de criança!

– Não, eu sei. Seria terrivelmente inapropriado. Imaginei que seu sinal significasse um boquete *depois*. Por isso que trouxe o goró, para entrarmos no clima.

Comprimo os lábios com força para não cair na gargalhada.

– Por favor, diga que você está brincando. Odiaria que alguém pensasse uma coisa dessas.

– Que você queria me fazer um boquete? Que grosseria, Cordy.

Cordelia me encara, séria, então a ficha começa a cair. Ela ergue o pulso e exibe seu Apple Watch falante entre nós.

– Siri – chama ela com firmeza, me olhando com raiva. – Em que idade os homens atingem a completa maturidade?

Eu arfo, depois solto a gargalhada que estava me esforçando para conter.

– *Aqui está o que encontrei* – responde a assustadora voz de computador.

Em seguida, algumas frases aparecem na tela. Estão fora do contexto do resto do artigo, por causa do tamanho da tela, mas dizem:

... os homens só podem alcançar a plena maturidade depois do completo desenvolvimento de seu cérebro.

Cordelia se vira para mim, olhos arregalados, rosto sério, completamente ciente de que eu estava de sacanagem com ela.

– Caramba, Harv, quando será que seu cérebro finalmente vai terminar de se desenvolver?

Eu pisco para ela.

– Acho que não somos tão velhos assim, afinal.

Ela sorri, inclinando-se para roçar os lábios nos meus, as mãos tocando meu rosto enquanto as pontas de seus dedos roçam minha barba por fazer.

Então ela sussurra:

– O que você pensaria de mim se eu dissesse que espero que seu cérebro nunca amadureça?

– Oi, filho! – exclamo quando ouço a porta dos fundos se abrir e fechar.

– Pai?

– O primeiro e único.

– Graças a Deus. O mundo só consegue lidar com um Harvey Eaton.

Eu reprimo um sorriso para o meu filho mais velho, que começou a implicar comigo antes mesmo de me ver.

– O que você está fazendo aqui?

Eu o ensinei a não sair gritando pela casa, mas aqui estamos nós. Gritando pela casa.

– Café da manhã.

Eu viro o bacon meticulosamente e o ouço tirar as botas, mas não desvio os olhos da panela. Seu corpo grande preenche a porta e, quando dou uma espiada, Cade está me olhando de cara feia. Braços cruzados sobre a camiseta preta, e as sobrancelhas formando uma taturana na cara. Se eu não soubesse que existe um grande coração mole por trás dessa aparência de babaca, eu ficaria preocupado com essa cara dele.

– Por que diabos você está sem camisa? – pergunta Cade.

Eu olho para baixo.

– Não queria que o bacon respingasse na minha camisa limpa.

Willa, sentada com Emma no sofá, solta uma risadinha.

– Então é melhor que a gordura quente respingue na sua pele?

Eu apenas dou de ombros.

– Mas eu nem sinto. Não tenho culpa de ser tão durão, nem de você ter a pele toda macia e sensível.

– Pelo amor de Deus – resmunga ele, o ombro apoiado no batente da porta.

– Willa não reclamou quando tirei a camisa. O pai tá *on*.

– Haaaarrrvvveeeeeyyyy.

Willa recosta a cabeça no sofá e posso ver seu corpo se sacudindo de tanto rir logo além da ilha da cozinha. Quando olho para meu filho, noto que nem ele consegue deixar de esboçar um sorriso e achar graça.

– Pelo amor de Deus de novo, pai. Por que você está aqui?

– Não posso visitar meu filho?

– Pode, mas você nunca vem me visitar em casa sem avisar, só para fazer bacon para mim – diz ele enquanto entra na cozinha, pega um pedaço da panela e coloca todo na boca.

– Machucou seus dedinhos delicados?

Ele bufa, mas não responde.

– Bacon poderia ser um grupo alimentar por si só, não poderia? – pergunto, observando-o mastigar.

Fingindo que sinto o gosto da gordura crocante e salgada na minha própria boca.

– Obviamente. Mas isso não explica por que você está aqui...

– Cade. Não seja chato. Eu quero bacon. Sua filha quer bacon. Não nos prive de bacon – interrompe Willa.

A recepção dela se tornou muito mais calorosa quando me ofereci para preparar o café da manhã. Na verdade, foi totalmente hospitaleira.

– Ruiva, você não tem limites. Só porque moramos no mesmo rancho, não significa que ele pode simplesmente aparecer quando quiser.

Ela nem olha para Cade, concentrada em alguma novela turca na TV.

– Sinceramente, eu deixaria até um completo desconhecido entrar em casa se ele se oferecesse para me fazer bacon. É o equivalente adulto de aceitar bala de estranhos.

Cade bufa enquanto Willa acrescenta:

– Na verdade, tenho quase certeza de que eu também cairia na armadilha de aceitar bala de estranhos.

– Muito reconfortante, Ruiva. Combina com a garota que deixou cair uma calcinha e estava cheirando a cerveja no dia em que a conheci.

Ela vira a cabeça para encará-lo e abre um sorriso enorme, radiante.

– Você me ama.

Deus, eu amo que meu garoto tenha encontrado alguém que olhe para ele *desse jeito*. Ele corresponde ao sorriso dela com a maior facilidade... a maior liberdade. Nunca vou me cansar de vê-lo assim, depois de tantos anos de infelicidade.

– Você sabe muito bem disso, garota.

Cade se acomoda em um banquinho na ilha da cozinha enquanto eu sirvo o bacon e quebro alguns ovos.

– Crianças, como vocês querem a gema?

– Mole – respondem todos em uníssono.

– Dois para cada um?

– Sim, senhor! – responde Willa, entusiasmada.

Mas é Cade quem chama minha atenção.

– Pai, você está morrendo?

– O quê? – pergunto, incrédulo.

– Você está estranho. O que está acontecendo?

Fico tenso; pigarreio. Vim aqui pensando em contar a ele sobre Cordelia. Imaginei que seria mais fácil começar pelo cara que se apaixonou pela babá do próprio filho. Só para molhar a pontinha do pé na parte rasa da piscina. Mas, uma vez aqui, tenho menos certeza se devo contar.

– Só queria passar um tempo com você. Conversar.

Cade inclina a cabeça, a testa franzida novamente. Ele me analisa como se eu fosse seu filho tentando fazê-lo engolir uma mentira.

– Sobre o quê?

Dou de ombros.

– Tanto faz. Qualquer coisa.

Merda. Estou amarelando a olhos vistos. Esfrego minha barba por fazer e me arrisco a espiar meu filho e seu olhar de laser. Ele me examina de cima a baixo, como se procurasse algum sinal de doença.

– Você parece ter perdido peso – comenta ele.

– Meu Deus, garoto. Eu não estou morrendo. Estou saudável como um cavalo. Eu tinha um pouco de peso sobrando, está tudo bem.

– Certo – responde ele, cauteloso, os dedos tamborilando no balcão de mármore.

Não acho que esteja muito convencido. Eu viro os ovos rapidamente, obtendo o ponto perfeito de cozimento, então deslizo um prato para ele.

Cade contempla a comida e então olha de volta para mim.

– Você não vai comer?

– Não posso. – Dou um tapinha na minha barriga. – Trabalhando no meu tanquinho.

– Isso aí, Harv! Está certíssimo, seu conquistador – diz Willa, caminhando até a cozinha com Emma apoiada no quadril.

Cade parece incerto, mesmo quando Willa se senta no banco ao lado dele.

– Você acabou de dizer que bacon poderia ser um grupo alimentar.

– Ah, e poderia mesmo. – Faço um sinal afirmativo. – Sem dúvida.

– Mas não vai comer?

– Ah, não. Faz mal para o coração. Cordy quer que eu continue por aqui por mais algum tempo.

As palavras me escapam sem que eu pense muito. Sem que eu consiga impedi-las. Cade e Willa me encaram com olhos arregalados. Completamente imóveis.

– Porque... – Olho para os dois. Me sinto um adolescente que foi pego saindo escondido à noite ou algo assim. – Porque eu praticamente não cobro aluguel. Bem... na verdade, não cobro. É de graça. Sou um ótimo senhorio.

Willa ergue as sobrancelhas ao mesmo tempo que Cade baixa as dele.

– E somos uma família. E... – Esfrego as mãos, tentando agir de maneira casual e falhando miseravelmente. – E a família cuida dos seus. É por isso que estou aqui, alimentando vocês.

Cade está assustadoramente imóvel, me avaliando com desconfiança. Willa apenas ri enquanto coloca um pedaço de bacon na boca.

– Você é um péssimo mentiroso, Harvey Eaton.

Eu disfarço dando uma risada e volto para a cozinha para arrumar a bagunça que fiz – a que dá para resolver. Deixo o assunto de lado rapidinho.

Cade e Willa começam a conversar atrás de mim, e eu olho para uma fatia de bacon, pensando que um pedacinho não faria mal. Não teria problema. Cordelia nem saberia.

Eu ficaria terrivelmente infeliz sem você por perto.

As palavras de Cordelia surgem na minha mente. O carinho. Sua maneira de dizer que sou importante para ela.

Percebo que nós somos muito confiantes, sob alguns aspectos, mas ainda damos voltas para tratar de várias coisas.

Percebo que estou guardando mais segredos do que gostaria.

Percebo, enquanto me afasto da panela e pego meu celular no balcão, que amo Cordelia mais do que amo bacon.

Acho que é por isso que abro nossas mensagens e digo isso a ela.

Harvey: Eu te amo, Cordelia.

Clico em "enviar" sem nem me dar um tempo para pensar demais. Sou adulto. Posso agarrar o touro pelos chifres. Ser direto. Não preciso de permissão para saber que estou fazendo a coisa certa.

Eu já sei disso em meu âmago.

Minutos depois, sei disso em meu coração também.

Cordy: Não acredito que você me disse isso por mensagem.
Cordy: Mas eu também te amo, Harvey.

Eu sorrio como um idiota enquanto olho para meu celular. Traçando cada letra, me deleitando com a sensação calorosa que se espalha pelo meu peito. Algo que eu não sentia há muito, muito tempo.

Então, dou uma última olhada na panela e pego minha camisa em vez das fatias de bacon frito.

Uma dieta só de bacon não é mais o que eu quero.

O que eu quero é Cordelia.

AGRADECIMENTOS

Acho que nunca escrevi uma personagem com quem tenha me identificado mais do que Winter. A maternidade é uma loucura e, embora eu tenha tido o marido mais incrível e solidário comigo desde o começo, ainda tive dias em que quis me esconder em um armário e chorar. Mães solo: vocês são verdadeiras heroínas. Sério, aplausos de pé para vocês.

Dito isso, este livro não teria surgido sem o apoio de algumas pessoas realmente incríveis na minha vida. Meus maiores agradecimentos vão para...

Sr. Silver, sempre agradecerei a você primeiro, porque você acorda às 5h e me faz café toda manhã antes mesmo de eu sair da cama, para que eu possa cambalear para o meu escritório e escrever. Nem sei se conseguiria fazer isso sem esse ritual diário. Você é meu porto seguro e meu barista favorito.

Um agradecimento especial ao meu filho, cuja diversão favorita atualmente é me chamar de *Elsie Shrimp*. Pensando bem, não tem tanta graça, mas mesmo assim me faz rir toda vez, então merece ser imortalizada. Você tem só 7 anos e me faz rir todo dia, e há algo de muito especial nisso.

Meus pais, que são sempre meus maiores apoiadores. Obrigada pelo amor e pela torcida, mesmo quando eu me perco no meu mundinho de escritora e passo dias sumida.

Catherine Cowles... essas ereções por estresse são para você! Prometi que colocaria isso em um livro e, olha só, eu *cumpri*. Você é uma mentora incrível e uma amiga ainda melhor. Sou muito grata. E, se alguém estiver curioso, a história foi que eu envio a Catherine um número perturbador de mensagens de voz diariamente, e numa delas eu relatei que meu cachorro

costuma ter ereções por estresse.

Kandi e Lena, minhas Spicy Sprint Sluts, vocês tornam fácil escrever esses livros. E muito menos solitário. Acordar com suas mensagens é *sempre* maravilhoso.

Minha assistente, Krista, que praticamente comanda minha vida. Ninguém fica melhor de meia arrastão que você. Além disso, você é um exemplo para mim.

Stephanie e Kody, que completam o #timeelsie e me ajudam a lidar com todas as minhas redes sociais. Vocês são meus heróis!

A Echo Grayce, minha designer de capa incrivelmente talentosa, que não ficou irritada comigo quando mudei e ajustei um milhão de coisas nessas capas – obrigada! Elas são realmente lindíssimas.

Paula, minha extraordinária editora. Que me dá tapinhas nas costas profissionalmente. Que também ama manteiga. Nunca me deixe. Porque eu *vou atrás de você*.

Minha editora de conteúdo, Júlia. Seus insights são de outro nível, e fingir que tinha ligado para o número errado ao me enviar mensagens de voz detalhando as cenas de sexo neste livro me trouxe grande alegria e foi realmente um ponto alto neste processo de produção. Obrigada por me aguentar.

Para minha revisora, leitora beta e... nossa, o que você não faz? Letícia, este livro é muito melhor por ter passado pelas suas mãos. Obrigada.

Para minhas meninas beta que sempre me matam de rir durante suas leituras. Trinity, Josette, Amy, vocês são todas maravilhosas, obrigada por me presentearem com seu tempo e suas opiniões. Gosto muito de todas vocês.

Saudações para minha agente, Kimberly Brower, que fez tanto por esses livros e esta série. Tenho muita sorte de ter você. Obrigada por todo seu trabalho duro.

Rebekah West, minha editora na Piatkus, eu gostei demais de trabalhar com você neste livro. Obrigada por acreditar tanto em mim. Me sinto infinitamente lisonjeada por todo seu apoio.

Finalmente, para os resenhistas e vendedores deste livro... Eu nem sei por onde começar. Vocês fazem uma diferença maior do que podem imaginar. Cada postagem me faz sorrir, cada avaliação tem um impacto. Não importa quantos seguidores vocês têm, vocês são todos maravilhosos e

merecedores, e eu sou grata por cada um mais do que imaginam. Obrigada por me ajudarem a construir esta carreira.

Leia a seguir um trecho do próximo livro da série

CHESTNUT SPRINGS • 5

Sem Saída



Era para ser um noivado de aparência…
Mas me apaixonei de verdade.

1

Beau

Achei que encher o saco do meu irmão e dar o fora me fariam sentir alguma coisa.

Mas me enganei.

Agir como um idiota raivoso quando deveria ajudar um amigo da família a se mudar para a casa nova? Nenhuma graça.

Enquanto caminho pela rua principal de Chestnut Springs, meus dedos se cravam nas palmas das mãos, as unhas afundando na pele.

Também não sinto isso.

Só me sinto cansado.

Mas não cansado o suficiente para dormir.

A buzina de um trem soa e fico paralisado. Durante anos, eu escondi que barulhos altos me assustam, mas dessa vez é diferente.

Seria de esperar que eu escolhesse entre lutar, fugir ou congelar, mas nesses dias eu paro.

Pausa.

Espero sentir algum tipo de emoção. Medo, ansiedade, decepção.

Mas nesses dias, não sinto nada.

Dou meia-volta na esquina da Rosewood com a Elm para ver o trem passar soltando fumaça. Seguindo o caminho. De um lado para o outro. Do ponto A ao ponto B. Carregar. Descarregar. Esperar a noite passar. Começar de novo.

– Eu sou um trem – murmuro enquanto olho para as rodas esmagando

os trilhos.

Eu trabalho o dia inteiro no rancho porque é o que devo fazer. Eu sigo o fluxo. E detesto cada segundo.

Uma mulher passa por mim empurrando um carrinho de bebê e me lança um olhar confuso. Depois, fica surpresa quando me reconhece. Pode ser que lembre de mim do ensino médio, mas isso valeria para qualquer pessoa nesta cidade que tenha nascido com poucos anos de diferença.

– Ah, Beau! Desculpe, não te reconheci por um segundo.

Provavelmente porque não corto o cabelo há meses.

Não lembro o nome dela, então dou um sorriso forçado.

– Não se preocupe. Estou bloqueando a faixa de pedestres, não é? Aqui...

Estico o braço para apertar o botão de travessia para ela.

A mulher de quem não consigo lembrar me lança um sorriso agradecido, ajeitando uma bolsa no ombro enquanto tenta segurar o carrinho transbordando de coisas.

– Obrigada! É bom ver você por aqui. Você deixou a cidade inteira preocupada por algumas semanas.

Eu me esforço para manter o sorriso no rosto. Sim, eu era da JTF2, a força de operações especiais de elite do Canadá. Sim, eu conscientemente deixei de pegar o transporte para salvar um prisioneiro de guerra. Sim, passei algumas semanas desaparecido e estava em péssimo estado quando me encontraram.

Ainda estou em péssimo estado.

As pessoas adoram falar no assunto.

Você nos deu um belo de um susto.

Tente pegar sua carona da próxima vez, hein?

Aposto que está adorando receber toda essa atenção.

É quando acham que não estou ouvindo que os comentários se tornam menos bem-humorados e ficam mais parecidos com punhaladas nas costas.

Parece que ele vai surtar a qualquer momento.

Nem o terapeuta conseguiu dar jeito nele.

O que eu chamo de estúpido, ele chama de heroico.

Eu sei que todos têm boas intenções, mas a maneira como expressam seu interesse me incomoda. Como se ficar preso em território inimigo tivesse alguma coisa a ver com eles. Como se eu tivesse assustado as pessoas de propósito ou simplesmente decidido não atender o telefone. Os civis não

conseguem entender toda merda que eu vi, as decisões que fui obrigado a tomar.

Então eu os ignoro.

– É incrível o apoio que a gente recebe em uma cidade pequena – resolvo dizer em vez do que realmente penso.

Ser o verdadeiro eu, o novo eu, só deixaria as pessoas desconfortáveis.

– Bem, você tem apoio de sobra.

Com um aceno gentil, ela se vira e atravessa a rua.

Eu desvio o olhar, sem querer segui-la, mas também sem saber para onde estou indo. Na direção oposta, eu acho.

É quando meus olhos encontram o The Railspur, o melhor bar de Chestnut Springs.

Não importa que o céu esteja azul e o sol brilhe em uma linda tarde de verão. Não importa que eu tenha irritado meu irmão Rhett. Não importa que um amigo precise da minha ajuda para descarregar móveis a alguns quarteirões de distância.

Neste momento, o bar da cidade parece um esconderijo bom para caramba.

E uma bebida também não parece má ideia.



– Gary, se você não diminuir o ritmo, vou pegar suas chaves.

O homem mais velho, de rosto avermelhado, zomba do aviso de Bailey quando eu puxo um banco perto dele. Eu viro o assento de modo que um cotovelo repouse no bar e eu fique de frente para a porta. Pode ser apenas mais um bar de cidade pequena, mas as reformas deram a ele um toque de sofisticação de que gosto. A decoração western preenche o ambiente, um lustre em formato de roda de carroça pende sobre pisos de madeira polida e copos de vidro que lembram potes de conserva dão um toque rústico.

– Não sei quando você ficou tão atrevida – resmunga ele, tirando o copo de cerveja da boca. – Você mal falava com as pessoas. Agora está o tempo todo me dando ordens.

O cabelo lustroso, quase preto, balança sobre os ombros bronzeados de

Bailey Jansen. Ela está de costas para nós enquanto se abaixa para tirar copos da pequena máquina de lavar atrás do bar.

– Agora eu sou assim. E você bem que precisa de alguém te dando ordens. Sentado aqui, me assediando todos os dias.

– Eu não faço isso. Sou perfeitamente legal com você. Um dos poucos que são, na minha opinião.

Ela se vira agora, toalha branca na mão, para apontar para seu único cliente no bar tranquilo.

– Você é mesmo. E é por considerar você um amigo que eu digo todo dia que você bebe demais.

Seu olhar se fixa no meu, olhos escuros se arregalando de surpresa, como se ela não tivesse me ouvido chegar por causa da música country e do zumbido da máquina de lavar louça.

– Se eu parar, você vai ficar sem trabalho. E talvez fique até sem um amigo.

Gary está falando como se não tivesse percebido minha presença, mas ela responde sem tirar os olhos de mim.

– Eu vou sobreviver, Gary – Ela faz uma pausa, a ponta da língua surgindo entre os lábios.

Lábios carnudos e brilhantes.

– Beau Eaton. Que bom ver você.

O homem se vira, agora ciente da minha presença.

– Bom, caramba, esse aí é o Beau Eaton, não é? Um sujeito grandão, não é? – balbucia Gary, e a mão livre de Bailey avança para surrupiar as chaves que estavam no balcão.

Gary fecha os olhos e resmunga.

– Todo santo dia.

– É. Todo santo dia. – Ela enfia as chaves no bolso de trás e então se vira para a máquina de lavar, onde os copos estão acumulados. – Beau, o que você quer? Está com alguém? Provavelmente quer seu sofá favorito, certo?

Eu engulo em seco e olho para o sofá onde meus irmãos, amigos e eu já aproveitamos tantas noites. Parece que uma versão diferente de mim se sentava ali. O novo Beau se senta no balcão diante da vizinha tímida que usa calças Levi's como ninguém.

Junto do bêbado triste da cidade.

– Não, só eu hoje. Vou querer o que o Gary estiver tomando.

– Uma Buddyz Best para o herói da cidade!

Gary dá um tapa no balcão, e eu estremeço com o barulho repentino. Com o rótulo. Eu vou acabar sendo esmagado pelo peso de ser colocado em um pedestal por todos. Todo mundo está *sempre* me observando.

Eu fito sua mão envelhecida, rente à madeira polida do balcão. Meus olhos se fecham por um momento e eu passo a língua na parte de trás dos dentes para não ranger os molares. Quando ergo os olhos, me forçando a agir de forma casual, Bailey está com a testa franzida, íris escuras perfurando meu rosto como se ela tivesse entendido tudo. Meu sorriso sem graça, forçado, não parece impressioná-la. Na verdade, antes que se vire para me servir uma cerveja espumante, ela balança a cabeça sutilmente, como se estivesse desapontada.

Volto a olhar para ela com atenção e quebro a cabeça para lembrar a última vez que a vi. Ela sempre foi a doce e tímida Bailey Jansen. Infelizmente, nascida na família menos respeitada da cidade. O pai e os irmãos se envolveram em tudo – drogas, prisão, roubo – e a mãe fugiu anos atrás.

Pior de tudo, o terreno deles é ao lado do nosso. Eu posso ver da minha casa no rancho, do outro lado do rio, a cerca de arame farpado que coloquei, para que aqueles idiotas saibam onde dar meia-volta.

Mas sempre achei Bailey diferente.

E sempre me senti mal por ela, um desejo de protegê-la, à distância. Os olhares, os sussurros. Imagino que deva ser brutal viver em uma cidade pequena onde quase todos os moradores têm uma história para contar sobre sua família. Então eu sempre fui legal com ela. Eu gosto dela – não tenho razão para não gostar –, mesmo sem conhecê-la direito.

Ela trabalha no The Railspur há anos; eu só... não consigo lembrar quantos. Só sei que agora me chama a atenção a maneira como sua camiseta está se levantando, mostrando um pouco de pele em sua barriga lisa. Sem contar seus seios perfeitamente redondos, que caberiam tão bem em minhas mãos.

– Há quanto tempo você trabalha aqui, Bailey? – pergunto, notando seus ombros ficarem um pouco tensos.

Ela pigarreia.

– Há pouco mais de quatro anos. Comecei aos dezoito.

Vinte e dois.

Porra. Tenho trinta e cinco, o que significa que eu já era adolescente quando... afasto o pensamento e baixo o olhar quando ela joga um porta-copos na minha frente, seguido por uma cerveja dourada, com espuma branca transbordando.

– Obrigada – resmungo, passando a mão pelo cabelo.

– Mm-hmm – é tudo o que ela diz.

Desde que voltei, Bailey é a única pessoa na cidade que não se desdobra para me chamar de herói. Não fica me olhando boquiaberta, como se eu fosse um animal raro em um zoológico.

Ela trabalha em silêncio e tento evitar olhar em sua direção, me perguntando por que ela interrompeu a conversa despreocupada no momento em que me sentei no bar.

– Desaparecido por duas semanas, hein? – começa Gary e vejo Bailey revirar os olhos enquanto seca um copo de cerveja até ele brilhar.

– É.

Ah, que bom. É o único assunto que as pessoas têm comigo.

– Gary! – As mãos de Bailey caem para os lados e um olhar de puro choque estampa seu rosto.

– O quê?

– Você não pode ficar fazendo perguntas assim.

– Por que não?

Não consigo evitar. Dou uma risada e decido poupar Bailey de ter que salvar a minha pele.

– Era quente à beça. Fiquei com um belo bronzeado.

O homem franze a testa, os movimentos um pouco desleixados. Eu me pergunto há quanto tempo ele está aqui, já que mal passou da hora do almoço e ele está claramente acabado.

– Ouvi dizer que você se queimou. Não seria o tipo de bronzeado que eu desejaria.

– Gary!

Com base na maneira como Bailey pronuncia o nome dele, essa linha de questionamento realmente a horroriza.

Dou batidinhas no balcão, chamando sua atenção.

– Está tudo bem. Todo mundo sabe das queimaduras.

Ela pisca, os olhos de repente um pouco vidrados.

– Sério, eu prefiro que sejam diretos do que puxem meu saco ou pisem

em ovos perto de mim. Por que você acha que estou me escondendo aqui no meio do dia?

– Porque Bailey é a melhor bartender da cidade!

Ela arfa, esboçando um sorriso enquanto volta a polir um copo. Tento lembrar se já a vi sorrir. Não tenho certeza. Está sempre ocupada tentando ficar escondida no segundo plano, e eu só venho aqui quando está movimentado. Nem sei se já ouvi a voz dela direito. Há um tom melodioso – uma gentileza – que é quase reconfortante.

Estou cansado de pessoas falando comigo, mas me ocorre que ouvir Bailey pode não ser tão ruim.

Meu primeiro gole desce frio e refrescante. E eu suspiro quando isso acontece, sentindo um peso sair dos meus ombros na presença do bêbado local e da pária da cidade.

Eu os reconheço como almas gêmeas, desajustados na própria casa.

– Queimaduras de terceiro grau nos pés – anuncio, já que a franqueza parece ser a tônica do dia. – Enxertos de pele.

– Tudo bem. Alguma garota há de ter um fetiche estranho por pés e vai adorar essa merda.

Bailey se apoia na borda do balcão e abaixa a cabeça com um suspiro.

– Meu Deus, Gary. Chega de bebida.

– Desde que seu pau esteja funcionando. – Ele sacode a mão para cima e para baixo no meu corpo. – O rosto parece ótimo, não acha, Bails? Você vai ficar bem, garoto. Vai encontrar alguém que te ame.

Mesmo bêbado, Gary tocou em um ponto sensível. Nunca me considerei vaidoso ou obcecado com minha aparência. Nunca precisei ser. A genética e a necessidade de ficar em forma para meu trabalho ajudaram bastante.

Quem imaginaria que pés com cicatrizes seriam a coisa que abalaria minha confiança? A porra dos *pés*. Como se eles fizessem diferença. Poderia ter sido muito pior. Eu deveria me sentir grato. Mesmo assim...

Bailey fica me observando. E eu faço o mesmo com ela. Onde a luz toca, seu cabelo escuro tem um brilho que remete a mogno. É sedoso e macio descendo em camadas de sua longa franja na altura do queixo até o ombro e depois mais abaixo nas costas. Não parece que Bailey corta o cabelo com frequência. Sou atraído de volta para cílios tão grossos e pretos que me lembram daquelas bonecas antigas. Ela não está usando um pingo de maquiagem, revelando um leve toque de sardas no nariz.

Um rubor quente pinta suas bochechas quando ela responde suavemente.

– É – diz, e então pisca para longe.

Seus olhos, aquela palavrinha... tudo isso faz meu sangue correr mais depressa.

E me faz sentir algo em um mar de entorpecimento.

Meu pescoço estremece enquanto engulo a secura na minha boca, tentando afastar o momento. Talvez eu não esteja pronto para sentir nada, afinal.

Tomo outro gole e me pergunto se entornar algumas cervejas será suficiente para me fazer dormir por mais do que algumas horas esta noite.

Então tomo outro gole e passo a mão em meu queixo com barba por fazer antes de me virar para Gary.

– Amor é a última coisa que eu preciso. Mas esta cerveja está fazendo um bom trabalho. Obrigado, Gary.

Falar com ele parece seguro o bastante. Mais seguro do que falar com Bailey Jansen, que me observa com um pouco de atenção demais com aqueles grandes olhos de corça.

2

Bailey

Faz duas semanas que Beau Eaton se meteu no meu bar em plena luz do dia. Duas semanas desde que dei uma olhada nele e quase deixei o copo cair. É difícil ignorá-lo, com seus ombros largos, o corpo bem definido e pernas longas que o deixam mais alto que a maioria dos homens que entra por aquela porta. Cabelo castanho-claro, um pouco longo demais, cai sobre sua testa, a moldura perfeita para aqueles olhos cinza-prateados. Mesmo com o visual um pouco largado que ele adotou nos últimos tempos, Beau Eaton é gostoso pra caramba. Totalmente intimidador.

Mas além de gostoso, Beau também é gente boa. E engraçado.

Uma verdadeira ameaça tripla – ou pelo menos costumava ser.

Ele nunca me tratou como se houvesse um carimbo no meio da minha testa, mesmo quando todo mundo fazia. Eu só o conheço do bar, mas ele nunca usou a reputação da minha família contra mim. Sempre me dirigiu palavras gentis, um toque educado no meu cotovelo e uma gorjeta generosa no final da noite.

Mas ele continua sendo o príncipe, e eu ainda sou o lixo da cidade. Ele é o herói, e eu sou a bartender.

Ele é um Eaton, e eu sou uma Jansen.

Mesmo assim, ele vem aqui todos os dias desde a tarde em que entrou parecendo um animal que acabou de sair da jaula.

Todos os dias bebendo com Gary.

O primeiro dia começou bem doce. Ele foi cativante, até. Mas nas

últimas duas semanas sua presença se transformou lentamente de luz em escuridão, transformando-se em uma nuvem sinistra de tempestade.

Chega ao ponto de deixar todos ao seu redor desconfortáveis. Dá para sentir a eletricidade no ar, como um raio pronto para cair.

Também estou me sentindo de saco cheio. Ele me faz lembrar meu pai e meus irmãos, e tenho pouca paciência para esse tipo de comportamento tóxico.

Ele chega no meio da tarde e toma suas cervejas devagar, em silêncio, fervilhando por dentro. Juro que é possível ver sua frustração atingir o ponto de fervura diante dos meus olhos. Ele aperta o copo e toma goles tensos, com os nós dos dedos brancos.

Tenho quase certeza de que dia desses ele vai acabar quebrando um copo. Ele parece grande demais, forte demais, bravo demais para apertar algo tão frágil com tanta força.

Quando falam com ele, ele passa a língua na parte de trás dos dentes como se fizesse um esforço consciente para não morder os outros, ou coisa parecida.

– Então o que você fez naquelas duas semanas que passou no deserto?

Meu maxilar trava com as palavras de Gary. Sei que tem boas intenções, mas ele lê o clima no ambiente. Não lê Beau. Não deve ter percebido que ele ficou tenso quando caiu uma tempestade estrondosa há menos de trinta minutos. Até agora ele não relaxou.

Sim, Beau parece pronto para explodir esta noite, mas Gary não percebeu.

– Tentei ficar vivo – diz Beau.

Há um tremor em sua voz, algo que me faz lembrar um cachorro rosnando. É um aviso para recuar.

Mas Gary está bêbado demais para perceber.

– Dizem que você perdeu o voo de propósito para ficar para trás e salvar aquele jornalista. Vai ter complexo de herói assim na casa do caramba.

As palavras se sobrepõem, surgindo em uma confusão desleixada.

Beau apenas fita a cerveja, contemplando o líquido dourado. Eles já conversaram sobre esse assunto, mas o álcool torna uma pessoa repetitiva. Eu sei porque passei anos estudando pessoas bêbadas. Sou especialista.

– Imagine como seria sua vida se você não tivesse feito aquilo.

Fecho os olhos, porque meu instinto me diz que existe um limite, e Gary

simplesmente o ultrapassou.

Beau estende bruscamente o braço musculoso, derrubando os dois copos no chão do bar. Cerveja espirra no punhado de clientes sentados por perto, e, se não fosse pela música alta a essa hora da noite, tenho certeza de que o Railspur estaria em silêncio assistindo à altercação.

Beau se levanta tão rápido que seu banco cai atrás dele com um estrondo. Gary parece aterrorizado.

– Imagine como seria sua vida se você não estivesse sentado aqui bebendo e passando vergonha todo santo dia. Já pensou nisso, Gary?

Seu peito sobe e desce, o respingo do líquido fazendo o algodão de sua camiseta grudar em seus peitorais claramente definidos. Só alguém que foi criada numa casa como a minha conseguiria presenciar um momento como esse e ainda assim parar para dar conferida no sujeito.

Mas Beau não é meu pai, então pouco me importa saber como eu estaria hoje se estivesse na casa onde fui criada.

– Beau. – Minha voz sai límpida, sem hesitação.

– Sozinho todo santo dia, uma bartender bem mais nova como sua melhor amiga. Parece meio tarado...

– Beau Eaton, cale a boca e dê o fora.

Sua cabeça gira, olhos cinzentos se fixam nos meus como se ele tivesse acabado de notar minha presença. Como se não esperasse que a pequena Bailey Jansen fosse aquela a rosnar para ele.

Ele se endireita e cresce para cima de mim, mas não me abalo com a altura dele.

Ele não me assusta.

Nem quando está assim.

Aponto a saída de emergência que leva ao pátio, sem tremer. Não estou nervosa. Estou puta.

Beau se vira rigidamente, contornando o final do balcão, passando pela estação do garçom e rumando direto para a luz fraca. Se eu não soubesse quanto ele andou bebendo, não notaria o leve cambaleio em seus passos ou que ele se apoia na porta com um pouco mais de força do que o necessário.

Antes de atravessar o pequeno portão de madeira para seguir Beau, olho para Gary.

– Exagerei? – pergunta ele, desviando o olhar.

Comprimo os lábios.

– É, Gary. Exagerou.

Ele passa a mão pelo cabelo ralo e abaixa a cabeça, pegando as chaves que apoiou no balcão no minuto em que se sentou.

– Vou pegar um táxi.

Respondo com um aceno firme antes de sair pela porta para o pátio escuro. A tempestade de verão fez com que todos fossem para dentro, os copos esquecidos agora parcialmente cheios de água da chuva.

Ainda consigo sentir o cheiro da tempestade. E o de Beau. Pinho e limão se misturam com algo mais profundo, mais sensual. Tabaco, talvez, algo parecido com charuto.

Ele está apoiado na fachada externa de tijolos da estação de trem que virou bar. Quando me aproximo, enfia os punhos nos bolsos da calça jeans, baixa o queixo quase até o peito, os olhos fixos nos tênis que sempre usa.

Eles parecem inadequados para Beau – brancos demais, reluzentes demais, imaculados.

– Você não pode fazer essa palhaçada no meu bar – digo.

Ele zomba, ainda se recusando a encontrar meu olhar.

– Seu bar, é?

– É, Beau. Meu bar. Meu espaço. O único lugar nesta cidade onde as pessoas não me tratam como merda. Eu me esforço muito trabalhando aqui. Eu ralo todos os dias tentando fazer os clientes gostarem de mim. E por trás daquele balcão está a *minha* bolha. Gary não é nenhum tarado; ele é solitário pra caralho, além de uma das poucas pessoas que é sempre gentil comigo. Então, se acha que pode entrar no meu bar e bancar o babaca intocável, assustando todos os meus fregueses assíduos com suas palhaçadas, você está muito enganado.

Agora seus olhos estão em mim, um pouco instáveis, franzidos.

– Babaca intocável?

– É.

Cruzo os braços, como se eles pudessem me dar alguma proteção contra ele. Ele parece um pouco feroz esta noite, um pouco perigoso – nada como o cara despreocupado que todos nós pensávamos conhecer antes de sua última missão.

A luz prateada brinca com suas feições, sua pele bronzeada e seus olhos quase reluzem enquanto ele me encara. A única coisa que se move entre nós é seu peitoral, subindo e descendo no ritmo do meu.

Mas eu não desvio o olhar. Estou exausta de homens que tentam me intimidar. E ele não parece ser desse tipo, então eu não deixo isso acontecer.

Depois que nossa troca de olhares passa de um momento acalorado para um território estranho, ele pisca, flexionando o maxilar.

– Eu passei vergonha? – A voz dele está rouca e ressoa sobre minha pele.

– Passou, sim. Mas a boa notícia é que seu sobrenome é Eaton, então todos vão te perdoar e voltar a beijar seus pés no minuto em que você entrar lá e abrir um sorriso.

– Bailey, que porra é essa? Você realmente acabou de me dizer isso?

– Acabei. – Inclino a cabeça. – Porque é verdade. Tudo o que eu tive que fazer foi nascer na minha família e todos olham para mim como se estivessem esperando que essa parte da minha genética mostre as garras. Como se eu fosse passar de trabalhadora e educada para um gênio do crime caipira em um piscar de olhos só porque meu sobrenome é Jansen. – Ele vai franzindo mais a testa conforme vou falando. – Então é isso. Acho que você vai ficar bem, mesmo que tenha passado vergonha.

– Isso não é verdade.

– Que parte?

– Que as pessoas pensam essas coisas de você.

– Haha! – A risada sai da minha garganta, aguda e sem humor. – Isso é adoravelmente ingênuo – digo, balançando a cabeça em descrença.

– Bem, eu não vejo você assim.

Eu engulo em seco agora, desviando o olhar. É verdade que Beau sempre foi gentil comigo – com todos. Talvez seja por isso que essa nova versão dele me irrita tanto.

– Eu sei. – Eu abro um sorriso agradecido. – Você é um dos bons, Beau. É por isso que não pode continuar fazendo isso.

– Fazendo o quê?

– Sentar no meu bar e beber até virar uma metralhadora de insultos, disparando xingamentos para os lados, todas as noites.

Um ruído agudo e baixo escapa dele enquanto sua cabeça se move para a frente e para trás contra a parede, as mãos saindo dos bolsos para esfregar o rosto.

– Isso me ajuda a dormir à noite.

– O quê?

Chego a ouvir meu coração batendo forte em meus ouvidos. De alguma

forma, essa não é a resposta que eu esperava.

É dolorosamente sincera.

– O álcool. Ele me ajuda a dormir. Eu vou para casa no rancho e apago. Não tenho dormido bem ultimamente.

Meu estômago embrulha com a confidência.

– Você está me dizendo que dirige assim? – Meu dedo fica apontando para ele de cima a baixo, e noto a protuberância de chaves em seu bolso da frente.

Ele me encara com desespero e desamparo no olhar. Sinto-me monumentalmente estúpida por presumir que ele era diferente de Gary. Que ele estaria no controle o suficiente para pegar um táxi em vez de dirigir neste estado.

Fui tola em cair na encenação do bonzinho idiota quando ele está claramente se afogando. Posso vê-lo afundando bem diante dos meus olhos. E não quero fazer parte disso. Não posso me dar ao luxo de afundar junto com ele.

– Beau.

Dou um passo à frente, bem perto dele. Ele fica tenso, mas estou chateada demais para ter muitos limites agora. E me sinto mais à vontade perto dele do que da maioria das pessoas. Ele sempre me fez sentir assim, e é por isso que não penso duas vezes antes de enfiar a mão em seu bolso e pegar suas chaves.

Seu corpo está rígido. Seus músculos se contraem, mas ele não faz nenhum movimento para me impedir. O tilintar de metal entre nós me faz encará-lo em busca de um sinal de que fui longe demais.

Inclino o rosto e, por um momento, sou capturada por seu encanto.

Só vejo aqueles olhos iluminados pela lua e seu pomo de adão subindo e descendo enquanto ele engole em seco.

– Vou fazer um chá de camomila para você – digo, quebrando o silêncio tenso entre nós. – Ajuda a dormir. Mas você precisa prometer que nunca mais vai armar uma cena como essa.

Ele assente e abaixa a cabeça.

– Eu prometo.

A tensão entre nós evapora enquanto ele me segue de volta para o bar. Olhares curiosos o fitam enquanto ele fica parado, oscilando, como se estivesse ali para limpar o vidro quebrado.

– Senta esse rabo, Eaton – resmungo enquanto eu mesma limpo. – A última coisa que quero é ter que limpar o seu sangue.

Posso dizer que ele está envergonhado. E com razão, mas não vou castigá-lo. Ele já está se punindo muito bem. Em vez disso, preparo uma caneca fumegante de chá para ele, limpo a cerveja que ele derramou, varro as evidências de sua explosão para cima de uma pá de lixo e continuo com minha noite como se ele não estivesse aqui.

Sirvo mais chá.

Ele bebe o chá.

Não conversamos, mas ele me observa, girando a caneca entre as mãos largas. Sinto o contorno das chaves no bolso de trás da minha calça jeans.

Pete, nosso cozinheiro, sai dos fundos às 22h.

– Tudo bem por aqui, Bails? Acabei de fechar a cozinha.

Eu examino o bar. Está movimentado para uma segunda-feira à noite, mas dá para administrar. De qualquer forma, só ficamos abertos por mais duas horas.

– É. Tudo bem aqui – respondo, dando a ele um breve sinal de joinha.

Pete retribui o gesto com um sorriso e sai pela porta da frente. Ele veio da cidade, o que significa que não nasceu me odiando. É fácil trabalhar com ele.

Quando verifico o chá de Beau novamente, ele me interrompe.

– Então ele vai embora e você fica aqui sozinha pelo resto da noite?

Eu dou de ombros enquanto pego sua caneca para adicionar água.

– É. Sou gerente de turno agora, então, se estivesse mais movimentado, eu não teria liberado a garçonete mais cedo.

Ele apoia os braços no balcão, as pontas dos dedos longos firmes como se precisasse fazer algo com elas.

– Mas você está sozinha? Fecha a casa sozinha?

O vapor sobe enquanto a água quente sai do recipiente.

– Isso.

Enquanto deslizo a caneca pelo balcão até que ela esbarre na mão dele, tento lembrar quantas vezes reabasteci com água quente, porque o chá está parecendo terrivelmente aguado.

Eu me agacho e vasculho a caixa de chá na prateleira de baixo. O Railspur não é exatamente uma casa de chá, mas encontro outro saquinho de camomila e o coloco na caneca, fazendo uma nota mental para que nosso

gerente geral, Jake, peça mais.

Quando amarro o barbante na alça, Beau não tira as mãos da xícara, como se estivesse desesperado para absorver o calor.

– O gerente sabe disso?

– Jake? Provavelmente. Ele que monta a grade horária. Nunca conheci o novo dono, um investidor totalmente fora do circuito. Então, enquanto o lugar estiver dando dinheiro, duvido que eles se importem também.

Ele franze a testa.

– Isso não é seguro para você. E se algo acontecer?

Encosto em sua mão enquanto completo o nó.

Eu espio agora, levantando uma sobrancelha.

– Tipo um cara dando chilique e derrubando cerveja em tudo?

Ele me encara com ar furioso, e eu tento não sorrir para ele.

Com um encolher de ombros indiferente, respondo à pergunta.

– Sei lidar com isso.

Como sempre fiz. Eu tenho cuidado de mim mesma desde que me lembro. Não parece mais uma dificuldade tão grande. Apenas a realidade.

A única coisa que Beau me dá em resposta é um olhar duro e um grunhido.

Mas ele não vai embora. Fica ali tomando chá pelo resto da noite. Por duas horas, ele fica sentado lá, vigiando. E quando eu expulso todo mundo à meia-noite e fecho, ele fica para trás, me protegendo silenciosamente.

– Você está sóbrio? – pergunto enquanto ele me leva pelo estacionamento escuro até meu carro.

– Estou bebendo a porra daquele chá de camomila há duas horas. Nunca estive mais sóbrio ou mais hidratado na vida.

Respiro fundo e tiro as chaves do bolso, estendendo-as para ele.

– Não apronte essa palhaçada comigo de novo, Beau.

Vejo o movimento no pescoço enquanto ele se estica e pega as chaves de mim.

– Você não é como eu me lembrava, Bailey.

Eu me permito abrir um sorriso sem graça agora porque, claro, todos nós mudamos. Eu não poderia continuar sendo aquela garotinha inerte e aterrorizada para sempre.

Eu quis mudar.

– Você também não é como eu lembrava, Beau.

Ele fita meus olhos fixamente, como se estivesse procurando algo neles.

– Em que dias você trabalha?

Eu bufo, olhando para baixo para tirar minhas próprias chaves da bolsa.

– Em que dias eu não trabalho?

– Tá, então em que noites você trabalha sozinha?

– De domingo a terça – respondo, fechando o zíper da minha bolsa. Beau assente e diz um conciso "Ok" antes de girar nos calcanhares e me dar as costas, parecendo exatamente o militar que ele é. Cabeça erguida, postura perfeitamente ereta.

Como se fosse algum tipo de cavaleiro de armadura brilhante.

Alguém que começa a puxar um banquinho de domingo a terça para beber chá de camomila até meia-noite, para que eu não tenha que fechar a casa sozinha.

SOBRE A AUTORA



ELSIE SILVER é uma autora canadense de romances atrevidos e sensuais ambientados em cidades pequenas.

Adora se apaixonar por personagens literários e pelas protagonistas fortes que os deixam de joelhos. Devora livros românticos desde bem nova, provavelmente desde antes do que deveria.

Mora nos arredores de Vancouver, na Colúmbia Britânica, com o marido, o filho e três cachorros.

www.elsiesilver.com
@authorelsiesilver

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

"Elena Armas sabe exatamente o que faz o coração dos leitores bater mais forte."
– Tessa Bailey, autora de *Aconteceu naquele verão*

AMOR *em jogo*



ELENA ARMAS

AUTORA DE *UMA FARSA DE AMOR NA ESPANHA*

ARQUEIRO

Amor em jogo

Elena Armas

Uma executiva do futebol é exilada em uma cidadezinha para resgatar o time local. Além de sua carreira, seu coração logo também estará em jogo.

Adalyn Reyes passou anos aperfeiçoando sua rotina: acordar antes do nascer do sol, ir para o escritório do Miami Flames – time de futebol da Major League do qual é diretora de comunicação –, dar duro para deixar sua marca, voltar para casa e fazer tudo de novo.

Essa rotina é quebrada quando um vídeo de Adalyn agredindo a mascote do time viraliza. Como punição, o dono do clube a manda para Green Oak, uma cidade nos confins da Carolina do Norte, com a missão de tirar o time local da lama.

Ao chegar lá, as esperanças de Adalyn de se redimir desmoronam quando ela descobre que as jogadoras treinam de tutu (impraticável), têm cabras como animais de estimação (confuso) e morrem de medo dela (contraproducente). E ainda por cima têm 9 anos de idade.

Além disso, Cameron Caldani, o ex-goleiro prodígio que é o candidato perfeito para assessorá-la, quer colocá-la para correr de Green Oak. Culpa de um malfadado primeiro encontro envolvendo um galo, a perna de Cam e o para-choques de Adalyn.

Só que ser banida mais uma vez não é uma opção. Mesmo com as rusgas – e faíscas – de sua relação com Cam, Adalyn se recusa a sair de campo sem essa vitória. Ainda que corra o risco de ter o coração chutado para escanteio.

Clique aqui para ver na loja

"Peyton une momentos de emoção nua e crua com cenas que parecem um abraço quentinho. Impossível de largar."

BAL KHABRA, autora de *Em rota de colisão*



JOGANDO *por* CONTROLE

PEYTON CORINNE

Jogando por amor

Peyton Corinne

Quando você ama a pessoa certa, não existe obstáculo insuperável.

Freddy é a alegria em pessoa, ao menos à primeira vista. Ala esquerdo do time de hóquei da universidade, ele tem uma reputação estelar dentro do rinque e entre quatro paredes: já assinou contrato com a Liga Nacional e as garotas do campus são loucas por ele.

Na sala de aula, porém, o sucesso não se repete. Freddy foi reprovado em algumas matérias e tem dislexia, discalculia e TDAH. O problema é que o contrato com a NHL só entra em vigor depois que ele se formar, então Freddy precisa de ajuda para passar em biologia, um de seus pontos fracos.

Ro Shariff tem um histórico de azar no amor. Passa os dias tentando se convencer de que é muito feliz com o namorado, apesar de viverem terminando e voltando, mas a verdade é que está desesperada por afeto verdadeiro. E agora ela é a monitora de Freddy.

À medida que as sessões de estudo levam a uma identificação cada vez maior com as dores um do outro e a longas ligações noturnas, uma amizade nasce entre eles. E também um desejo secreto, que não conseguirão conter por muito tempo.

Clique aqui para ver na loja

SELINA MAE



UNIVERSIDADE HALL BECK #1

APRENDENDO A FINGIR

ARQUEIRO

Aprendendo a fingir

Selina Mae

A única coisa mais difícil que fingir é admitir que não é fingimento.

Autora sensação do Wattpad com mais de 40 milhões de leituras.

O maior desejo de Athalia é conquistar o afeto do irmão gêmeo, Henry. Depois da morte de seus pais, Henry se tornou cada vez mais distante e ela já acreditava que seria impossível se reconectar com ele.

Até ser obrigada a ter aulas de monitoria com ninguém menos que Dylan McCarthy, o garoto de ouro do campus – e arqui-inimigo do irmão. Athalia também não é uma grande fã de Dylan, com seus comentários afiados e a pose de sabichão. Nem mesmo o cabelo sedoso, o olhar sonhador e o corpo sarado de jogador de futebol universitário ajudam.

O ponto positivo é que Henry enfim lhe dá toda a atenção que ela quer. O contra é que essa atenção parece estar diretamente ligada a Dylan, pois Henry faz questão de estar presente para defender a irmãzinha de seu maior rival.

Athalia então propõe um acordo a Dylan: os dois vão fingir que estão juntos, com direito a contrato assinado e tudo. Assim Henry continuará por perto e ela vai poder estreitar os laços com ele.

Quanto mais o “casal” encena, porém, mais a linha entre a verdade e a mentira desaparece. E, entre risadas forçadas e encontros fingidos, é quase impossível acreditar que essa paixão não é para valer.

Clique aqui para ver na loja

Mais de 300 mil livros vendidos no Brasil

ALI HAZELWOOD

AUTORA DE *A HIPÓTESE DO AMOR*

Xeque-mate



Xeque-mate

Ali Hazelwood

Autora sensação do #BookTok, mais de 500 mil livros vendidos no Brasil.

Em *Xeque-mate*, as peças da vida se movem para colocar dois rivais do xadrez frente a frente, pondo em jogo o coração deles.

Mallory Greenleaf não quer mais saber de xadrez. Desde que abandonou o esporte há quatro anos, se preocupa apenas em manter o emprego medíocre numa oficina mecânica para conseguir cuidar da mãe doente e das irmãs mais novas.

Tudo muda quando ela se obriga a participar de um torneio beneficente e, sem querer, derrota o atual campeão mundial, Nolan Sawyer.

A notícia de que Nolan perdeu para uma novata desconhecida deixa o mundo do xadrez em choque. E o pior: ele mal pode esperar para enfrentá-la de novo. Mas Mallory não está nem um pouco interessada nisso.

Só que o sucesso inesperado também representa a chance de ganhar prêmios. E, apesar de tudo, ela não consegue evitar a atração pelo enigmático enxadrista...

Quando o amor pelo esporte que ela tanto quer odiar começa a dominá-la de novo, Mallory logo percebe que nem toda disputa acontece no tabuleiro, que a fama é mais difícil do que parece e que às vezes o xeque-mate é só o começo.

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE ELSIE SILVER

Chestnut Springs

Sem defeitos

Sem coração

Sem controle

Sem juízo

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

